REVISTA

DA

Academia Piauhyense de Letras

ANNO II. N. I.

COMMISSÃO DE REDACÇÃO

Fenelon C. Branco.

Hygino Cunha.

João Pinheiro.

1919

...es de uma soci-
...que lhes servem de ins-
...os sujeitos a phases de ori-
...encia. Como manifestações da
...panham-n'os na sua evolução historica
...aria de um paiz, suas luctas e conquistas
...rocesso na marcha geral da sua existencia, a
...ôam, as amarguras qne o contristam, numa pa
...tar de toda a sua vida, vão reflectir-se nas obra

Noções de Historia da Literatura Portugueza

(O estudo que se segue, é a introducção de um compendio, ainda inédito, que o autor compoz quando, na Escola Normal do Piauhy, regeu a cadeira da disciplina supra nomeada.)

PRELIMINARES:—I—Literatura e suas definições; importancia e utilidade do seu estudo; sua divisão. II—Grandeza, decadencia e renascença de Portugal.

Segundo os lexicons, literatura é o conhecimento das bôas ou bellas letras; a sciencia dos literatos ou homens de letras; a arte da composição das obras literarias, com especialidade a poesia; o conjuncto das producções literarias de uma nação, de um paiz ou de uma época; o conhecimento das regras, a que se devem subordinar os escriptores, bem como o estudo e a critica das obras literarias; o conjucto dos homens distinctos nas letras.

Definição de Mendes dos Remedios: «Estudar a historia da literatura de um paiz é estudar os documentos em prosa e em verso, apreciaveis pelo seu valor intrinseco e pela sua fórma; é conhecer a vida dos homens, que escreveram, especialmente na parte, em que ella ajuda a entendel-os e interpretal-os. Neste sentido, não é, no fundo, sinão uma face e uma parte da historia geral da civilização; mas é, talvez, aquella que melhor e mais completamente traduz o genio e os costumes de uma sociedade. As literaturas, como as linguas que lhes servem de instrumentos, são verdadeiros organismos sujeitos a phases de origem, desenvolvimento e decadencia. Como manifestações da vida dos povos, acompanham-n'os na sua evolução historica. põe formação embryonaria de um paiz, suas luctas e conquistas, o que ...esso ou retrocesso na marcha geral da sua existencia, as

---

(3) *Estu*... o coroam, as amarguras qne o contristam, numa pa-
(4) *Theo*...itar de toda a sua vida, vão reflectir-se nas obras

dcs seus filhos illustres. Por aqui se vê tambem a importancia e o valor deste estudo. Considerado sob o ponto de vista que acabamos de expôr, a literatura é rigorosamente o que lhe chamou De Bonald—*o espelho da sociedade*. Mas não é sob este aspecto amplo e *lato* que aqui a estudamos; equivaleria isso a termos de mencionar todas as manifestações do espirito humano, todos os conhecimentos expressos pela palavra escripta. O termo literatura aqui toma-se em sentido *restricto*, como synonymo, quasi, de humanidades ou beilas letras. comprehendendo, sobretudo, o estudo da *poesia*, da *eloquencia* e da *historia*. Uma historia da literatura portugueza, por exemplo, deve registrar, embora de fórma succinta, todas aquellas individualidades, que se tornaram notaveis pelos seus escriptos, em prosa ou em verso, sobre qualquer daquellas espécies, ou nas suas congeneres—a critica, a philologia, a archeologia, o romance, etc. Não compete a um trabalho desta ordem mencionar tudo quanto em linguagem portugueza foi escripto desde as origens até aos nossos dias. Esta funcção pertence antes ás historias literarias ou aos diccionarios bibliographicos. E' preciso conhecer aquelles que deixaram nomes immorredoiros na cultura literaria de Portugal, que, sob este aspecto, são considerados seus filhos mais gloriosos; porque por elles se tornou eterno e grande o nome da patria querida. A historia da literatura portugueza apresentar-nos-á os nomes desses benemeritos, os factos principaes de suas vidas e suas obras mais importantes e mais dignas de ser conhecidas e imitadas». (1)

Definição de Sylvio Romero: «Cumpre-nos declarar que, em nossa divisão, não nos guiamos exclusivamente pelos factos literarios; porque para nós a expressão *literatura* tem a amplitude que lhe dão os criticos e historiadores allemães. Comprehende todas as manifestações da intelligencia de um povo:—politica, economia, arte, creações populares, sciencia .. e não, como era costume suppôr-se no Brasil, sómente as intituladas bellas artes que, afinal, cif avam-se exclusivamente na poesia.» (2)

Definição de Tobias Barreto. E te autor precisa e discute proficientemente os tres principaes conceitos da literatura. Diz elle: «Por literatura entendem alguns o conjuncto das producções intellectuaes de um povo, quaes quer que ellas sejam; outros, porem, tão sómente aquellas obras, cuja fórma e substancia são reguladas pelo padrão da arte; outros, emfim, os productos da intelligencia, artisticamente elaborados, mas formal e substancialmente impressos de um caracter especial, que os di

---

(1) *Historia da Literatura Portugueza*, 3.ª ed., Coimbra, 190
1 a 3.

(2) *Historia da Literatura Brasileira*, ed. de 1888 introd..

tingue por si mesmos, independente da consideração da lingua. dos trabalhos similares dos outros povos. O primeiro conceito resente-se do defeito da demasiada extensão. O segundo pécca pela sua demasiada estreiteza de ambito. Os adeptos deste não são coherentes comsigo mesmos, incluindo na literatura sabios, philosophos e até esculptores. Luigi Settembrini é um exemplo nas suas *Lezioni de Literatura italiana,* o qual definiu a literatura —*l'arte nella parola,* a arte na palavra, conceito que está de accôrdo com o segundo acima exposto, mas incluiu, na sua obra monumental, sabios como Galileu, philosophos como Giordano Bruno e até esculptores como Canova. Não é difficil mostrar a origem de semelhante contradicção. O professor italiano, em cujo conceito da literatura transparece a influencia da intuição franceza, segundo a qual, ainda hoje, a maioria dos escriptores, o que pertence propriamente á esphera literaria, se determina, sobretudo, pela consideração da palavra como arte, no mais estricto sentido da expressão, isto é, como a arte manifestada na chamada prosa poetica, o professor italiano, repito, deixou-se tambem influenciar pela intuição allemã, para a qual a historia da literatura envolve todos os grandes phenomenos da vida espiritual, uma vez que sejam provocados, não por um interesse pratico, como são em geral os artefactos technicos, mas por uma aspiração de caracter especulativo, sem visar directamente a utilidade individual ou social, ainda que essa utilidade possa depois advir por si mesma.' A literatura, como sciencia, é a historia da vida espiritual de uma nação, total ou parcialmente considerada, no que essa vida encerra de mais elevado, acima dos interesses materiaes, pela inspiração dos genios, pelo esforço dos talentos». (3) Teophilo Braga tambem comprehende, na literatura, as obras scientificas e philosophicas, tomando-a no sentido *lato.* (4)

Sotero dos Reis, o provecto escriptor maranhense, iá comprehendia a literatura em ambos os sentidos—*lato* e *restricto.* Citemos a sua definição magistral: «A palavra literatura, tomada no sentido lato, abrange todos os conhecimentos humanos, porque tudo quanto o homem cogita e inventa, escreve e publica no mundo intellectual, cae sob o dominio da literatura, e é objecto de estudo para o literato. Debaixo deste ponto de vista amplo, a literatura é uma verdadeira iniciação em todas as artes e sciencias, e a profissão de literato um dos sacerdocios mais augustos, de que possa ser investido o homem para proveito do homem. Vemos que vastissimo é o campo a percorrer para os que se propõem o estudo das letras, porque não tem elle outro limite sinão o que resta inventar, conhecer e aprofundar no mundo intelle-

(3) *Estudos Allemães,* Rio de Janeiro, pags. 103 a 115.
(4) *Theoria da Historia da Literatura Portugueza,* Porto, 1896.

ctual. Muitos literatos, porem, e com especialidade os que têm tratado ex-professo da materia, concordam em distinguir a literatura das sciencias propriamente ditas, limitando-a unicamente ao estudo daquelle ramo de conhecimentos, a que se dá o nome de humanidades ou bellas letras, isto é, ao estudo da poesia, da eloquencia e da historia. Ainda tomada a palavra neste sentido restricto, são preliminares indispensaveis, ou, antes, partes integrantes da literatura: a gramatica ou o estudo comparado das linguas, a philosophia ou sciencia dos principios, a historia, a critica, a rhetorica, a geographia, a arithmetica, a geometria, e lições elementares de todos os outros conhecimentos. (5)

O pranteado Antonio Lobo, lente de literatura no Lyceu Maranhense, distingue com Adolpho Costa os phenomenos sociaes de ordem utilitaria e os de ordem ideologica ou literaria. «Os primeiros, consistindo no movimento da população, força militar, industrias, instituições politicas, culto, etc, estreitamente correlatos e independentes, presididos todos pelo finalismo do interesse collectivo, e cuja ordem e revolução pódem ser comparadas ás dos planetas do nosso systema solar, formam a materia de uma sciencia especial—a *Sociologia*. Os segundos, constituidos pelo movimento das bellas artes, das bellas letras, da sciencia, da philosophia, etc, instituindo, através da historia, uma cadeia de elos frouxos e frequentemente interrompidos, ostentando uma geral irregularidade nas suas manifestações apreciaveis, furtando-se a todas as tentativas de seriação filiadora e assemelhando-se aos cometas pela sua excentricidade e pelas suas phases rebeldes ao calculo, dão objecto a outra sciencia—a *Ideologia*. Não quer isto dizer que os factos desta ultima ordem escapem ao determinismo rigoroso, que aos primeiros constantemente preside. Ha evidentemente leis para todos os phenomenos, quaes quer que sejam; mas as que regem os factos individuaes do idealismo não são identicas ás que governam os factos collectivos do utilitarismo social, de modo que, para nós outros, simples espectadores, os factos ideaes se nos manifestam como em grande parte devidos ao acaso. Os phenomenos ideologicos, isto é, os actos intellectuaes e moraes dos homens civilizados, fôram, é certo, condicionados, nas suas manifestações primitivas, pela vida social; mas, uma vez constituindo, em definitivo, a consciencia superior da especie, de que todos elles representam a manifestação directa, e, por assim dizer, palpavel, uma grande differenciação evolutiva para logo se operou entre essas duas ordens de productos da actividade humana civilizada—os ideaes e os utilitarios, enveredando cada uma por vias distinctas, que, si ás

---

(5) *Curso de Literatura Portugueza e Brasileira*, Maranhão, 1866, tomo I, liç. I.

vezes caminham parallelas, noutras se orientam em direcções diametralmente oppostas. Pretender, portanto, da derrota de uma retirar indicações precisas para conhecer a marcha da outra é rematada imprudencia, condemnada, quasi sempre, a um fracasso inevitavel, pois que uma nação poderá, pela sua élite, ser superior intellectualmente, e, pela sua multidão, inferior socialmente.» (6)

O fim da literatura é instruir, deleitando, ou tornar, por um trabalho tão proveitoso como agradavel, o homem melhor e mais habil a preencher os seus deveres, pondo-lhe constantemente deante dos olhos o prototypo do bello, do grandioso, do sublime, do justo e do honesto. Mesmo quando pinta os maus costumes e desvenda as chagas sociaes, o seu intuito é expôl-os á aversão publica. Para os que as cultivam com carinho, as letras são uma util occupação na mocidade. um poderoso recurso na virilidade, uma doce consolação na velhice; acompanham-nos por toda a parte emquanto vivos; fazem-nos, depois de mortos, viver na memoria dos outros homens; não se perdem como os bens da fortuna, nem como a consideração proveniente dos cargos publicos ou da posição social; o que possue cabedal de letras póde dizer com o sabio da antiguidade: *Omnia mea mecum porto,* tudo o que è meu, trago commigo. São as letras as doces e consoladoras Musas, cujo maior benificio é a paz que derramam nas almas, no dizer de Prévost Paradol: «Sois como essas limpidas fontes escondidas a dois passos da estrada, debaixo de frescas sombras. Aquelle que ignora a vossa existencia, continúa a caminhar apressadamente ou cae extenuado no caminho. Aquelle que vos conhece, dirige-se para vòs, refresca a fronte e rejunesce o coração. Sois eternamente bellas, eternamente puras, clementes a quem se volta para vós, fieis a quem vos ama.» (7)

Dividem alguns a literatura em classica, romantica e naturalista ou realista. Esta ultima teve a sua feição poetica no parnasianismo, contra o qual se insurgiu o symbolismo idealista, predominante ainda hoje. A romantica originou-se de inspiração christã e do espirito cavalheiresco e aventureiro que dominou na idade media. A naturalista distinguiu-se pela adopção dos rigorosos methodos das sciencias naturaes. Devemos tambem consignar aqui a literatura biblica que se compõe de obras-primas immortaes (8)

---

(6) *Os Novos Athenienses*, Maranhão, 1909, pags. 7 a 9.

(7) Affonso Celso—*Oito annos de parlamento*, 1901, pags. 306 a 307.

(8) Sobre estas diversas escolas, consulte-se Maximino Maciel—*Grammatica Portugueza*, 6.ª ed., pags. 403 a 407. Consultem-se tambem as obras de José Verissimo, especialmente a sua immortal *Historia da Literatura Brasileira*, 1916, onde o autor explana magistralmente os capitulos do *modernismo*, do *naturalismo* e do *parnasianismo* no Brasil.

No estudo das diversas phases da literatura portugueza, teremos occasião de accentuar desenvolvidamente as caracteriscas dessas diversas escolas.

II

Portugal é o paiz mais occidental da Europa. E' uma estreita faxa de terra limitada ao norte e a leste pela Espanha, ao oeste e ao sul pelo Oceano Atlantico, e a sua área continental (89.200 k. q.) é menor do que a terça parte da área do Piauhy (101.000 k. q.). Região de variados constrastes, de ásperas e pedregosas montanhas com profundas gargantas e valles, de terras pantanosas e sem vegetação, como de planicies virentes, onde o vento sopra, de arenosas dunas e abruptos promontorios, terra, onde a vinha cresce e as larangeiras prosperam, como os pinheiros e os soutos se alteiam magestosos, estancia amena e paradisiaca, onde o carvalho robusto e o eucalypto gigante elevam as frondes ás nuvens, e onde as oliveiras e os rebanhos e os pomares mimosos de fructos se multiplicam indefinidamente, levando a fartura e a alegria de viver a todos os lares.

E' um dos mais pequenos paizes da Europa, mas a sua historia é como um longo drama, cheio de lances heroicos, historia de um pequeno povo, que possue um grande coração—*o peito illustre lusitano, a quem Neptuno e Marte obedeceram,* glorificado por Camões nos *Lusiadas*. E, si não fosse assim, ha muito já teria desapparecido do mappa das nações.

Antes da éra christã, foi habitado por povos da raça celtica; mais tarde, fez parte do imperio romano e depois foi sendo occupado por tribus de barbaros do norte—germanos, vándalos, alános, suevos e godos. No seculo VIII, vieram do norte da Africa os mouros, sectarios do islam.

No seculo XI, Fernando VI de Castella e Leão, precisando rechassar as incursões dos arabes almoravides, pediu soccorro á Europa christã. Da França passaram-se para aquem dos Pyreneus muitos cavalheiros, entre os quaes dois fidalgos de illustre ascendencia—Raimundo, filho do conde borgoninez Guilherme, e Henrique, duque de Borgonha. Os dois primos, vindos á Espanha, talvez em épocas diversas, recommendaram-se por tão assignalados serviços á sua patria adoptiva, que o monarcha leonez os quiz ambos para genros e a ambos confiou importantes governos nas fronteiras dos seus Estados mais investidos pelos sarracenos.

Raimundo casou com d. Urraca, filha primogenita do rei Affonso (1091) e recebeu do sogro o senhorio de Galliza, comprehendendo as terras conquistadas recentemente aos musulmanos até ao sul do Tejo.

Henrique desposou d. Teresa, outra filha do mesmo principe, e alcançou o governo de alguns districtos situados ao sul do Minho, e nomeadamente os districtos de Braga, que, nos fins de 1094 ou principios de 1095, regia com certeza, na qualidade de conde dependente de seu primo e concunhado. Parece, porem, que essa dependencia não durou muito, e que, talvez ainda em 1095, todo o territorio comprehendido entre o Minho e o Tejo fosse separado da Galliza, constituindo o condado de Portugal, sujeito a Henrique com as propriedades realengas, isto é, com a parte do patrimonio do rei e da corôa, situada dentro dos seus limites.

Foi um filho deste, chamado Affonso Henriques, nascido em 1111 em Guimarães, que, em 1128, venceu, em S. Mamede, uma revolta capitaneada por Fernando Peres de Trova, amante de sua mãi, que, perseguida pelo filho, cahiu prisioneira, fugindo, mais tarde, com o amante para a Galliza, onde morreu em 1130. A 5 de julho de 1139, Affonso Henriques feriu uma batalha nos campos de Ourique, desbaratando os sarracenos, derrotando completamente cinco reis mouros, declarando-se independente da Espanha e assumindo o titulo de rei, que lhe foi confirmado pelas côrtes de Lamego em 1143. Foi um dos maiores homens da sua terra, que o considera como o fundador da nacionalidade e da monarchia portugueza. A historia lhe consagra o titulo de Affonso I, *o Conquistador*.

Ainda muito joven, aos 14 annos, tinha já assistido a muitos combates e alcançado o grau de cavalleiro. Achou-se, quasi de surpresa e em menoridade, á frente de um paiz que pouco mais tinha do que montanhas, urzes e tojos, mas em torno do qual fervilhavam inimigos formidaveis. Privado de educação materna, teve de arcar com os favoritos de sua mãi, que pegaram em armas contra o seu poder incipiente e vaccillante. Ao norte e a leste, erguiam-se as ameaças de Castella e Leão; ao sul, impunha-se a guerra incessante contra os fanaticos de Mahomet; ao occidente, estendia-se o oceano, povoado de monstros e phantasmas tenebrosos. Mas elle foi vencendo os obstaculos mais prementes, desbravando a estrada do futuro, com tal galhardia que as suas façanhas constituiram o thema predilecto dos trovadores errantes, que percorriam os castellos e as côrtes christãs da Europa medieval. As tomadas de Lisbôa, Santarem, Evora, Beja e de muitas outras cidades e castellos accrescentaram mais e mais a sua fama, e é interessante notar que foi com o auxilio de alguns cruzados inglezes, que iam a caminho da Terra Santa, que, ao fim de varias tentativas baldadas, se tomou definitivamente a inexpugnavel praça de Lisbôa. A influencia ingleza em Portugal, que se accentúa cada vez mais nos seculos seguintes, começou assim a se fazer sentir desde os primordios do novo reino.

Como o rei estivesse já avançado em annos, delegou ao seu filho Sancho o encargo de delinear e dirigir os planos de combates, devotando-se o velho monarcha ao governo interno do paiz, administrando a justiça, concedendo foraes a muitas das suas cidades, alargando as fronteiras e promovendo, tanto quanto pôde, o bem-estar de seus subditos. Affonso I falleceu em dezembro de 1185

Dirigindo sempre as suas vistas para o sul, os reis portuguezes abandonaram a Galliza á sua sorte como provincia espanhola, e foram rechassando os mouros até ao Algarve, conquistado por Affonso III em 1245, e Portugal tinha-se estendido para o sul até aonde o mar lh'o consentiu. Com d. João I, *o Grande* ou *de Bôa Memoria,* primeiro rei da dynastia de Aviz (1385—1433), começam a devassar os mares nunca dantes navegados e a descobrir novas terras e novas gentes, dando ao mundo novos mundos. Este principe casou com d. Filippa, neta de Eduardo III da Inglaterra, mãi do celebre infante d. Henrique, cognominado *o Navegador*. De um pequeno povo ignorado, bem de pressa se fez uma grande e poderosa nação com possessões e colonias em todas as partes do planeta, devido ao impulso que aquelle sabio principe deu aos descobrimentos e conquistas maritimas. No decurso de 26 annos, de 1495 a 1521—durante o reinado de d. Manuel I, *o Venturoso,* os navegadores lusos vão até ao Oriente, costeando a Africa, e, chegando até ás ilhas da India Oriental, ao Sião e à China; pelo Occidente, descobrem o Brasil, e, atravessando o estreito de Magalhães, entram no Oceano Pacifico e aportam no Japão. E' com justificado orgulho que o grão cantor dos *Lusiadas* exclama:

«Não faltarão christãos atrevimentos
Nesta pequena casa lusitana:
De Africa tem maritimos assentos;
E' na Asia mais que todas soberana;
Na quarta parte nova os campos ara;
E, si mais mundo houvera, lá chegára».

Dos seus companheiros d'armas, diz o vate insigne:

«Olhai que todos vão por ledas vias,
Quaes rompantes leões e bravos touros,
Dando os corpos a fomes e vigias,
A ferro, a fogo, a settas e pellouros;
A quentes regiões, a plagas frias,
A golpes de idolátras e de mouros,
A perigos incognitos do mundo,
A naufragios, a peixes, ao profundo».

Foi uma época de grandes emprehendimentos, levados a cabo por uma plêiade de homens arrojados e generosos, que bem alto souberam erguer o nome de sua patria, uns no alto mar

e em longinquas paragens, outros, junto do seu rei, fazendo-lhe escutar sãos conselhos ou poetando e escrevendo a historia dos altos feitos, que se iam desenvolvendo pela superficie do globo. Lisbôa ficou sendo o grande emporio do commercio com o Oriente. Por ahi se fazia o grande trafico de especiarias e outros artigos exoticos da Africa, Persia, India, China, e Japão, e foi então para Portugal a época de mais prosperidade e poderio, e tambem o periodo aureo da sua literatura. O pequeno reino tinha então pouco mais de um milhão de habitantes.

Já de ha muito existiam as causas que haviam de determinar a decadencia de Portugal. Com o augmento das riquezas, os nobres se tornaram indolentes, e o velho espirito da raça cedeu ao amor do ocio e da luxuria. Os grandes funccionarios corruptos opprimiam o povo e, sobretudo, o melhor sangue do paiz ia sendo levado, pouco a pouco, a supprir as necessidades dos novos dominios. Os mancebos iam voluntariamente tripular as naus, que partiam para terras longinquas, ou sentavam praça, indo combater batalhas sangrentas, travadas alem-mar. E dos muitos que partiam, poucos voltavam. Era grande tambem a emigração para as ilhas e para o Brasil, e eram sempre os mais fortes e audazes que abandonavam a terra-mãe para ir em busca da fortuna em aventuras fascinadoras. Houve ainda outras causas que contribuiram para a decadencia.

Em 1441, o explorador Tristão Nunes trouxe para o paiz alguns escravos negros, desenvolvendo-se de tal maneira esse commercio nefando que, dentro de poucos annos, a maior parte do sul de Portugal era cultivada para os nobres pelos selvagens africanos. Ficava barato, mas afugentava dos campos agricolas, pelo aviltamento do trabalho, a melhor gente, e fazia augmentar, cada vez mais, a emigração.

Deu-se então o grande erro de d. Manuel—a expulsão dos judeus. Todos os judeus, que recusaram converter-se ao christianismo, fôram obrigados a deixar o paiz dentro de seis mezes. Muitos delles eram bem conhecidos pela sua honestidade, actividade e riqueza, e tambem pelas suas preciosas qualidades intellectuaes, de maneira que Portugal ficou, na realidade, privado de um grande numero de seus filhos mais intelligentes e empreendedores. O relato dos horrores que se commetteram, então, contra essa raça infeliz pelo crime de nos ter dado um Deus de bondade e misericordia, diz respeito a um dos mais barbaros e ferozes episodios da historia do christianismo na peninsula iberica. O fanatismo religioso, porem, ainda estava longe do seu delirio supremo.

Em 1536 d. João III, beato e mau, introduzia a Inquisição, a força de empenhos e dinheiro, a qual, em pouco tempo, se tornou tão feroz que, á mais leve suspeita de heresia, fazia prender homens e mulheres, velhos e creanças, torturando-os e queimando-os nas fogueiras, em solennes autos-de-fé. O Brasil tambem pagou tributo ao pavoroso tribunal do Santo Officio.

Accresceu ainda outra oppressão *sui generis* que não foi menos deleteria—a influencia incontrastavel dos jesuitas na educação da mocidade, durante mais de dois séculos. Esta célebre companhia, que foi igualmente introduzida em Portugal por d. João III, em 1540, prestou, a principio, relevantes serviços, propagando a fé catholica no Oriente e civilizando os indigenas da America. A sua acção no Brasil e no Paraguay não entra no plano desta breve introducção. Logo, porem, que se viu poderosa e acreditada, monopolizou o ensino, agoirentando-o, sophysmando-o, adulterando-o. e chegou a dominar nos conselhos da corôa, de accôrdo com os estreitos limites de suas vistas curtissimas e interesseiras.

Eis ahi, em ligeiro escorço, as causas que contribuiram efficazmente para destruir a virilidade herculea do povo lusonio. Ainda mesmo sob uma certa exteriozição de grandeza, Portugal decahia rapidamente.

Com a morte de d. João III, em 1557, vemos, mais uma vez, subir ao throno uma creança de tres annos de idade—d. Sebastião, que, aos quinze annos, era declarado maior e tomava as redeas do governo. Era um joven sonhador e visionario obstinado. Considerava a guerra como a mais nobre occupação para um rei, e, sendo profundamente regilioso, tornou-se desvairado pela ambição romantica de se fazer um verdadeiro soldado da cruz e levar o christianismo aos mouros do norte da Africa, na lamina da sua espada. Não attendeu aos conselhos do papa, nem do rei da Espanha, nem dos seus ministros. Rei despotico e voluntarioso, no seu santo enthusiasmo, exgotou o thesouro, e, afim de obter recursos para a grande cruzada, lançou novos impostos sobre o povo já tão sobrecarregado. Os seus melhores soldados e generaes estavam nas colonias ultramarinas; mas elle aprestou um exercito de gente inexperiente e mercenaria, vinda de outros paizes, e iá se foi para Marrocos com cerca de 17.000 homens em armas. O infeliz d. Sebastião era, sem duvida alguma, um homem de pouco senso pratico, e foi decididamente um mau general, embora se mostrasse heroico e destemido até a temeridade, na sua primeira e ultima batalha. O seu pequeno exercito foi cercado pelo do xerife mouro, tres vezes mais numeroso, e depois de uma lucta feroz, mais da metade dos seus tinham perdido a vida, e os restantes ficaram prisioneiros (Alcacer—Kebir—1578). O que

foi feito do rei, ninguem o soube ao certo. Viram-n'o combater no mais acceso da peleja, ostentando a sua corôa. Depois veio a encontrar-se um corpo nú e desfigurado por innumeros ferimentos, que se suppoz ser o seu, que foi trazido para Portugal, afim de lhe ser dada sepultura. Ha, no entanto, quem diga não se ter encontrado o menor vestigio do rei quer entre os prisioneiros, quer entre os mortos, e, em Portugal, ainda hoje, ha quem creia que d. Sebastião voltará um dia milagrosamente, ostentando a corôa, para governar de novo o seu povo e fazel-o reconquistar as suas glorias passadas. O sebastianismo é legitimo descendente do messianismo.

Depois do reinado de d. Sebastião, fôram-se, como por encanto, os dias de poderio de Portugal, que, durante sessenta annos, teve de soffrer o jugo espanhol; os inimigos da Espanha tornaram-se inimigos de Portugal tambem, e o seu commercio e dominio colonial fôram sendo suplantados pela Hollanda, França e Inglaterra. O norte do Brasil foi, nesse tempo, victima das incursões hollandezas.

Sò em 1640, a pequena, mas nobre nação, recordando as altivas tradições do passado, provocou uma revolução, restaurando a sua independencia.

Embora tivesse cessado o dominio estrangeiro, como haviam de florescer as letras em Portugal com o tribunal da Inquisição, que suffocava os engenhos no nascedoiro, e com a educação jesuitica, que os pervertia e amesquinhava? A decadencia mais profunda era a consequencia infallivel de um tão nocivo estado de coisas para as bellas artes e para as sciencias, que só medram com o bafejo da liberdade. Tudo se degradou e abastardou com a nação, que de sua gloria antiga apenas conservou a lembrança. *Magni nominis umbra.* A literatura patria chegou ao extremo da miseria, donde só mais tarde, na segunda metade do seculo XVIII, havia de ser reerguida pelo genio poderoso de um grande de estadista—o Marquez de Pombal, que removeu em grande parte as causas do atrazo lamentavel. O espirito desse superhomem nunca mais deixou de nortear os destinos do povo luso, que, através de vicissitudes diversas, nunca mais perdeu de vista a luminosa trilha da liberdade. Vimol-o apezar de privado do seu rei e da sua côrte, expulsar do solo patrio, no começo do seculo passado, as hostes invasoras de Napoleão. Vimol-o tomar parte victoriosa em todas as luctas pela implantação do systema representativo constitucional. Assistimos ao seu renascimento nas letras com o vigoroso impulso do romantismo e do naturalismo triumphantes. E ultimamente, um dos dos seus feitos heroicos foi a proclamação da Republica em 1910, assumindo a presidencia do governo provisorio o maior dos seus homens de letras vivos—o dr. Theophilo Braga.

Hygino Cunha.

Elogio do bello

—Como fallava Zaratustra—
Capitulo que Nietzsche não escreveu..

Nasci para viver solitario, abysmado
Na propria vastidão do meu ser tão profundo
Como o espaço sem termo ou como o mar sem fundo,
Extranho á imperfeição de que vivo cercado.

Meu Sonho Superior é corcél galopando
Através de vergéis de outrem desconhecidos,
Que vai, galhardamente infrêne, desbravando,
Para serem depois por outros percorridos.

Eu sou o portador das verdades futuras,
E o que ensino ha de ser sómente percebido
Por quem fôr Superior e tiver presentido
A nuvem que inda vai se adensar nas alturas.

Sacerdote do Bello, eu prégo a theologia
Que ha de um dia remir a humanidade nova,
E reduzir a pó, na escuridão da cova,
O cancro da mentira e o mal da idolatria.

Póde o mundo chamar-me ou genio ou visionario,
Eu lhe desprézo altivo o louvor e a censura:
O mundo chamou louco o Martyr do Calvario
E a alma branca de Budha elle accusou de impura.

Rodeado de silencio, em paz com a Natureza
Enthronizado aqui, nesta grimpa de serra,
Despréso como um Deus as miserias da terra,
Vivendo para o ideal da Suprema Belleza.

A Religião do Amor, que até nos dominou,
Perdeu todo o perfume—é flor emmurchecida,
Porque o Amor é sómente a Belleza da Vida
E é mais nobre adorar-se a Vida que o gerou...

Mas, si a Vida é a Belleza e a razão do Universo,
E o Universo a Belleza extrema da Harmonia,
Que fique—unico Deus—no altar-mór do meu verso,
O Bello—o Grande Sol, que a minha arte allumia.

Elle é o principio e o fim de tudo, a Idéa Mater,
Da qual as outras são corollarios e ornatos:
O Bem é, simplesmente, a Belleza dos Actos,
E a Verdade, a Belleza e a gloria do caracter.

Quem o ama em qualquer aspecto da existencia:
Na côr, no som, na luz, numa ave ou numa rosa,
No iris, no mar, no sol, numa mulher formosa,
Pratica a Religião do Deus por Excellencia.

Homem! queres um Deus! crê no Bello e terás
O Deus que aperfeiçôa e purifica e illustra,
Por elle é que glorioso um dia attingirás
O grau de perfeição que attingiu Zaratustra.

Nogueira Tapety.

Do culto dos astros á civilisação christan

O espirito humano reproduz-se, um pouco, em toda a parte. Sua evolução, suas concepções, seus modos de interpretar os factos da natureza, são, com pequenas variantes, os mesmos, nos quatro continentes. A concordancia é visivel. O despertar da intelligencia, as primeiras tentativas para a elaboração de uma theoria do universo, têm, em todas as raças, pontos de intima connexão. E' estudar a vida da linguagem e ver que os mesmos principios regem a existencia estructural das linguas. (1) E' observar a formação dos mythos e ver os seus pontos de affinidade, notar como se reproduzem, no conjuncto, ás vezes em detalhes minimos.

Duas forças presidem ao desenvolvimento da linguagem,—uma conservadora, outra modificadora, moldando-se as duas á tendencia para a commodidade, para a economia de acção nas alterações morphicas, isto é, submettendo-se as duas á lei do menor esforço. Uma força rege a elaboração dos mythos: a necessidade de desvendar o mysterio que apavora, traduzindo-o, esclarecendo-o, christalisando-o, nûa allegoria. Das primeiras, são exemplos as leis de Pott sobre a extensão e restricção de sentido, applicação de um termo á pessôa e coisa, o emprego do mesmo vocabulo com sentido diverso. Da ultima, é exemplo a cruz,—expressão symbolica do fogo, que, adeante, estudarei. E', porém, no culto, onde a lei psychologica da unidade de espirito humano pode ser melhor verificada.

Vejamos.

No Mexico, a criança tomava o nome do santo do dia do nascimento, e era baptisada como se pratica, ainda hoje, no ceremonial catholico. (2) As mesmas ceremonias praticavam os

---

(1) Emile Ferrière. *Le darwinisme* (5.ª ed.) pag. 95 e segs.; Whitney, op. cit. pag. 38 e segs.; Letourneau, *Soc.* pag. 549 e segs.

(2) Reville. *Relig. du Mex.*, pag. 169; Prescott, op. cit. tom. I, pag. 51.

Incas, como eram praticadas na Persia, no Egypto, na India e na Polynesia. No Mexico, era praticada a confissão e o padre, assim como o sacerdote catholico, absolvia o penitente, impondo-lhe penitencias, exigindo-lhe offerendas, (1) condemnando-o, ás vezes, a injuns, a incisões sangrentas. O mesmo acontecia em Nicaragua. A extrema unção existiu em quasi todos os povos. (2) Em todos os povos, o casamento se revestiu de cerimonias sagradas. Quasi todos celebraram as festas solsticiaes. Todos propiciaram os Deuses, sacrificando-lhes victimas.

O mesmo acontece com os mythos: quasi todas as tribus selvagens fallam do diluvio (3); Prometteu é o mytho do pramantha vedico (4); o Jardim das Hesperides é o Paraiso terrestre (5); o Adão dos hebreus é o Yama dos vedas; a biographia dos heroes gregos é a dos Deuses mediterraneos.

Por essa lei psychologica, explica-se que, em toda a parte, o cyclo do fetichismo seja encerrado pelo culto dos astros (6). E' o que se verifica entre os selvagens. E', para citar apenas um caso, o que se observa estudando o momento religioso em que os nossos indigenas foram encontrados e permanecem. E é interessante demorar-nos neste ponto. O assumpto attrahe.

Com effeito. Michaud d'Humiac assevera (7) que, si as criações poeticas de um povo são uteis ao historiador como affirmações de sua intellectualidade, não é menos valioso o estudo de seus mythos como documentos de estados psychicos. A Illiada é, assim, a nota bellicosa da alma grega. Psyché é sua nota sentimental: completam-se.

Antes de Humiac, as investigações da archeologia prehistorica tinham levado a attenção dos scientistas para o estado de nossos avós da idade de pedra, acompanhando-os atravez dos fosseis, dos monumentos megalithicos e dos instrumentos de silex (ao depois, dos de ferro e bronze) encontrados em excavações realizadas, a principio, na França, depois, na Inglaterra. E, como consequencia necessaria dessa ordem de estudos, a anthropologia occupou-se dos selvagens, de sua modesta e imperfeita organisação social, de sua familia, costumes, tendencias, paixões, lendas, praticas religiosas.

Foi assim, robustecida com os elementos encontrados, que a anthropologia pôde, pouco, a pouco determinar o papel do ho-

---

(1) Grasserie. *Psych.* cit. 149 e segs.
(2) Volney. *Histoire de Samuel* (œuvres) pag. 620.
(3) Lang. Op. cit. pags. 222 e 322.
(4) Lefevre. *Philosophie*, pag. 43; Emile Bourdet, *Principes de educat. positive* (1877) pag. 145; Max Müller, op. cit. pags. 580 e segs.
(5) Max Müller, op. cit. pag. 157.
(6) Stuart Mill, *Aug. Comte et le positivisme*, 1893, pag. 21.
(7) *Les grandes legendes de l'humanité* (1889) pags. 6 e segs.

mem no mundo physico estudar as reciprocas influencias do individuo e do meio, aproveitar, mesmo, os documentos psychologicos espalhados nos symbolos, nas lendas e nos mythos e precisar as condições da mentalidade do homem primitivo.

Foi o que fez com o selvagem do Brasil. Observou que, de dolicocephalo, se tornara brachicephalo; sahira do abrigo das furnas, construindo as cabanas em que passara a morar; se servira de instrumentos de pedra polida e apprendera a lavrar os campos.

Viu que se manifestaram nelle os primeiros sentimentos estheticos pelo gosto dos adornos e que adorava a lua e o sol, tendo um respeito religioso pelos mortos. E', pelo menos, o que nos diz o general Couto de Magalhães (1) quando escreve que elle praticava a agricultura, vivia em tabas, enfeitava-se de pennas, respeitava os mortos e os seus heroes.

Longe, porém, de predominar em seus mythos o caracter escchatologico, esse caracter, e não somente dos mythos, das lendas, é essencialmsnte astral. (2) E nem se extranhe isso, attendendo-se a quanto é vario e rico o aspecto do nosso firmamento, proprio a absorver a admiração simples do indigena—como, effectivamente, aconteceu e está registrado nos mais antigos documentos.

E' assim, entre outros, que Francisco Rodrigues do Prado, na *Historia dos indios cavalheiros*, ou da *Nação Guaycurú* (1795) (3) nos diz que elles davam ao «sol, á lua, a Venus, a Mercurio, emfim, a todas as estrellas que, por sua grandeza, ou figura, se tazem recommendaveis á vista, nomes differentes dos que davam a todas as estrellas juntas»; accrescentando que «festejavam o apparecimento das sete estrellas». A mesma revista (4) informa que os tupinambás tinham constellações protectoras e conheciam bastante as estrellas para se dirigirem por ellas, e «irem parar á terra pretendida sem perder o passo». Magalhães. por sua vez, fazendo identicas observações, accrescenta que a theogonia tupi se resume em tres entes superiores—o sol, a lua e Perucá ou Rudá, além de outras divindades subalternas. Os selvagens brasileiros tinham, mesmo, criado lendas para explicar alguns dos multiplos phenomenos que se desenrolavam em torno.

Uma dessas lendas (5) explica os eclipses: Depois de forte desavença, lançaram o sol e a lua suas tribus luminosas uma contra a outra, numa guerra que ainda continúa. Vencido um dos chefes, o sol ou a lua, esconde o rosto envergonhado. Diz

---

(1) *O selvagem.*
(2) Grasserie. *Les religions comparés*, pag. 134.
(3) Revista do Iust. Hist. e geogr. do Brasil, tomo I (1830).
(4) Volume I, 2.ª edição.
(5) Revista cit. Julho de 1844, e tomo V da 2.ª ed.

essa lenda que as montanhas appareceram em consequencia dessa lucta, porque, primitivamente, a terra era plana e symetrica.

E as noticias dos viajantes, dos que viveram por algum tempo entre os selvicolas e lhes estudaram os costumes, ainda são mais precisas. Para citar, somente o que narra José Joaquim Machado de Oliveira, (1) direi que, ao penetrar, pela primeira vez, as terras septentrionaes do Brazil, observou em muitas das tribus, que ahi viviam, o culto do sol. Accrescenta que «em outras que viviam debaixo de uma temperatura menos intensa, era á lua que se dirigiam adorações e offerendas, considerando-a como um nume tutelar e benigno, que tinha sob seu desvello os fructos da terra (2) e os esparzia profusamente aos homens e aos itracionaes». Chamavam a lua *Jaci*, de *já*, mãe, e *ci* planta, ou mãe dos vegetaes, attribuindo-lhe ûa acção propicia, ou nefasta, sobre as arvores, as roças e os campos.

Na lua nova, se reuniam na *ocara* e despediam flexas e plumadas gritando—*jaci!* Era o tempo da festa orgiaca da jurema no bosque sagrado (3).

Auguste de Saint Hilaire recolheu uma pequena canção dos botocudos (4) em que se referem ao nascimento do sol. O Dr. Silva Coutinho encontrou uma lenda no Rio Branco explicando os eclipses. (5) Sant'Anna Nery traz uma outra sobre o diluvio. (6)

Deste modo se vê que o nosso firmamento radioso era para o indigena, como foi para o selvagem das mais diversas regiões, um espelho maravilhoso onde se reflectiam as tragedias, os dramas, as covardias, os heroismos, as superstições e as miserias da vida ordinaria. Cada estrella possuia uma historia. Cada constellação era um nucleo, em redor do qual se congregavam

---

(1) Revista cit. de 1844.

(2) A acção da lua sobre as arvores, é, ainda hoje, acceita pelo sertanejo do norte. Acredita que a madeira cortada depois do quarto crescente, não resiste. Deve ser cortada *no escuro*, logo depois da lua nova.

(3) Nossos selvagens foram encontrados pelos portuguezes na idade da pedra polida: ao ver de de Couto Magalhães, nunca se pôde provar que tivessem atravessado a idade anterior da pedra lascada. Eram agricultores—sem ter sido pastores. Sob o ponto de vista de sua constituição social, não haviam ultrapassado o matriarchado: *Jaci*, a lua, era a *mãe* dos vegetaes; *coaraci*, o sol, era a *mãe* dos animaes: eis a rasão por que predominam entre elles, os mythos femininos.

(4) *Voyges dans les prov. de Rio de Janeiro et de Matto Grosso*, tomo II, pag. 166 cit. em Sant'Anna Nery, *Folk-lore brasiliense* (1889), pag. 236.

(5) Sant'Anna Nery, op. cit. pag. 252 e segs.

(6) Op. cit. pag. 183 e segs. A lenda do diluvio se encontra desde os tempos mais remotos, a principiar nos chaldeus, que se referiam, já, ao diluvio de Xisuthros.—V. Max Müller, op. cit. pag. 161; Lang. op. cit. pags. 222 e 322. Huxley. *Soc. et relig.* pag. 370. Volney—*Recherches nouv. sur l'histoire anc.* (œuvres) pags. 343 e segs.

as lendas mais estravagantes. Eram lendas de caçadas, de luctas pavorosas, que a imaginação intensa do selvicola bordava com estrellas no ceu transparente. Era uma peregrinação constante de astros, fugas precipites de Deuses, raptos de heroes, scenas eternas de amor. Era o mesmo tumultuar da vida terrena que se presentia, sobre a cabeça, num outro mundo longinquo, povoado de phastasmas e soes...

Pois bem. E' por essa lei psycholcgica da unidade do espirito humano, é porque ella se reproduz, um pouco, em toda a parte e em todos os tempos, que olhamos, sem extranheza, sem procurar explicação no contacto de raças que, depois, se dispersassem, ou em migrações primitivas, o facto da sobrevivencia do culto solar nas antigas civilisações da Asia, da Africa e da America.

A começar pelos aryas.

Olhos abertos á grandeza e á admiração dos perturbadores espectaculos de sua natureza virgem, os aryas, nos dias que correram após os temores das florestas, fizeram do sol a sua divindade suprema.

Emprestaram-lhe sentimentos humanos. Chamaram-lhe *Dyaus*, que quer dizer o—*brilhante*, o que illumina. (1) Era uma expressão figurada da victoria do principio luminoso sobre astrevas.

Foi *Agui*, ao depois, quando fizeram do fogo o representante do Deus inaccessivel. A centelha era uma particula do sol, ûa emanação, uma parte do corpo do proprio Deus, que vinha residir entre os homens e que se obtinha com o *Arani* e o *Soma*. Delle nasceu Brahma, o Verbo omnipotente. E' delle que vai nascer o budhismo,—protesto contra a eternidade das castas e contra o supplicio da meter psychose,—pregando a libertação pelo extase e pelo aniquilamento...

Na Chaldéa era tambem o Sol um dos Deuses principaes. Em toda parte os crentes erguiam altares sumptuosos para a sua adoração. Uma cidade lhe fôra, mesmo, consagrada—Sippara, e, ali, dia e noite ardia um fogo aceso em sua honra. (2) Era o Deus principal da Assiria era o Deus principal dos phenicios. (3) Predominava no culto do Egypto—apezar do fundo es-

---

(1) Müller, op. cit., pag. 126; Lefevre, *Phil.* pag. 31; Letourneau (*Soc.* pag. 295), entende que *Dyaus* era o ceu brilhante. E' engano. Havia, é certo, um laço intimo estabelecido pelos aryas entre o sol e o ceu; quando os reuniam, entretanto, lhes chamavam *svar*. Max Müller, parte cit.; Lefevre—*La renaissance du materialisme* (1881) pag. 155.

(2) Malvert. *Soc. et Religion* (1903) pag. 27. Cesar Cantu. *Hist. Univ.* ed. revue sous les Yeux de l'auteur (1867) vol. I, pag. 220 e 221; Weber. *Hist. Univ.* (1882) 1.º vol. pag. 28.

(3) Philon de Byblos, em Pereira Lima, *Phenicios e Carthag.* pags. 82 e 83.

chatologico do mesmo:—baste recordar a expressão symbolica evidente do mytho de Osires, e a inscripção do Zodiaco em o tecto do templo de Dinderah. (1)

Appollo era um Deus solar, na Grecia. (2) Mithra, representação do sol, era o Deus supremo dos persas. (3) O culto sanguinario dos aztecas era todo bordado de cerimonias solares. (4) O mesmo no Perù. (5) Essa concordancia, porém, arrasta outra: a existencia do culto do fogo em todas as civilisações apontadas. Desde que as divindades fogem das sombras da floresta, do fundo dos rios, daquillo que está em contacto com o homem, para os espaços inaccessiveis, entende elle que a sua acção benefica se não faz sentir á distancia, e precisa de um intermediario. (6)

Mais. Viu o fogo do ceu, expressão da colera divina, abater arvores e incendiar florestas. Devia vir do proprio sol. Era o proprio Deus, iracundo—propiciou-o. Revestiu de solemnidades liturgicas o modo de obtel-o: o *arani* tornou-se um instrumento cultual, o *soma* um licôr sagrado. (7) E' um instrumento rudimentar: dois pedaços de madeira, um ponteagudo, outro com uma cavidade. O *pramanta* esfrega, rapidamente, num movimento de rotação, a ponta em a cavidade. Brilha a fagulha que vai accender a chamma. Esta recebe um oleo puro e um licôr fermentado extrahido da asclepiade acida, (8) o *soma* (de *soü*, engendrar), que a alimentam e fazem que se agite—como se procurasse fugir para o ceu.

E' *Agni*. «E' chamado o Mensageiro (Rig. Veda I, 12, 1), Senhor da casa e da clan (I, 12, 2). Destróe os máus espiritos (I, 12, 5), e protege as pessoas amigas (I. 12, 8). E' a providencia *(pramauthi)* do cantor (I, 31, 9). Os Deuses fizeram delle o Senhor dos homens (I, 31, 11); é o amigo dos Deuses (I. 31, 1) para os seus adoradores é semelhante a um pae (I, 31, 10). Nenhum homem, nenhum Deus é maior do que elle (I, 19, 2); é immortal (I, 13, 5) e leva os homens á mais alta immortalidade (I, 31, 7). E' o primeiro creador (I, 13, 10), literalmente, *o carpinteiro* (*tvashtar*) do mundo. (8)

---

(1) Raoul de la Grasserie *Les religions comparées*, pag. 130. Volney. *Recherches* cit. pag. 553 e *Ruines*, pag. 53; Lefevre. *Philos.* pag. 18.
(2) Maxime Collignon, *Mith. figurée de la Grece*, pags. 81 e segs.
(3) Malvert op. cit. pag. 30 e 31. Letourneau. *Soc.* pag. 294.
(4) Prescott op. e vol cits. pags. 44 a 55.
(5) Marimontel. *Les incas*, pags. 22 a 25.
(6) Stuart Mill. op. cit. pag. 21.
(7) Fustel de Coulanges. *La citè antique*, pags 25 a 29 Teixeira Mendes. *O culto catholico* (Abril 1903) pags 68 e segs; Lefevre. *Philos.* pags. 31 e 34; Max Müller, op. cit. pag. 97.
(8) Lefevre, *Philosophie*, pag. 24.
(9) Jesus, *o Agnus Dei*, é tambem filho de um carpinteiro.

«Todos esses qualificativos esplicam-se por si mesmo. Quando o fogo, acceso no altar, leva as offertas para os Deuses no fumo que levanta para o ceu, Agni toma, naturalmente, o nome do Mensageiro. Quando arde no lar, no centro da casa, é o Senhor da familia. Quando espanca as trevas e purifica o ar, é o destruidor dos máos espiritos. Sem fogo, seria quasi impossivel resistir aos rigores do inverno: Agui protege, pois, aquelies que têm attenções, para elle, protege, mesmo, o pobre, que procura ao seu lado, um refugio. Sem Agui, não ha sacrificio: pode-se chamar-lhe, em consequencia, o amigo dos Deuses e como jamais se extingue, ou revive sempre, é immortal. (1)

Dois pedaços de madeira o produzem. No momento em que brota a centelha divina, a parte ponteaguda tem penetrado a outra e apresentam as duas a forma de uma cruz. Nasce Agni, justamente, do ponto de juncção: é ahi que. mais tarde, o Cordeiro de Deus (*Agnus Dei*) será figurado. Ahi está, tambem, a origem da cruz, que, longe de ser um instrumento de opprobrio, antes da civilisação christan, era um instrumento sagrado.

Abramos a historia das religiões. Dezeseis seculos antes de Christo, num templo consagrado a Horus—o sol nascente, em Karnak, o symbolo da Trindade era representado por um sol, de onde sahiam raios terminados nûa mão que conduzia a cruz. (2) Em um monumento anterior, numa sepultura da idade neolithica, descoberta em Brezé (Maine et Loire) ella foi encontrada (3) Encontraram-na gravada em alto relevo, de louça, nas estações lacustres do lago Bourget. (4) Foi vista num tumulo da Thracia e, mais, na Bavièra, em vasos de barro; no Egypto, nas vestes dos sacerdotes, e em vasos consagrados ás cerimonias religiosas; nas vestes dos summos sacerdotes da Assyria; no templo de Palenqui (Mexico) e nos monumentos do Cuzco, ao tempo da conquista hespanhola; nos tumulos dos selvagens da Nova Zelandia; nos monumentos da Gallia antiga, conservados nos museus da Europa. Mais? «Na Grecia, 1249 annos antes de Christo,

---

(1) Max Müller. op. cit. pag. 564

(2) Malvert, op. cit. pag. 40. A *mão* foi a principio, uma representação da divindade, como se pode ver nos cylindros da Chaldéa, nas inscripções dos phenicios, nos altares gaulezes. Em uma miniatura do seculo V, è sob essa forma que Deus se manifesta a Abraham (a miniatura existe no Britsh Museum). E' sob a mesma forma, que, em a gravura de um sarcophago de Arles, ordena o sacrificio de Isaac, e se que manifesta a Roland na pintura de uns *vitraes* da cathedral de Chartres (Malvert. op. cit. pags. 41 a 49). Ha ainda hoje uma expressão popular, sobrevivencia desse facto: é o *Dedo de Deus*. Si algum mal advém, ahi está o *Dedo de Deus*. V. Cesar Cantu. *Hist. Univ.* cit. vol. V., pag 648.

(3) Rev. da esc. de anth. 15 de Abril de 1894, pag. 120, cit. em Malvert, pag. 53.

(4) Malvert, op. cit pag. 53.

os sete chefes diante de Thebas, levavam, como insignia, a cruz, collocada n'um disco solar.» Não é só. «Durante toda a antiguidade pagan se encontra o signal da cruz nos templos, nas casas e sobre as imagens das divindades. Vemol-a sobre os ornatos de Bacho e de Diana e nûa figura de Apollo gravada num vaso antigo do museu de Vienna. (1)

Conclúe-se do exposto que o facto de se considerar a cruz symbolo da redempção humana, trazido do opprobrio para a veneração universal, é uma lenda que as investigações archeologicas desfazem. Existiu desde a aurora da mais antiga das civilisações, affirmam, com toda a autoridade, Goblet e Schliemann.

Na India, na Chaldéa e na Assyria, no Egypto e na Persia, na Phenicia e na Grecia, em Rhodes e Chypre, na Gallia, em toda a parte é um objecto de veneração e culto.

Mais. Symbolo graphico do alphabeto phenicio, era, ahi, o emblema da vida; (2) expressão ideologa em os nomes phoneticos abreviados dos egypcios, significava, ás vezes, *vingador, salvador* (3); *Tau,* como era chamada pelos phenicios, é, para os chinezes, Deus, o principio criador...

Resta duvida, ainda, sobre a veneração que mereceu de povos das mais diversas regiões? Veja-se o que escreve Ferrero (4). Diz que «era como as genuflexões e os outros symbolos mimicos do cerimonial, um symbolo usado nas relações com a divin-ade; e mais que, a mesma causa que fazia inutil no cerimonial estado de consciencia que chamamos Y tornou inutil o estado consciencia proprio a fazer interpretar a significação solar cruz. Era, em summa, accrescenta, um symbolo religioso, mpregado nas relações com Deus. Bem ou mal interpretado e fosse, a prece e as outras propiciações davam o mesmo resultado; o estado de consciencia que servia para a sua interpretação não era, pois, necessario e o cerebro, pouco a pouco, desembaraçava-se delle.

Eliminado, esqueceu-se que o *signal da cruz* representava o sol, porque era um symbolo metaphorico muito grosseiro para que pudesse, directamente dispertar a idéa do movimento solar» (5).

---

(1) V. Malvert, pags. 53 e 101.

(2) G. Ferrero. *Les lois psychologiques du symbolisme* (1895), pag. 142.

(3) *Grammaire egyptienne,* de Champollion, le jeûne, cit. em Ferrero, pag. 142.

(4) Ferrero, op. cit pag. 149.

(5) Não me forro ao desejo de traduzir uma pagina vibrante, sobre a cruz, da obra de G. Ferrero. Escreveu elle: «Na Grecia, como em Chypre e em Rhodes, ella se mostra, a principio, em vasos de desenhos geometricos que formam o segundo periodo da ceramica: passa, depois, para vasos de decoração mais brilhante, cujo apparecimento parece coincidir com a espansão da influencia phenicia nas praias gregas.

Assim, feita a luz sobre este ponto, que é dos mais interessantes e de importancia decisiva para quem procura conhecer as origens do christianismo, é natural que levantemos o veu, até este momento cahido, sobre a historia dos hebreus.

Das tribus semitas, diz Renan (1) a de Beni—Israel era a que devia realisar destinos mais brilhantes e mais largos. Possuia em suas tradições a sciencia dos sacerdotes egypcios, em que Moysés se iniciára (2). Devia dar ao mundo o mytho de um novo Deus que, durante seculos, irradiaria no alto da cruz—como um sol acceso para espancar a noite dos desgraçados. Devia dar á Historia o primeiro exemplo de ûa raça em quem as energias religiosas absorvem toda actividade—ao ponto de determinar o afrouxamento dos laços de sua cohesão politica.

Não ha negar. O desapparecimento de Israel obdeceu á ausencia do sentimento nacional, absorvido pelo religioso. Matou-o o padre, o *rabi*, o propheta, o visionario, o delirante que vivia a pregar a miseria do planeta, a fragilidade dos sentimentos, o nada desta vida.

A sua moral condemnava as hierarchias, as sujeições. Queria o governo do povo, mas do pobre, do humilde. Condemnava a riqueza.

Todos deviam ter os mesmos direitos. E servindo-o, deixando-se intoxicar na absorpção lenta de todos os dias, não foi um povo o que os assyrios esmagaram—foi um rebanho de homens, ligados, apenaspela sombra de um idéal fugitivo. Não somenteIsrael: Judá desapparecia com a invasão de Nabuchodonosor e, durante setenta annos, o povo eleito arrastava em Babylonia as dores amargas dos seus grandes desesperos. (3)

Num vaso de Athenas, se vê, numa scena de enterro, repetida, tres vezes diante do carro.

Num vaso de Thera, é reproduzida muitas vezes, em redor de ûa imagem da Artemis persa. Em Mycenas, figura nos ornamentos recolhidos nas escavações de Schliemann. Em Pergamo, orna a balaustrada que cercava o portico do templo de Athenas; e, em Orchomene, apparece no tecto esculpido do Thalamo, no palacio do Thesouro. Emfim, quando a introducção das moedas veiu abrir novos horisontes ás criações plasticas da religião e da arte, se tornou um symbolo favorito das cunhagens, não somente do Archipelago e da Grecia, mas tambem da Macedonia, da Thracia de Creta, da Lycia e da Paphlagonia. De Corintho, onde figura nas moedas mais antigas, passou a Syracusa, no reinado de Timoleão, para se espalhar, em seguida, nas moedas da Sicilia e da Grande Grecia. Na Italia do Norte, era conhecida antes mesmo da chegada dos etruscos. Numa epoca anterior, é encontrada no peito dos personagens que decoram os muros de um tumulo de Capua; apparece, finalmente, como motivo de decoração, entre os mosaicos romanos. (op. cit. pags. 140 e 141).

(1) Renàn: *Vie de Jesus* (23.ª ed.) pags 6 e segs.

(2) Dodel. *Moïse ou Darwin*, pag. 4, Brothier, op. cit. pag. 44.

(3) Leblois, op. cit. vol. 6.º liv. V, pegs. 114 e segs.

Desenvolvendo-se em vastas planicies, a todos os momentos deslumbrados pelos explendores do ceu, tinham observado os astros, realisavam festas solsticiaes, tinham em eertas constellações Deuses protectores. (1) Haviam soffrido a influencia das divindades dos povos mediterraneos. Rendiam homenagem a Moloch. Tinham idolos. Tinham o *Antro do seu Deus*. (2) Os prophetas fallavam em nome de Baal (3) trazido da cidade de Dan. (4) No alto de Tofeth eram queimadas crianças como nos ritos punicos. (5) Praticavam o culto do fogo.

Levados para Babylonia, retiraram o fogo do altar, e, a conselho de Nehemias, o esconderam num valle, em um poço profundo, que encontraram secco. Decorreram annos. Vindo, afinal, Nehemias, á Judéa, mandou que os netos dos antigos sacerdotes o fossem procurar ao esconderijo. Não o encontraram. Depararam, apenas, ûa agua suja que, trazida de ordem de Nehemias, foi lançada sobre a lenha de um sacrificio que elle realizava—*raiando, logo, o sol* e accendendo-se uma chamma que, a todos, maravilhou. (6) Mas, praticando com pequenas variantes o mesmo culto que se praticava em Babylonia; vivendo, ali, setenta annos, era natural que em sua vida se infiltrassem os costumes deparados; que seus ritos soffressem a influencia dos ritos com que ficaram em contacto. Foi o que aconteceu. E quando Cyro—o Christo, o Salvador, como lhe chamaram os hebreus, permittiu que os captivos regressassem *afim de reconstruir o templo de Salomão,* notaveis alterações lhes atraiçoavam no culto, a influencia dos mythos Zendi. E' o que se pode observar em sua Historia, depois de Esdras, ou seja, depois desse regresso.

Si houvesse duvida, bastaria recordar que os cherubins, conforme sua representação no Velho Testamento, foram trazidos da Chaldéa: podem ser vistos nas esculpturas de Persepolis e nas estatuas assyrias encontradas em Moussoul e em Nimroud. (7)

Dali trouxeram os judeus o costume de representar os anjos com azas—como erám, tambem, representados na Assyria. A

(1) Th. Braga. *As lendas christãs,* (1892) pag. 124.
(2) Amos. V. 26.
(3) Jeremias. II, 8.
(4) Jeremias. IV, 15.
(5) Jeremias. VII, 31.
(6) Maccabeus. Liv. II. I. 18 a 22.
(7) Schopenhauer. *Sur la religion* (1908), pag. 100 e 101. «Os judeus, que tinham adorado, até ahi, Baal, Astarté, Moloch, &, e abraçado em Babylonia, depois da victoria dos persas, a religião de Zoroastro, seguiam, agora, o culto de Ormuzd, sob o nome de Jehovah. E', talvez, a explicação do favor, de outro modo inexplicavel, que, segundo Esdras, lhes testemunharam Cyro e Dario, que fizeram reconstruir seu Templo. Explica-se deste modo, que Cyro adore o Deus de Israel, o que, a não ser isso, seria absurdo. (Esdras. Liv. 1.º II. 3 *Bib. dos set.*) Todos os livror

visão de Esequiel—quatro cabeças de animaes cobertas de azas, é outra reminiscencia (1); é outra a visão de Daniel. (2) Mais. As visões apocalypticas que deslumbraram a penna do delirant e de Pathmos, eram representações do Deus-Sol, d'ali trazidas, e, então espalhadas entre todos os povos meditarraneos.

Afastados de Babylonia, entretanto, não fugiram á influencia das idéas derramadas ali e na Persia. O mazdeismo apurava-se. Mithra, o espirito da luz, reunia os crentes num culto movimentado, rico de impressionantes cerimonias: os hebreus não soube:am impedir a penetração dessas cerimonias em seus ritos. «O sol e os astros eram seus ministros. Cada manhan, offereciam um sacrificio ao Sol, invocando-o como o Libertador, como o *Redemptor* que devia afugentar os perigos e os pavores nocturnos.

«A regularidade de seu apparecimento fizera nascer a idéa de uma aliança, por força da qual podiam contar com o seu auxilio, contanto que o servissem e o adorassem, isto é—que lhe offerecessem sacrificios quotidianos.

«Durante estes, para activar a chamma, faziam ao fogo libações sagradas—oleo, gordura animal, licôres fermentados, como faziam os aryas cultuando Agni (*ignis?*) e, por causa dessas libações, a chamma, confundida com o proprio Deus que ia despertar no ceu, tomava o nome de *Maschiah*, o Ungido, o Messias, —que os gregos tradnziram por Christo.» (3)

Era, quasi, o ritual mazdeista. Ainda mais. Não fôra somente o culto que soffrera alterações. A propria lingua corrompera-se-lhes. Fallavam, agora, ûa mistura de hebraico e chaldeu. E, já ao tempo de Esdras, o idioma antigo, usado nas cerimonias religiosas, só era comprehendido por uma parte do povo: (4) desde esse tempo, os livros das sagradas escripturas apparecem em caracteres chaldaícos.

Voltando, porém, á antiga patria, depois dos seus grandes infortunios, trouxeram as mesmas causas que haviam determinado o seu anniquilamento. As energias religiosas absorviam toda a sua existencia psychica. Seu reino era outro. Os prophetas annunciavam-no. Tinham, apenas, que esperar a realisação das predições, para ver Jerusalém ditar leis ao mundo, dominando elles a terra—como o povo escolhido de Deus.

---

anteriores do Velho Testamento foram compostos mais tarde, isto é, depois do captiveiro de Babylonia; ou, pelo menos, a doutrina relativa a Jehovah foi ahi introduzida posteriormente. (Schopenhaner, op. cit. nota, pag. 101.)

(1) Esequiel. I. 4 a 28.
(2) Daniel. VII. 2 e segs.
(3) Engéne Veron, *La morale*, pag. 45.
(4) Bossuet. *Discurso sobre a Hist. universal* (ed brasil. pags. 59 e 60).

Mas, nem a religião os ligava, dando-lhes a consistencia de uma collectividade homogenea. Seu Deus não era mais do que a sombra de um idéal fugidio, que elles encaravam diversamente, dividindo-se em grupos, enfraquecendo-se em discussões e em luctas intestinas. Só em um ponto ficavam de accordo— no advento da grande era do seu poder.

Era a sua força. E' o segredo de sua resistencia, essa esperança que lhes clareava os passos nas horas mais tristes das desventuras. Quanto maiores, mesmo, eram os seus soffrimentos, tanto mais crescia a esperança—porque as prophecias faziam preceder de dores espantosas a approximação do glorioso acontecimento.

Havia, porém, de chegar. Iaveh, ou o Messias, num carro de nuvens, viria fulminar os inimigos de Israel e estabelecer o seu povo na Jerusalém nova, reconstruida miraculosamente para ser a capital do mundo. Seria, então, o advento do Reino de Deus, descripto nas mais antigas tradições e esperado através de seculos. Seria a boa nova, annunciada pelo Messias, para que Israel se preparasse e pudesse recebel-a, Teriam as nações em partilha. As fronteiras do Reino alcançariam as fronteiras da terra. E elles o governariam «com uma vara de ferro». (1)

Em torno dessa esperança, gyra toda a literatura do Velho Testamento, desde as prophecias dos psalmos de David, até ás, visões apocalypticas de Daniel. (2) Foi uma fonte perennes d'onde correu a poesia impressionadora desses livros, e onde se abeberou, embriagando-se, atordoando-se no sonho sempre irrealisado dessa supremacia absoluta, uma raça que pela posição geographica, podia ter desdobrado uma das mais brilhantes civilisações do oriente. E nisso estava o consolo, unico, dos judeus.

«No meio de sua decadencia progressiva, era qual um pharol que brilhasse em suas trevas. Ligavam-se a essa idéa com uma paixão que não podemos avaliar, nós que, não havendo tido a fatuidade de considerar-nos uma nação especialmente eleita por Deus para dominar o mundo, não tivemos, como elles, a dor de viver, durante seculos, em condições que a comparação de sua situação verdadeira com a realeza que haviam sonhado, tor-

---

(1) Psalmos II, 9, 9; IXXXVIII, 5, 30; XCVII, 2, 3, 9; XCVIII, 2; CI. 14; CIX, 2, 3, 4, 5, 6, 7; CXXXI. 13; CXXXIV, 4; CXLV, 10; Isaias, I, 26, 27; II, 3, 4; IX, 6 e 7; XXIV, 23; XXXIII, 20, 21; LI, 22 e 23; Jeremias, IV, 6,—XVII, 25 e 26; XXXI, 1, 6; Barach, V, 2, 3; Ezequiel, XXVIII, 25, 26; XXXIV, 11, 12, 13, 14, 15, 23; XXXVII, 21, 24, 25; Daniel, VII, 27; IX, 24 a 27; Oséas, XIV, 6 a 10; Amos, IX, 11 a 15; Abdias, capitulo unico, 21.

(2) Leblois, op. cit. vol. 6.º liv. V, pag. 167.

nava ainda mais cruel e humilhante» (1). O Messias era o Redemptor dos opprimidos, o Salvador dos desgraçados. Não podiam esquecel-o. Devia ficar e ficou, de facto, radicalmente preso á sua Historia. (2)

Não era só o Redemptor. Instrumento politico da velha herança de odios que iam recebendo e transmittindo, era o reformador que vinha fazer da sociedade de seu tempo uma sociedade nova, capaz de comprehender a nova moral. Ainda. Vinha accender o facho da vingança e punir nos descendentes os conquistadores que haviam levantado mão profana contra o Tabernaculo. Representava a punição de todasas oppressões e o julgamento dos crimes que haviam afogado em sangue a patria de Israel.

Nestas condições, era natural que diversos Messias apparecessem. Houve muitos com esse caracter revolucionario, muitos tiveram esse nome pela naturesa das funcções que exerciam, muitos o receberam pela protecção que dispensaram áquella raça.

Messias vem do hebraico *Messiah (Maschiah)* que quer dizer *Ungido*, ou *Sagrado*. Do mesmo vocabulo nos veiu Christo, por intermedio dos gregos, significando a mesma coisa (3). Os judeus deram esse qualificativo aos padres, aos prophetas e a todo o povo de Deus. Muitas vezes o deram aos reis—a Cyro, entre outros (4). Deram-no á chamma da fogueira dos sacrificios. (5)

E' visivel a evolução por que passou o termo. A principio, era um simples qualificativo. Quem quer que recebesse a unção dos oleos sagrados, tornava-se Messias, isto é, estava ungido. (6)

A unção importava, somente, em uma prova de estima e respeito.

Seu uso, depois, se restringiu. Só era praticado na consagração dos sacerdotes, dos prophetas, dos reis, dos lugares destinados ao culto do Senhor: o ungido era um homem a quem se conferia ûa missão especial. ou um objecto a que se destinava um fim superior (7). Jacob ungiu, na Mesopotamia, a pedra em que repoisava a cabeça ao ter a visão da escada dos anjos. Aarão e seus descendentes receberam a unção do sacerdocio, Saul e Salomão foram ungidos.

Desde o tempo de Jacob, entretanto, havia nas tradicções a promessa de um *Ungido*, de *Alguem* destinado a pôr fim aos infor-

---

(1) Veron. op. cit. pag. 47.

(2) Huxley, op. cit., pag. 363. Renau. *Les évangiles*, pags. 521 e segs. Hurtmann. *La religion de l'avenir*, pags. 69 e segus. Raoul de la Grasserie. *Psych*. cit. pag. 124. Vacherot. op. cit. pag. 91 e segs.

(3) Vacherot, op. cit., pag. 94. Abbade Bergier, Dic. de Theologie (1854) V. *Messie*.

(4) Isaias, XLV, 1.

(5) Veron, op. cit. pag. 45.

(6) Leblois. op. cit. vol. 7.º, liv. 6.º, pag. 48.

(7) Bergier, op. cit. v. *onction*.

tunios dos judeus. Devia cumprir a missão divina de redimil-os. Todas as prophecias o annunciavam, marcando a epoca de sua vinda. Jacob marcou-a para quando o sceptro não estivesse, mais, nas mãos de Judá; Aggeu (1) e Malaquias (2), para depois da reconstrucção do Templo; Daniel (3), para depois do desapparecimento da terceira monarchia. E, muitos, repito, vieram—entre elles Cyro. «Eis o que digo a Cyro, clama o propheta: (4) «Tú és o pastor do meu rebanho, e tú cumprirás, em tudo, a minha vontade. O que digo a Jerusalém:» Tú serás edificada.» E, no capitulo seguinte: «E eis aqui o que diz o Senhor a Cyro meu Christo, a quem eu tomei pela dextra, para lhe sujeitar ante a sua face as gentes e fazer voltar costas aos Reis e abrir diante delle as portas e estas mesmas portas não se fecharão. (5) Muitos vieram, sahindo do povo, transfigurando-se: em a missão prophetica, annunciando a approximação do dia supremo, pregando a revolução. E os povos dominadores não os perdiam de vista, antes os cercavam de activa vigilancia —para os exterminar quando podiam tornar-se perigosos.

A onda avassaladora da civilisação greco-romana invadindo a Asia, envolvendo a terra Santa, subia contra Jerusalém. A Syria espreitava-a. Antiochio Epiphaneo levantou contra ella armas victoriosas: foi no Oriente uma das phases de maior expansão dos Redemptores.

Não foi a maior. A maior só pôde ser observada nos ultimos annos que precederam e nos primeiros que seguiram a nossa era. Os romanos tinham se alojado, definitivamente, na Terra Santa. Jerusalém, que era governada por um ethnarca, foi reunida á Samaria e á Idumeia. Vem uma serie de procuradores romanos, que trabalham incessantemente, por abafar os derradeiros impulsos de revolta da raça vencida. A Galiléa era uma fornalha violenta, (6) onde ardiam as furias e os odios concentrados de um povo que se humilhava, quando, dentro das nevoas das tradições, percebia um mundo que era seu. A revolta gerou a loucura. O delirio da morte dominou as multidões.

Era o despreso da vida que fornecia elementos para que não houvesse claros nas fileiras dos agitadores. Qual se dizia o verdadeiro Christo, o Enviado, o Salvador. E do desespero de veros sacrificados, sem que o Senhor viesse em seu soccorro, foi que nasceu a idéa de um Messias divino, que devia julgar os impios, revolver a terra num cataclysma inesperado e erguer das ruinas,

---

(1) Aggeu. II, 7, 10.
(2) Malaquias. III 1 e 3.
(3) Daniel. II, 44, VII, 14 e segs.
(4) Isaias. XLIV, 28.
(5) XLV—1.º—
(6) Renam, *Vic de Jesus*, pag. 64.

florescente e maravilhoso, o reino de Israel. Fazia-os nascer, sobretudo,—porque era o povo quem lhes emprestava o seu caracter prophetico—a anciedade popular em seus ultimos extremos «Santas pessoas, entre as quaes a lenda cita um velho, Simeão, que, diz-se, andou com Jesus nos braços, Anna, filha de Phanuel, considerada prophetisa, passavam os dias em redor do Templo, jejuando, orando, para que aprouvesse a Deus não as retirar do mundo sem lhes ter mostrado a realisação das esperanças de Israel.» (1) Suppunha-se que o tempo de sua vinda havia chegado.

A analyse das tradições levara a essa convicção: o sceptro não estava, mais, na tribu de Judá (2); desapparecera a quarta monarchia (3); Josepho (4) se refere a uma passagem das Escripturas que diz que «nesse tempo um homem de seu paiz governaria a terra». Suetonio diz biographandc Vespasiano que era, nesse tempo, ûa «opinião constante que, por força do destino, conquistadores sahidos da Judéa seriam donos do mundo». Tacito faz a mesma affirmativa.

Foi assim, desse recanto esquecido do planeta—e, como veremos, do Egypto, no momento em que a civilisação greco-romana tinha os mais vivos esplendores, que emigrou, com os judeus, a crença no Messias. E não ficou esperança de ûa raça. Os judeus iam deixando-se penetrar. Tinham esquecido a lingua mãe. Fallavam o grego. Recebiam a influencia dos costumes encontrados—exercendo sobre elles não pequena influencia: foram os mensageiros das tradições messianicas em Roma, donde, nas asas de uma religião nova, deviam fazer a volta do mundo.

E o terreno estava largamente preparado para receber a semente da bôa nova. A cultura mental, o estudo da philosophia grega, haviam atacado os alicerces das crenças polytheistas. Jupiter, com a multidão de seus deuses, era um sol que se apagava na alma humana. O espirito, em sua expansão natural, tendia para uma religião monotheista. (5). E, tangido pelo que Renan denominou a inquietação religiosa, voltava-se todo para os cultos do oriente. (6)—quando se não revoltava insubmisso contra o jugo das divindades, o que, ás vezes, e não raro, acontecia.

Proeurava-se nesses cultos ûa moral que viesse trazer, ao imperio, freios para os seus desregramentos. Não fôra encontrada na philosophia (7). Annunciavam-na os judeus, pregando

---

(1) Renan. *Vie de Jeeus*, pags. 18 e 19.
(2) Genese. XLIX, 8 e segs.
(3) Daniel. II, 44; VII, 14 e segs.
(4) *Histoire de la guerre des Juifs*, cit. em Bergier, V. *Messie*.
(5) Stuart Mill. op. cit. pag. 24.
(6) Renan. *Le saspotres*, pag. 342.
(7) Renan. *Marc Aurele*, pags. 561 e segs.

o amor dos homens, o odio ás riquezas, o respeito á autoridade, vaticinando, para breve, a vinda do Homem—Deus nas nuvens, afim de inaugurar o seu Reino. Procurava-se nesses cultos uma religião que correspondesse melhor ás necessidades do seculo (1).

O polytheismo estava reduzido a uma idolatria torpe, desacreditada, apesar da protecção que lhe concedia o governo. Procurava-se um remedio para a dupla vertigem que dominava o povo, a do vicio e a dos mysterios: (2) encontraram-no em a doutrina dessa vida de pureza, que era necessario levar a fim de alcançar o reino de Deus. E basta abrir os Evangelhos para observar que está ahi o segredo da facil expansão da Bôa Nova entre os povos mediterraneos. A principiar pelo titulo dos mesmos.

Evangelho vem do grego, significa Bôa Nova. Os judeus pregavam-n'a, annunciando o fim do mundo e o começo de ûa outra era. «Fazei penitencia, porque está proximo o reino dos Ceus.» (3) «E então apparecerá no Ceu o signal do Filho do Homem: e então todos os povos da terra chorarão e verão o filho do Homem que virá sobre as nuvens do Ceu com grande poder e magestade.» (4) «Assim, quando virdes tudo isto, sabei que está perto, ás portas. Na verdade vos digo que não passará esta geração sem que se cumpram todas estas coisas». (5)

Estava proximo, diziam todos os evangelistas: (6) dos que os ouviam, muitos não haviam de morrer antes de seu advento. «Enviará o filho do Homem os seus Anjos, gritam os evangelistas e tirarão do seu Reino todos os escandalos e os que obram a iniquidade; e lançal-os-ão na fornalha de fogo. Ali será o choro e o ranger com os dentes. Então resplandecerão os justos, como o sol, no Reino de seu Deus. (7)

Era a mesma linguagem do delirio prophetico ao tempo do captiveiro. Uma poesia phantastica, de visões tremendas, de medonhos castigos, de vinganças inplacaveis, que tanto podiam cahir sobre um povo, aniquilando-o, como sobre ûa arvore, fecrindo-a de maldição eterna. Úa ameaça de morte pairava sobre os gentios. A condemnação á esterilidade cahiu sobre a figueira. E profundos e perturbadores deviam ser os sentimentos despertados na alma greco-romana, conturbada pelas incertezas de

---

(1) Renan. *Marc Aurele*, pags. 564.
(2) Lange. *Hist. du materialisme* vol. 1.º pag. 157.
(3) Matheus, III, 2; Marcos, I, 15; Lucas, III, 9, 16, 17.
(4) Matheus. XXIV. 30. Apoc. I, 7.
(5) Matheus. XXIV—33 e 34.
(6) Matheus. XXIII. 36. Marcos. I, 15, VIII, 38 e 39; XIII, 31; Lucas. IX, 27.
(7) Matheus. XIII, 41, 42, 43.

sua epoca. Um mundo novo. Novos Deuses que lhe servissem á aspiração de um culto original.

E «quando pelo progresso dos costumes chega um povo a valer mais que seus Deuses, sua religião vai desapparecer. (1) Mais. Não era só o enfraquecimento dos elos da religião antiga que favorecia a expansão da nova. Era o espirito de tolerancia; —todos os Deuses, nacionaes e estrangeiros, tinham o mesmo agasalho no Pantheon. E esta circumstancia não foi a que menos favoreceu a propagação do messianismo, apesar de entrarem, logo, os judeus, com a sua intolerancia feroz, em lucta com os mythos e lendas deparados.

Dessa lucta, do contacto das novas idéas com as existentes, da absorpção de seus ritos e lendas, devia nascer a religião de Christo—amalgama de messianismo, de ritos solares, de doutrina platonica. Os recem-vindos, da Judéa, ou de Alexandria, traziam um cerimonial imponente: festas do fogo como praticavam e como haviam apprendido em Babylonia, do ritual persa; sacrificios impressionantes, evovações terriveis, preces mysteriosas cheias de palavras desconhecidas e de interjeições que deviam propiciar o seu Deus sanguinario. Encontravam cultos da terra, dos astros, do fogo. Um delles, sobretudo, preponderando: o culto de Mithra, que foi o que mais resistencia offereceu contra a invasão das crenças messianicas.

Era um contacto perigoso para o judaismo. As religiões soffrem, como o direito e a linguagem, influencias de meio e de tempo. Na migração dos mythos, elles se alteram como se alteram os vocabulos. O christianismo e o budhismo fraccionados em dezenas de seitas, provam que é ûa utopia a idéa de uma religião universal. Aquelle contacto; a influencia das idéas; a cultura philosophica; o idéal moral da epoca; o surto da alma greco-romana para um Deus abstracto, sahido de suas criações anthropomorphicas, tudo devia influenciar e influenciou a expansão da seita recem-trazida. Na lucta pela adaptação a doutrina dos therapeutas, em parte contida nos sonhos messianicos, soffreu sensiveis modificações. Não podendo, afinal, resistir integral, amalgamou-se com a doutrina corrente, o culto solar de Mithra—ao lado do qual estava condemnado a viver por mais de um seculo.

Já vimos que Messias, em hebraico, deu Christo na versão grega-lingua que fallavam, por esse tempo, os judeus espalhados nas praias do Mediterraneo. De messianismo nasceu christianismo. O Christo, o homem Deus, trazido num leito de nuvens —é o fogo do ceu emanado do sol, que é o Senhor, o Deus Pai, eterno e omnipotente. E a lenda de Christo feito homem, mor-

---

(1) Brothier, op. cit. pag. 61.

rendo num madeiro, é uma consequencia natural do estado do espirito humano que, então não transpuzera, ainda, as fronteiras das criações anthropomorphicas. Jesus é, pois um mytho como Agni, Osires, Apollo e Jupiter.

Abdias Neves

(Da «Psychologia do Christianismo.»)

O RIACHO

Colleando, a se estorcer, entre flores e arbustos,
Curvas circunscrevendo e rectas delineando,
Desce na dôce paz sonhadora dos justos,
A canção do prazer no seu bôjo levando.

A' noite, á luz do luar, brancos corpos venustos
Passam nagua á boiar qual naiades em bando,
Emquanto o riacho desce aos olhares vetustos
Da ingazeira que vive as margens lhe ensombrando.

Jamais alguem o vio estrellado de magoas;
Pois se é lindo cantando aos osculos do inverno,
E' mais lindo ao verão o chrystal das suas aguas.

E' gosto vel-o assim nesta incessante lida,
Desenhando o perfil estravagante e eterno
Da inconstancia—que é todo o symbolo da vida!

Lucidio Freitas

VIA DOLOROSA

Foi por aqui, por estes verdes campos,
Recortados de fontes crystalinas,
Que, illuminado pelos pyrilampos
E machucando rosas e boninas,

Entrei cantando como os passarinhos
Pela vida, repleto de esperanças,
Ouvindo o dôce chilrear dos ninhos
E a garrulice doida das creanças . . .

Nesse tempo, aos meus olhos parecia,
Tal era a luz que então me acompanhava,
Que nunca mais a Treva surgiria
E a Noite em Dia claro se tornava.

. . . O Sol doirando os Montes e a Floresta,
Que negra e immensa se fechava além,
Derramava por tudo um tom de festa,
Uma infinita sensação de Bem.

E a Lua quando vinha magestosa
Cheia de pompa, no seu dôce brilho,
Tinha aquella ternura carinhosa
De mãe amiga acalentando um filho.

Quando pelos caminhos eu passava,
Serenamente, sem temor, tranquillo,
A Natureza toda me saudava
Como si eu fosse o Rei de tudo aquillo.

Sons alegres de flautas e guitarras,
Vinham d'entre as palmeiras e os rosaes,
Misturando-se aos cantos das cigarras
E ao gorgeio das aves nos ramaes.

Era um Rei!.. Nada havia que eu pedisse
Que me não dessem logo com bondade.
Tinha o conselho amigo da Velhice
E os applausos de toda a Mocidade.

Mas, como tudo tem de ser mudado,
Que a Natureza é sempre caprichosa,
De repente me vi abandonado
No seio de uma Noite tenebrosa.

Noite feita de grandes pesadêllos,
Negra, cheia de espinhos e barrancos,
Tão cruel que tornou os meus cabêllos
Negros outr'ora, quasi todos brancos.

Foi tacteando e morto de cansaço,
Cego de dôr, que retornei, sosinho...
Já não havia o luminoso traço
De vida e festa pelo meu caminho.

As minhas illusões espavoridas
Fugiam para longe... as infieis!
Galhos fôfos e folhas reséquidas
Estalavam debaixo dos meus pés.

Chego afinal. Mas, que? já ninguem olha
O Rei que passa fatigado e só?
Cuidam que quando a planta se desfolha
Nunca mais dará flores, fez-se pó?

Ninguem ria d'alheias desventuras,
Vejam bem como fui e como vim,
O Riso e as mais terriveis Amarguras
Como tudo no Mundo tem seu fim.

A vida é grande vella que se enfuna,
Ao vento bom ou máo que perto passa,
Ora, levada á busca da Fortuna,
Ora, tangida ao porto da Desgraça.
. . . . . .

Foi cantando que entrei por estes campos,
Recortados de fontes crystalinas,
Illuminado pelos pyrilampos
E machucando rosas e boninas. . .

Foi tacteando e morto de cansaço.
Cego de dôr, que retornei, sosinho. . .
Já não havia o luminoso traço
De vida e festa pelo meu caminho.
. . . . . .

THAUMATURGO VAZ

NA ALDEIA

N'esta vida de aldeia todo o chiste
E' sahir quando o Sol abre em papoulas
Os jardins do Levante e acorda as rôlas
Na matta umbrosa, taciturna e triste.

Põe um chapéo, o teu chapéo «touriste»,
As luvas. . . não é necessario pol-as,
Gentes tão simples que parecem tolas
Verás no campo como nunca viste.

Sigamos sempre do caminho a trilha,
Que a relva, o orvalho em lucida escumilha
Borda a capricho de humidos recamos. . .

Para abrigar-te morbida e alquebrada
Do sol, as grandes arvores da estrada
Abrem na altura o parasol dos ramos.

JONAS DA SILVA.

QUESTÕES PROCESSUAES

Temos entre mãos um exemplar da these com que o nosso talentoso patricio dr. Lucidio Freitas concorreu ao logar de lente substituto da setima secção da Faculdade Livre de Direito do Pará. Deu o joven e illustrado piauhyense ao seu excellente trabalho o titulo de *Questões Processuaes*, desenvolvendo ahi magistralmente dois pontos importantissimos de Theoria e Pratica de Processo Civil e Commercial—a *unificação das formas processuaes no direito brasileiro, e a simplificação dessas mesmas formas*. Faz em seguida um estudo comparaiivo, e, finalmente, trata do projecto de reforma processual daquelle Estado.

Não obstante o novel jurista dizer modestamente que o seu estudo «não é, nem o podia ser um trabalho original, sendo-o apenas uma compilação feita, methodicamente, dos grandes professores de direito entre nós e no estrangeiro», todavia quem quer que, dado ao estudo das sciencias juridicas, leia attentamente o livro do dr. Lucidio Freitas, nelle encontrará, além do estudo methodico e consciencioso a que elle se entregou e do espirito grandemente culto que revela, uma opinião firme e segura por elle exiernada com os mais solidos argumentos. Elle ahi não manifestou tão somente, como disse, «um espirito habituado á convivencia e á meditação dos mestres», mas tambem um cerebro possante, capaz de, mesmo na sciencia, produzir algo de original. Poeta, já o conheciamos, pelos seus surtos alterosos, como um dos mais scintillantes. Jurista, mostra-nos agora o seu valor incontestavel, e, como tal saberá honrar a cadeira que dignamente disputa, com a grande competencia dos mestres na sciencia de Gaio.

Com os poucos conhecimentos de que dispomos no assumpto, fallece-nos autoridade para fazermos a critica da these do talentoso patricio, e não fôra o amor á profissão que abraçamos e que nos leva a interessarmo-nos pelas publicações desse genero, certo não occupar-nos-iamos do livro, que, devido a um gesto fidalgo e captivante do autor, cahiu-nos sob as vistas.

A leitura das *Questões processuaes* fez-nos, portanto, duplicar de admiração e sympathia por Lucidio Freitas, o esperançoso e

infatigavel piauhyense, que é bem uma legitima gloria desta terra, que elle verdadeiramente ama, e cujo nome tem sempre procurado elevar no mundo das letras.

Lucidio Freitas, na primeira parte do seu interessante livro —unificação das formas processuaes—, transcrevendo opiniões dos mais abalisados e doutos jurisconsultos brasileiros, não se arreceia de combater argumentos de José Hygino, Amphilophio, João Monteiro, Ruy Barbosa, Levindo Ferreira Lopes, João Mendes e outros fervorosos adeptos dessa unificação, que o novel jurista considera uma idéa absurda e anti-juridica. Apoiado em outros jurisconsultos de igual renome, com os eminentes Pedro Lessa, Carvalho de Mendonça, João Barbalho e Clovis Bevilaqua á frente, o talentoso e joven piauhyense sustenta ardorosa e proficientemente idéas contrarias, bate-se pela dualidade de formas processuaes, demonstra que cada Estado deve ter uma organisação processual propria, que consulte ás suas respectivas necessidades, que obedeça ás condições de existencia proprias de cada um delles pelo clima, pela industria dominante, pela variedade dos costumes, pelas relações de familias, pela differenciação que se observa até mesmo na lingua e no proprio typo physico, que, «sem deixarem de ser fundamentalmente identicos, tomam caracter especial em cada um dos Estados brazileiros». E na exposição methodica e bem deduzida das idéas que defende, conclúe Lucidio Freitas:

> «Si nos fosse permittido, em alturas taes, uma comparação, não vacilariamos um momento em escrever:—as sociedades são como certas machinas. Estas movem-se com um mesmo combustivel. O que é preciso, porém, é que se o applique por differentes processos, por formas diversas pois que umas requerem n'o em maior quantidade, outras em menor- Não havendo a justa proporção, ha a explosão, o em. perramento, o desequilibrio. Assim tambem as sociedades: todas precisam do amparo sagrado das leis para viver. Umas, porém, requerem-n'o com mais pressa, mais freima, mais alvoroço; outras com mais lentidão, com mais vagarosidade, conforme o choque de interesses que as impulsionam, a sua topographia, os seus meios de communicação, as suas forças economicas, as suas ligações individuaes,a sua maior ou menor cultura, as suas energias vitaes. Todas chegam ao mesmo fim, caminham para a mesma direcção, têm o mesmo alvo que é o augmento da riqueza, augmento de civilisação. O que differe é o modo de andar, de desenvolver a sua acção. Nada permanece

parado. Tudo caminha, transforma-se. E' a lei universal «*a que estão sujeitas todas os existencias sensiveis, quer individualmente, quer em seu conjuncto*».

Somos tambem partidarios da dualidade de leis processuaes, tanto mais porque a nossa já longa experiencia crêa nos a convicção de que o Congresso Nacional parece legislar somente para o Districto Federal e para os Estados do Sul, sem attender ás condições especiaes dos pequenos e esquecidos Estados do Norte! Pensamos, por nossa vez, que a unificação das formas processuaes seria *um meio de coagir os Estados*, seria *um recúo*, como bem se expressou o dr. Lucidio, seria cercear o regimen federativo estatuído pelo nosso Pacto Fundamental de 24 de fevereiro de 1890. Essa dualidade pois, é que se coaduna com a nossa actual forma de governo. Mas, na pratica, quantas vezes, temos tido occasião de maldizel-a?! A's vezas chegamos a condemnar essa dualidade, que tão bella nos parece, e que effectivamente o é, conforme vemos das brilhantissimas paginas de Pedro Lessa, Carvalho de Mendonça e até de Luiz Cavalcanti, que, já em 1836, na Camara dos Deputados, por ella se batia, paginas que, tão a proposito, foram recordadas e transcriptas pelo dr. Lucidio Freitas, no formoso livro que ora apreciamos.

E' que temos visto frequentemente alguns Estados *exorbitarem*, mostrando assim que não são infundados os receios daquelles que defendem a unificação das formas processuaes.

Mais de uma vez, mesmo entre nós, têm sido feridos os mais sagrados direitos dos cidadãos, da magistratura principalmente! Quantas vezes, em verdade, não têm os processos ficado sem garantias, entregues á prepotencia, ao desvario, á insania, ás paixões dos governos estaduaes, de que nos dá noticia o livro de Lucidio Freitas, máo grado a claresa do preceito constitucional?! Leis são votadas e promulgadas num anno, emquanto se acautelam pequenos interesses individuaes, para serem revogadas no anno seguinte, quando já não existem os mesmos interesses!

Os direitos da collectividade têm sido postos á mercê de grupelhos politicos, que encaram de preferencia as suas conveniencias occasionaes. Alguns Estados, determinadamente o Maranhão, têm reformado uma, duas e mais vezes as respectivas Constituições, tendo em vista somente o bem-estar dos dominadores do dia!

Felizmente, a epoca das maiores vexações tem passado, e, particularmente para as magistraturas locaes, começa a surgir uma phase mais confortavel, mais respeitadora dos seus direitos, mais garantidora das suas prerogativas. Melhor tem sido observado nestes ultimos tempos o preceito constitucional que põe

o magistrado a salvo das perseguições do legislativo e executivo dos Estados. E' assim que o douto Pedro Lessa, tantas vezes citado pelo autor das *Questões Processuaes*, escreveu na sua monumental e soberba obra—Do Poder Judiciario—, pag. 7, que «quanto aos perigos a que se suppõe exposta a independencia das magistraturas locaes, na Constituição Federal, tal como tem sido invariavelmente applicada *nos ultimos tempos* (1) pelo Supremo Tribunal Federal, temos um efficaz antidoto, uma garantia *quase completa* (2). E depois de citar o Mestre o art. 65 da Constituição, accrescenta: no art. 57, estabelecendo normas fundamentaes acerca do poder judiciario, prescreveu o legislador constituinte a vitaliciedade dos juizes e a irreductibilidade dos seus vencimentos. Vendo neste ultimo artigo um dos principios constitucionaes indispensaveis ao bom funccionamento do poder judiciario, e que o art. 63 impõe á observancia dos Estados a jurisprudencia do Supremo Tribunal Federal tem equiparado perfeitamente, sob este aspecto, as duas magistraturas».

Ainda bem. Expurgado o regimen dessa *exorbitancia* dos governos dos Estados, que tanto pavor causa aos adeptos da unificação; dadas aos juizes locaes todas as garantias necessarias á sua independencia; condemnados, ao menos pela opinião publica, os governos despoticos; a bellesa do regimen federativo surgirá em toda a sua plenitude, em todo o seu explendor, com a dualidade do processo e da magistratura, que são indubitavelmente da sua essencia. Sem esses caracteristicos, a federação seria incompleta, como acertadamente diz Carvalho de Mendonça.

* * *

Passando á segundo parte do seu livro—simplificação das formas processuaes—, esclarece precisamente o dr. Lucidio Freitas o seu pensamento, para concluir que essa simplificação impõe-se com mais força no actual momento da nossa civilisação.

E para que tal possamos conseguir, prega elle a necessidade de uma reforma, não *como copia servil e achrona de outras legislações, nem precipitada, nem apoiada nas necessidades e interesses collectivos, mas uma reforma inspirada em nós mesmos, apenas influenciada, e ao de leve, pelas lições mais sabias e seguras de outros povos mais cultos e mais praticos.* Quer emfim que essa reforma seja o substratum das nossas aspirações, que se ajuste aos nossos interesses, que defina, com justeza, o que precisamos, sendo o resultado mais positivo de tudo quanto a experiencia diaria nos tem ensinado nesse mistèr difficil de applicar o direito».

---

(1) O gripho é nosso.
(2) O gripho é nosso.

E recorrendo às lições dos mestres, e recordando os exemplos de outros povos cultos, conclue o moço jurista que precisamos ter leis proprias, tendentes a simplificar o processo. Condemna, como um experimentado nas lides forenses os prazos longos, demorados, as marchas e contra-marchas excessivas, que servem apenas para embaraçar e tornar cada vez mais morosa e mais dispendiosa a acção da justiça.

Passando em revista toda a nossa historia processual, desde a epoca da nossa independencia politica, mostra-nos pacientemente o joven patricio que, em todos os tempos, os praxistas brasileiros sentiram a necessidade de uma simplificação nas nossas formas processuaes, ao mesmo tempo que ao governo do Imperio veiu sempre preoccupando a idèa de melhoral-as. Assim é que transcreveu disposições do antigo Codigo Philippino, da Constituição Imperial, da Lei de 29 de novembro de 1832, da de 3 de dezembro de 1841, dos decrs. de 15 de março de 1842 e de 25 de junho de 1852, confrontou-as, referiu-se aos seus commentadores, comparou aquellas leis brasileiras com os codigos de outras nações, para provar-nos que diversas intenções simplificadoras das formas processuaes já se vinham manifestando no espirito dos nossos praxistas e dos nossos legisladores, até que foi mandado regular o nosso processo civil e commercial pelo dec. n. 737, de 25 de novembrc de 1850, que lhes trouxe simplificações importantes.

Citando uma a uma as melhoras introduzidas no nosso mechanismo processual por esse Reg. n. 737, o dr. Lucidio Freitas qualifica-o de *obra quasi unica na nossa vida juridica*, acrescentando que nenhuma outra subiu mais alto, nem penetrou mais fundo; e que, si com ligeiros retoques adaptou-se elle ás nossas necessidades de hontem, com outros retoques ajustar-se á, como uma luva, ás nossas necessidades presentes.

Effectivamente, é tal o valor desse trabalho juridico, que é o Reg. 737, tão conhecido por quantos morejam pelo fôro, que nenhuma outra lei brasileira levou-lhe ainda vantagem nos elogios dos nossos maiores jurisconsultos.

E continúa ainda o dr. Lucidio o seu estudo nessa segunda parte da sua these, indicando outras simplificações que ainda foram posteriormente introduzidas na vida processual brasileira pela lei n. 2033 de 20 de setembro de 1871, pelo Dec. n. 5467, de 12 de novembro de 1873, pela lei n. 3272 de 5 de outubro de 1885 e pelo Dec. 9549 de 23 de janeiro de 1886.

Como se vê, nada escapou, nesse particular, ao espirito arguto e investigador do talentoso piauhyense.

Estudando em seguida as leis processuaes do Brasil republicano, o dr. Lucidio, para provar que a mesma idéa da simpli-

ficação das formulas do processo, predominou no espirito dos homens do novo regimen, lembra que o Governo Provisorio, por Dec. n. 736 de 19 de setembro de 1890, mandou observar no processo das causas civeis em geral o cit. Reg. n. 737 de 1850, com algumas excepções e providencias, e mostra que nos Estados as reformas fizeram-se rapidamente, procurando cada um delles executar um codigo conveniente a si mesmo. Evita então as diversas modificações introduzidas, nos respectivos Estados, pelos codigos processuaes do Maranhão, da Bahia, do Rio Grande do Sul, do Pará, do Districto Federal; faz um confronto entre elles, e entre cada um e o antigo Reg. 737, já tantas vezes citado; traça lhes a differença, embora sigam todos a mesma orientação, e detem-se no estudo do regulamento processual paráense, que o illustre jurista diz ter sido feito calma e sensatamente, de modo a procurar esclarecer certos pontos do cit. Reg. 737, do qual se distanciou, impondo normas por demais aproveitaveis e convenientes. Mas, não obstante as melhoras introduzidas em materia processual no rico Estado do Norte, onde o talentoso piauhyense vem brilhantemente desenvolvendo a sua actividade, accrescenta que o que ali se tem feito, nesse assumpto, não é ainda bastante, mesmo no actual momento da nossa civilisação. E insiste pela necessidade de uma reforma, ainda mais sensata e pacientemente estudada, e expurgada de algumas inutilidades que ainda se encontram naquella organisação processual.

Não será fóra de proposito que façamos tambem uma ligeira referencia á vida processual no Pianhy, que quasi nada tem melhorado nessa materia, em comparação com outros Estados da Republica. Não temos ainda um codigo do processo civil e commercial, si bem que a idéa já tenha sido suscitada entre nós. Na marcha das acções dessa natureza, ainda observamos o Reg. n. 737, de 1850, felizmente obra de elevado valor, muito senso juridico e accentuado criterio, que bem merece ser seguida, mas com as modificações que as nossas condições especiaes estão a reclamar.

A justiça deste Estado foi organisada pelo dec. n. 27 de 18 de julho de 1892, o qual no seu art. 119, estabelecia:—«Nos processos das causas civeis, em geral, deve-se observar o dec. n. 763, de 19 de setembro de 1890, explicado pelo aviso circular de 30 do mesmo mez e anno, com as excepções nelle estabelecidas e outras consignadas nesta lei».

O dec. federal, n. 763, mandado observar pela disposição supra, è o que manda applicar ao processo das causas civeis em geral o Reg. n. 737, de 25 de novembro de 1850.

Aquelle dec. piauhyense n. 27 de 1892 foi revogado pela lei n. 652 de 25 de julho de 1911—sobre a reforma judiciaria do Es-

tado—. Mas ainda esta lei conserva no § 1º do art. 246 a mesma disposição já consagrada pelo dec. anterior, isto é, mandando observar nos processos das causas civeis, em geral, o dec. federal n. 763, de 1890, que por sua vez, manda applicar ás referidas causas o Reg. 737 de 1850.

Como se vê, permanecemos, no que concerne ás formas processuaes, presos às mesmas regras, atados aos mesmos principios que já vigoravam no regimen passado.

Emquanto por um lado isso acontece, por outro tem se tornado nos ultimos annos, uma das preoccupações do legislativo piauhyense—votar leis, que são immediatamente sanccionadas pelo poder executivo, umas alterando, outras modificando o processo das suspeições oppostas aos desembargadores! Assim é que encontramos, nesse sentido, no corpo das nossas leis, a de n. 741 de 21 de junho de 1913; a de n. 794 de 27 de junho de 1914, e a de n. 854, de 15 de julho de 1916. Possuimos tambem uma lei —a de n. 742, de 21 de julho de 1913—regulando o processo a seguir nas acções de nullidades de actos do poder executivo. Mas, essa mesma, tratando de uma acção especial, quasi nada adianta, pois, dispõe no § unico do art. 7º.—«Esgotado o prazo para a contestação, seguir-se-á a marcha estabelecida nos arts. 183 a 188 do dec. federal n. 848, de 11 de outubro de 1890». Esse dec. é o que organisa a justiça federal, e a disposição do art. 183, que aquella lei piauhyense manda observar, não se harmonisa com a marcha da acção por esta estatuida.

Outra iei defeituosa que se encontra em o nosso apparelho judiciario é a de n. 767, de 15 de julho de 1913, sobre a reunião extraordinaria dos desembargadores em cada anno para elegerem o Presidente do Tribunal. Será eleito na conformidade dessa lei, o que conseguir *maioria absoluta* de votos. Tal exigencia ainda foi mantida em lei posterior, já citada (Lei nº 854 de 15 de julho de 1916), e tem dado em resultado a frequente anomalia de ficar sem presidente o Tribunal de Justiça do Estado, servindo no cargo eventualmente o desembargador mais velho!

Temos ainda a lei nº 968 de 15 de julho de 1913, sobre responsabilidade e processo dos membros do Tribunal de Justiça; a de nº 815, de 10 de julho de 1914 sobre execuções de sentenças, e algumas outras referentes ás cousas da justiça, mas umas contendo inutilidades, outras cheias de lacunas, todas emfim defeituosas, de maneira que fôra preferivel que os nossos legisladores nada houvessem feito ainda relativamente á vida judiciaria e processual do Estado. Em vez de simplificação de formas processuaes, que é a aspiração de todos os povos cultos, o que aqui vemos é a balburdia, a anarchia na nossa legislação, é a moro idade no organismo processual, é o excesso de despesas para as partes que no fôro pleiteiam os seus direitos, de maneira a

tornar a justiça entre nós accessivel somente aos abastados! Mas si no bojo e até nas caudas das leis orçamentarias figuram sempre impostos pesados pela propositura de cada acção, além do que pagam os advogados pelo exercicio da respectiva profissão! E os sellos de folhas de autos que foram elevados ultimamente, e as custas judiciarias que foram tambem augmentadas pela lei nº 914 de 6 de julho de 1917! De tal maneira, jamais poderemos conseguir simultaneamente os tres predicados principaes que, na phrase do grande jurista Paula de Lacerda, citado por Lucidio Freitas, á pag. 96, devem exornar e nobilitar a justiça: *rapidez, certeza e barateza*.

Adoptemos, pois, por nossa vez, o remedio efficaz que esse eminente mestre nos ensina para sanar os males do processo e do fôro: «a confecção de um Codigo, cujos dispositivos adaptem os actos e as formulas ás exigencias da vida contemporanea e ás necessidades do meio onde deve vigorar ao mesmo tempo e em harmonia, a remodelação da organisação judiciaria, dé maneira a aliviar a engrenagem forense, que afoga e entrava o direito, desmoralisa a Justiça e faz o desespero dos que se encontram na triste contingencia de recorrer aos tribunaes para reintegrar ou assegurar um direito violado ou periclitante, e ao mesmo tempo faz as delicias da chicana e acoita a deshonestidade.»

Bem podemos no Codigo do processo civil e commercial do Maranhão, confeccionado pelo conhecido jurista dr. Godofredo Vianna, e no livro que ora nos offerece o dr. Lucidio Freitas, para o qual transcreveu judiciosas observações de varios illustres juristas beber inspirações, aproveitando aquellas que se possam adaptar ao nosso meio e ás nossas condições quando por ventura se tratar da confecção do nosso Codigo, trabalho que deve ser precedido de um estudo acurado, paciente e reflectido.

O dr. Lucidio Freitas, analysando proficientemente as observações de Paula de Lacerda, Clovis Bevilaqua, Augusto Vaz e outros, os Codigos de diversos Estados brazileiros, e mesmo os de outros Paizes, indica na ultima parte do seu livro tudo quanto, no seu modo de entender, deva e possa ser aproveitado, ampliado, seguido e cortado na reforma processual em que actualmente se trabalha no Pará. E' a parte mais importante da sua these. E' ahi que elle se revela um profundo conhecedor da materia processual que parece não ter segredos para elle.

Em uma palavra, o nosso joven patricio, do começo ao fim das suas «*Questões processuaes*», desenvolve-se com a proficiencia dos mestres.

Estudando e confrontando os diversos processualistas patrios e estrangeiros, antigos e modernos; investigando o processo, a acção, a lei, desde a sua origem no Direito Romano; acompanhando a sua evolução através de diversos povos, até os

nossos dias, dá-nos o dr. Lucidio uma prova inconcussa do elevado grau da sua cultura juridica, e um attestado bem nitido da sua invejavel capacidade de trabalho, que certamente dar-lhe-ão direito á cadeira que vantajosamente disputa no acreditado instituto juridico da grande Amazonia.

De par com o nosso sincero reconhecimento pela nimia gentileza que teve para comnosco, enviamos ao talentoso piauhyense os nossos effusivos parabens por mais esse bello triumpho, e os nossos melhores votos para que receba o merecido premio do seu esforço intellectual.

Theresina, 20 março 1919.

Fenelon C. Branco

Contraste

Ao J. Maranhão

Sei que ardente paixão teu peito aquece
e que a ti tambem quer um peito amigo,
um peito em que teu peito encontra abrigo,
um peito de mulher, que não te esquece.

Assim, teu coração nunca padece,
vive tu'alma e vive o amor comtigo;
fôlgas tranquillo, emquanto que commigo
justamente o contrario é que acontece.

Porque tenho vivido sempre amando,
soffredor, jamais pude gosar calma,
a vida sempre assim atravessando;

atraz de mim, por onde vou passando
vão ficando pedaços de minh'alma,
do coração pedaços vão ficando.

Lauro Pinheiro

LAUDAS INEDITAS DO LIVRO «PANDORA»

ORGULHO DE FAUNO

Nympha não ha, talvez, nesta ribeira,
Que pudesse fugir ao meu desejo
E ao contacto lascivo do meu beijo
Ao meu amor não se entregasse inteira.

Mal as via no bosque, de carreira,
Persegui-as veloz, buscando o ensejo
Em que o seu medo se mudasse em pejo
Com a posse ambicionada e passageira.

Ia encontral-as, cheias de receios,
Entre o liber das arvores umbrosas,
Para os dois bicos lhes morder dos seios.

Nuas, virgens, sadias e formosas,
Tive-as todas, em lubricos enleios,
Em leitos de folhagens e de rosas . . .

MATER VENERANDA

Por ti que o ser me déste, eu vivo apenas,
Vivo junto de ti, mesmo sosinho,
Sem as caricias mansas e serenas
E a ventura materna do teu ninho,

Em extremos de affecto e de carinho,
Com a essencia de dôr das minhas penas

Vou regando a aridez do teu caminho
Para que brotem lyrios e açucenas . . .

Sabem do meu amor os que em ti pensam;
Mas não sabem que na alma que me deste
Nossas almas em uma se condensam.

Corpo humano de espirito celeste,
Eu tudo soffro pela tua bençam!
—E' assim que eu pago o mal que me fizeste.

PALIMPSESTO

Si a vida sóe ser isto e se resume
Nestes cuidados varios e constantes,
Que mais se aggravam quanto mais distantes
Estamos nós do bem que se presume;

Si tudo sobre a terra se consume,
Embora torne a ser o que era d'antes;
E a vida não é mais que vãos instantes
Que se extinguem n'um ai, ou num queixume;

Si é tudo, emfim, esta enganosa lida
De incertos dias à mercê da sorte
Que a naturesa leva de vencida;

Só logra ser feliz, e sabio, e forte,
O que allia ás doçuras desta vida
A crença de ainda ser além da morte.

Da Costa e Silva.

LILI

I

—Ah, meu senhor! Isso de filhos... Só Deus sabe o trabalho que dão!...

As meninas nem por isso, coitadinhas! Sempre tive um bando d'ellas e nada posso dizer; mas olhe que os rapazes, principalmente o Lili... Ah, o Lili me fez *torcer a orelha sem deitar sangue!* Póde crêr!

Noites e noites sem dormir... Ah, se eu fosse contar tudo o que passei!...

Não vê como estou com a cabeça toda branca?!... Aquelle Lili! Quando me lembro!...

Por alli em volta não havia outro.

Bom coração, generoso, muito devoto da Virgem, amigo do seu amigo... Mas já vi cabra valente e cachaceiro!

Era um pedaço de homem destorcido, reforçado, espadaúdo, mais alto que baixo, mas de uma agilidade! Só se vendo!

Cabra que mesmo por caçoada lhe tocasse ao menos de leve, quando cuidava em si, estava estrepado na ponta da faca.

Quem era doido para lhe dizer um desafôro?

Samba que penetrasse, ou arrelia que armasse... Parecia um *fim de mundo.*

Então quando *rebentava* na villa... Nem é bom se fallar nisso...

Fechava-se o tempo. Corria logo a noticia. Ah, porque o Lili fez isso ou fez aquillo... E o rôlo fervia... Tan-tan-tan!... Só se ouvia o cacête cantar e a cabroeira arrancar por cima das cercas... Não ficava ninguem.

Ponta de rua em que elle se *abarracasse*... Aquelle Lili!...

De uma feita, eu estava em casa muito *socegada de meu*, tecendo até uma rêde para a comadre Chiquinha, quando ouvi rosnar p'r'alli uma conversa soturna.

Disfarcei. Fiz que não prestava attenção mas fiquei logo de *orélha em pé, assumptando.*

E estive... estive... Uma coisa d'aquellas... Pois não vê!

Eram uns cabras que andavam de rixa com o Lili e estavam se preparando para dar-lhe *uma peitada* assim que elle apparecesse.

Só se ouvia o *zum-zum*. Ah, porque o Lili não bebe mais cachaça de Philomena! Ah, porque o Lili não dança mais em samba de Philomena! Qual! Aquelle mesmo! Duvido! Era só em se que fallava.

Mas p'ra que ouvi aquillo?!... Fiquei logo *num pé e n'outro*. Ah, quem tem filhos...

Corri a loja do compadre Vicente; conversei ainda com *seu* Lino e Deodato, e não descansei emquanto não sellei o cavallo e *me atirei* p'ra casa do Lili.

O sol ainda estava alto, mas nem dei por isso. Segui alli pela estrada real, adiante cortei no rumo da casa do Chico de Lima, destorci, ganhei o atalho rente com a serra e *me atirei*... Olhe, quem tem filhos... Um pé de vento ergueu-se do outro lado do riacho. Já vi! A arêa subia que nem nuvem. As folhas seccas rolaram...

O cavallo *arrancou* de um cupim; quasi cahi na porteira, mas ainda cheguei com *sol fora*, Deus louvado!

O Lili estava para dentro, mas assim que me viu acudiu logo:

—O que é isso, *siá* Rita? *vancé* por aqui a essas horas... E' novidade.

Não. Não é nada. O que *haverá* de ser, meu filho, vim te vêr.

—*Entonce* entre, *siá* Rita, e vá passar um cafesinho para nós.

Momentos depois, já elle cavalgava tranquillamente sua alva rêde de fustão, facão de um lado, o grande chapéu de palhas de carnahuba batido na frente, quando eu *fui me chegando*.

—Lili, meu filho, eu vim aqui te fazer um pedido e sò quero saber se *sou* satisfeita.

—Sendo possivel, o que é que *vancé* pede que eu não faça, *siá* Rita!

—Pois o que eu vim te pedir, até pelo leite que te dei, é que nunca mais ponhas os pés na Philomena. Já ouviste? Procura outros caminhos; o que te custa? Evita *adjuntos*. Olha que é passado isso... isso... isso... Contei tudo.

E eu vivo nessa afflicção, meu filho; Sò me parece que a qualquer hora tu acabas numa desgraça.

Pelas cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Christo! te peço até de joelhos, Lili; deixa a cachaça que é a tua perdição. E este facão... *Minha* Nossa Senhora da Conceição!

—*Siá* Rita! bradou elle como um trovão, saltando rapido da rêde e alçando num largo gesto arrogante o seu grande

chapéo de palhas de carnahuba, o homem que me tem de fazer mudar os caminhos ainda não nasceu!

E' preciso que seja gerada, nasça e cresça a mulher que por sua vez tambem o terá de gerar e dar a luz, já ouviu?

Sia Rita! um homem como eu não morre de desgraça! Não! Hei de morrer é alli, naquella cama, da molestia que Deus me der para ser sepultado acolá, no meu terreiro, porque assim o quer a Virgem Maria Santissima! disse apontando ao longe, certo ponto determinado no vasto pateo verdejante. *Largou* a passear agitado, á largas pernadas, pelo quarto. Depois, de repente, parando deante de mim: Tambem não deixarei minha cachaça e meu facão, *sia* Rita! concluiu desabridamente, num gesto brusco desembainhando e envolvendo carinhosamente num meigo olhar perquiridor a larga folha reluzente do *americano* afiado.

II

Voltei para casa entristecida.

O que eu *haverá* de fazer? *Minha* Nossa Senhora da Piedade!

Só Deus sabe os sustos que passei.

Quando as meninas presentindo-o mesmo ao longe, por um certo pigarro que elle tinha e o tornava muito conhecido, diziam alegremente:—lá vem Lili! o meu coração se fechava.

E mal elle saltava da sella, facão de um lado, o grande chapéu batido na frente, muito vivo, nos seus gestos decididos, eu corria logo:

—Lili, meu filho, pelo amor de Deus! Acaba ao menos com este pigarro! Pois não podes andar calado! Não tens medo de uma traição?

Ao que elle promptamente respondia:

—*Sia* Rita! Um homem como eu não se esconde!

Quando eu passar quero mesmo que todos saibam e digam: —lá vae Lili! concluia altivamente erguendo o braço num grande gesto de indicação.

E eu... O que eu *haverá* de fazer?

Lili, muito longe de se emmendar, cada vez se tornava mais arreliado.

Era raro o dia em que não apparecia na villa. E quando entrava, já se sabe! era *bebendo* por quantas bodégas encontrasse, e-depois, por qualquer *da cá aquella palha*...

Eu estava vendo a qualquer hora uma desgraça... E já não sabia o que fizesse.

Rezas... promessas... beberagens... tudo... Ai, tudo!... O que foi que eu não fiz?!...

Minha Virgem Maria Santissima! bradei a soluçar num dia das minhas maiores tribulações:

Se hei de ver o meu filho acabar desastradamente na ponta de uma faca ou n'outra semelhante infelicidade, prefiro que m'o tireis quanto antes pois que em semelhante conjectura terei até muito prazer em tratal-o e amortalhal-o com as minhas proprias mãos!

O meu filho!... Quando me lembro!...

Não se metteu muito tempo.

Um dia, ainda cêdo, eu estava muito entretida em certos arranjos caseiros quando o Lili mandou me pedir que chegasse até lá, pois que estava doente.

Fui as carreiras; e achei-o mal, muito mal. Mas não desanimei.

Plantei-me ao seu lado quantos dias, quantas noites... já não sei!... Coitadinho! Acabou como um passarinho em meus braços, alli mesmo, na sua cama.

Tratei-o e amortalhei-o com estas mãos e as minhas lagrimas... Ai, meu senhor! Aquelle filho... Lá está sepultado no seu terreiro, tal qual como elle proprio predisse.

III

Certa tarde, tempos depois, eu estava sellando uma egoa, a afamada egoa das *infucas* do Lili, a fim de mandar fazer certos serviços no sitio que elle habitara, quando as meninas começaram:

—Com este tempo a á estas horas... Isso tambem não é sangria desatada, tia Rita... Se eu fosse a senhora deixaria para outra occasião. Logo não vê!

—Qual! minha negra, ainda é cêdo. E em cima desta egoa, eu mesmo não temo *o negro!* Qual! Até amanhã! E *me atirei*.

Os primeiros estirões nem por isso. Aqui e alli um conhecido:—Como vae, tia Rita? P'ro servir, muito obrigado. Até outra vista. E *ia furando*.

Depois eram só reses despersas,—novilhos, grandes bois. vaccas paridas labendo os bezerritos vermelhos, uma ou outra cabra esgarrada a fitar-me attentamente com seus grandes olhos pasmos, ou a apanhar pressurosa verdejantes ramas tenras de graciosas moitas rasteiras. O sol declinava pouco a pouco. Gemiam juritis muito longe, perdidas nas mattas fundas; fugiam rôlas assustadas; corruchiavam canarios. Alto, na verdejante copa de uma frondosa oiticica, descantavam chicos-pretos. Uma lufada passou Intrepidos, bicando velhos troncos escavados, martelavam pica-paus. De onde em onde corriam tijibùras... Raio de vento! E todo mundo a passar sem vêr aquillo! Eu te *arrequeiro*.

Era uma grande arvore cahida tomando todo o caminho. Contornei-a. Accendi o cachimbo. Atravessei o riacho e fui *tocando*.

Adiante, já quasi ao emparelhar com a serra, alli mesmo onde começa o atalho e a estrada vae tombando para a esquerda, notei um barulho pelo matto. O que seria? Comecei a olhar. Mas nisso ouvi um pigarro:—o pigarro do Lili!

Minha Nossa Senhora da Conceição! bradei angustiada. Acudi-me! E *me atirei*.

O céo, que até então estivera limpido e risonho, embruscara-se de repente.

Começaram a correr grandes nuvens escuras. Trovejava. Corveteavam relampagos. Esvoaçavam gaviões piando agoirentamente. Gemia a cauan. Meu Deus!

Quando cheguei do outro lado da serra já era a propria voz do Lili:

—*Siá* Rita!

—O que é... é... é?!... respondi num grito esfarrapado. Jesus! Maria! José!

A egoa parecia que nem tocava no chão. Já vi animal *de talento!* Era mesmo que uma bala.

E a mesma voz mais adiante:

—*Siá* Ria! me perdôe pelo amor de Deus! *Siá* Rita!...

—Ha muito tempo te perdoei, meu filho... Muito antes da tua morte... Me deixa... me larga... Lili... Senão eu morro!...

Minha Nossa Senhora da Meruóca! *Meu* São Francisco do Canindé! Santo Antonio!... São Pedro... São Roque... São Vicente!... São... São... São!... Valhei-me, Senhora da Guia!... *Padre nosso... que estás no céo... santificado... Salvé Rainha... Creio em Deus padre...*

E a egoa... E o vento em meus ouvidos: zin... zin... zin!...

Adiante, eu ainda ia mais assustada pensando nas diversas formas que apparenta o diabo para provocar esconjuros logo após a quaesquer manifestações de almas penadas, quando vejo *plantado* bem no meio da estrada um péba monstruoso. Mas tão cabeliudo, tão preto, tão feio!

Minha Nossa Senhora da Piedade!

Procurei desviar, mas a egoa não attendeu e lá o foi levando de roldão:—pá-pá-pá... pá-pá-pá... pá-pá-pá!... Rebentavam trovões. O vento bramia numa furia. Como que se elevavam vozes... estendiam-se descarnadas, extensissimas garras procurando apanhar-me, voluteavam fogos estranhos. Casquinava um riso continuo; mas que riso... Meu Deus! Meu glorioso São Benedicto! Valei-me, Senhor do Bomfim! soluçei espavorida, tremendo.

E a égoa a correr, a voar, lá se foi me *despejando* por alli á fóra, numa corrida alucinada, ora a galgar morros alterosas e ora a afundar-se, a perder-se, em socavões infinitos... Quasi á noitinha, ao passar inconscientemente pelo pateo do compadre Nicacio, já muito derreada para o pescoço do animal que cingia num abraço dementado, os olhos vitreos, a face horrivelmente arrepanhada num rictus de assombro, poseram um grande cerco a minha fiel conductora de que só com muita difficuldade poderam me separar.

Rodearam-me curiosos, assustadissimos. Mas á todas as anciosas perguntas que me dirigiram eu só pude responder ainda tremula, aparvalhada:

—Foi o Lili... Foi o Lili que me appareceu!

João Pinheiro

RUMANDO AO FIM

Viagem longa e muito accidentada
Venho fazendo pelo mar da vida,
Onde mais de uma vez julguei perdida
A miseravel nau desconjuntada:

—Já de medonha, rigida, nortada,
Levado leme e pannos sacudida;
Num abysmo sem fundo remettida;
Ou nu dorso das ondas levantada.

E se, triumphante sempre da procella,
Sem bussola e sem leme e sem pharóes,
Por esta altura, emfim, cheguei com ella:

Irado ruja o mar, rouque a tormenta,
Que ao termo, agora, ha de chegar veloz
Quem a cabo dobrou, já, dos QUARENTA.

4—1—15.

Odorico Castello Branco.

DENTRO DA NOITE

Fosse eu a luz e fosses tu a tonta,
A pequenina e tonta mariposa
D'ouro, de luz sequisosa,
Que, altiva a chamma afronta,
Ligeira,
Das azas sacudindo a luminosa,
Multicor e finissima poeira!

E fosse noite! Fóra, os passarinhos
Na ramaria, em sonho, pipilando,
E, alvissimo, o querido,
O querido luar nevando os ninhos
E o roseiral florido
Nevando...

Dentro, nós dois—a luz e a mariposa...
A mariposa a volitar silente,
Doida e voluptuosa.
Da luz em torno alucinadamente.

E a alongar-se e a crescer a luz! Inquieta,
Indo de um lado, e de outro recuando,
O subtil voejar da borboleta,
Em colleios subtís, acompanhando.

E colhel-a afinal! Queimal-a toda
Na labareda accesa dos desejos.
Morrendo a mariposa e a luz morrendo!
A escuridão em roda...
E, no escuro gemendo,
Labios chorando em funeral de beijos.
Fosse eu a luz e fosses tua a tonta
Mariposa que, altiva, a luz afronta!

Luiz Carvalho

ALCYONE

Para começar esta narrativa de um modo mais logico, travemos conhecimento com a familia Silveira. Seus antepassados foram riquissimos, diria fidalgos, se não estivesssemos no Brasil. Ainda, no presente, os resaibos do antigo luxo se faziam sentir. E, como é natural, a casa era farta de honras e galanterias. Nas esplendidas recepções, ás quintas e aos domingos, apresentava-se, de ordinario, a flor da sociedade. Mas, ao lado dos amigos sinceros, vinham os galanteadores por passatempo e os aduladores. A familia, numerosa, compunha-se de rapazes e interessantes meninas que traziam numa roda viva a chusma dos adoradores. Entre ellas notava-se uma carinha extranha, franzina e descorada, porém bonitinha. Era uma pequena engeitada ha longo tempo já, e que caridosamente a familia recolhera. Deram-lhe o nome de *Alcyone,* porque a creança era triste e melancolica como esse lamentoso passaro que, alta noite, passa ruflando as azas, atravessando a immensa vastidão dos mares. Muito querida a principio, as cascatas de beijos se reproduziam a cada momento; a menina, tão amimada, mal descançava no berço, tanta era a prodigalidade, a fartura de caricias.

Depois veio o aborrecimento, por fim, só quem se incumbia della, era o Sr. Silveira, o chefe da familia, e a unica pessoa que lhe votava affeição. Mas, desgraçadamente, a morte o surprehendera um dia, justamente quando *Alcyone* completava onze annos. A principio, sentiu-se muito revoltada com esta separação; depois, resignou-se, mas nunca se consolou.

Uma vez em que ella olhava muito fixamente para o céo, viu surgir, entre a massa de estrellas miúdas como brilhantes pisados, uma estrella muito linda, talvez *Altair,* tanto era esplendida a sua luz, que scintillava no espaço, doce e terna, como se fosse uma lagrima.

Lembrou-se de seu pai adoptivo. Elle costumava, ás vezes, em curtas palestras, dar-lhes explicações sobre astronomia. E ficou-se a olhar para o cèo, presa, mas fascinada, não podendo mais desviar os olhos da fulgurante *Altair.*

Depois, como num desfolhar de petalas de rosas, veio cahindo sobre suas palpebras uma especie de somno, um quasi estase.

Via-se, de novo, num desespero terrivel, na lucta pela salvação daquelle que em vida tanto amára. Viu a dôr cruciante da sua protectora, dilacerando as carnes, arrancando os cabellos em gritos lamentosos, num choro balbuciante e queixoso; o caixão de velludo preto, onde, para sempre, se fechou aquelle precioso deposito de alma tão bôa e de coração tão generoso.

Fôra a sua primeira dôr, a perda de seu pai adoptivo, mas dôr tão funda, como tudo que é grande e incalculavel nesta vida. E, recordando-a, parecia-lhe que a triste scena se reproduzia.

* * *

Como a viuva era rica e grandemente relacionada entre os mais grados da cidade, aconselharam-n'a a viver no seu grande palacete, então situado em um dos melhores bairros. Mezes depois, a antiga casa reboliçava-se com o movimento da mudança.

As creanças, um tanto esquecidas do acontecimento que as enlutava, rebuscavam, muito atarefadas, as bonecas, os carros e toda sorte de brinquedos.

Para os outros, porém, que tristeza ao deixarem aquella casinha amada, onde passaram dias e noites tão felizes. A natureza tambem, nessa tarde, era sentida, e do ar ambiente vir-lhes uma pungente saudade pelo ente querido que tão longe se fôra para nunca mais voltar. Até da torneira mal fechada, que deixava fluir um tenue fio d'agua, num ruido monotono e compassado, como a pendula de um relogio, vinha uma tristeza enorme! O vento, entrando pelo jardim, esfusiava às vezes, muito fraco, e de outras parece que gemia, tanto era rijo e forte.

Alcyone, com as mãos ambas apertava o coração, que, agitado, soffria como um passaro que se deseja prender. Ella bem sabia e sentia que todo o seu passado, presente e fucturo estavam acabados. Se outr'ora tivera no coração do morto o primeiro logar, agora entre os vivos, não esperava nem siquer o penultimo, era o ultimo logar que lhe destinavam. E mais o coração soffria com a recordação do passado. Agora não teria mais professores e nem aprenderia mais nada. Sabia apenas trabalhos caseiros, lia correctamente e escrevia com aquella doçura de linguagem peculiar ás creanças e aos que nada sabem, era tudo, isto mesmo devido aos seus proprios esforços.

Uma vez notou que as irmãs chasqueavam della, tratavam-na com um certo despreso, e assim todos que a rodeavam. Suas opiniões não eram aceitas, nunca lhe prestavam attenção. Era sempre estouvada e desarrazoada, e por mais que se esforçasse em agradar, sempre desagradava.

Quando se tem a fama, o talento apparece. O mesmo se dá a respeito das preferencias. Se é uma creancinha loura, de olhos meigos e avelludados, o preferido, todos o adoram. Se é um cãozinho, sem graça, de pello arrancado mesmo, todos choram com o dono da casa, quando o cãozinho morre. Mas se o infeliz não tem protecção, vai direitinho para o cemiterio ou para o lixo, deixando somente a enfadonha tarefa de o conduzirem. Era assim a situação da enjeitada entre os seus protectores e os estranhos. Quantas vezes ella retirou-se daquellas luxuosas salas onde os grandes candelabros offuscavam da luz, onde o luxo, a muzica, a temperatura aromatisada, e as boccas escancaradas em risos, a enlouqueciam n'um desespero de raiva surda contra o desprezo com que a tratavam! E lhe vinham prostrações de desalento, como ao moribundo nos seus ultimos momentos.

Si o misero tenta um passo, as pernas tropegas, recuam, os braços, sem força, cahem exhaustos, e o corpo, todo entorpecido, recusa o movimento, emquanto o espirito, ainda forte, conhece o horrivel anniquilamento sem poder vencel-o!

* * *

Pelo verão, numa tarde muito clara e alegre, da janellinha de seu quarto, *Alcyone* viu umas creanças, e começou distrahidamente a olhal-as. Umas louras, outras alvas, morenas, e até pretas. Brincavam descuidosas e felizes, e mau grado vieram-lhe lagrimas.

Sentia deveras não ser mais pequenina.

fôra uma creança venturosa. Não, de modo nenhum.

s muitas decepções... e, como uma nuvem quasi a des-

passaram-lhe pelos olhos as lembranças da sua infancia.

im collegio, certa occasião, em aposta de escripta com

pequena, perdera, e não querendo ficar defronte da porta

como exigira a collega, a professora mandára collocar-lhe

andes oculos azues, e umas enormes orelhas, ordenando,

esmo tempo, a todo o collegio que lhe dissesse, ao des-

-se:

Adeus, menina desobediente!...

Num outro collegio, certo barulho na sala attrahira o dior que, se approximando devagar, muito macio, como um es-

, ainda encontrára o *grande crime* nas mãos de *Alcyone*, uma

nha de papel que mostrava ás outras, e onde escrevéra—*o fessor é muito feio.*

Surprhendida em flagrante, fôra logo suppliciada pelo bar-

ro, que até expulsou-a da escóla!

Muitas humilhações, muita injustiça soffrera; mas tinha audades desse tempo, porque tambem brincára muito. As cre-

anças, uma a uma, se foram dispersando, e ella continuava embevecida na lembrança do passado. A vida é assim; tem abysmos profundamente escuros, tem espaços admiraveis, tem brancos areiaes, tem flores, tem espinhos, tem declives e caminhos inteiros de felicidades!

*
* *

Numa tarde, quando o sol desapparecia das casas e começava a dourar os montes com a sua luz amortecida, e a luz artificial do gaz e das velas vinha substituil-o na grande sala de visitas, emquanto todos conversavam ruidosamente, a enjeitada pensava.

—Formavam, aqui e ali, grupos de dois, de tres e de quatro pessôas. No grupo das creanças, ou entre aquelles já muito desfavorecidos, é que *Alcyone*, ás vezes, tomava parte. Nesse momento, porém, estava só, e voltava em redor a cabeça ouvindo vagamente o que diziam. Depois, procurou outro logar mais fóra das vistas, e ahi deixou-se ficar com os seus tristes pensamentos. Mas os personagens vinham occupar-lhe o espirito, que se fatigava de tanto vel-os, procurava desvencilhar-se, affugentando-os com força, como moscas importunas, nada conseguia; elles vinham, um a um, tomar o seu logar. Revestida com a sizudez costumeira, os esperava arredia e desconfiada. Entra o primeiro, pallido, olhar severo e duro, andar de fortes pisadas, ostentando um ar de quem deseja ser respeitado. Cumprimenta seccamente, e senta-se em grande orgulho, como um grande fidalgo! Depois, um rapazinho louro, de olhos azues muito meigos, buço aloirado, e tão sedoso que, se confundia com a alvura do rosto. Um impressionista que tambem impressionava. Vem outro, gordo, pansudo, com os olhos pequeninos e a bocca abotoada, como se fosse dar um beijo. Um outro, fortemente moreno, nariz adunco, rosto sarapintado de bexigas, olhar risonho e manhoso, entre os dedos, um cigarrito, que levava demoradamente á bocca, levemente coberta por um bigode estirado e escasso, como a barba que esvoaçava reles pelo queixo e que mal o encobria.

Moços, velhos, creados e meninos...

Esses personagens nem a cumprimentavam sequer, Porém, de tanto vêl-os e estudar-lhes os gestos, as feições, e até a maneira de comer e de andar, a menina conhecia-lhes até o intimo d'alma.

*
* *

Os primeiros dias de Agosto vieram lindos, a natureza toda era uma festa, porém, *Alcyone* ainda vivia mais triste.

E quanto mais afastava os phastasmas de sua desgraça, mais elles se apresentavam terriveis na sua perseguição tenaz!

Uma noite sentira zumbidos nos ouvidos, um quebramento de corpo, somnolencias... depois, entorpecimentos, pesadume na lingua, picadas, formigueiros; outras vezes, vinha invadil-a uma grande sensação de descontentamento, e ella ficava-se quieta a pensar, com os olhos parados no espaço, num grande recolhimento.

Lá em baixo na cidade, regorgitava pelas ruas uma grande alegria. Os theatros, as festas, a rua do Ouvidor, com as suas vitrinas luxuosas, a vida emfim lhe apparecia na mente, de espaço a espaço, num clarão rapido como a luz dos relampagos.

O mundo inteiro lhe girava em redor, e a coitada, vagando dias e noites encerrada em casa, começou a acobardar-se, emmagrecia, perdia as côres, terrores inexplicaveis a affligiam.

A vida lhe apparecia como um monstro terrivel, que viesse atrozmente martyrisal-a, anniquilal-a mesmo com as suas enormes garras! Prescrutando-se, sentia a sua pequenez e o seu pouco valor entre as coisas terrenas, e seus labios se fechavam num mutismo selvagem, não proferiam jamais uma queixa. Mas, seu coração endurecia num desconforto enorme, e os máos instinctos lhe vinham em halucinações terriveis. Sombras phantasticas perturbavam-lhe o somno, atordoamentos insoffridos a abysmavam no pensamento de matar-se, e de matar tambem. Tinha expressões dolorosas, encolhia-se pelos cantos, tendo o ar todo ingenuo, fazendo-se muito pequenina, recusava-se ao alimento, suja, immunda, desleixava-se n'um apavoramento de todas as coisas, fugia em grande humilhação, temerosa e preoccupada de que a vissem.

Finalmente, enlouquecera, e, uma noite, atirou-se ao abysmo das aguas, de onde nunca mais surgiu o seu mimoso e delicado corpo, tão pequenino para um tumulo tão grande!

E, na terra, nem um insignificante vacuo se fez. Ligeiras piedades, leve bater de corações. Lagrimas, ah! nem uma foi derramada!

Por alguns instantes a lembrança do seu pequenino corpo, deixou, na casa, uma especie de saudade... nada mais...

E os passarinhos, sempre volitando entre as arvores, gorgeavam sonoros... No entanto, o mar, possuidor das perolas mais finas, o esplendido escrinio de todas as preciosidades, apezar de suas grandes revoltas, recebeu-a no seu leito, gentil e carinhosamente, e suas aguas cristalinas derramaram sobre o corpo da pequena *Alcyone*, lagrimas mais puras do que a lagrima humana...

Amelia de Freitas Bevilaqua.

EM REVOLTA

Es'eja em qualquer parte, a muitos tenho ouvido,
Com insistencia, dizer que me amas, como louca.
Mesmo, uma vez, a sós, quase tinha saído
Essa revelação da tua propria bocca.

Não te creio—perdôa. Ha muito estou na idade
Em que um homem se torna incredulo—que queres?
Para de todo crer que me amas, na verdade,
Fôra preciso crer em amor de mulheres.

Não tenho, por ventura, o sagrado direito
De, de veras, descrer desse amor aparente?
E' preciso dizer, ás claras, que, a respeito,
As mais serias razões me fizeram descrente?

E' preciso contar tudo quanto de duro
Uma gentil mulher me fez soffrer, um dia?
Essa perda total do mais bello e mais puro
Sonho, feito de luz, que dentro em mim fulgia?

E pensar que esse golpe eu recebi em cheio,
Sem dar causa, e razão, e pretexto, nem nada,
Tão somente porque de uma vez lhe conveio
Essa historia de amor acabar, apressada!

Não basta, por ventura? Ha no mundo lembrança
De maior provação para quem ama e sente?
Pode alguem mais confiar, quando em sua confiança
Por outrèm se sentiu traído cruelmente?

Nada, pois, tens de mim que esperar. Segue adeante,
E' melhor que insistir, e chorar noite e dia,
Crendo vencer-me. Só com teu pranto abundante
Consegues—ai de ti!—que eu triumfe e que ria.

E' que eu tambem chorei, tambem, desfeito em pranto,
Vi para mim sumir-se uma esperança, outr'ora,
E as lagrimas de dor que verti, no meu canto,
Jurei que uma mulher derramaria. Chora!

Mas, inda mesmo que eu acreditar pudesse
No amor que tua voz proclama em toda parte,
Crês que estaria, só no teu proprio interesse,
Obrigado, por isto, em recompensa, a amar-te?

Enganas-te, de todo. Afinal, que me importa
Que me ames em delirio e que sonhes comigo?
Prescindo de affeições. Eu não te fui á porta
Bater, para pedir esse amor, que maldigo.

Alf. Castro
(Urna de fel).

Deusa inspiradora

(Epistola esquecida)

Aqui me tens. Quero sentir de novo a fria lamina imponderavel do teu olhar, varando-me de lado a lado, no mesmo trespasso de sempre, fria, fria e aguda como um punhal que viesse de sob o gelo para o calor sinistro do sangue. Acho um raro encanto nessa tua furia concentrada e permanente, que faz lembrar uma leôa abstemia, esforçando-se por esconder numa altivez de femea orgulhosa o ciume que lhe espicaça as entranhas e a cabeça.

E's, afinal, uma mulher como as outras e esses rancôres subtaneos que sei descobrir por entre a calma austera de tua indiferença mentirosa, symbolisam apenas outras tantas fórmas errantes de luxuria, fremitos pagãos de carne insubmissa, anciando e palpitando pelo contacto de outra carne que se retrahe e recúa espavorida.

Qualquer oblação á tua formosura immarcessivel irrita-te os nervos e apressa-te o galope do sangue nas veias repousadas. Não me comprehendes. A minha arte não se fez para o gozo e nem a penumbra é ambiente propicio aos faunos. Voluptuoso sim, mas da volupia branca e mystica, apegada a formas esculpturaes e esquivas, que provocam, mas que logo se deluem, volupia vaga e maga, que, longe de fenecer num espasmo de besta saciada, se perpetua num extase de sonho.

Essa castidade absoluta de monge phantasista, esse recolhimento de poeta angustioso, amigo das vibrações fortes, mas apparentando preferir aos clangores bacchicos do sol a deliquencia religiosa dos luares, é, de certo, um vilipendio

aos teus desejos de morte. E a represalia então rebenta, secca, desabalada, como soe acontecer aos ardores de um verão que desapparece. Mas essa virulencia não me afflige. Bemdígo-lhe sempre a chegada, porque me traz a dor, condição primordial da vida, esthesia suprema e constellada, magno bem que tudo espiritualisa e divinisa. Sentindo-a fugir, amaldiçôo-lhe a brevidade, e é de justiça a apostrophe, pois que se a lascivia insatisfeita da musa me não exarceba os melindres de eremita, o meu heptacordio de peccados mortaes desmancha-se em poeira inutil, como se todos os sons de sua gamma fossem morrer na abobada silente e vazia do craneo de um morto. Demais, o teu odio é tambem a tua pusillanimidade. Se te revoltas, não é por me veres encastellado no impossivel que levantaste; é pel tuas proprias algemas. Sem animo para despedaçar lhões, que alma de mulher poderá acaso viver na gloria absoluta e perfeita do amor?

Não foi para a paixão que se fizeram laços e cadeias. Os obstaculos aprazem, mas só pela satisfação de vencel-os, nunça para diante delles nos curvarmos no aniquilamento de uma derrota, E' por isso que te digo: vamos, sê resoluta... E continuamos a vacillar... Mas então que parcella de culpa me pode caber na tua covardia? Provoco, incito, imploro, queixo-me; e tu esquiva, calma, injusta, insensivel, deixas que toda essa minha febre desappareça; para depois retomares a aggressiva com as mesmas fugas e ameaças de sempre, numa tactica ingloria de sorpresas e de saltos, offerecendo-se primeiro em abandono, para que depois seja mais profundo o golpe de recusa, attrahindo,—chamando, e logo em seguida estorcendo-se na furia de quem repelle, com uma invectiva feroz nos grandes labios, lindos labios sequiosos de beijos e tremulos de assombro, tristes labios fechados, mudos, num silencio que equivale a mais vergonhosa confissão do medo que te vae nalma. Tanto viveste a repetir essa comedia estulta que acabei finalmente resignando-me e já não posso passar sem ella. Devia optar entre o mystico e tragico. O desespero seria a morte prematura, uma forma disfarçada da renuncia Acceitei-o, mas, como

não quizesse abrir mão desse bem fugitivo, fui obrigado a consolar-me vivendo a vida artificial proveniente dessa ancia tremenda e sinistra dos anhelos insatisfeitos. E' por isso que aqui me tens de novo a supplicar a tua colera, fecundadôra suprema da minha arte brumosa e vaga, feita de incertezas e de impossiveis. Deixa, portanto, que se te encrespem as iras e me atormentem.

A tua insania cantará, ondulará em libertade no rythmo vario e difuso da prosa, ou então no ergastulo doirado da rhyma, desabrochando em poemas, florescerá por todo o sempre, como um desafio perpetuo a curiosidade imbecil dos profanos. . .

Felix Pacheco

Hymno ao Angelus

O' Sol! o' Deus! o' Sêr! o' Natureza!
O' Ideal! o' Luz! o' Pensamento!
Virtudes e razões do teu tormento—
Uma outra Luz mais forte, mais accesa,

Que te acompanhe o olhar ao firmamento
Azul do céu—Paiz d'alta incerteza—
Para enxergares télrica aspereza,
E cousas impalpáveis como o vento.

Jámais o teu espirito vencido!
O génio que te guie fortalecido,
Por entre a sombra de formoso agráço.

A' hora do Sol-pôr, d'alta tristura,
Larga este corpo pôdre á sepultura . . .
—Ossos na terra, a Luz do Sêr no Espaço.

Benedicto A. de Freitas

(Baurelio Mangabeira)

SONETOS INÉDITOS

RUY BARBOSA

Paladino dos Altos Sentimentos,
Dos Altos Sentimentos mais profundos,
Trazes, comtigo, a evolução dos mundos
Na esphera dos Profundos Pensamentos . . .

Teu largo Verbo, em plácidos momentos,
Ou trágicos momentos iracundos,
Como que flóre em canticos fecundos,
Qual sementeira dos Ensinamentos . . .

O' Ruy-Deus, o' Ruy-Christo, o' Ruy-Essencia
Da Humanidade ! O' Aguia da Justiça
Sobre a montanha azúlea da Eloquencia ! . . .

O' das cabeças todas a primeira !
Só tu pódes salvar-nos da cobiça
Dos vendilhões da Terra Brasileira ! . . .

TOTA PULCHRA

Frágil aranha tenue de tecidos,
Ella se foi num breve sonho àlado,
O lindo véo tecer do seu noivado,
Na trama azúl dos céos enternecidos . . .

Nem dolencias, nem magoas, nem gemidos
No coração mimoso e sem peccado:
Tinha na fronte o doce assetinado
Dos lyrios puros, mádidos, doridos!

As lindas mãos cruzadas sobre o peito,
Até lhe davam o ar e o brando geito
Da Senhora ternissima das Dôres...
Morreu, sorrindo, a rútila chimera!...
—E' um capricho, talvez, da Primavera
Ferir, em maio, o coração das flôres!...

IMPREVISTO

Imagina que eu morro de repente:
Uma syncope, uma ancia, a vista escura,
Um tombo em plena rua da Amargura
E o corpo entrando em casa, tristemente...

Tu, desgrenhada, o vivo olhar ardente,
Uma chamma vibrante de loucura,
Os cabellos arrancas na angustura
De quem na vida um grande golpe sente...

Celso e Edméa,—o nosso casalzinho,—
Espantados de ver-te em desalinho,
Agarram-se-te á saia... E's quasi louca!

Érram perfumes ácres de ammoniaco...
E só se escuta um som surdo e elegíaco:
—Meu nome estrangulado em tua bocca!...

CELSO PINHEIRO

NO DIREITO

Questões processuaes. Lucidio Freitas. Belém—Pará. 1919.

Lucidio Freitas é, incontestavelmente, um dos mais rebrilhantes espiritos do Norte. Sabia—o poéta, jornalista, orador, mas fráco em assumptos de Direito, apezar de bacharel por uma das Faculdades Livres do Rio de Janeiro. Eil-o, porém, que se nos apresenta agóra vestido á jurista, pleiteando uma cadeira na Faculdade do Pará, e dando-nos a lêr uma interessante thése, em que abórda e discúte, com largueza de vistas e aprofundado saber, altas e debatidas questões processuaes.

O magisterio superior da Republica contra nomes illustres, verdadeiras glorias nacionaes. Do Piauhy, porém, poucos, muito poucos até hoje têm pontificado em cáthedras academicas. Lucidio vai, portanto, como cultôr do Direito, dar lústre ao nome piauhyense no grande Estado nortista. Merece, por isso, o applauso significativo de todos nós.

De surpreza, e ao mesmo tempo de satisfação, foi a minha attitude ao vêl-o agóra approximado dos Ramalho, dos Paula Baptista, dos Pereira e Souza, de todos esses méstres gráves e sisúdos de quem se caçúa e se brinca nos dias felizes de imaginação e de sonho.

O Brazil necessita mais, cada vêz mais, de bons cultôres do Direito, de homens que tenham a nitida comprehensão dos seus direitos e dos direitos alheios, para vêr se assim conseguiremos trilhar a estrada larga e luminosa da Justiça, do Bem, da Liberdade. E' raro o jurista que não seja um homem util á sociedade, não só pela somma de conhecimentos de que dispõe, como pelas licções que semeia, e pelos exemplos que dá. Quem estúda e sábe Direito nunca póde ser um bandido, no sentido exacto da expressão. O Direito é mais do que uma sciencia, porque é uma religião, cujos crentes quérem e espéram, não o reino do céo, mas o imperio da lei, a órdem juridica, a páz social, a fraternidade humana.

A thése do futuro doutôr de bórla e capêllo é, sem coisa que duvida faça, um trabalho acima da vulgaridade. Revéla talento, e, sobretudo, muita tensão espiritual em um moço de 25 annos. Vále por uma soberba affirmação da sua capacidade como jurista. E' mesmo uma revelação. Garante-lhe ruidósos triumphos na cáthedra de professor. Prende e empólga a attenção, deixando-nos vontade de relêr aquellas paginas animadas e quentes, por onde perpássa o sôpro de uma mocidade arrojada e viva.

De mim pouco deitei nestas paginas, diz-nos, no prefacio da thése, o joven bacharel. E' um engano. Porque o seu espirito enthusiasta e brilhante, a sua visão aquilina, os surtos da sua intelligencia privilegiada e potente, lá estão, luminosos e eternos, a emprestar ao trabalho um dôce sabôr de coisa nóva, máu grádo as velharias que desencáva, e espanna, como bom artista que é,—reclamando asseio, presteza e simplificação nas fórmulas processuaes.

Segura é a sua orientação nesse ponto, lembrando e pedindo que se desbástem do nosso organismo processual as excrescencias inuteis, que o empérram, e que são de todo em todo incompativeis com o estado actual da nossa civilisação e da nossa cultúra juridica.

Simplificar o procésso,—para tornar mais rápida e efficáz a acção da justiça,—eis uma das grandes aspirações, uma das maiores necessidades reclamadas pela consciencia juridica do nosso tempo. João Monteiro já dizia que a velha maxima—*la forme emporte le fond*—deve ser substituida pela inversa—*le fond emporte la forme*. E Martins Junior, na *Historia do Direito Nacional*, obsérva que o Direito, sob o ponto de vista morphológico ou plastico, evolúe pela simplificação crescente das fórmulas sacramentaes.

Lucidio, portanto, enveréda pelo bom caminho, mostrando-se um espirito adiantado, e de clára, firme, segura intuição juridica.

Não vou, porém, nas suas aguas, não lhe báto palmas, não lhe ajudo a missa, quando, com enthusiasmo e denodo, se báte pela não unificação do nosso direito processual. E' mesmo muito fráca a corrente nesse sentido. A consciencia juridica nacional paréce reclamar e exigir justamente o invérso.

Um só direito substantivo e um só direito adjectivo,—eis a fórmula sadia e perfeita, contra a qual são impotentes todos os argumentos, mais ou menos capciosos, dos que desejam e prégam o contrario.

Para que diversidade de procésso entre Estados irmãos, fallando a mesma lingua, tendo as mesmas instituições, e ligados estreitamente pelo nexo federativo?

O direito deve ser sempre assegurado pelas mesmas acções, pelas mesmas fórmulas processuaes, aqui, como no Pará, e no Rio Grande do Sul. Si vivemos sob a mesma égide constitucional, si juntos conquistámos a nossa independencia, e temos conquistado as nossas liberdades, si juntos temos pelejado nos campos de batalha pelas mesmas causas, pelas mesmas idéas, pelos mesmos anhelos,—porque então havemos de ter, perante os Tribunaes, um modo differente de fazer valer os nossos direitos? Não é isso um absurdo, um contrasenso, um verdadeiro paradoxo juridico, que briga com a logica, e sálta aos olhos de toda a gente?

E não só a unificação processual. Precisamos tambem de unificar a magistratura, para tiral-a das gárras dos regulêtes locaes, e dar-lhe confôrto, independencia, e outras garantias, que lhe asseguram as leis, mas que são inteiramente burladas e sacrificadas pelos governos estaduaes, mais ou menos arbitrarios e prépótentes.

Nesse tocante da unificação processual e da magistratura, e em alguns mais, é que se impõe a reforma do pacto fundamental da Republica, e por isto, justamente por isto, é que Ruy, o grande Ruy, o maior exegéta da nossa Constituição, é francamente, abertamente, pela revisão constitucional.

Deixo aqui, com essa divergencia, os meus parabens ao bello espirito de Lucidio, que muito e muito ha de brilhar ainda, para orgulho nosso e do Piauhy.

Bórdo do vapor *Piauhy*, 16 de Maio de 1919.

Christino Castello Branco

EVOCAÇÃO

Pela collina, ao largo, á sós, um pequenito,
Perpassa aos empuxões de um galope infinito.

Sou eu... Mas em que tempo! Oh, que saudade infinda!
O pequeno... O que fui... O sol dardeja ainda.

Barras ficou distante. Além é o Matto d'anta.
Quantas flôres no campo! Ai, como geme e canta

O rio no seu leito! As aguas preguiçosas
São como um desferir de queixas nemorosas...

Pelas ribas, que grita! Ai, que alacres rumores
De irerês, jaçanans e martins—pescadores!

Jacarés ondulando ao sabor da corrente
Accendem, de onde em onde, o vivo olhar fulgente...

Do vasto mofumbal, em grasnidos insanos,
Agitam-se, a fugir, assustados ciganos.

Inquietas, a bordar estranhas silhuêtas,
No saibro faiscante, esvoaçam borbolêtas.

Garças... Chechéus... Que olôr! Que limpido descante
Na velha gameleira! E adiante... Adiante

O pequeno... Mugindo ao longo das estradas,
Ha rezes a pascer, tranquillas, descuidadas.

Longe, quasi a roçar pelas nuvens opacas,
Passam ageis, cantando, esguias curicacas...

Raro um muriciseiro, os braços retorcidos
Sacode em angustura, ou súpplices gemidos.

Baixo, tagarelando, ás soltas, nos moitiços,
Debicam periquitos fructos outoniços.

Ovelhas a balir... O agreste pardacento
E' um vasto tapiz de onyx e oiro poento.

Arapongas... Tetéos... Em rapidas carreiras,
Esguicham siriemas as vozes altaneiras.

Timoratas, alçando os vôos trepidantes,
Elevam-se inambús rumorosas, afflantes.

E o pequeno... Que sonho! As palmas sacudindo,
Freme o buritisal... E o brejo... Ah, como é lindo!

A lympha, a acachoar em murmura cascata,
Lembra um veio de pura e liquefeita prata.

Roças... Canaviaes... O carro... Dois a dois,
Eis, surge, a grande ronda placida dos bois.

Depois... Mas tudo é findo... E o passado resumo
Mas ai, com que saudade! em fumo... fumo... fumo...

João Pinheiro

DE SERAJEVO A VERSAILLES

(Retrospecto da Guerra Européa)

Conferencia realizada no Club dos Diarios, em Fortaleza, Estado do Ceará, a 4 de Janeiro de 1919, pelo dr. Luiz de Moraes Correia.

Exmº. Sr. Presidente do Estado.
Illustres Representantes das Nações alliadas.
Digna Directoria do Club dos Diarios.
Exmas. Senhoras.
Meus Senhores.

Ao receber o honroso convite, que ora me traz a esta tribuna, formulei, quase, uma excusa. Mas logo se me afigurou uma deserção: acceitei. Si bem não pensei e agi, desculpae-me, vós, que me ides ouvir a palavra descolorida e a phrase tosca.

* * *

Quando estalou, na face da Terra, essa guerra cruenta que por mais de quatro annos ensanguentou a Europa, a humanidade estacou perplexa deante da evidencia do terrivel acontecimento.

O seculo XX, que despontára organizando em Haya os Congressos de Paz, se afigurava assim talhado para iniciar a supremacia do Direi'o nas contendas internacionaes. D'ahi o natural assombro causado pela nova atordoante.

Ameaça no primeiro momento, logo se converteu em facto consummado.

Com a brutalidade com que irrompeu, a guerra se alastrou: desceu ao fundo dos mares na machina infernal dos submarinos, subiu aos ares na helice vertiginosa dos zeppelins.

Marte se alliára a Plutão. No espirito doentio de Guilherme 2º as chammas da guerra não deveriam ser menos rubras que as labaredas do inferno.

Para isso dispunham os seus exercitos dos progressos da sciencia applicados á obra nefasta da destruição e da morte.

A Allemanhe, antes de ser alliada da Austria e da Turquia, fizera um pacto tenebroso com a ceifadora Parca.

*
* *

A Historia, em suas paginas ainda não amarellecidas pelo tempo, descreve-nos a amargura que por longos annos lanceou a alma franceza, desde a occupação da Alsacia e da Lorena.

E a *revanche*, a custo contida no coração generoso da França, equivaleria á mais justa das reivindições.

Parece, entretanto, que a patria de Victor Hugo, confiada no seu direito e confiante em uma justiça universal, aguardava a sentença de um tribunal, ao envez de uma decisão pelas armas. Por ella a Europa não se convulsionaria.

Idéas oppostas e sentimentos outros dominavam entretanto, além do Rheno. A Allemanha, não contente com a rica presa, que lhe facultára a guerra de 70, formulára o projecto de lançar aduncas garras sobre uma presa maior. Na propria capital da França seria imposta nova humilhação, que o Kaiser dictaria após um lauto almoço.

Mas como pôr em execução o plano tenebroso? Como apresental-o ao mundo sob as roupagens de uma contingencia internacional?

Não seria essa, entretanto, uma difficuldade insuperavel para a politica do Kaiser. Um pretexto bastaria. Rotulal-o de motivo de honra seria simples questão de palavras.

E o pretexto se offereceu....

A trajedia de Serajevo forneceu o momento almejado.

*
* *

Baqueára ao punhal homicida de um moço anarchista o rispido herdeiro do throno d'Austria.

Mais intensos que o pesar e o lucto foram, na côrte de Francisco José, os sentimentos de odio e vingança traduzidos nas imposições feitas á Servia.

Sujeitando-se a algumas, o pequeno paiz das margens do Danubio recusou-se, entretanto, a assentir em todas ellas.

Com altivez e dignidade a Servia se insurgia contra a humilhação que lhe era imposta.

Em frente a um adversario poderoso preferia, embora, tudo perder no campo da lucta a abdicar humildemente da sua soberania.

*
* *

A artilheria austro-hungara já se assestava sobre Belgrado.

Não havia que esperar, pensou o Kaiser.

A alliança entre os Hollenzollern e a casa de Habsbourg justificaria plenamente o gesto da Allemanha.

Brusco partiu o insolito *ultimatum,* ao mesmo tempo dirigido á França e á Russia.

Para vencer uma e outra dispunham os imperios centraes de hostes numerosas e temiveis cabos de guerra. Onde não estivesse o Kaiser, estaria o Kronprinz ou Hindenburg.

A Allemanha estava apparelhada para luctar e vencer. Luctaria, venceria. O seu preparo militar se perdia nos meiados do seculo passado. Os seus homens de sciencia, no livro e na escola, haviam substituido os ideaes de Justiça pelos principios da Força, facilitando ao militarismo prussiano pôr ao seu serviço todas as energias de uma raça vigorosa e forte.

Era preciso não perder o momento propicio á conquista desejada.

Emquanto o colosso moscovita mobilisasse os seus exercitos, as forças germanicas alcançariam Paris.

Para ali chegar, qual o itinerario? Já estava ha muito traçado. Atravez da Belgica, contava o Kaiser entrar na capitalda França.

Tal importava, entretanto, na invasão de um territorio neutro; ainda mais, na violação de um tratado.

Mas de pequeno vulto logo pareceu essa objecção.

Ao respeito que, porventura, a Belgica merecesse, como nação independente, se deveriam sobrepôr as rasões do mais forte; e um tratado bem se poderia considerar como um pedaço imprestavel de papel...

* * *

O rei dos belgas lançou, entretanto, o seu protesto, que tornaria effectivo pelas armas.

Que os seus exercitos atravessassem a Belgica, foi a resposta sarcastica do Kaiser. Não comprehendia, no seu orgulho, o rei da Prussia que um povo tão pequeno pudesse assumir proporções de gigante.

E a Belgica foi invadida.

Detendo a marcha dos vandalos do seculo XX, romperam terrifico fogo as fortalesas de Gand, Liege e Antuerpia.

O rei Alberto, digno, altivo, nobre, dominado pelo amor da patria, estimulava, na peleja, o vigor dos seus soldados.

Não se conhece uma resistencia mais heroica. Na defesa do seu territorio, na affirmação da sua soberania, no zelo carinhoso das suas tradições, os belgas ergueram o nome da sua patria a alturas inda não exçedidas.

Antepondo a sua bravura e as suas vidas á marcha impetuosa dos exercitos do Kaiser, facilitaram á França a sua resistencia e á Europa a sua defesa.

A Historia não regista um exemplo mais edificante de valor e de civismo. Tambem nella não se inscreveu até agora pagina outra mais pungente de soffrimento. A' população civil da Belgica, no seu martyrio sem igual, não faltaram humilhações de toda sorte, nem mesmo a violação dos seus lares, os attentados ao pudor das familias e até á innocencia das creanças.

*
* *

Enquanto as fortalesas da Belgica respondiam ao fogo inimigo, a França gloriosa reunia, aos sons vibrantes da Marselhesa, os seus filhos denodados para a defesa de Paris.

E Paris foi defendida nessa primeira investida, como na investida derradeira, com desvelo filial e bravura leonina.

Nem os *raids* dos zeppelins voando sobre a Torre Eiffel, nem as bombas do canhão invisivel assestado sobre Paris conseguiram jamais entibiar a alma franceza, arrefecer-lhe o ardor, diminuir-lhe o enthusiasmo.

Mas não é só a defesa de Paris... Em Verdun o sentimento patriotico dos francezes não encontra egual na Historia. Fez-se heroismo, intrepidez, sacrificio. Ali, na fronteira, os feitos gloriosos dos francezes contam-se pelos dias de combate.

O alto commando dos exercitos alliados, passando de Joffre a Foch, não soffreu, por isso, solução de continuidade. Os dois grandes Marechaes de Frauça completaram-sé, encarnando o valor marcial, a tactica guerreira.

Inenarravel tambem foi o martyrio da sua população civil, na dilatada zona occupada pelo inimigo, na extensa porção da patria invadida e devastada durante quatro longos annos de torturas.

O sacrificio foi grande: porém muito maior, para supportal-o, era o sentimento patriotico dos francezes.

*
* *

Volvamos, porém. á invasão da Belgica, para destacar, em meio ao protesto unisono das nações do mundo, o protesto effectivo do colosso britannico. Foi ao mesmo tempo gesto de fidalgo e de gigante.

A terra dos nevoeiros não é somente o centro das industrias: é tambem a patria da liberdade.

A Inglaterra fez a sua entrada triumphal na guerra. Alèm da Mancha tudo se moveu: sem ruido e sem estrepito; tambem sem medir o sacrificio.

As fabricas de tecidos foram substituidas pelas usinas de material bellico; o operario seguiu para a trincheira, a mulher substituiu o operario.

Mas tudo ali se fazia, tudo ali se transformou com a mesma ordem, com o mesmo methodo dos tempos de paz.

O inglez entrou na lucta sereno e firme: assim foi até o fim.

Nos mares a sua poderosa esquadra jamais apagou os fogos: policiava o Atlantico; protegia os navios mercantes; conduzia as tropas da America.

Uma noite, vencendo a cerração e affrontando os holophotes de terra, num rasgo de inaudita coragem, os seus marinheiros obstruiram, na costa belga, a base de operações dos submarinos allemães.

E, no fundo do Mar do Norte, jaz, ao lado do Lord Kitchner, um punhado da mais fina flôr da marinha ingleza, victima de uma investida traiçoeira do inimigo.

* * *

Retornemos, ainda, à guerra na sua primeira phase.

Ao lado da França, da Belgica e da Inglaterra, vemos que novos combatentes se alinham. E' a Italia, è Portugal, è a Grecia...

Definindo a posição da Italia no grande conflicto, o seu rei traduziu fielmente o sentir do povo, auscultando carinhosamente a alma da nação.

Entrando na lucta, a Italia o fez com a galhardia dos fortes e a valentia dos heroes. Tinha a consciencia do seu valor, assim como o seu rei tinha a consciencia de haver cumprido o seu dever.

No Piave cobriu-se de louros o exercito italiano; na travessia do espaço, D'Annunzio, que já realizára uma epopéa nas letras, levou a effeito uma epopéa nos ares.

* * *

Eis tambem Portugal na lucta.

O seu gesto se assignala pela nobresa caracteristica das velhas estirpes lusitanas.

A patria dos descobridores do seculo XV, não podia ser indifferente á sorte do mundo no seculo XX. Não o foi.

As armas do velho reino haviam, na média edade, sido levadas a remotas plagas na quilha dos seus navios; cinco seculos depois cabia aos seus soldados, na defesa da Civilisação, desfraldar nas linhas da frente o estandarte da novel democracia.

* * *

E assim recrudescia a lucta.

O abutre voraz da guerra espalmava largamente as azas negras por sobre os mares e por sobre as terras. Insaciavel na carniça, via tombar diariamente milhares de homens válidos;

sedento de sangue, assistia impassivel as aguas do Marne e as planicies de Verdun se colorirem de vermelho.

Em massa compacta o inimigo investia numa furia selvagem; nas trincheiras alliadas se fazia a defensiva com um vigor inexcedivel. Troava, sem cessar, a pesada artilheria allemã; respondia-lhe, sem calar, o canhão 75. Em meio dos gases asphyxiantes avançavam lentamente os poderosos *tanks*.

A linha de combate, quase ligando o Mar do Norte ao Adriatico, offerecia pequenas soluções de continuidade.

O inimigo ora avançava, ora recuava: quando avançava, derruia os templos, destruia os monumentos d'arte; quando recuava, lançava fogo aos campos, ás villas, ás cidades...

Nem a Cruz Vermelha, na doçura de sua evangelica missão, lhe inspirava attenção e respeito. Miss Cavell pagou com a morte um gesto de caridade e amor ao proximo.

Nos mares ou, antes sob os mares, os submarinos audases, tendo os torpedos por arma e por oculo um periscopio, não cessavam de piquear navios mercantes e até navios-hospitaes. Por ultimo, nem mais o pavilhão dos neutros foi respeitado.

Successivamente, afundaram o LUSITANIA, o PARANÁ, o TIJUCA, o MACÁO...

Era a declaração formal de guerra ao mundo inteiro. E foi acceito o desafio.

Os Estados Unidos, o Japão, o Brasil, prestos se enfileiraram ao lado dos que defendiam os principios universaes do Direito brutalmente violados pelos incominaveis direitos da Força.

O mundo inteiro estava, assim, envolvido na teia infernal da guerra.

A conflagração européa passára a guerra mundial.

* * *

A coparticipação dos Estados Unidos assignala, innegavelmente, a phase derradeira do conflicto tremendo.

A entrada do colosso americano na lucta modificou-lhe o aspecto, imprimiu-lhe uma feição nova, forte, vigorosa, destacando-se como uma nota mais vibrante em meio de uma escalamusical.

Valioso e decisivo foi o concurso dos Estados Unidos, enviando aos seus alliados viveres e munições, navios e soldados.

Pode-se de já affirmar, antes mesmo do julgamento definitivo da Historia, que a entrada dos Estados Unidos decidiu da sorte da guerra, decidindo ao mesmo tempo dos destinos da humanidade.

E o povo americano ao entrar na lucta, disso estava convencido. E essa convicção decorria, principalmente, da confiança que lhe inspirava o seu presidente.

Woodrow Wilson—eis o estadista de larga visão segura, que até hontem presidira os destinos particulares de um povo e, heje, preside os destinos geraes do mundo.

Espirito culto, superiormente educado na escola do Direito, em dado momento demorstrou perante o seu paiz e perante o mundo que não mais se achavam em jogo, na conflagração europèa, meros interesses commerciaes da Grã Bretanha, vantagens territoriaes da França, conveniencias economicas dos demais alliados. O que ali se achava em jogo eram os destinos da humanidade, as conquistas da Civilisação, os principios do Direito e as normas da Justiça.

Wilson guiou o seu paiz á lucta; hoje guia os povos á almejada Liga das Nações, visando o estabelecimento da Paz sobre alicerces solidos e bases permanentes.

A tragedia de Serajevo produziu a conferencia de Versailles.

*
* *

Aos Estados Unidos, como paiz belligerante, seguiu-se o Brazil.

Motivo de ufania é, para nós, podermos tal proclamar; podermos aqui dizer que entre as esquadras que policiavam os mares, o auri-verde pendão da nossa patria tremulou ao lado das bandeiras alliadas; podermos daqui lembrar que na linha da frente, nos postos mais arriscados e no mais acceso da lucta, os nossos compatricios inscreveram os seus nomes na galeria dos heroes; podermos aqui repetir que nos hospitaes de sangue, nessa caridosa instituição da Cruz Vermelha, lá se encontram ainda os nossos medicos e as nossas enfermeiras, prodigalisando, com desvelo carinhoso, os recursos da sciencia ás nobres victimas do dever.

*
* *

Venho de alludir aos hospitaes de feridos. São elles os rastros de sangue deixados pela guerra, assim como as esteiras de luz no manto negro-azul do firmamento são os rastros de prata deixados no céo pelos cometas.

Quando uma guerra termina, desapparece a trincheira, mas não a enfermaria; cessa o fogo mas não cessam os lamentos nem os gemidos.

Da guerra tremenda. que por mais de quatro annos ensanguentou a Europa, irradiando pelo mundo inteiro, eis aqui uma das faces: hospitaes regorgitando de feridos, cidades em ruinas, a desolação dos campos, familias cobertas de lucto e a abastança convertida em pobresa.

Cessou, entretanto, o troar do canhão, o sibilar das balas, os *raids* dos zeppellins, as surpresas dos submarinos e o martyrio das populações civis.

A Paz voltou á terra. Felicitemo-nos, pois, no momento em que ella de novo brilha á face do planeta.

Congratulemo-nos com as nações nossas alliadas. Atravez do Atlantico, vibre a nossa Patria irmanada á França, á Belgica, á Inglaterra, á Portugal, á Italia, á Servia, ao Japão, aos Estados Unidos.

Festejemos, com alegria intensa, o regresso da Paz ao Mundo.

Que ella perdure, floresça e fructifique, para felicidade dos povos, para bem da humanidade. Só ella estimula o trabalho e alenta a sociedade.

Bemdigamol-a e saudemol-a.

O TIGRE

O tigre preso atira-se raivoso,
Num concerto de saltos e rugidos,
Contra os ferros da jaula, retorcidos
Ao embáte do corpo monstruoso!

Garras crispadas, odiento e iroso,
Quebra os dentes agudos e polidos,
Mordendo a grade e em quedas e bramidos
Espuma e salta, erguendo-se furioso.

Dentro em meu peito muita vez se escuta
O mesmo grito, essa mesma luta
Do tigre contra os muros da prisão.

E' meu amôr que brame, salta e ruge,
Que tomba, se levante, grita, estruge,
Na jaula deste pobre coração.

ABDIAS NEVES

Carta paterna

A' NICOTA

Filhinha:

As phrases mimosas
Escriptas por minha mão
Tracei em pet'las de rosas
Colhidas no coração.

Para traçal-as a penna
Fui molhar (que raridade!)
Doirada, leve, pequena,
No calix duma saudade.

A tinta (vê bem agora)
E' dôce gotta de orvalho,
Que vi aos raios da aurora,
Dum jasmineiro no galho.

Ao verem taes novidades
Fazem festa os passarinhos;
Mas, si gemo de saudades,
Soluçam elles nos ninhos!

Desta carta o conteúdo
Vem duma fonte sublime;
Soletra, Filha, lê tudo
Quanto a penna não exprime.

Conserva-a sempre, e si alguem
Motejar desta cartinha,
Fica certa:—esse não tem
Uma filha igual á minha.

Expostas estas primicias
Da carta que me inspiraste,
Vou transmittir-te as noticias
De tudo quanto deixaste.

—A nossa alcova deserta,
Desde a hora em que sahiste,
A porta conserva aberta
P'ra se tornar menos triste.

—No quintal o chico-preto
Gorgeia a todo momento,
Compondo está um soneto
Comtigo no pensamento.

—O canario na gaiola
Entristeceu, ficou mudo...!
—Nosso jardim se estiola,
A roseira, a acacia, tudo...

—Chegou hoje o teu vestido
De rendas. Muito correcto!
Assim que foi recebido
Beijei-o com grande affecto.

Mandar-t'o-ei nestes dias
Numa caixa fina e leve,
Coberto de phantasias,
De flores, perfume e neve.

—Em qualquer canto da casa
Uma cousa te recorda:
Té o relogio se atrasa
Parecendo não ter corda!

—O carrinho das bonecas
Ficou num canto sem dono,
E nem te lembras que peccas
Deixando-o nesse abandono.

—Sabes mais? O teu gatinho
Ha muitos dias não come!
Mas, em paga, o *safadinho*
Já pronuncía o teu nome!

—Dia e noite, sempre bella,
Me apparece a imagem tua,
Offuscando ora uma estrella,
Ora o Sol, e ora a lua!

— Longe de ti eu naufrago,
Me perco nestes escolhos;
O pharol que eu sempre trago
E' a luz desses teus olhos.

—Não ha poeta ou cantor,
Sem que pratique algum crime,
Que descreva, ó meu Amor,
A saudade que me opprime.

—Quem me consola.. . .? Quem é. . .?
Pergunto de hora em hora.
—Sou eu—responde o José,
Que a Nicota foi se embora.

—O Dominguinhos e o Dico,
Pequeninos, innocentes,
Folheando o «Tico-tico»,
Teu culto mostram contentes.

Não te espantes:—a Dolores,
Envolta ainda nos cueiros,
Pediu-me joias e flores
Para mandar-te aos milheiros!

—Finalmente, ó maravilha,
Te adianto mais um pouco:
—Qualquer pai longe da filha
E' um doente... é um louco!

—Cada uma letra que traço
Te levará beijos sãos,
Mil caricias e um abraço
Mandados por teus irmãos,

Que, desde aquella manhã,
Não pegam nos seus brinquedos,
A clamarem pela irmã,
A socia dos seus folguedos.

—De tua Mãe extremosa
Receberás o carinho,
O beijo, a benção amorosa,
Nas azas dum passarinho,

Que levará esta nota,
Servindo assim de correio,
Para entregar-te, Nicota,
Arremessando-a em teu seio.

Eil-a entregue ao passarinho,
Que para ahi já se vai,
Levando mais no biquinho
O coração de teu Pai

Fenelon C. Branco

PAYSAGENS DA GUERRA

Conferencia realizada pelo Sr. Celso Pinheiro, da Academia Piauhyense de Letras, na praça Rio Branco, em Theresina, na noite de 1 de janeiro de 1918.

O vosso movimento de attenção, minhas senhoras e meus senhores, perturba, sobremodo, a minha magra figura de vencido e faz tremerem-me as mãos, já de si bastante nervosas para susterem agora este delicto flagrante da minha propria miseria intellectual.

Mas perdoae, patricios meus! A voz que estaes ouvindo não é de um desses apóstolos da Palavra, que desta mesma tribuna ha feito vibrar o vosso patriotismo, clarinando adjectivos vermelhos, esgrimindo com arte o alfange luminoso das idéas, exhibindo com galhardia toda a pompa heraldica das armas da Eloquencia, elegantemente tiradas da panóplia real do Pensamento. Não é a voz de um desses confidentes das multidões, capaz de fazer arder o linho das vossas almas na labareda intensa do enthusiasmo ou surgir, na vitrine dos vossos olhos humedecidos, a perola de uma lagrima, como uma piedosa vela que ungisse o altar funereo do seu estranho sentimentalismo. Igualmente não é uma voz que ao menos se approxime dessa outra que parece convulsionar a gruta de todas as tragedias, os brados de todos os tormentos e o miserere de todas as agonias humanas; voz que lembra sentimentos de morte e alleluias guerreiras; estremecimentos de sol e profundezas de abysmos; arregalhos de praga e dardos vehementissimos de odio; raios de loucura, fuzís de anáthemas e assobios do Inferno; voz incomparavel e unica da Natureza gigante, por cuja monstruosa garganta rolam as catapultas dos trovões, resôam as orações demosthenicas do Mar, passam rugindo, em turbilhões, as blasphemias revoltas das tempestades, e a cujo sôpro de monstro accendem-se vulcões e phosphorejam relampagos, derrocam-se cathedraes e se sepultam cidades, sob a dansa macabra dos terremotos.

Não, a voz que estaes ouvindo póde ter quando muito a fra-

ca exhalação de uma tarde que se despede; o brando murmurío dos passos de um humilde; o rapido alvoroço de um vexame que se não percebe; o breve balbucio de uma queixa que se não ouve; a vaga inquietação de uma miseria que se não repara; a timidez e a desconfiança, o temor e o susto de uma bocca que recêa magoar os vossos ouvidos, porque não sabe rezar as orações da Luz, do Amor, do Sonho e da Belleza!

E' que já deveis ter reconhecido em mim, não o poeta que faz do seu mundo interior o resumo de todas as maravilhas do universo, trasladando para os seus poemas grandíloquos a essencia de todas as purezas e a pureza de todas as essencias; a virtude de todas as graças e a graça de todas as virtudes; o mysterio de todos os encantos e o encanto de todos os mysterios; a volupia de todas as ardentias e a ardentia de todas as volupias; perolas do mar, rosas da terra e estrellas do céo. Não o sonhador impenitente que suasse gottas de rimas e vertesse o sangue dos rubís alanceado pela paixão immortal, que faz reverter em lyrios a pustulencia das chagas; paixão que crêa mundos extraordinarios; que é como a floresta immensa das noites tropicaes, agasalhando na treva monstros disformes do ciume e do desespero, tremeluzindo os olhos luzentes com o gume afiado das navalhas; paixão que tanto póde conduzir-nos aos pincaros da gloria como aos antros trevosos da loucura. Não a mocidade flamante e bizarra, sentinella heroica dos nossos destinos, guarda avançada das nossas tradições de força e de bravura, aguia transcendental levantando, para o amor, para a vida e para a lucta, o vôo extraordinario das suas aspirações, circumvagando em semi-circulos garbosos, ondulações serenas, até perder-se em remigios triumphantes por esses cerros azues que se estendem por ahi além, como uma nau de oiro que desapparecesse na orla verde dos mares, affagando no bôjo o seu sonho formoso de conquista.

Pois, em verdade, o que a vossa benevolencia está acolhendo, neste momento, são os échos de uma alma que, depois de sorver até o ultimo gole, a taça do Pessimismo, rebentou, de vez, as cordas de uma lyra que soluçava como a harpa dos cyprestres, recordando as madeixas perfumadas e loiras das illusões bonitas que morreram. São as resonancias de um coração que vibrava como um grande sino de cathedral, soprando para o Infinito o hamlito quente das suas harmonias, na transluminosidade dos domingos claros, mas que desaprendeu de todo a alegria de viver e lembrava agora a inutilidade de um ferro velho onde apenas se aninham môchos, visionarios de todas as tristezas. São as vibratibilidades de um cerebro que, após haver concebido idéas santas, transluminosas e lindas e haver recortado, na téla da imaginação, planos varios de felicidade, com o cuidado e o apuro dos relêvos artísticos, sentiu pesar sobre si o entorpecimento do té-

dio, pelo avizinhar sombrio dos pensamentos de morte, extraordinarios e atrozes pensamentos que asphixiam como nuvens compactas e negras e lembram uma grande aza espalma do Infortunio, ou uma vigorosa mão gigantesca que lhe vibrasse raios de maldicção.

Mas esta alma, que divagava, silenciosa e muda, pelas alamedas dos hospitaes, noivando com a sua tristeza na quietude azul dos devaneios; este coração, que errava como um tysico fidalgo, pelas ilhas encantadas do Sonho, sentimental e langue, como si o houvessem magoado, para sempre, umas lindas mãos femininas; este cerebro, que pensava talvez nos impossiveis do amor, da gloria e da ventura, trancado no mais ingenuo e branco recolhimento; esta alma, este coração, este cerebro, ao terem conhecimento do estado de guerra do paiz, levantaram-se, unísonos e bravos, como tres forças, tres energias, tres pulsos formidandos de Patriotismo, para luctarem, para romperem-se, para tombarem, rôtos e gloriosos, pela integridade e pela honra da «grande mãe-commum,—a Patria Brasileira!...»

Symphonia da Lucta

Afastemos, senhores, a cortina rendada da nossa Phantasia e contemplemos os campos de batalha, que os japonezes chamaram de *jardim da guerra,* na estranha exaltação de um enfebrecimento poético.

Descerrae bem os vossos olhos deslumbrados, porque o que ides ver é maior e mais extraordinario do que os surtos maravilhosos de todas as epopéas do mundo; é mais grave e mais emocionante do que o solenne desfilar dos Seculos carregando, aos hombros de granito, a bagagem immensa da Civilisação, do Progresso e da Sabedoria; é mais suggestivo e mais eloquente do que o gesto desordenado da Humanidade pregando do púlpito das montanhas o seu sermão de lagrimas aos céos.

E' a belleza trágica de todas as dôres, desgrenhadas e roucas, entoando um côro monstro de blasphemias pelas naves sombrias das Horas-Mortas, ás primeiras badaladas do relogio assombroso dos Destinos. E' a vida ou a morte, a victoria ou a derrota, a liberdade ou o carcere, o desafôgo ou a asphixia, a honra ou a vergonha, a dignidade ou o aviltamento, a grandeza ou o nada!...

Mas, ah! não vos descuideis um só instante e cerrae bem os vossos ouvidos, para que vos não ensurdeça a symphonia ensanguentada da lucta, symphonia que explóde como um lábaro acceso de vingança; que retalha e queima como espadas flammivomas em punho; que tem colleios sinistros, como a fita sinuosa

dos ophidios; gargalhadas atroses de demonios, alaridos de loucos, fremito, ancia, tortura!

Na verdade, são longos ais dilacerantes e agudos, praguejamentos damnados, gritos allucinantes de horror, berros atroadores de estimulo, «vivas» claros e vibrantes como scentelhas de animo, «morras» ferozes e rubros como látegos vivos de odio. E a symphonia cresce, avoluma-se, derrama-se, alastra-se, despoja-se como o oceano nos dias tremendos de resaca; estruge e brame como os tigres nas cavernas lôbregas e frias; estoira e mata como o raio das coleras sopitadas, e anceia e freme e arfa e súa como dorsos de Hercules que se contrahissem no arrega-nho da investida, retezando os músculos possantes, soffreando a custo a respiração difficil, dilatando as narinas dolorosas, prolongando o abraço de ferro da morte pela resistencia terrivel de forças que se não deixam vencer, porque têm a incentivar-lhes as energias, a grita vermelha do Patriotismo. E a musica das tragedias prosegue atordoadora e confusa, formidavel e bruta, incendiaria e louca, hysterica e bravia como um cataclysmo sem nome na historia, ameaçando rolar as cúpulas das cordilheiras, emmudecer a guella escancarada do oceano ou desabar o tecto azul dos céos aterrorizados...

Agora são batalhões que marcham desassombradamente para um avanço forçado, vizando a reconquista de terras que lhes fôram arrancadas como um enorme pão que se multiplicava em suas mãos de trabalho, como nas mãos miraculosas do Christo. Terras de cujo seio pareceram rebentar, robustos e vigorosos como essas arvores centenarias que os viram nascer, pompeando no Azul a esmeralda das frondes á maneira do amplo e verde trophéo das suas esperanças. Os guerreiros vão illuminados porque os envolve o clarão siderio de uma crença; vão sublimes porque levam n'alma os ensinamentos cívicos da sua raça; vão confiantes e fortes porque tonificam-lhes os nervos as lufadas quentes do Amor, da Gloria e da Bravura!

E todavia, uma rajada hysterica de odio, como um bafejo monstro de fornalhas, um insulto apoplético de bebedos, um tufão praguejador e medonho, varre sinistramente aquelles corpos em lucta e impelle-os, como machinas, para a parada do ultimo heroismo. E' toda uma legião de homens que se despeja numa impetuosidade de loucos com o arremesso e a furia das ondas espumejantes e bravas; é o alevantamento dos punhos cerrados das revoltas pelo alarma gritante de consciencias erguidas; é a muralha inexpugnavel de peitos que resistem a todos os embates, a todas as fadigas, a todas as canceiras, porque estão escudados na Fé, firmados no Idéal, defendidos pela couraça hercúlea da Razão!

Boccas de fôgo trovejam incessantemente naquelle cháos

tenebroso, agitando a lingua vermelha dos vulcões; lanças, espadas, florêtes e aguilhões ponteagudos entrechocam-se no ar em estremeções violentos como o ranger dos dentes do Desespero. E ha explosões assassinas tão estranhas, tão bruscas, tão fataes, que lembram o lampejar sinistro do olho enorme, horrivelmente injectado, dos relampagos, chammejando na orbita escura das noites tempestuosas...

Sangue

De subito, em meio áquella lucta titânica, tragica e bella, as arterias rompidas ao estridôr da musica das balas, uma figura de heróe, sacudida por uma crise nervosa, distende os braços, resiste ainda, tem um derradeiro rasgo de heroismo e róla e tomba e morre, apertada nos grilhões vermelhos do seu sangue!

O sangue é a mortalha de púrpura dos heróes. Em cada dobra, em cada prega, em cada nêsga dessa vestimenta de morte, como que tremeluz a chispa de uma idéa, o clarôr de um pensamento, a constellação dos principios.

O sangue é a musica da vida! Acachoando dos canaes das veias, como elle canta e cascateia e brilha e é todo uma irização de rubís, opalas e amethystas, ferindo-nos o olhar, embriagando-nos os sentidos!

O sangue freme, estúa, delira e é uma cobra de coral occulta no rosal da carne, preparando o bote ás nymphas descuidosas, para picar com bocca de desejos.

O sangue é um jardineiro alegre a serviço das rosas da saúde. Irmão da força e da alegria, elle não ama colorir a face dos poetas melancólicos nem das moçoilas romanticas. Escolhe de preferencia o pulso dos athletas, dos guerreiros e das mulheres sadias, pois que o sangue é alma, animo, amor, ventura, enthusiasmo, toda uma serie galante de sentimentos bizarros. E' o oleo que faz mover a machina do corpo, a aranha do tear fragiiimo dos nervos.

O sangue vibra, o sangue arde, o sangue cheira e é som, é febre, é lava, é perfume pela encosta illuminada dos contornos e das ancas feminís. Lembra uma chapa de ferro incandescente na forja dos pulmões e bem póde voar ao ar em lascas sob o malho incessante desse ferreiro atroz,—o coração!...

O sangue é um hymno. Evolado de alguem pelas boccas nervosas de mil póros, deslumbra e pasma pelo clarim das côres suggestivas. Cada glóbulo vermelho é uma nota a aturdir a alma azul dos espaços; cada jorro, cada jacto unctuoso e quente surgindo, em gorgolões, é uma estróphe inspirada e rubra que se desfaz em rimas borbulhantes.

O sangue é um incendio. Devorando em realidade um cas-

tello de amor, longamente trabalhado nas plagas da imaginação, as labaredas do sangue, ao mancharem a brancura de rendas nupciaes, como que têm risadas surdas, gemidos rithmados de goso, fremitos de azas, barulho de ninhos, chiar de folhas seccas dos outomnos, abanar de frondes victoriosas no Azul!

E' que nos circulos do sangue, cada labio é uma chamma, cada bocca é uma braza faiscante de beijos, cada arteria uma cythara gemendo a aria extertorante da febre.

O sangue é tudo! Quando primeiro abrimos os olhos para o mundo, é de sangue que nos alimentamos, sangue continuamos a ser até á morte, pois que é de sangue a sementeira esplendida da Vida!

O sangue é ainda um grande manancial de luz. Quem sabe si essas estrellas, si essas via-lacteas magnificas, si todas essas perolas trementes que scintillam no estojo azul do firmamento, não são gottas esfarinhadas de sangue dos poetas e das virgens mortas que se fôram arrefecendo nas veias esse suor dos martyrios?...

Sim, o sangue é um sol. Auroreando nos jardins da carne para a festa de amor da Puberdade, desabotôa as papoulas berrantes dos arroubos, dá mais vida aos cravos rubros da alegria, redoira as magnolias do sonho, amacia com dedos de luz as sensitivas da graça e prende, a sorrir, as mãos polpudas de Vesta, num encantamento feliz. Depois, avança pela varzea escampa do Azul na sua marcha idéal, accende todos os pharóes das suas ardentías, inflamma-se, bate valentemente a escalada do Infinito, galga a culminancia dos céos, attinge o seu máximo esplendor, desfolha-se, desnuda-se e banha-se como um cysne de luz nas ondas impalpaveis da sua propria gloria. Então, ao influxo desse surto miraculoso, ha todo um chammejar de brazas do lyrismo, o estalido do delirio das grandezas, o vozerio longo dos mysterios, o crepitar das tochas da ambição, a myrra e o incenso das esperanças aladas, tudo a arder, a clarear, a luzir, a incendiar o coração ancioso na pyra estranha da Mocidade. Mas, ah! o gigante entedia-se de tanta luz, sente fecharem-se as palpebras de chumbo, quer repousar a cabeça luminosa, quer dormir, quer ceder, quer descançar, e anceia e freme e rola e tomba numa hemoptise bravía, ensopando de sangue o travesseiro do occaso, como o heróe que rebentou ao estridôr da musica das balas, sob a auréola divina da bandeira.

Bandeira

A bandeira! Ella é a propria mão cariciosa da Patria engrinaldando de bençãos as cabeças dos que morrem luctando pela honra nacional.

A bandeira é «um pedaço da fralda das nações». Aberta, pompeando no Azul, na sua magnificencia adoravel, como que lembra epidermes assetinadas, balbucios de goso, pudicicias de anjos; recolhimento de noivas, ósculos, ancias, mysterios. Fechada; na sua mudez absoluta, a bandeira é uma flôr em botão e se desfolha, a um brusco movimento, como um crysanthemo de oiro.

A bandeira é bem o véo estrellado das nossas almas envolvendo o busto santo da Patria, como um branco lençól cheiroso de noivado. Lembra o espelho maraviihoso da nossa grandeza, reflectindo a odalisca das cidades, a sylphide das campinas e a nayade das villas e das aldeias, num deslumbramento immortal.

A bandeira é a Veronica da Patria. Leve, candida e bôa como o linho que aquece o berço dos nossos filhos, ella é um amplo pallio d'amor, um grande halo de misericordia, um breviario de lindas orações. Nos momentos de angustia, quando mais forte é a intensidade dos vexames, a bandeira desfralda-se, rútila e bella, e é um leque desafogando o peito hercúleo das nações.

Severa, por vezes, acobertando o cadaver de um heróe, a bandeira queda-se como uma face pensativa e é toda um pétalo de gratidão diffundindo o perfume brando da piedade.

Pálpita e linda, espreguiçando-se ao sabor dos ventos, vira-volteando no espaço, a bandeira ri-se, tem estremecimentos de volupia, deleites prolongados, desdobra-se em colleios felinos e sensuaes como uns cabellos macios de mulher.

Lembra o lenço roubado do poeta, «pando, enfunado, concavo de beijos»! Ha no tecido da bandeira a filigrana dos ninhos, os farrapos batidos do sol do estio, frócos dispersos da via-lactea, a maciez e o aconchêgo, a tepidez e o confôrto de rendas caras agazalhando uns seios femininos.

A bandeira é uma pagina de oiro da nossa historia, que recordamos sempre com os olhos embebidos de emoção. E' a aza tremulante que nos transporta ás regiões azúleas da Gloria, num vôo que arrasta comsigo a cauda enorme dos cometas, pelo seu longo traço de luz. E' a folha de parra da Biblia velando a nudez esplendida da Patria para que não a macúle nunca a vista profana do estrangeiro.

A bandeira na paz, desfructando-lhe as blandicias, é bem um reflexo da nossa confraternização, uma emanação de doçuras infinitas, um grande jacto de vida e de felicidade. Vêde-a nos dias de festa nacional! A bandeira se tranfigura. Assúme uns ares de coquette feiticeira. Tem meneios galantes de menina imaginosa, arrepios de carne pubescente. Sorri com essa graça que recêa entreabrir o pétalo do labio, porque é luz indecisa, vacillação d'amor, aurorear de pejo, extasis dos céos. Então, como a enfeitam de rosas nesses dias, ella faz do perfu-

me o proprio halito, a sua linguagem mysteriosa, o incenso e o nardo das suas horas loiras de saudade.

A bandeira é uma harpa. Cada fio do seu panno é uma corda estuando de emoções. Acostumada aos grandes éstos da coragem e do civismo, ella não ama encordoar-se de lagrimas e nem tremúla as gottas nervosas dos gemidos. E' a panóplia florida das canções guerreiras. Que estranha sensação tem a harpa da bandeira! O seu canto espiralando em serpenteios febris, é tão forte, tão firme, tão seguro, que galga o pincaro dos montes, óra nas alturas, freme, ondeia, tremúla, enfia pelo fundo dos abysmos, ensina-lhes coisas extraordinarias, eleva-se outra vez, descreve semi-circulos bizarros, anceia, delira, cança, mas quer conter ainda a resonancia unica e suprema, e estala e rompe e estoira como as cigarras bêbedas e loucas!...

E' assim tambem na guerra a alma esbrazeada da bandeira. Rôta, salpicada de sangue, dilacerada de balas, esfumarada de polvora, a bandeira encrespa-se, a bandeira irrita-se, a bandeira estruge, e é a propria juba do leão do heroismo, atormentada e revôlta, na reluctancia terrivel. Lembra uma nuvem flammejadora e brilhante, pejada da carga das bayonetas, ameaçando romper-se na viravolta infernal.

Vêde-a no seu dominio triumphante zig-zagueando por sobre as cabeças de milhões de homens armados, que não a deixam, que não a esquecem, que a conduzem sempre com furia através de mil perigos, como si ella fosse o estandarte das suas proprias vidas. Para aquelles espiritos de fortes, a honra da bandeira vale mais do que a oração que as mãos tremulas das mães lhes puzeram no pescoço á hora da partida, de sob a góla da bluza, numa benção de lagrimas e beijos.

E' que a bandeira, torcida pelos vendavaes das tragedias, martyrizada e tinta de sangue como um pedaço da tunica de Christo, é bem a hostia de fôgo dessa grande religião que se estende por toda a face do planeta, religião-sol, religião-amor, religião-idéal do Patriotismo! Por isso os soldados seguram-na bem, agitam-na com força nos punhos cerrados, salvam-na das refrégas, allucinantes, aspiram-na, affagam-na, beijam-na e somem-se com ella nos subterraneos formidolosos da guerra, como uma legião de formigas arrastando uma aza de cigarra...

Hymno

Todavia, mesmo no momento mais trágico da lucta, a bandeira illumina-se, tem crystallinidades de risos, parece que se arrepía ao sol como plumagens rútilas e crêspas. Alguma cousa a empolga, alguma cousa a fascina, alguma cousa a estonteia. E

um hymno que a envolve na rêde macia das harmonias, como num abraço voluptuoso e divino.

A bandeira é irmã legitima do hymno. O hymno, tomando-a nos seus braços de sons, palpando-a, cheirando-a, abrazando-a com seu halito de febre, é tambem o seu poéta-noivo, o seu Romeu adorado, o Alguem das suas scysmas e emoções.

O hymno é o grito de guerra das nações. Ouvil-o em meio de um combate, por entre o fragor intenso da artilharia, é ouvir a propria imagem da Patria, arrogante e soberba, num brado vivo de encorajamento.

Ah, o hymno é o accendedor dos lampeões apagados do Pessimismo. Ao seu influxo maravilhoso, todos estremecem, todos se illuminam, todos se acaloram como se lhes applicassem duchas de alegria.

Marselheza

Que estranha, que bizarra, que suprema sensação tem a musica fortissima de um hymno! Escutai, por exemplo, a Marselheza! Vêde como a flôr das melodias se desata estalejando os pétalos de sons! E' a propria alma da França esvaindo-se numa hemoptise de rimas. E' o seu passado, é a sua historia, é a longa fileira dos seus dias brilhantes de triumpho, desfilando em procissão através daquella musica, sob o pallio dourado daquelles versos.

A Marselheza devia ser o hymno dos alliados nessa conflagração estupenda. Vibrante como um dardo e sonora como um beijo lapidado de luz, ella symboliza perfeitamente, nesta hora de angustias e sobresaltos, os impetos e as paixões, as duvidas e os anceios da grande alma afflicta do Universo. Tem a aspereza das farpas e a suavidade das plumas, a bravura do tigre e a mansuetude das rôlas, estridencias de clarins, blandicias de violinos, vermelhidões de incendios, pallores de sombras, travor de fel, sabor de vinhos, tortura de idéal, ancia de liberdade, grita de triumphos, gana de luz, clarão de sentimentos, amor! «A Marselheza é a descarga cerrada das bayonetas das idéas».

No avolumado daquellas notas de fôgo, que sobem e descem, anceiam e oscillam como vagas túrgidas e bellas, parece que extertora sempre toda a alma da França na sua sublimidade eloquente. Irrompendo num momento angustioso do seio opprimido da França, a Marselheza foi como um grito selvático que reboando pelas planuras sem termo, vergasse as arvores e sacudisse as montanhas, pela surpreza e a alegria do seu achado estupendo!

Flôr da guerra, afeita aos verões esbrazeados dos campos de batalha, ella viceja com mais pompa sob a chuva das balas,

que tambem se desencadeia, trágica e bruta, com todo o seu cortejo sinistro de trovões, relampagos e tempestades.

A Marselheza, fazendo voar os seus sons voluptuosos e quentes nas paragens rubras da Europa, neste momento terrivel, lembra as fagulhas de oiro dessa fogueira immensa que parece attingir o azul dos céos e o musgo verde dos mares; fogueira feita de corpos humanos como uma lingua hydróphoba lambendo planicies e cidades inteiras; fogueira que se assanha e se encurece como a salamandra do Inferno escorchada pelos tições escuros de peças formidaveis de guerra!

E, comtudo, o hymno genial tem, por vezes, lampejos christianissimos de piedade, refracção suavissima de bem. Lembra mesmo a piedosa unção da Gloria, unctando com os santos-oleos das suas harmonias o «olhar ancioso e afflicto dos que morrem» honrando o santo nome da Patria.

Rouget de Lisle

Contam que Rouget de Lisle, no ultimo instante de deixar a vida, na paz bucólica da sua aldeia natal, estremeceu abalado por uma profunda commoção. Os poucos amigos que o rodeavam, intimos e pessoas da familia que lhe assistiam a agonia, entreolharam-se assustadamente.

Estranha coincidencia! Sonoros, trazidos pela mão dos ventos, os sons da Marselheza chegavam aos ouvidos do moribundo! Cantavam-na as creanças de um collegio proximo, fazendo-a échoar através de um bouquet de cem boccas fresquissimas.

Cantavam-na... Por fim, as ultimas vozes tiveram um arranco supremo, uma explosão luminosa, perderam-se, sumiram-se pelo espaço infinito. Rouget de Lisle estava morto, mas sorria abençoado pelo seu hymno immortal!

Suggestões do Hymno

Ah, o poder suggestivo dos hymnos nacionaes! No labôr das campanhas, rôtos e escalavrados, ensurdecidos pelo estampido das peças, mortos de cançaço, tendo no rosto o sulco das insomnias, soldados ás vezes sentem roçar-lhe a alma a aza agoureira de um desalento. Pensam mesmo que é inutil todo o esforço sobre-humano heroicamente despendido, e os braços do Pessimismo estendem-se para elles, hórridos e feios, como tentáculos de morte.

E' o desanimo que começa a invadir as tropas com toda a sua figura mollenga de rasteiro. Mas eis que um hymno estruge de repente em toda a sua imponencia bellicosa, e ondula e freme e estremece e vôa e ganha as alturas, num impeto supremo, como

um avanço brusco de victoria. E' a propria voz da Patria que irrompe, sonora e bôa, como um grande sopro de vida sacolejando o espirito dos bravos.

No nervosismo daquellas notas vibrantes, como que resôa a voz de mando das esposas no reino augusto dos lares, as rezas tremulas das mães a encommendal-os a Deus e o écho commovedor dos filhos pequeninos na alacridade infantil.

Lembrança da Patria

A lembrança da Patria perpassa-lhes então pelo pensamento e é toda a suave transfiguração da Senhora das Dôres com o peito lacerado de espadas, o labio resequido e meio aberto, numa expressão de fadiga, os olhos rútilos e estranhos como duas tochas de febre, o gesto cançado e langue como uma benção de moribundo e os cabellos esvoaçando ao vento como uma flôr avelludada de treva que se esfolhasse numa vertigem de luz. E' a massa indomita das tropas, sem tempo para atirar-lhe um beijo da sua piedade, porque é preciso manejar com furia a forja infernal das suas forças; sem tempo para mandar-lhe um suspiro da sua saudade, porque faz-se mistér conservar rugindo a clava heroica da sua valia; sem tempo para enviar-lhe uma palavra só do seu amor, porque reseca-se-lhe a garganta no nevoeiro intenso do fumo asphixiante; a massa indomita das tropas retéza-se, contráe-se, desvia-se, agacha-se, acurva-se, levanta-se de novo, tem ondulações monstruosas, tercicollos de hydra, zig-zaguear de coriscos, inflamma-se, empolla-se, apruma-se, redobra de audacia e de valor, de força e de energia, agiganta-se ainda mais e lá vai aos guinchos, aos arrecúos, aos encontrões, num redemoinho phantastico, accordando um fragôr de todos os diabos, uma grita de todos os monstros, como se rolassem mundos, desabassem céos, uivando, bramindo, roncando, sem parar nunca, sem estacar nunca, sem amainar nunca a gana destruidora e fatal, atè perder-se, sumir-se, apagar-se na hecatombe maldicta dessa peleja estupenda!...

Patria

Mas quem impulsiona assim, com a agilidade assombrosa dos machinismos, essa molle de gente ameaçadora e terrivel que parece ter mollas de aço nas entranhas, que se desdobra e se subdivide como a giboia immensa das locomotivas numa desfilada veloz, apavorante e sinistra, no seu bailado infernal, fazendo cidades, dilacerando rebanhos, espantando as feras com o seu silvar agudissimo? Que braço, que punho, que mão gigantêsca e formidavel impellem para esse mar tonitruante de horro-

res; onde rólam as ondas esfroladas da desgraça, aquelle povo de heróes espicaçado de odio, zurzido pela dôr, febrado de vinganças? Que ordem-raio de soberano fal-os partir entremunhados e tontos para os jardins da morte, renunciando a meiguice das esposas, a bondade pulchra das mães e a graça consoladora dos filhos?...

Ah, quem havia de ser, minhas senhoras e meus senhores, senão o amor da Patria, essa força prodigiosa e bruta que faz de todos nós um unico homem para querel-a, para possuil-a, para esposal-a, rumando-a com mãos d'amor nos caminhos acertados da honra e do dever, orgulhosos do seu orgulho, venturosos da sua ventura, martyrizados no seu martyrio, glorificados na sua gloria!...

Amor

Ah, ó amor! sempre esse sentimento impetuoso e bello que tem a mudez eloquente da Treva e as fallas amaciadas e doces da Luz; sempre a pequenez maligna desse nada perigoso a investir, a cercear, a alluir a grandeza de certas almas severas

«Como a floresta secular, sombria,
Virgem do passo humano e do machado»;

sempre o zumbir dessa flexa selvagem do destino a atear em o nosso peito as papoulas vermelhas de um incendio, sempre!...

Na cathedral esplendida da arte é elle que accende as luzes das idéas para maior esplendor do altar-mór do Pensamento; é elle que faz vibrar o orgam da Palavra e entôa os psalmos religiosos da Crença e da Illusão; é elle que faz arder o incenso da Belleza, que sobe em espiraes bemdictas delineando corpos núas de mulheres lindas em ritornellos voluptuosos e languidos; é por elle ainda que o artista veste a estola dourada da Phantasia e celebra a grande missa da Perfeição, no almo esplendor de um grande sonho atormentado.

Na Arte

O amor! Na poesia é o triangulo luminoso da lyrica humana dentro da esphera dessas tres glorias supremas,—Dante, Homero e Camões, perpetuamente vivas na pompa immortal das suas odysséas inimitaveis. Na musica é Bellini empoeirando de sons a alma louca da sua *Sonambula*, ou Carlos Gomes evocando trechos dessa natureza maravilhosa através da quente voluptuosidade do *Guarany*. Na pintura é Leonardo da Vinci perpetuando na tela, sem descontinuar, o sorriso de sol da *Gioconda*, recêoso de que a esponja do tempo apague o reflexo divino daquella graça; é Ticiano dando estremecimentos e alvoroços

de posse ao cysne estranho que palpita e freme, flaflando as azas, enroscando o pescoço esguio no corpo branco de *Leda;* é ainda Corregio dispondo artisticamente as tintas da magoa e da tristeza para o traço genial de piedade e abnegação que ungem esse pobre *Christo despregado da Cruz*. Na escultura é Praxiteles fazendo surgir á tona das espumas, o busto claro de Venus, como um grande lyrio illuminado sorrindo no arregaço feliz de um desabrôcho, para o eterno esplendor da Belleza eterna; finalmente é Miguel Angelo, tranfigurado e sublime, nos olhos um raio esplendido de loucura, delirante de goso intellectual, gritando o *parla* commovedor para a estatua perfeita de Moysés!...

Na Patria

Na Patria o amor assume neste momento proporções tão gigantescas, fórmas tão extraordinarias, que lembra o proprio Adamastor. atormentado e infeliz, dentro da sua estranha paixão, sem o poiso de um collo para a sua cabeça sonhadora, porque em summa não existe

... «amor bastante
De nympha, que sustente o de um gigante.»

E' a propria figura de Alberto, o Grande, fazendo da sua luminosa grandeza uma muralha de oiro para interceptar a passagem, no seu territorio, das hostes sangue-sedentas do kaiser; é Victor Emmanuel batendo-se como um leão nas linhas de frente da Italia, não cedendo nunca nos resfolegos incontidos da heroicidade de ferro, barrando afinal pelo poder das suas armas «a invasão damnada dos barbaros» para que Veneza, desafogada e livre, sorrisse como d'antes o seu sorriso argenteo de velas e de gondolas; é Joffre, o taciturno, providencial e feliz, arrebatando ás garras monstruosas da *Aguia Negra* a integridade da França gloriosa, espelho e alma de toda uma civilisação; é Kerensky, illuminado e soberbo, vibrante de coragem civica, tentando recompôr, num gesto allucinante de desespero, a alma esphacelada da Russia, para que o colosso não succumba de vergonha; é Gabriel d'Annuzio no arranco impetuoso de um vôo incomparavel e unico por sobre as linhas inimigas, como a querer sobrepujar com a supremacia do seu genio de artista, a hediondez absoluta do militarismo allemão; é, finalmente, o Brasil que se levanta, confiante e calmo na sua belleza varonil, para erguer com honra a luva do desafio germanico.

O amor da Patria, minhas senhoras e meus senhores, é ainda esse grande sol que traz comsigo a alegria dá luz e da côr; são essas serras compridas que se estendem como enormes lasgartas verdes por sobre a superabundancia do solo; são esses

rochedos empinados e rijos como peitos bronzeos da Virgem-Natureza; são essas mattas opulentissimas que lembram aranhas de esmeralda trabalhando o tecido nervoso das lianas e dos cipós; são esses dias rútilos e claros como o diamante que ri junto á treva de uma cabelleira, preso á graça de uma orelha feminina; são essas tardes nostalgicas e meigas como suspiros candidos de noivas; são os passaros e as plantas, as estrellas e as flôres; é o perfume embriagante que se evola do seio bom da Terra, é o amavio immenso que sobe de tudo isto, enchendo de sensações a cornucopia dos céos...

Ainda mais: é o respeito que temos pelos nossos antepassados, o culto dos nossos grandes homens, as nossas obras d'arte, a nossa literatura, o esforço abençoado do nosso trabalho, os hymnarios dos nossos poetas, as virtudes incomparaveis das nossas patricias, nós mesmos, a nossa alma, o nosso sangue, os nossos nervos, a nossa intelligencia, a renuncia abnegada da nossa calma e dos nossos prazeres, por honra das nossas armas e da nossa bravura!

Ampliando mais ainda, é o acampamento das nossas grandes cidades evaporando pelos milhões de boccas das suas chaminés as gottas da nossa energia e do nosso valor no enfebrecimento da nossa actividade prodigiosa; são o exercito e a marinha de guerra, atalaias sempre promptas da defesa nacional, salvaguarda das nossas fronteiras, orgulho e honra da nossa nacionalidade; são os monumentos dos nossos escriptores e dos nossos heróes attestando na praça publica o poder da nossa cultura e do nosso civismo; são a lavoura e a industria, o commercio e a civilização a crescerem, a se multiplicarem, a se impôrem na sua grandeza absoluta, como braços múltiplos de gigantes acenando aos outros povos para o banquete estupendo da nossa fortuna maravilhosa...

Sim, é tudo isto, minhas senhoras e meus senhores, este amor extraordinario que se mede pela pulsação precipite dos vossos seios e se conta pelas particulas de luz das vossas lagrimas e dos vossos sorrisos. Elle, que concorre para a formação do nosso carácter e prepara-nos o espirito para os altos designios na existencia, tambem penetra-nos a alma pelas amplas e verdes janellas dos castellos de oiro da Juventude. Todavia, ao contrario de outros amores, não desfallece nem se esconde nunca na sombra e no silencio com receio de encarar o astro que lhe feriu as retinas deslumbradas...

E' febre, é ancia, é força, arrebatamento, delirio, este amor immortal que arranca como o Sol scintillações de pérolas aos pântanos e põe grandes olhos de luz na órbita nostálgica dos abysmos. No dominio da poesia bucólica, é de ver como o monstro tambem se faz de pastor e estala o rebenque dos fuzís com-

boiando os dromedarios das montanhas pelos desertos hirsúdos e brutos...

Em summa, para symbolizar este amor fôra preciso que se idéasse um gigante que tendo os pés fincados na Terra, rompesse o Céo ao alçar a cabeça livremente, ficando os demais planetas pyrilampeando-lhe no peito como microscópicas medalhas!...

Ultimo sacrificio

E é por honra deste grande sentimento, minhas senhoras e meus senhores, que devemos nos sacrificar pela Patria como antigamente os cordeiros inermes eram sacrificados em honra do Senhor.

Marchemos, pois, para a guerra, como para uma festa patriotica. Entreguemos a sorte dos nossos destinos aos seus deuses, com o desprendimento e a abnegação dos grandes martyres do estoicismo.

Si não bastarem as torturas, as ancias, os martyrios que por certo latejarão no nosso devotamento á Patria, nesta emergencia cruel, si a morte nos quizer ainda tombados, de papo para cima, nos campos de batalha, bemdicta seja a morte que tão compridor honra tão grande, felicidade tamanha. A morte na luta é a apotheose da Vida! Ademais, é preciso pensar como o poeta que considera

> ...«uma desgraça
> Não morrer numa rua ou numa praça,
> Para morrer estupido no leito!...»

Saibamos morrer na vida, já que nos não é dado sobreviver na morte. Tombemos heroicamente cetoando os nossos cantos guerreiros, como os girondinos tombavam da guilhotina affagando nos labios o doce hymno da Patria. Façamos como Arria, esposa de Paetus que, para subtrail-o a um supplicio horrendo, cravou o punhal no proprio peito e retirando-o ainda humido lh'o entregou dizendo que não doia. Façamos como Lucano que, para se livrar de uma morte ignominiosa, rompeu uma veia do pé e morreu recitando, de dentro do banho perfumado, os mais bellos trechos do seu poema parda. Façamos ainda como Petronio que, para se livrar da perfidia de Nero, acabou num doce evanescimento no collo moreno de Eunice, durante os esplendores de uma linda ceia de arte.

Sim, abracemos tambem as novas teias, si preciso fôr, ao nosso santo da Patria e morramos sorrindo para o amor e para a gloria, vendo o nosso sangue florindo em rosas que como horas alliegres e afflictas lhe gemerão ainda:—«Perdoai-os, Senhor, por não pesar?...»

PAGINAS ANTIGAS

O TOURO FUSCO

«Vês aquelle boi que rumina alli deitado somnolento na relva? Talvez seja um philosopho profundo que se ri de nós. A philosophia humana é uma vaidade.

Alvares de Azevedo.

CANTO PRIMEIRO

I

Não vou cantar heróes, nem esses feitos
Que adornam os annaes da humanidade;
Nem incensos queimar, nem render preitos
Á precaria e terrena potestade:
A um bruto vão ser meus versos feitos.
Pois que aos brutos deu vida a Divindade;
E eu, louvando do bruto o fino instincto,
Mais amor e respeito por Deus sinto.

II

O' minha doce infancia suspirada,
Que o tempo estragador levou comsigo;
Terna lembrança d'essa vida amada,
Que ha de sempre viver, morrer commigo;
Campos em que brinquei, onde fadada
A vida me corria sem perigo,
Fazei que, embora pobre, o meu assumpto
Seja do meu sentir fiel transumpto

III

No bello Crateuz, sertão formoso,
Obra sublime do Supremo Artista,
Num terreno coberto de *mimoso*,
Está sita a fazenda «Boa-vista;»
Do Principe Imperial, bravo e rixoso,
Villa do Piauhy, seis legoas dista;
Ahi, num *massafé* torrado e brusco,
Nasceu o valeroso «touro-fusco.»

IV

Em certo anno do seculo desenove,
Além de peste e fome assoladora,
No pobre Crateuz nem se quer chove,
A secca é por demais abrasadora.
Um aqui jaz faminto—nem se move!
Outro alli, ante a Imagem da Senhora,
Pede, em pranto banhado, ao Bento Filho
Chuva, arroz e feijão, farinha e milho.

V

Foi n'esse anno de peste e de carencia
Que o *fusco* neste mundo foi botado;
Mas da secca terrivel a inclemencia
A mãe-vacca matou-lhe: eil-o engeitado!
Porem delle tratou com diligencia
O bom do creador, com tal cuidado
Que, embora magro e feio e cabelludo,
Foi crescendo o bezerro barrigudo.

VI

Já era garrotinho, e inda a barriga
Parecia querer romper-lhe o couro;
Quem olhava o infeliz—dava-lhe figa,
Dizendo: este nunca ha de ser touro!
Quantas vezes, me lembra, eu tinha briga,
Se barriga chamavam-no de sôro,
A ponto de chorar, de coitadinho
Chamar o desgraçado garrotinho.

VII

No anno trinta e seis ou trinta e sete
Era pai de curral o bello touro;
As proezas que fez, ainda repete
Quem nunca lhe notou um só desdouro:
Ouvir-lhe as duras brigas terror mete,
Ás vezes de prazer rebenta o choro!
Se o *fusco* fosse gente, elle seria
Mais heroe que esse heroe de Alexandria.

VIII

Pouco a pouco foi-se elle endireitando,
Já suas finas pontas amolava
Na dura ribanceira, onde passando,
Uma e outra a seu turno elle enfiava.
Já quando algum garrote ouvia urrando,
Cavando com a mão tambem urrava;
Té que, alfim, de pelloso e barrigudo,
Tornou-se um touro bello e cachaçudo.

IX

Os seus chifres não eram nem *espaços*,
Nem *combucos* tambem: pouco virados;
Com que garbo gentil movia os passos,
Quando vinha ao curral co'os outros gados!
Era o *fusco* na côr, mas tinha traços
De *liso* pelas costas espalhados:
Seu *cupim* era grande e tão roliço
Como em outro não vi igual toutiço!

X

Quando vinha ao curral, tocando adiante
A manada de vaccas que guardava,
Tinha um modo de andar tão elegante,
Tão grave qu'eu com gosto lh'o notava!
Tinha um urro saudoso e retumbante
Que nos valles floridos reboava:
Toda terra do urro estremecia,
E o matto em derredor todo tremia!

XI

Sempre me hei de lembrar da vez primeira,
Em que elle se pegou com outro touro,
Que veio da fazenda Cachoeira,
Era grande e *lavrado* em todo couro;
Sempre tinha vencido na ribeira,
D'onde vinha alcançar triumpho e louro;
Mas, coitado!—saiu-lhe o anno bissexto,
Como diz o ditactado ou reza o texto.

XII

Quando o *fusco* se viu em pé na frente
Do *lavrado* inimigo que cavava
N'uma moita amolando a ponta quente,
Com as mãos para o ar o pó lançava;
Mas, eis que serio fica e de repente,
Abanando a cabeça, que abaixava,
Contra o fero inimigo elle arremete
De um modo que o pavor em todos mete.

XIII

Trava-se a lucta encarniçada e dura,
Grande circulo descrevem na refrega,
Já meia hora que a peleja dura,
O *fusco* do inimigo se despega;
Mas, de novo, sacode com bravura
A testa, e novamente a lucta pega
Co'o *lavrado* que em pouco urra na ponta
Do *fusco* que, espetando-o, se remonta

XIV

Mais de um palmo saiu do opposto lado
Do cachacho do misero vencido
A ponta com que viu-se traspassado,
Os campos atroando suspendido!
Todo dia levara pendurado,
Se seu proprio senhor compadecido,
Não o fosse arrancar do chifre brusco
Do valente e brioso touro-*fusco*.

XV

Em breve toda aquella redondeza
Só do touro valente se occupava;
Se um urro, acaso, ouviam na deveza,
Diziam que era o *fusco* quem urrava.
Todos queriam ver sua fereza,
Quando com outro touro elle brigava,
E até vinham de mais de uma fazenda
Muitos e muitos touros de encommenda.

XVI

Dos touros vencedor, nunca vencido,
Era o *fusco* o terror d'aquelles campos.
Seu urro, qual trovão, era temido,
Seus olhos fuzilavam quaes relampos.
Era um touro valente e destimido.
Seu valor e denodo não estampo-os:
Tudo quanto disser, é pouco, é nada,
P'ra mostrar desse touro a nomeada.

XVII

Não faltava ao curral nem um só dia,
Por demais era manso e curraleiro;
Só brigava co'o touro que queria,
Mas nunca a procurar foi o primeiro;
Furtar pelos roçados nunca ia,
Embora fosse o pasto mui vasqueiro:
Todavia lhe andavam já na pista
Na fazenda chamada Bôa-vista.

CANTO SEGUNDO

I

Um dia estava o *fusco* remoendo,
Deitado mollemente em seu serralho
Nas formosas novilhas se revendo.
Se pensasse diria: quanto valho!
Mas logo se levanta, atroz gemendo,
Ouvindo d'outro touro o feroz ralho:
Era um forte novilho que escumava
De fóra da porteira, onde cavava.

II

Dois buracos dos lados tinha feito,
E o lombo estava negro de poeira
Que sobre elle caia: o largo peito
Arfava, já não era a vez primeira.
Uma moita movia, por despeito,
Ou com raiva, talvez de tal maneira
Que na ponta ficou-lhe um pend'ricalho
De um grosso, retorcido e verde galho.

III

Era grande o novilho e mui formoso,
De brancos patacões manchada a pelle,
Que era fina e de um preto mui lustroso,
Que a vista a contemplal-a attrai e impelle;
Tinha um urro tambem estrepitoso,
Que mostrava o vigor dos annos delle:
Muitas vezes co'um urro e uma cornada
O imigo havia posto em debandada.

IV

Tinha elle no meio do negrume,
Que a bella e larga testa lhe cobria,
Uma estrella brilhante como o lume,
Acceso em noite escura, que allumia;
Outr'ora, parecendo a côr que assume
A clara papa-cêa que radia.
Lá na esphera celeste: assim, ao vel-a,
Podieis comparar do touro á estrella.

V

Chamava-o, seu senhor, «novilho-*estrella*,»
Já tendo muitas vezes exultado,
Vendo a victima que elle, ao suspendel-a,
Com a ponta cruel tinha varado.
Ephemera illusão! Teve de vêl-a
Em breve tão desfeita como o brado
Que, soando nos amplos do deserto,
Se perde pelo immenso espaço aberto.

VI

Em tanto, o touro-*fusco*, escavacando,
A lama para os lados espargia,
Tão intensa que, a tudo enlameando,
De lama tudo em roda elle cobria;
E, gemendo e a cabeça meneando,
Contra os fortes mourões, arremettia,
E os robustos mourões estremecendo,
Ás cornadas do touro iam cedendo.

VII

Mas, o bom do vaqueiro, vendo o estado
Em que o touro se achava bellicoso,
Adiante se lhe pondo, socegado
Ficou elle de turvo e audacioso!
Depois, tendo a porteira escancarado,
Por ella sae o touro furioso,
E, sem que o adversario diga: espere,
Acena, geme e parte, chega e fere.

VIII

Tal como sobre o ferro que caldea
Bate o mestre ferreiro co' o martello,
E o sulfureo cascalho que encandea
Se espadana em faiscas, loiro e bello,
Do discipulo ajudado, que manea
O malho alternativo sem temêl-o,
Taes soavam dos touros, as cornadas,
Faiscando nas duras marteliadas!

IX

A terra em derredor ficou revôlta,
Como dizem que faz o curvo arado;
Nenhum dos dous recua; noutra volta
O *fusco* recuou como estafado;
Mas, de novo gemendo, á lucta volta,
E em pouco o *estrella* berra pendurado
Na ponta do sangrento, invicto touro,
Que o sacode no ar: foi mais um louro.

X

Quasi exangue, sem vida e palpitante,
Jaz a um canto estendido o *estrellado*:
Emquanto, esbaforido e triumphante,
Em pé respira o *fusco* d'outro lado.
O suor que lhe corre gottejante
Debaixo delle um poço tem formado;
Porem o valeroso peito arqueja
Como que ávido ainda de peleja!

XI

Pouco a pouco o vencido melhorando
Lançou ao *fusco* um olhar assim d'esguelha,
E, vendo o inimigo em pé, fungando,
Abana tristemente com a orelha;
Mas a custo, por fim, se alevantando,
Correu e se sumiu, como a centelha
Que, a atiçar-se a fogueira, transparece
No espaço, e depois logo desparece.

XII

O *fusco* não o segue; generoso,
Talvez, compadeceu-se do inimigo,
E, entrando no curral, mui jubiloso,
O vaqueiro exultou, sorriu comsigo;
E quem sabe se disse: ó valeroso,
Deste vasto curral amparo, abrigo,
Se eu fôra trovador, a tua gloria
No templo gravaria da memoria!

XIII

Outros touros, em brigas afamados,
Vieram de logares mui distantes
Medir os seus dous chifres afinados
Do *fusco* com os chifres perfurantes;
Mas voltaram vencidos e cançados,
Mais fracos e covardes do que dantes,
Temendo em qualquer touro ver um filho
Do velho luctador, feroz novilho.

XIV

Quando andavam nos campos vaquejando
Os vaqueiros d'aquella redondeza
Só fallavam no touro que, brigando,
Mostrava desmedida, atroz fereza.
Alguns já lhe votavam odio infando,
Sem causa, baseado na vileza
Do baixo coração, do baixo peito,
Denegrido da raiva e do despeito.

XV

Um daqui, despeitado, assim já falla:
—Eu sei como vencer o valentaço:
Se os touros não o vencem, uma bala
Eu hei de lhe metter pelo cachaço.—
Já outro diz d'alli, da mesma escala:
—Eis como poderei tolher-lhe o passo:
Na bebida fazendo uma gangorra.
Depois de engangorrado, elle que corra.—

XIV

Mortaes!—se da razão a voz preclara
Não levasse a verdade á vossa mente;
Se Deus, próvido e bom, que nos creára,
Nos não desse «esse juiz recto e sciente:
Obrarieis peior que a fera ignara,
Que o abutre voraz, que a vil serpente!
Seria a vossa historia um feio misto
De horror e de torpezas—nunca visto!

XVII

Emquanto se machinam negros tramas,
Passa o *fusco* seus dias satisfeito;
Só cuida no capim em suas damas
Que têm logar distincto no seu peito;
Seus olhos o seduzem como as chammas
Seduzem o escravo ao frio affeito;
Nem se lembra de nada, e, ruminando,
Seu viver vae o *fusco* assim passando.

CANTO TERCEIRO

I

Outra vez, e foi isso em Fevereiro,
O *fusco* vinha urrando da malhada,
Encontrou-o um tyranno fazendeiro,
Que deu-lhe uma tremenda ferroada;
Mas, ao touro tão manso e curraleiro,
Vendo-lhe o dono a pá ensanguentada,
Protestou contra um acto tão tyrano,
Praticado por quem se diz humano!

II

Mas, acaso, pensais que a sêde humana
Do sangue do innocente saciou-se?
Não penseil-o: a razão, tão soberana,
Nos escolhos da inveja aniquilou-se!
Inveja! —teu estimulo dimana
Do sordido egoismo que chocou-se!
E soffra o pobre que só tem instincto
As iras desse ser nobre e distincto!

III

Outro dia, em que o *fusco* ia passando
Saiu ao seu encontro um *preto*-touro,
E, como a elle foi desafiando,
O *fusco*, sem temer, lhe foi ao couro:
O dono, que de parte estava olhando,
E que do baque ouviu o grande estouro,
Caiu ás ferroadas sobre o pobre,
Cuja acção certamente não foi nobre

IV

O touro, que p'ra outro era valente,
Não sabia offender a humanidade!
Entrou em seu curral muito doente,
Cerria o sangue em grande quantidade.
Pobre bruto infeliz! E quem não sente
Teu soffrer n'essa longa e triste idade?
Que vale ser humano na figura,
Tendo a alma de fera ou penha dura?

V

Faltando ainda sarar de uma ferida,
Fci levado a brigar co'um touro estranho,
Mas elle, vencedor em toda vida,
Aos triumphos juntou outro tamanho.
Suppunham que o veriam de corrida,
Vencido do cruel, audaz *castanho*;
Porem o seu senhor por fim de contas,
Do *fusco* inda maldiz as finas pontas.

VI

Entretanto, nas forjas da maldade
Ao *fusco* se maquinam mais tormentos,
Filhos só da cruel perversidade
De peitos inhumanos e sangrentos;
Nem respeitam do bruto a longa idade!
Só cuidam em pascer odios nojentos:
Sabei, posteridade, qu'eu não minto,
Nem tudo como foi descrevo ou pinto!

VII

E, se quereis saber a que cynismo
Póde chegar o coração humano,
Vêde com que crueza e barbarismo
Se trata o pobre bruto veterano.
Desgraçado mortal: teu egoismo
Tem limites tambem, homem insano!
Não maltrates um ente tão mofino,
Que é obra, como tu, d'um Ser Divino.

VIII

Era tempo de inverno. O pai celeste
Que os campos de verdura tapetiza,
Quando o tronco de folhas se reveste,
Quando a varzea de flores se matiza.
Havia dado chuva. Nem a peste,
Nem a fome que a gente atemoriza
Grassava no sertão, onde a fartura
Na colheita enxergava-se futura.

IX

N'um campo recamado de *mimoso*,
Do orvalho matutino rociado,
Pastava o velho touro valeroso,
Sem ter no seu instincto um só cuidado;
Comendo aquelle pasto saboroso,
Que o nome mostra ser tão delicado,
Talvez que não soubesse se vivia,
Só podendo o saber, porque comia

X

Perto havia um roçado verdejante
De milho, de feijão, de arroz viçoso,
Por causa do bom anno que, abundante,
Tornava o sertanejo esperançoso;
O capim tão gentil, refrigerante,
Era em roda mui grato e copioso:
Eis porque da campina seductora
Fizera o *fusco* sua mangedora.

XI

Viu o touro pastando um *bom* roceiro,
Que nunca para elle teve um riso,
E, apontando a espingarda, mui veleiro,
Fez-lhe fogo na testa de improviso.
O touro cambalêa... e, prazenteiro,
Ensaia o seu algoz cruel sorriso;
Mas, vendo qu'elle em pé inda ficava,
Quem o crêra!—de novo lhe atirava!

XII

A segunda descarga foi mal dada,
Ferindo o velho touro mui de leve,
E, voltando co'a testa ensanguentada,
O vaqueiro o tratou, que á morte esteve.
Nunca mais sua voz tão entoada
Nos campos foi ouvida, nem mais teve
O curral por seu pai o touro bravo,
Que viu render-lhe preito tanto escravo.

XIII

Não teve, que o vaqueiro, desgostoso,
Cápou o desgraçado que, sentido,
Nunca mais fez onviar o som famoso
De seu urro saudoso e destimido.
Agora, para um lado, desditoso,
Vive o pobre, chorando entrestecido,
E, maior que o leão que a fab'la conta,
Nenhum touro lhe vem tocar c'o a ponta!

XIV

E' que todos receam que elle possa,
Como dizem da phenix, renascendo,
Enxotál-os c'o a ponta embora grossa,
Estragos nos cachaços lhes fazendo.
E n'isso têm razão. Quem uma coça
Uma vez supportou segundo entendo,
Jamais d'ella se esquece em toda vida,
Temendo a mão por quem foi despedida.

XV

Viveu penados annos. Seu cachaço,
Esse bello toutiço, tão forçudo,
Decresceu, já não tendo aquelle espaço
Que outr'ora resumia força e tudo:
Do prazer a desdita ha só um passo;
Contra a sorte não vale esforço, estudo:
E' da sina quem ha que se resgurde?
—Ha de certa cumprir-se ou cedo ou tarde.

XVI

Morreu o tourc-*fuşco* abandonado,
Posto que mui querido do vaqueiro,
Por ter-se para um ermo retirado,
Onde deu seu gemido derradeiro.
E, tendo, felizmente, escorregado
De cima, onde morreu, d'um grande oiteiro,
Rolando, foi parar n'um fundo abysmo,
Defeso do urubú ao barbarismo.

XVII

Possam meu versos rudes, sem belleza,
Entre os meus comarcãos erguer um brado,
Nos valles do sertão e n'aspereza,
Fazendo o touro-*fusco* celebrado;
Possam mostrar a nobre gentileza
Do bruto que entre os seus foi respeitado;
Possam mostrar que quem os brutos canta
Do mundo ao Creador a voz levanta.

José Coriolano de Souza Lima (*)

INDIFFERENÇA

Homem, para o pezar que te domina
Sò existe uma dôce recompensa:
Esquecer e perdoar qualquer offensa,
Numa resignação quasi divina.

Tambem rugi de colera assassina,
Defendendo o meu sonho e a minha crença:
Ninguem como eu trouxera de nascença
Odio tão grande á intriga pequenina.

Hoje, porem, mais calmo e envelhecido,
Comprehendi toda a inutilidade
Do meu rancor, talvez, descommedido . . .

—Homem, meu companheiro e meu amigo:
Para a torpeza de uma iniquidade
A indifferença inda é o maior castigo!

ZITO BAPTISTA

(*) Distincto poeta piauhyense fallecido a 25 de Agosto de 1869.

A JUSTIÇA

Conferencia publica realisada na cidade do Brejo, Estado do Maranhão, a 16 de Março de 1919, pelo dr. Christino Castello Branco, juiz naquella cidade.

Meus Senhores.

Exmas. Senhóras.

Diz E'merson que a grandeza dos assumptos fáz a grandeza do estylo. Si assim fôra, as minhas palavras, neste momento, deveriam ser de uma eloquencia arrebatadôra, porque nenhum assumpto é maior, mais bello, mais suggestivo que o escolhido para thêma desta desaprimorada palestra. Acontéce, porém, que diante de vós não se érgue o espirito illuminado de um orador de raça, e não se estudam, nem se aprendem os segrêdos da oratoria, como suppunham erradamente os mestre-escólas ridiculos de outros tempos. O orador násce trazendo comsigo essas qualidades intrinsecas e brilhantes, que o apresentam como um ser privilegiado e á parte. Não ha assumpto, por mais grandioso que seja, capáz de emprestar, ao estylo de um conferencista qualquer, o brilho inconfundivel das orações formosissimas de Latino Coêlho, assim como não ha professor de rhetorica capáz de ensinar aos seus discipulos a eloquencia incomparavel de Ruy Barbosa.

Comprehendendo perfeitamente essa verdade inconcússa, contento-me, sinto-me feliz em poder vos dirigir palavras, não eloquentes, mas sinceras, filhas do meu estudo e das minhas meditações. O estudo e a meditação fazem-me cada vez mais um apaixonado pela idéa luminosa e pela pratica fecunda da Justiça.

Mas... que é a Justiça? pergunta Edmond Picard «Que representa esta palavra, ao mesmo tempo soberba e commovedora, que exerce nas almas uma instinctiva fascinação?» E o velho professor da Universidade Nóva de Bruxellas, depois de dizer que a justiça, para merecer o seu grande nome, deve abraçar toda a sociedade, não fornecer suas vantagens a alguns, mas a todos,

não ser apenas a servidôra dos poderosos, mas sobretudo dos humildes, exigir o concurso de todos, mas nos limites das forças de cada qual, penetrar na organisação social como um fluido benefico. não esquecendo ninguem, nem esquecendo nenhuma necessidade,—depois disto, e de estudar a socialisação da justiça, fazendo a respeito as mais judiciosas considerações, conclúe o eminente jurista-philosopho por affirmar que a justiça é a medúlla do Direito, é a harmonia juridica, é o Direito realisado na sua mais alta forma possivel historicamente. Mas... isto, a justiça nos seus caractéres abstractos, permanentes, encyclopedicos, a justiça considerada na Grecia, na patria da philosophia e da arte, como a primeira de todas as virtúdes, e tida pelo senso pratico dos romanos como a vontade constante e perpétua de dar a cada um o que é seu. Neste momento, entretanto, pretendo occupár-me sobretúdo, principalmente, da «justiça judicial dos processos,» da justiça juridica, como a chamou o illustre autor do *Direito Puro*, para differençal-a da justiça *lato sensu*, da justiça moral que escápa á sancção coercitiva do poder publico.

No Estado, na sociedade politicamente organisada, ha, como se sabe, uma classe de individuos encarregados da distribuição da Justiça. E nenhuma funcção social é mais nobre, mais elevada, mais importante que a desses cidadãos incumbidos de dar a cada um o que é seu, mediante os preceitos e as formulas estatuidas na lei. Nenhuma, porém, é mais espinhosa, nem requer mais intelligencia, mais illustração, nem mais criterio, sobretudo mais criterio. Ouçamos a respeito a palavra autorisada de Iheriug, o pontifice máximo do Direito. Diz o grande Mestre, á pag. 266 da sua obra *A Evolução do Direito* que é para mim uma verdadeira Biblia: —«Por mais preciso que seja o texto da lei, por mais claramente traçada que esteja a forma de processo, todo o exito da administração da justiça assenta, em ultima analyse, em duas condições que se devem reunir na pessôa do juiz, e que devem constituir o principal cuidado da legislação. A primeira é só de ordem intellectual, e respeita á sciencia requerida e ao discernimento preciso para a bôa applicação do direito,—o juiz deve conhecer a fundo a theoria e a pratica do direito. A segunda condição é toda moral, é uma questão de caracter. Por esta palavra, devemos entender a firmeza de vontade e a coragem moral necessarias para fazer prevalecer o direito sem desvios por considerações de qualquer ordem, amisade ou odio, respeito humano ou piedade. O verdadeiro juiz não quer saber de considerações de pessôas: as partes que comparecem em juizo não são para elle individuos determinados, são abstracções encarnadas no autor e no réo. Apenas avista delles a forma exterior, desconhecendo o individuo que esta occulta. Repellir tudo o que concretamente seja estranho á demanda, elevar o caso da hypothese

até á questão abstracta prevista na lei, resolvel-o como si fôra uma operação mathematica, em que pouco importa o que os numeros representam,—tal é a verdadeira missão do juiz. Aquelle que empunha o gladio da justiça deve ter a coragem moral de ferir o culpado, de se expôr á sua colera, ao seu odio, ao seu resentimento. São perigos a que ninguem pode subtrail-o, e, por isto é licito dizer que o verdadeiro juiz tem de fazer abnegação de si proprio.»

Admiraveis, estupendas, grandiosas, as palavras vibrantes de von Iheringg! E, sobretudo, cheias de verdade, dessa luminosa verdade, que é o alvo, o escôpo, a mira dos espiritos superiores, atormentados pela idêa magnifica da perfectibilidade humana. Ninguem melhor do que elle diria, com a precisão que elle disse, quaes os requisitos indispensaveis, imprescindiveis, do verdadeiro juiz, do juiz tal como deve ser, digno do respeito, da estima, da consideração social. Si todos os julgadores fossem o que Ihering desejava que elles fossem, viveriamos então no melhor dos mundos, em uma elevadissima athmosphera moral, capáz de fazer a felicidade de todos nós, pobres mortaes que rastejamos á superficie da terra. Infelizmente, porém, quantas excepções existem, quantos juizes venaes, quantos juizes sem preparo, quantos juizes tibios!

O juiz venal deve ser chicoteado na praça publica, porque é um miseravel que mercadeja a justiça; o juiz sem preparo é um cégo que não pode distribuir entre os seus concidadãos a luz miraculosa da justiça, tornando-se nocivo, prejudicial á ordem juridica da sociedade; o juiz tibio, fráco, pusillanime, o juiz que jura suspeição para fugir á responsabilidade das decisões, ou que procéde como Pilatos entregando Christo aos crucificadores, para não incorrer na ira de Cesar, apezar de lhe proclamar a innocencia, é digno do desprezo e da commiseração publicas. Si o juiz que se vende é hediondo, o ignorante é triste, e o cobarde inspira nojo e asco aos homens de bem. Dos tres... não prefiro nenhum. Acho-os todos detestaveis, trahidores da nobre missão que lhes confia a lei. Abomino-os com todas as véras da minh'alma justa de moço, amiga do bem, da ordem, da moralidade e, sobretudo, da Justiça que é o apanagio da sociedade, a luz intensa da razão juridica.

Um juiz indigno, diz Ruy Barbosa, corrompe o direito, ameaça a liberdade e a fortuna, a vida e a honra de todos, ataca a legalidade no coração, inquieta a familia, leva a improbidade ás consciencias e a corrupção ás almas. Verdade, extraordinaria verdade, essa que brotou dos labios fecundos do grande apóstolo da justiça em nossa patria, esse estupendo e glorioso velho que nunca mentiu aos seus lidimos ideáes de incansavel batalhador das causas justas!

Viveiros de Castro, por seu túrno, que foi um juiz á altura do seu grande nome, observa, na Introducção do seu excellente livro *Sentenças e Decisões em materia criminal*, que o juiz, para bem poder desempenhar a sua nobre e elevada missão, deve ter sempre na consciencia o pensamento de Augusto Comte, para quem a funcção de julgar é a mais difficil de ser desempenhada, de mais gráves e pesadas responsabilidades, exigindo a mais sevéra educação do caracter e o maior preparo intellectual. Assim, porém, desgraçadamente, não entende grande numero de juizes patrios e alienigenas, já não fallo em relação á integridade moral, que não convém discutir neste momento, por ser o assumpto sobremódo escabroso, não aspirando eu neste recinto as honras de severo pregador de moral,—mas no que diz respeito á illustração, ao prepáro, aos conhecimentos téchnicos, grandemente precisos, indispensaveis, ao bom desempenho das funcções árduas de julgar.

Para muitos juizes, oh! ironia terrivel do Destino! nada mais simples, nada mais comesinho, que o seu officio:—consiste em conhecer confusamente o mechanismo do jury, dar em quatro linhas um despacho corriqueiro de pronuncia copiando as palavras sacramentaes do formulario, julgar por sentença autos de inventario, celebrar casamentos, e attestar no fim de cada mez o exercicio effectivo dos officiaes de justiça. Nada mais. Isto de acompanhar a evolução do Direito, de estudal-o, iluminando o espirito e aperfeiçoando o senso juridico, afim de melhor poder interpretar as leis e resolver as pendencias, são para elles coisas que não vêm ao caso, completamente estranhas á profissão. Esquecem-se de que o templo da Justiça, como lembra o Chancellér D' Aguessau, citado por Paula Baptista, não deve ser menos consagrado á sciencia que ao estudo das leis escriptas, e que a doutrina que consiste no conhecimento do espirito das leis é superior a que consiste no simples conhecimento de sua letra. Esquecem-se tambem que o trabalho dos que administram a Justiça deve ser, no sabio entender do grande Pedro Lessa,—um apostolado, um devotamento sem pausa ao estudo do direito, não encarado como méro conhecimento das leis e dos codigos, mas como um conjuncto elevado de principios e de preceitos fundamentaes, que permittam conhecel-o na sua base e essencia. E' muito difficil, diz o insigne Ministro, honra e gloria da magistratura nacional,—não encontrar um magistrado integro onde existe um espirito affeito ao estudo do direito e habituado a comprehender e a interpretar os seus phenomenos.

Senhores:

Mediocre demais me julgo, para fallar-vos, com palavras de ouro como queria e devia, dessa coisa bella e grandiosa que é a justiça,—a Justiça que é, por assim dizer, na phrase de Oli-

veira Martins, a definição pura desse instincto racional, ou moral, que distingue o homem dos brutos, porque só os homens julgam, só os homens obedecem á sentenças, isto é, á ordens que não vêm da força. E, por fallar em Oliveira Martins, occórre-me que o illustre prosador lúso obsérva que, antes de haver justiça como instituição, houve juizes, antes de haver leis, houve sentenças. Effectivamente, no começo das idades, quando a intelligencia do homem pouco se distanciava ainda da dos outros animaes,—o juiz, que era ao mesmo tempo o chéfe da tribu, o chefe da familia, dava a cada um o que é seu, não em obediencia á normas preestabelecidas, mas arrastado pelo sentimento juridico que é peculiar ao homem. A organisação da justiça veio posteriormente satisfazer as exigencias cada vez mais complexas da sociedade. E tanto tem preoccupado os espiritos nos tempos que córrem, que ella é hoje a instituição por excellencia, a instituição fundamental dos povos cultos. Por ella, pelo grau de aperfeiçoamento dessa instituição, é que se afére hoje em dia o adiantamento das sociedades. Os paizes mais cultos do mundo são justamente aquelles em que a justiça é modelar, infundindo admiração e respeito.

No Brazil, a justiça deixa ainda muito a desejar. A magistratura regional, como a temos, é uma verdadeira calamidade nacional. Com parcos vencimentos, que fazem do magistrado um eterno pobretão, sem a independencia necessaria, sem garantias quasi, com a autoridade muitas vezes desprestigiada, a vida do magistrado regional em nossa patria não fáz inveja a ninguem. Mais vale a existencia folgada e milagrosa do taverneiro que lhe vende a praso, por méra deferencia, nas épocas de crise, quando no erario publico não sobra dinheiro para essa coisa somenos que é o pagamento dos juizes, ou quando, acintosamente, lhes trancam os vencimentos, num gesto rúde de prepotencia á Nero. Aliás, o dr. Carlos Maximiliano, nos seus recentes *Commentarios á Constituição Brazileira*, obsérva que em todos os paizes, exceptuada a Inglaterra, a magistratura é insufficientemente remunerada. Dahi, diz elle, resúlta o abandono da carreira pelos moços de futuro, inclusive muitos que a principio se encaminharam para ella, e que seriam, pela intelligencia, pela integridade e pela cultura, verdadeiros ornamentos da classe.

A verdade, digo eu, é que do desconfôrto e do desprestigio na magistratura é que vêm muitas vezes o suborno, a corrupção, a venalidade, e a incultúra de alguns juizes, que se emmaranham não raro nas teias da politicagem. E já que se me escapou dos labios esse vocabulo hediondo, que tão má coisa significa, dévo dizer-vos, com Schipio Sighele, que a politica é a maior inimiga da justiça. E justamente por isto é que os juizes integros e nobres devem-se sempre afastar dessa incorrigivel ramei-

ra, capaz de todas as coragens, e até de tapar o sól com a mão, o que parece impossivel a nós outros, homens de senso, e que tão claramente comprehendemos a verdade das coisas.

O juiz politico, isto é, aquelle que se sérve do cargo para fazer politica, é o que menos confiança inspira aos seus jurisdiccionados. E' uma chaga no organismo social, que deve ser cauterisada todos os dias com o férro em braza da opinião publica. Delle, pode dizer-se o que a outro proposito disse a palavra formosa e causticante de Vieira:—«é a gente mais sem entendimento e sem discurso, a gente mais vil, a gente mais indigna, a gente menos gente, de quantas já creou ou abortou a natureza.»

* * *

Longe, muito longe, poderia seguir nessa ordem de considerações. Não tenho, porém, a estulta pretensão de esgotar os assumptos que abórdo, alem de que, não mais preciso de conquistar renome, porquanto os manes adoraveis da tróya já me fizeram immortal pela Academia Piauhyense de Letras. Não pósso, entretanto, concluir esta arenga desataviada e sem fórma, sem resumir, sem accentuar bem o pensamento que me inspirou e dictou as palavras que venho de pronunciar aos vossos ouvidos já cansados de ouvir-me. E é que o Brazil, esta bella e querida patria, de que tanto nos ufanamos, e que anda sempre a queixar-se de mil achaques, muitas vezes imaginarios como os das pessôas nervósas, não precisa, como pensa, de ouro, nem de doutores, nem de reformas eleitoraes. Precisa apenas de Justiça. Só e só. Haja Justiça neste grande, neste immenso, neste formoso paiz de homens intelligentes e de mulheres bonitas que, se duvidarmos, Deus, o bom Deus, o creador dos mundos, ha de mudar-se dos céos para morar comnosco, e Satan, Ariel, o anjo do mal, não mais pisará o sólo patrio estabelecendo a discordia entre os homens, e matando a paz no «coração da America do Sul.»

Themis, oh deusa radiosa da Justiça! vinde de espada e balança revigorar a Terra de Santa Cruz, fazendo surgir, brilhantes como o sól no estio, a ordem e o progresso, que são o ideal supremo da nossa patria, e o lemma immortal e glorioso do «auri-verde pendão que a briza do Brazil beija e balança.» Eu vos peço, eu vos implóro, eu vos supplico: vinde! Vinde transformar o Brazil em um paiz modelo, como essa Inglaterra liberal e culta, onde, como diz Ruy, as suas antigas liberdades, as mais veneraveis da terra, desafiam intemperies e perigos abrigadas á toga dos seus juizes, como as crenças austéras do seu culto sob o marmore das suas velhas cathedrais. Eu vos peço, eu vos implóro, eu vos supplico: vinde, oh filha adoravel de Titan! fazer da Justiça o caminho amplo, luminoso, da grandeza da Patria, da prosperidade nacional...

ALMA PIAUHYENSE

NOVO ANJO

Ouço-te o passo leve, ouço-te a melodia
Dos pantufos de sêda a cantar no ladrilho
Uma estranha canção de sonho e de magia
Voz do vento, ao luar, nos penachos do milho...

É essa musica, Flôr, que me prende e me extasia
No vago encanto azúl de um celeste estribilho...
Ah! mysterio bemdito! exquisita harmonia!
Perco o rumo; não ando; e é-me dôce o empecilho...

Ouço-te o passo leve... Uma flauta que canta;
Um grego monocordio um rito acompanhando;
Ancias de carne moça e suspiros de Santa...

Ouço-te o passo leve... Ai! Amôr por quem és!
Dá que eu viva, a sorrir, como um Anjo, escutando
A guitarra de lúz que vibra nos teus pés!?...

O AÇUDE

Preso, tranquillo, o açude é um lençol de agua morta,
Que o céo lançou á terra á feição de um apodo,
E que o peso do tempo, impassivel, supporta
Sem um crespo de raiva a ensombrar-lhe o denodo...

Aos rubros tons do sól, que as nuvens o transporta,
Veste contas de prata e se illumina todo,
E lembra, pelo inverno, uma grande retorta
Onde Flóra capricha a pellucia do lôdo...

Nelle a febre campeia e férve, cultivando
Os germens do sepulchro, as larvas da saudade,
Ao gráve rocócó dos sapos vozeirando....

Certo ninguem lhe sabe as tristezas secretas!
A alma branca do açude, isempta de maldade,
Tem o mysterio azúl das almas dos poétas!...

(Campo-maior—1913.) **Alcides Freitas**

CANARIO

Quem, tão cruel e barbaro encarcera
Na gaiola a oscillar no tombadiiho
Este mavioso passarinho, filho
Das maviosas manhans de primavera?

Loiro, do loiro rutilo do milho,
Volitava cantando de hera em hera
E hoje lhe resta a pequenina esphera
Da gaiola de arame e de junquilho...

Outro, não tu, meu coração nefario,
Revoltado murmure compungido
Pelo soffrer do misero canario

De um crime egual és victima, Senhora,
Conduzo preso um passaro ao ouvido:
—A tua voz, a tua voz sonora!

Jonas da Silva.

O MORIBUNDO

Ouço bem perto doloridos threnos...
Celeremente a morte se avisinha:
Víctima sou de estolidos venenos
No tredo matagal da vida minha...

Faço, morrendo, os ultimos acenos
A' fortuna d'antanho, hoje mesquinha.
Em vão! tudo silencio, nem ao menos
O consolo do âmor que eu tanto tinha.

Nesta agonia atroz, neste momento
De supremo estertor, nem mesmo resta
Ao moribundo o derradeiro alento

Da fé que tantos outros têm por lemma!
Oh *selva escura,* oh tetrica floresta!
Nem um guia siquer na hora extrema!

Hygino Cunha.

Instrucção e Civismo

Discurso proferido no paço do Conselho Municipal, a 27 de setembro de 1910, na festa do Lyceu Piauhyense, pelo orador official dr. Hygino Cunha.

Exmº. Sr. Dr. Governador do Estado;
Exmas. Senhoras;
Meus Senhores:

Estamos presentes a uma festa escolar, em que procuramos glorificar o ensino moderno *obrigatorio, gratuito e leigo,* ministrado sem exclusivismo de seitas, clases, raças e profissões, mas visando sempre o bem-estar e o progresso desta porção da Patria Brasileira. Commemoramos hoje, pela primeira vez, a data auspiciosa, em que o Lyceu Piauhyense foi equiparado ao Gymnasio Nacional, e aproveitamos a occasião para entregar á companhia militar do mesmo instituto a bandeira nacional, feita por encommenda do corpo docente. E', pois, uma festa literaria com aspecto militar. Literaria, por ser obra de um estabelecimento de instrucção civil secundaria, filiado no codigo de ensino federal, dando aos seus alumnos o diploma de bacharel em sciencias e letras. Militar, por ser o fructo da instrucção militar obrigatoria em substituição do serviço militar obrigatorio, como meio de hygiene physica e de desenvolvimento e educação do espirito de patriotismo. As letras, no sentido mais amplo; as armas, no sentido mais complexo. São as duas manifestações mais fecundas do engenho humano, tanto na paz como na guerra, e a historia não é mais do que o vasto repositorio das suas conquistas memoraveis e das leis que regem a marcha da civilização através dos séculos. O cálamo e o gladio, o livro e a espada—eis os dois factores precipuos da historia da civilização. Seja-me licito, portanto, apadrinhar-me, desde já, com uma bellissima estrophe do saudoso poeta dos escravos:

Duas grandezas neste instante cruzam-se!
Duas realezas hoje aqui se abraçam!
Uma—é o livro laureado em luzes...
Outra--uma espada, onde os loureis se enlaçam.
Nem córa o livro de hombrear com o sabre,
Nem cora o sabre de chamal-o irmão...
Quando em loureiros se biparte o glaudio,
Do vasto pampa no funereo chão.

Infelizmente, nem sempre as duas funcções sociaes se acham reunidas no mesmo individuo. Ha muito escriptor celebre, incapaz de manobrar num campo de batalha. Mesmo assim, especializados e divididos os papeis, o homem de letras não perde o seu valor e benemerencia. Almeida Garrett, no seu inspirado poema *Camões*, sentenceia:

Renome e gloria, bem o ganha a espada,
Mas conserval-o, só o pode a penna

E', todavia, muito commum encontrar-se o mesmo heróe na posse dos dotes literarios e mavorcios. Desde a mais alta antiguidade até aos tempos modernos tem havido cultores das letras e das armas. Basta citar alguns nomes. Péricles, Xenophonte, Cesar e o mesmo Cicero entre os primeiros, e Camões, Cervantes e Napoleão entre os ultimos, legaram á posteridade a fama imperecivel das suas batalhas e obras escriptas. Ao partir para a ilha d' Elba, já desilludido da sua estrella nas pelejas cruentas, disse Bonaparte aos seus companheiros de 20 annos: «Soldados, vou escrever as grandes cóisas que fizemos juntos.»

E Camões, queixando-se da indifferença dos seus compatricios, mettidos

No gosto ds cubiça, e na rudeza
Duma austera, opagada e vil tristeza,

diz-lhes que tem tido

Numa mão sempre a espada e noutra a penna.

Noutro passo do seu grandioso poema, a mais alta concretização do civismo lusitano, depois de fazer a apologia dos guerreiros cultores das letras, conclue:

Emfim não houve forte cabitão,
Que não fosse tambem douto e sciente,
Da Lacia, Grega ou barbara nação.
Se não da Portugueza tão sómente.
Sem vergonha o não digo, que a razão
D'algum não ser por versos excellente
E' não se ver presado o verso, e rima,
Porque quem não sabe a arte, não na estima.

E' quasi ocioso declarar que préso mais as conquistas da paz do que as da guerra. Dou mais pelas glorias de Aristoteles, Newton, Galileu, Descartes, Líbnitz, Lavoisier, Adam Smith, Darwin e Pasteur, do que pelas de Alexandre, Cesar, Napoleão e Moltke. Sympathiso mais com essa face luminosa da civilização universal, mesmo como uma aspiração figueira, cujo alvo ou término se esconde nos nimbos impenetraveis do futuro. Os continentes estão condemnados á divisão. A historia, um longo passado, as differenças de linguas, raças e religiões os têm mantido sempre em divergencias. Entretanto, nota-se um esforço constante da humanidade em fazer desapparecer essas barreiras; e, embora seja utopia imaginar que ellas um dia cahirão, gósto desses sonhadores sublimes que nos mostram a paz universal, mesmo em perspectiva longingua e fugidia. Não é que me deixe levar pelo dôce e mystico sentimentalismo do velho propheta de Iasnaia Poliana. Cedo ao calido ambiente das idéas scientificas fundamentaes dos ultimos tempos, entre as quaes tem a primazia a theoria da evolução. A sociedade actual é dominada por duas religiões antagonicas, como ensina Herbert Spencer: a religião do odio e a do amor. «A humanidade primitiva só tinha uma. A humanidade futura tambem só terá uma. As nossas duas religiões são contradictorias, e nós que, estamos a meio caminho no curso da civilização, somos obrigados a crer em ambas.»

«E' assaz curioso—continúa o philosopho inglez—que, para manter essas religiões antagonistas, tenhamos tomado a duas raças differentes dois cultos differentes. Hauriamos uma nos livros do Novo Testamento judeu; os evangelhos da outra são as epopéas e as historias dos gregos e latinos.» Por um lado, préga-se o amor, a caridade, o perdão das injurias, a tolerancia, a submissão e a renuncia; por outro, prepara-se a guerra, o exterminio do proximo, o exclusivismo patriotico, sectario, e de classes, a idolatria do exito. Na educação da mocidade, a segunda leva as lampas á primeira. E' um verdadeiro estado de tortura moral para as consciencia de escol, um choque tremendo entre as aspirações superiores do altruismo e os instinctos atavicos do egoismo. As chamadas convenções sociaes não são mais do que transigencias, *accommodações* do meio termo, á espera de um equilibrio estavel num porvir mais ou menos remoto. Este conflicto faz da sociedade a organização da hyprocrisia, condemnando aquelles que ousam proceder abertamente de accôrdo com um dos dois codigos em vigor.

Obedece á intuição philosophica do evolucionismo o conceito de um distincto militar brasileiro, o dr. Barbosa Lima, nos termos seguintes: «Em que pése ao precario pessimismo ontologico de Hegel e ao paradoxal vaticinio a De Maistre, estamos persuadido que valem como verdades scientificas, analo-

gas aos theoremas de Thales e Archimedes, as inducções da so-
ciologia dynamica, que nos promettem o advento da Paz, a eli-
minação da guerra, com a mesma segurança logica, com que se
verifica terem desapparecido a outr'ora generalizada escravidão,
a anthropophagia, a tortura, o quemadero, e as guerras de reli-
gião.» Os factos véem demonstrando que marchamos para essa
idade de oiro, vencendo a ancestral ferocidade da especie. Pro-
vam-no os congressos de todo o genero, as ligas internacionaes,
os tratados de alliança offensiva e defensiva, os tribunaes de
arbitramento, o estreitamento das relações commerciaes, os pro-
testos levantados *urbi et orbi* contra as violencias dos governos,
e até a paz armada com os seus poderosos engenhos de destrui-
ção que acabarão por impossibilitar a guerra.

Quem não vê a crescente supremacia do altruismo na solu-
ção pacifica das pendencias internacionaes e na empolgante e
generalizada repugnancia pelas dirimencias armadas? Especia-
lizando um caso que nos toca mais de perto, as fronteiras do
Brasil, baralhadas e confundidas até hontem, estão completa-
mente demarcadas graças á acção benefica da sua diplomacia,
entregue, em boa hora, á competencia inexcedivel do Barão do
Rio Branco. Tivemos litigios serios com quasi todas as nações
visinhas e com duas das maiores potencias européas—a Ingla-
terra e a França; mas tudo foi resolvido em plena paz, sem a
minima gota de sangue, sem nenhum estorvo para o progresso
da sociedade brasileira e para as instituições republicanas. Não
precisámos para isso nem de um poderoso exercito permanente,
nem de uma formidavel marinha de guerra.

E todavia, senhores, não obstante a grande messe dos fru-
ctos da concordia universal, sonho de todos os ideologos bem-
feitores da humanidade, ainda perduram os productos dos ins-
tinctos depredadores, como reverso da medalha—o codigo do
odio, herança da ferocidade ancestral. Na antiguidade classi-
ca, o estrangeiro era o barbaro, o inimigo, que era preciso sub-
metter ou anniquilar. Roma, a cidade-imperio, dominou o mundo
a ferro e fogo, e depois destruiu-se a si mesma pelo excesso de
poder. Della recebémos, por uma fatalidade historica, a triste
herança da guerra. Si a Europa e a America não têm tido mais
guerras de 7, 30 e 100 annos, como as houve nos seculos passa-
dos, nem por isso o movimento bellicioso tem-se tornado menos
intenso e extenso. Por toda a parte, ha um verdadeiro phrenesi
no preparo militar de todas as potencias. Este movimento recru-
desceu espantosamente depois do advento imprevisto e inopinado
do Japão no convivio da civilização occidental. Em menos de
meio seculo, o Imperio do Sol Nascente impoz-se ao respeito das
nações, primeiro vencendo estrondosamente a China em 1894 e
depois na recente e esmagadora guerra com a Russia, a invicta

Russia de Napoleão. Os deuses, que se banqueteavam no Olympo, tremeram e empallideceram, e viram-se forçados a ceder um lugar de honra ao novo competidor. Os preparativos militares e as ameaças guerreiras não cessaram mais. E' um signal dos tempos. O Brazil não lhe póde ficar indifferente, sob pena de retrogrador ou annullar-se. O primeiro grito de alarma foi dado pelo genial Ruy Barbosa nas suas famosas *Cartas da Inglaterra,* logo após a campanha sino-japoneza, e repetido, mais tarde, na *Imprensa*, em prol do renascimento de nossa marinha de guerra. Muitos foram os resultados dessa campanha patriotica: a encommenda de novas e mais poderosas unidades navaes, o comparecimento do Brazil na ultima conferencia de Haya e na revista de Hamptou-road, a ida do marechal Hermes da Fonseca á Allemanha, a reorganização de nosso exercito, e outras medidas complementares, como a criação da sociedade de tiro e a adopção da instrucção militar nos estabelecimentos de ensino official. O imperialismo da grande republica norte-americana, desclassificando em dois tempos uma potencia européa, tambem concorreu muito para o augmento das forças de mar e terra.

Mas onde está o segredo das victorias modernas? Dil-o Lorenzo D' Adda, engenheiro naval italiano, correspondente do *Secolo* de Milão, testemunha presencial de toda a campanha russo-japoneza. Preciso destacar alguns topicos da conferencia feita pelo bravo marinheiro-jornalista. Narrou o referido periodico: «O segredo das victorias—disse Lorenzo D' Adda—é simples, simples como o segredo da abelha. Quem vencêra? O canhão de tiro rapido? Tambem os russos o tinham. A espingarda de repetição precisa e de longo alcance? Tambem os russos a possuiam. O numero? Os russos eram muitos mais. *Venceu a educação intellectual e moral dos homens!* O auditorio sorriu. O conferencista explicou. A marinha japoneza—disse—é constituida por gente indemne do *alcoolismo* e do *analphabetismo*. Dos trezentos milhões de indemnização de guerra, pagos pela China ao Japão em 1894, *cem* foram consagrados a instruir o pessoal. *Nenhum japonez póde ser marinheiro sem ter frequentado todos os graus do ensino primario.* Para que os rapazes das mais humildes condições sociaes possam frequentar a escola dos cadetes, o Estado custeia todas as suas despezas. O japonez *desconhece a promoção por antiguidade*; só promove *por merecimento*. E a divisa da sua admiravel organização militar de terra e mar é a seguinte: *Uma milicia culta equivale a dez milicias ignorantes*. Nesta altura da conferencia, o auditorio já não sorria. Começava a comprehender. Mas o rol das surprezas ainda não fôra esgotado. Alguma cousa faltava, e o que faltava merece bem as honras de ser memorado. Senhores—exclamou o orador—MANDA A ORDENANÇA JAPONEZA QUE, QUANDO UM REGIMENTO ATRAVESSA UM POVOADO, O CORONEL SAÚDE, EM PRIMEIRO

LUGAR, O MESTRE-ESCOLA, E DEPOIS... A AUTORIDADE ADMINISTRATIVA.»

.....

Senhores! O patriotismo não se revela sómente no apparato bellico, no troar dos canhões; no clangor dos clarins, no fuzilar das carabinas, no relincho dos corseis adestrados, no bombardeamento das fortalezas, nos cercos das cidades, nas cargas de bayonetas e nos aeroplanos artilhados; mas tambem, e principalmente, no recinto do lar, onde se estreitam os corações apaixonados e desabrocham as primicias dos jardins da infancia; na escola, que é o prolongamento e a expansão da vida familiar; no gymnasio, que vai cada vez mais fortalecendo o espirito com as luzes das sciencias e o caracter com os exemplos edificantes; na officina do artista obscuro e na fabrica industrial, onde infelizmente o trabalho é ainda victima da exploração capitalista; no templo religioso e no theatro instructivo e recreativo; no gabinete do sabio e no laboratorio das sciencias experimentais; no amanho das terras que produzem as colheitas abundantes; emfim o patriotismo é o sentimento da patria una, grande, perpetua e indissoluvel, vinculando os homens sob a mesma bandeira na lucta pelos idéaes superiores da humanidade.

E' por isso que, sem ser militarista, applaudo cordialmente a festa do Lyceu Piauhyense, onde, contemplo, na sua excelsa magestade, o livro aberto á avidez insaciavel da infancia e da adolescencia, e o estandarte nacional pairando sobre as nossas cabeças como o lábaro protector, garantindo pela força o imperio da justiça e do direito.

O Brasil não tem inimigos a combater, nem ambição de conquistas territoriaes. Mas, quando os povos se armam num *steeple-chase* colossal, e até a China vai despertando do seu lethargo multi-secular, seria inepcia perigosa e imperdoavel continuarmos alheios ao perigo que nos rodeia, como si fosse possivel vivermos isolados do resto do mundo. Fazemos parte da immensa familia latina, hontem educadora e dominadora da parte mais culta do planeta, hoje tão menoscabada pelos ultimos adventicios, arrogantes da sua supremacia, que nos alcunham de povos moribundos. Todavia, para nos alentar no nosso grandioso empenho, sirva-nos de exemplo esse mesmo japonez, hontem considerado como artefacto de arroz e porcellana, e hoje tido em pé de igualdade, sinão de superioridade, como um dos typos mais rijos e progressistas da especie humana.

Não ha raça talhada pela natureza para a decrepitude e a servidão. Todas são capazes de progredir, uma vez que adquiram a instrucção e a educação convenientes. A base do progresso está na escola, que robustece o corpo, forma o coração e o fortalece o espirito. Sem o cultivo literario, desapparece a civilização

para dar lugar á selvageria primitiva, cujo apanagio é a força bruta. Os exercitos modernos exigem um longo e complexo preparo physico, intellectual e moral. As duas ultimas conferencias feitas neste mesmo recinto por dois illustres officiaes militares, os tenentes Raimundo Burlamaqui e Manuel da Paz Filho, patentearam, a toda a luz, os novos processos da arte militar, na paz como na guerra, na theoria como na prática.

Condemnando o tráfico africano sob o patrocinio do pavilhão brasileiro, Castro Alves lançou a terrivel estrophe:

Andrada: arranca esse pendão dos ares!.
Colombo: fecha as portas dos teus mares!»

Mas não! nem o nosso glorioso pendão foi arrancado dos ares, nem os portos americanos foram fechados. A escravidão extinguiu-se no Brazil entre risos, palmas e flores, e a nossa bandeira continúa a fluctuar galhardamente nos mastros dos navios da nossa marinha mercante e militar, prestigiando a Republica. O nosso litoral, com mais de mil leguas de extensão, vai sendo guardado por fortalezas fixas e fluctuantes, e visitado pelas mais poderosas esquadras do mundo por entre as acclamações mais enthusiasticas. As nossas forças de terra crescem e arregimentam-se. Tudo isto para assegurar a ordem e o progresso no interior, e o respeito e a amisade no exterior. Não devemos, porem, descançar sobre os louros colhidos. As capitaes vão-se transformando, os portos se alargando e fortificando, as vias ferreas augmentam dia a dia, o vapor e a electricidade facilitam as communicações e o intercambio. Mas convem-nos esquecer uma triste verdade. O Brasil é um paiz de analphabetos. E' uma herança de Portugal, que devemos relegar para o passado como a escravidão e a monarchia. Alguns Estados já estão sériamente empenhados em extirpar esse cancro hereditario. Justiça seja feita ao actual governo do Piauhy, que, apezar de incipiente e dispôr de parcos recursos monetarios, já tem remodelado todo o ensino official, imprimindo-lhe um cunho inteiramente moderno. Cumpre-me consignar tambem aqui os serviços dos benemeritos piauhyenses tenentes Miguel Vicente de Paula Oliveira, Antonio da Costa A. Filho, Benedicto Passos e Manoel da Paz Filho, instructores militares do Collegio Diocesano, do Lyceu e do Tiro Piauhyense.

Ainda não fica nisto. A questão magna da actualidade é a chamada questão social.

O operariado avança por toda a parte na reivindicação dos seus direitos. Diz o dr. Barbosa Lima: «Do mais profundo seio immenso da multidão anomyma vem acordando, em todas as patrias, os que não querem a guerra. Os humildes despertam, e, não conhecendo fronteiras, arregimentam-se. Ainda incoherentes, unem-se, desunem-se, reunem-se, deprecam, queixam-se, ex-

põem, e por fim, formidavelmente impõem. Essa é a nova força com que, queiram ou não queiram, hão de contar os que sophismam ou procrastinam a paz, os potentados, que improvisam a guerra para proveito dos ricos, que queram ficar mais ricos.

De toda a parte invadem o mundial scenario, e chamam-se a Internacional, o Pacifismo, o Anti-militarismo; dão-se as mãos por sobre as fronteiras e acabarão impossibilitando os governos de fazerem a guerra em nome das nações». Este é que é o verdadeiro signal dos tempos, a nova cruzada redemptora, com que o Brasil tem de contar necessariamente.

Senhores! «Mente ás musas dada e braço ás armas feito»— eis o lemma que nos congrega neste momento. O cultivo da mente acima de tudo, por que a intelligencia é o motor universal. A civilização partiu do Oriente, onde permaneceu estagnada em despotias colossaes, percorreu a Europa por intermedio da Grecia e de Roma, deslocou-se para o Novo Mundo, e tocou de novo no seu berço primitivo. Este movimento circular tem custado dezenas de seculos e rios de lagrimas e sangue. Mas nessa avalanche de massas humanas em tropel, arrastadas por forças irresistiveis, cujas leis a historia procura decifrar, perpassa o sopro da esperança em melhores dias, que constitúe o mais bello e duradoiro patrimonio da especie. E' o ideal que impelle os povos para o progresso das sciencias, das letras e das artes. A' frente das nações conquistadoras acham-se actualmente as nações de origem anglo-saxonia, como a Inglaterra, os Estados Unidos e a Allemanha. O Japão chegou por ultimo e a China trata de lhe seguir as pégadas. A França prepara-se para a grande «revanche».

Seja como for, quaesquer que sejam os destinos do mundo, a hegemonia da America Latina compete ao Brazil. Daqui a nossa voz ha de ser ouvida ou pelo verbo dos nossos sabios, ou pelo troar dos nossos canhões, ou por ambos conjunctamente. Digam o que quizerem contra nós os que invejam o abençoado quinhão que nos coube em partilha na superficie do planeta, responderemos perfilhando as palavras de Victor Emmanuel ao entrar em Roma:

«Aqui estamos e aqui ficaremos», e parodiando a seguinte estrophe de C. Alves:

Auri-verde pendão da minha terra,
Que a brisa do Brasil beija e balança,
Estandarte, que á luz do sol encerra
As divinas promessas da esperança...
Tu, que, da liberdade após a guerra,
Foste hasteado dos heróes na lança,
Não serás nunca roto na batalha
P'ra servires a um povo de mortalha.

(«Piauhy», n. 1081 de 6 de outubro de 1910)

MEU FILHO

I

Depois de tantos dias de anciedade
Em que tão lindo ser eu antevia,
Eil-o, afinal, matando-me a saudade,
A saudade que delle eu já sentia.

Fructo do meu amor! Que suavidade,
Que divino perfume, que harmonia,
Enchem minha alma de sonoridade,
De sorrisos, de sonhos, de alegria...

Vendo-o deitado sobre o alvor do leito,
Cercado de caricias e ternuras,
Uma forte emoção me invade o peito.

E, neste instante em que eu me maravilho,
Sinto, talvez, de todas as venturas,
A ventura maior, que é ter um filho.

II

Ter um filho é ter muitas alegrias,
E certo outras não ha que tanto valham,
Meu filho, tu és o encanto dos meus dias,
O ninho em que os meus sonhos se agasalham.

E's, repleto de luz radiosa, intensa,
A estrella da manhã alva e querida,
A illuminar o céu da minha crença,
A illuminar o céu da minha vida.

Ha muito eu te esperava, ha muito eu tinha
O desejo de ver-te nos meus braços,

Para, ó alma lirial filha da minha,
Innundar--te de beijos e de abraços.

E como sou feliz tendo-te ao seio,
Todo imbebido em extasi profundo,
Na paz do lar, completamente alheio
A's miserias e ás dores deste mundo!

III

No seu berço pequeno e avelludado,
De onde aos meus olhos brotam mil fulgores,
Elle sorri, dormindo socegado,
O sorriso dos anjos e das flores...

Sorri, e eu fico assim como encantado
Entre sonhos azues e encantadores,
A contemplar-lhe o vulto delicado
Em que estão reflorindo os meus amores.

E é quando o vejo assim que sinto, ancioso,
Uma vontade immensa, indefinida,
De um dia vel-o grande e venturoso.

E ergo uma prece cheia de carinho,
Pedindo a Deus que me conceda vida
Para poder crear o meu filhinho.

Antonio Chaves

(Do poemeto «Meu Filho».)

FOLKLORE PIAUHYENSE

Olho d'agua da pedra

Ha na vizinhança do Peixe, antiquissimo e decadente povoado do municipio de Barras do Maratahoan, um curioso olho d'agua que deriva de pequena fresta de enorme pedra que lhe deu o nome.

Tem resistido as mais rispidas e inclementes seccas e constitue o unico manancial onde se dessedentam as numerosas manadas de gado dos campos adjacentes.

E' um verdadeiro oasis contornado de virides nemorosas palmeiras em que simi:ifloras trepadeiras ostentam as ricas louçanias de suas pompas agrestes e os mais canóros sabiás descantam continuamente; comtudo, não é sem grandes receios que delle se aproximam vaqueiros e moradores daquellas circumvizinhanças, pois conta-se que não raro se encontra alli o esbelto vulto de lindissima mulher cujos membros inferiores são constituidos por escamosa cauda de peixe, porventura uma nova encarnação de Parthenope, Ligia ou Leucasia, a pavonear-se garridamente á margem da limpida corrente em que de continuo se contempla embevecida.

E' uma apparição familiarissima áquellas risonhas paragens, entretanto, ao menor rumor recolhe-se imperceptivelmente a pedra que habita e agita enraivecida em fortes e ruidosos embates sempre que curiosos a pesquisam, chegando mesmo a interceptar por vezes o gracioso curso d'agua com o seu escuro e volumoso corpo estreitamente adaptado á pequena abertura que o determina.

Casa de pedra

No centro de elevado morro graciosamente colmado da mais variada e exhuberante vegetação, ainda nas cercanias do mesmo povoado do Peixe, depara-se enorme escavação aparentando uma grande casa de paredes alvissimas, talhadas na propria pedra, muito regularmente dividida em varios compartimentos com os respectivos corredores, portas, janellas, & & que segundo a divergente opinião dos que a têm visitado não passa, ora de uma gruta natural como tantas outras curiosissimas do Estado, e ora de artificial, gigantesco producto de monstruoso e acurado esforço, porventura estrategica fortificação de antigos, aguerridos selvicolas, mocambo de foragidos escravos, ou valhacoito de extinctas *clans* de inominados facinoras.

Seja como fôr, encontra-se em algumas de suas alvissimas paredes curiosas inscripções hieroglyphicas a semelhança das já observadas nas proximidades de Piracuruca, na Sete-cidades e no morro do Ladino do municipio de Valença.

Conta-se, e nisso consiste a lenda, que alli se acham soterrados incommensuraveis thesoiros por isso que nas mais negras e tempestuosas noites entrecruzam-se luzes que se agitam vertiginosamente em todas as direcções e segundo a crença vulgar não constituem mais que o apanagio de estranhos conciliabulos de assembléas malignas ou de amargunadas romarias de almas penadas a espera de ousadas e piedosas criaturas que os exhume e applique em infinitas, ponderadas obras de misericordia e, sobretudo, que para expurgal-as em absoluto das abominaveis máculas do peccado, mande celebrar muitas, custosas missas, indeffectivel tributo do sempiterno repoiso, da bemaventurança eterna.

João Pinheiro

MEU ALBUM

Do meu album na folha côr de rosa,
Onde o amor filial canta e fulgura,
Dedico á minha Mãi meiga e bondosa
Todo o meu Ser repleto de ternura.

E na página branca, o dôce emblema
Dum sentimento que jamais se esvàe,
Entre as bellas estrophes de um poema
Escreverei o nome de meu Pai.

Relembrarei aqui todo o martyrio,
Toda à magua que um dia me envolveu,
Conservando na folha côr de lyrio
A saudade da Esposa que morreu.

Como um astro fulgente e luminoso,
Surge depois a pagina doirada,
Onde scintilla o vulto gracioso
De Quem me trouxe á vida outra alvorada.

Aos meus Filhinhos—bando de crianças,
Meigas e frageis como os passarinhos...
Na folha verde um ninho de esperanças
Tecer-lhes-ei com beijos e carinhos.

A folha azul, tão linda e recamada
De flores, as mais bellas e louçãs,
Representa uma abobada estrellada...
E as estrellas sois vós, minhas Irmãs!

E na ultima folha—a folha rubra,
Entre os meus votos intimos, secretos...
De meus Irmãos o traço se descubra
Como um forte penhor dos meus affectos.

E esse livro elegante e primoroso,
No qual o meu amor todo concentro,
Guardo-o sempre num cofre precioso:
—Meu proprio coração—. Eil-o lá dentro!

FENELON CASTELLO BRANCO.

REVELAÇÃO

Não julgues porque a vida não maldigo
Seja porque minh'alma não soffreu
Os travos da desgraça—ágro castigo
Que dizem vir do inferno e vir do céo.

Poucos annos meu pae viveu comigo,
5 rapidos annos e morreu...
E minha Mãe,—com lágrima te digo—
Dentro d'algumas horas falleceu.

Escuta lá: nos cemiterios vastos,
Os óssos de meus Paes devem estar gastos,
Pelo tempo que tudo estraga e róe.

Ólha: quem çêdo nessa estrada cae,
Sem ter Mãe, minha filha, e sem ter Pae,
Ha de sentir o quanto a vida dóe.

Baurélio Mangabeira

O GRANDE MORTO

Tu, varão extremado, tu não morreste
ainda no meu peito.

GARRET.

Pelas 10 horas da noite do dia 31 do mez proximo passado, em União, sumiu-se na eterna escuridão do tumulo a alma pura carinhosa e desvelada, o espirito de eleição que se chamou Areolino de Abreu, o homem para quem a virtude era um sacerdocio e a liberdade um culto fervoroso, e cujo coração só aninhava o amor das grandes causas e o enthusiasmo pela defesa dos grandes idéaes, em prol dos quaes tudo sacrificou, desde o conforto da vida, até á tranquillidade da existencia.

Perdura ainda no espirito do povo piauhyense, e perdurará *ab æterno,* a dolorosa mágoa que o punge e angustia por tão funesto evento.

Areolino de Abreu, com a resignação evangelica de um justo, cedendo á lei fatal da morte, desappareceu da communhão dos vivos: desappareceu o amigo leal e generoso, que não tinha odios nem rancores, nem conhecia a vingança, esse sentimento que jámais conseguiu penetrar no seu coração de arminho.

A carencia do tempo e, sobretudo, o abalo dolorosissimo que me causou essa morte, a saudade com o meu coração grato e reconhecido vem desfolhar estas tristes linhas sobre a sepultura do Dr. Areolino de Abreu, tudo me impede de prestar-lhe mais merecida homenagem, deixando que a sua alma de eleito descance na doce paz tranquilla do não ser, longe das miserias do mundo material e tangivel.

* * *

O homem superior de hoje trabalha muito e vive pouco.

A arte, alargando o seu circulo de acção, tornou-se mais longa e a vida tornou-se mais breve. *Ars longa, vita brevis.*

Na esphera da actividade intellectual já não ha, de certo, organizações robustas, existencias longas.

Todos os bellos espiritos da cultura e disciplina mental de Areolino, logo cêdo vão empolgados pela engrenagem dessa machina que multiplica o trabalho; e, exgotados pelo seu motu continuo, fatigados pela sua velocidade, victimados pelas suas exigencias ferozes, abandonam a vida, aos farrapos, pelo caminho que elles percorreram numa carreira vertiginosa.

Gastam-se num trabalho exhaustivo, matam-se na fatigante labuta que suga num parasitismo traiçoeiro todo o viço da mocidade e da saúde; que devora a existencia, precipitando a morte.

E assim, a mão fatidica da insaciavel Atropos, num momento, roubou á patria, á familia e aos amigos aquelle eminente vulto, o poderoso tribuno, o jornalista de escól, o medico desinteressado e altruista, o politico equilibrado e altaneiro, que possuia a fibra rija e inquebrantavel do verdadeiro patriota.

Quando a Providencia, nos seus inescrutaveis decretos, diz o grande escriptor portuguez Vilhena Barbosa, intenta mudar a sorte de um paiz ou regenerar uma sociedade, cria homens extraordinarios, superiores na energia da vontade e no arrojo do commettimento, os quaes não sinão a idéa feita carne, as personificações da transformação social, que pela intelligencia definem o progresso, pelo esforço antecipam-n'o e pelo poder firmam-n'o nas instituições, nos habitos e nos costumes dos povos, cumprindo a sua missão na terra e fundando a liberdade e a civilização. «Esses homens, pelo patriotismo que os illumina, pelos sacrificios civicos que praticam e pelo talento com que dominam sobre as multidões careciam o respeito dos conteporaneos e a veneração da posteridade".

A ninguem se applicam melhor esses conceitos do que ao benemerito morto de hontem, por que todas as acções de sua vida, todos os combates de sua consciencia foram uma harmonia constante, um acto meritorio, onde a sua heroica abnegação triumphava sempre.

Eis o homem que a morte roubou á nossa terra e aos carinhos de uma esposa adoravel e sete filhos menores.

*
* *

Areolino era um orador brilhante, e, para o ser, muito lhe valeu a sua aprimorada erudição literaria.

Resurgiam nos seus discursos os esplendores da forma exuberante e pomposa, que lhe assignalaram as primeiras producções.

Orador, ouvia-se-lhe a voz gorgeiar numa doçura velludosa de sons, numa opulencia macia de modulações maviosas, que arrebataram as multidões, denunciando a vegetação copiosa de uma alma em flor, apaixonada e vibrante.

Meticuloso na contextura dos seus discursos, esmerado na

phrase, sobrio na imagem, elevado no estylo sem exageros nem emphases, Areolino quando falava era sempre com a elevação do conceito e da phrase, a clareza e a nitidez da dicção, a doçura do sentimento, a sinceridade e convicção de um espirito fecundo e constructor.

Para provar a minha affirmativa, transcrevo aqui o trecho final do seu monumental discurso pronunciado na sessão litteraria realizada no dia 1º de janeiro de 1901, em commemoração ao seculo XIX. Nessa peça de incomparavel fulgor literario, Areolino distinguiu-se pela deducção logica dos raciocinios e pela clareza e brevidade da exposição, sem jámais uzar as phrases campanudas, as argucias e conceitos rebuscados que alguns oradores prodigalisam a esmo, postergando de ordinario as regras da verdadeira eloquencia, e até as do senso commum.

Oiçamol-o:

"Senhores! O que ficou para traz é um tumulo, o que se desdobra para a frente é o ignoto, e collocado entre essas duas immensidades mysteriosas o homem deve meditar sobre o seu nada e curvar a cabeça ao peso da melancolia das saudades pelo passado e das apprehensões pelo futuro...

Só os berços podem entoar as alleluias festivas da nova era!

Só os moços podem cantar a marselheza do futuro aos clarões do novo sol!

Só a cruz pode erguer altiva os braços para o infinito—porque ella é o symbolo da redempção, do amor, do perdão e da concordia!»

Jornalista—manifestava em cada assumpto uma illustração vasta e variada, dotado como era do primoroso dom de saber dizer seus sentimentos na linguagem simples que não carece de atavios para agradar.

Medico—elle fazia de sua profissão um sacerdocio, tornando-se irmão dos que soffriam, amparando-os, confortando-os com os recursos da sciencia de que se tornara apostolo.

Politico—elle tinha um ponto de vista seguro, e, intelligencia vivaz servida por um espirito superiormente reflectido e ponderado, penetrava cedo no amago de todas as questões, vendo-as por todas as suas faces e distinguindo o verdadeiro do falso, com aquella serenidade de animo que lhe era peculiar, ungido daquella patriotica indignação sempre que era mistér profligar abusos e verberar desmandos.

«Vêde-o agora, na paz da morte, no silencio do tumulo. Medí-lhe a estatura moral, prescrutae-lhe as qualidades civicas, perquiri-lhe as manifestações do talento assombroso, pela variedade de um idéal fixo, superior e supremo, e chegareis a concluir commigo: Inda é maior do que em vida se afigurava!»

Pedro Britto

(1908)

Apologia Do Silencio

A Affonso Costa

Na meia sombra desta soledade,
Tendo os olhos de lagrimas cobertos,
Tenho os meus braços de poeta abertos
Para a dor, para o bem, para a saudade.

Trago no peito, em forma de um Zodiaco,
Doze constellações do mal humano.
E vou, de desengano em desengano,
Seguindo sempre doente e hypocondriaco . . .

Tanta paz o meu quarto me conserva,
Que amo o silencio á sombra deste tecto:
E' que o Silencio me reserva o affecto
Que o barulho dos homens não reserva.

Prefiro a paz em que hoje vivo immerso
A' desordem das ruas e das praças
Que em si concentram todas as desgraças
Que são as leis motoras do universo.

A rua é a hypocrisia e a rua empresta
Ao homem uma feição estranha á sua:
A' inquietação que mecanisa a rua
Prefiro a paz de um trecho de floresta.

Estar só, meditar. . . a vida é calma,
Dôres—supporto-as bem neste socego.
Chóro e rego o meu pranto no aconchego
Intimamente dôce da minha alma.

Melhor supporto a dor de uma ferida
Aberta em chagas vivas, cor de brazas,
Amparado nas duas grandes azas
Do silencio immortal da minha vida.

Tiritando de magua e de anciedade
Longe do meu amôr, do meu carinho.
Estando só melhor supporto o espinho
Dolorido e fatal desta saudade.

De tristezas, de prantos e de apodos
Tenho os meus olhos pardos encobertos,
Para o silencio os braços tenho abertos...
Poeta, o Silencio é o céo dos homens todos.

Lucidio Freitas

A estatua de Minerva

Quanto mais te examina e te analysa
A minha alma de artista á forma afeita,
Mais fartamente fica satisfeita
A ancia do Bello que me martyrisa.

Tudo em ti se completa, se harmonisa,
E, ao ver-te assim tão plastica e perfeita,
Não posso acreditar que sejas feita
Do mesmo pó que em mim se corporisa.

Encarnas correcções subtis e audazes,
Extremamente puras e capazes
De fazer genios e fazer loucura.

Tanta belleza num só corpo encerra!
Vêde-a: parece a Estatua de Minerva
Na imponencia immortal da formosura.

Nogueira Tapety.

CLARICE

Soube-o hontem e disse-me o Porfirio, aquelle rapagão muito claro e bonito que estava tambem lá, elegantemente trajado, mettido num *veston* muito justo e irreprehensivelmente talhado.

E' assim, que ella se chama, ella a moça chic e attrahente que no baile em casa do conselheiro Beltrão trajava com muita distincção e garbo uma bellissima *toilette en faille gris-perle*, calçando luvas *couleur á poie jaune* e que em ar de aristocrata fina era num abandono requintado a mover com graça oriental e propriamente sua um magnifico leque bandeira *en soie demi-bleu*, de cujo centro destacava-se, num relevo delicado, uma aquarella interessante pondo em evidencia suave o lago de Boghez e a ridente parte da cidade Tunis que é nelle a mirar-se primorosamente, como si uma sultana enamorada fosse!

Clarice, é assim que ella se chama: o seu adoravel nome é este:—Clarice! que surprehendente e que mimoso que elle é: Clarice!

Numa pôse fidalga de condessinha de linhagem fina, vi-a: estava a trinar, numa melodiosidade de passarinho alegre, conversava com a filha do Dr. Nery, aquelle velhote espevitado, sempre em riste e esperto, que era lá apontado como um chicanista de merito.

Corria pelo esculptural de seu todo gracil de galga irrequieta uma attrahencia enorme; corria pelo seu torso bem feito, á moda dos bustos caprichosos, talhados pacientemente em marmore raro por um artista de nota, um deslumbramento estonteador; corriam pelo turgido de seus seios provocadores umas transparencias bonitas do betado idéal dumas veiasi-

nhas delgadas; corriam pelo niveo branco de seu rosto lindo uns pallores romanticos; corriam pelo castanho claro de seus bellissimos olhos de esklerotícos perlados uns amortecimentos languidos de volupia morna; corriam pelo doirado de seus cabellos longos e sedosos uns pronunciamentos, uns tons ligeiramente visiveis do fosco esquisito dos oiros de valor!!...

—Esplendida! Surprehendente! em vendo a exclamei internamente de mim para mim e olhei-a com attenção: estava nesse instante a rir, e, rindo, a fila alvissima de seus dentinhos nitidos avistava-se no golpe curvo, ligeiramente curvo, violento e rapido de sua boquinha breve, em sangue, como uma papoila escarlata!

Um jorro de luz forte e victorioso, expedido em noite trevosa pelo holophote potente dum coiraçado gigante, por certo que não tem mais chispa nem mais brilho que um jacto de luz dardejado por seus grandes olhos repassados de languidez voluptuosa, num subito olhar nervoso e quente e apaixonado e louco pelo atravez de suas pupilas violaceas, franjados de cilios doirados!!....

Timido e nervoso, muito nervoso e muito timido, como uma creança intelligente que é pilhada em algum brinco reprehensivel, eu, sempre a contemplal-a, era a sentir o meu sangue vigoroso de rapaz sadio, a girar, correr-me nas arterias num galopear infrene, num desespero de vibração ou choque electrico!

Nisto «Danubio azul,» a estranha walsa, composição formidavel de Straus, encheu inteiramente todo o salão com a dolencia de suas notas maguadas, suspirosas, num cadenciado rithmico, num *moderato tédesco*.

E ella rindo pelo braço de um estudante da Escola Medica do Rio, ia a deslisar subtilmente pelo soberbo salão do conselheiro, num walsar sereno.

... não saber eu walsar, não ser eu um walsista!

*
* *

Senti-me doente, tinha a cabeça á roda e o cerebro a latejar-me numas pulsações irregulares, tropegas as pernas; senti-me ebrio de amor e de amor somente!...

Sem inteira consciencia de mim, absolutamente louco, desci a escadaria nobre do palacete do conselheiro, tomei o carro, e a «Danubio azul» sempre a soar em meus ouvidos, num cadenciado rithmico, num *moderato tédesco*.

. . . . . .

Soube-o hontem, e disse-me o Porfirio, aquelle rapagão muito claro e bonito que era tambem lá; ella, a moça chic e attrahente, que em o baile do conselheiro Beltrão era a trajar com muita distincção uma esplendida *toilette en faille grise perle*, é a filha do desembargador Gentil C., e o seu adoravel nome é — Clarice.

João Licinio.

RURIGENA

Sobre um trecho de sonho. Altas, rasgando ufanas
de um céo plumbeo, nublado, as rispidas cimeiras,
erguem-se amplas, alçando as frontes sobrehumanas,
Sempiternas, heris, estupendas palmeiras.

De um lado um rio corre estrepitoso; as lianas
dos glaucos tinhorões de abruptas ribanceiras
descem como em festões de tafetás, e as canas
acenam tremulando as limpidas plumeiras.

Em vastos igapós remotos, tresmalhadas
mugem vaccas. Troveja. Em convulsas lufadas
sacode o vento ao longe a matta indefinida.

E brama um touro bravo, e escarva, e brama, emquanto
se ouve vibrar do espaço o derradeiro canto
De ûa marreca além, tristissima, perdida.

João Pinheiro

LÆTICIA OPHELIA

—Eu fui, disse-me Læticia Ophelia, semicerrando as palpebras, e coando por entre os cilios bastos o luar maligno dos seus olhos negros, mulher de um enterrador de defuntos. Na cidade em que moravamos, graças á tuberculose, febres e varias lesões cardiacas, tinha o meu marido um bom rendimento. Vinha o pobre homem sempre bebado, depois que acabava de inhumar, quasi deshumanamente, o corpo de algum desgraçado ou de algum feliz: felizes todos, em summa.

Quanto a mim, que me casára por amor, encantada que ficára pelos louros cabellos e olhos azues de Celio, senti, no decorrer dos tempos, certa repugnancia pelo homem que commigo dormia tão pesadamente, cansado de haver socado sob o solo aspero e duro tantos cadaveres immobilisados pelo terror do ultimo instante de vida. Pouco a pouco, fez-se a solidão entre nós dois. No fim de tres annos já não nos falavamos, tanto é certo que a morte emmudece a quem della se approxima. Mas que doce felicidade a nossa nos primeiros tempos!

Sobre o morro alvejava o cemiterio, quadrangular, com as suas quatro paredes brancas, muito altas; coroando o morro, a nossa pequena casa, toda cercada de chorões e eucalyptos, parecia um ninho. Na collina fronteira espalhava-se a cidade pequena e clara, com a sua casaria caiada de novo; era como um lago onde se banhavam cysnes. Separando as collinas, deslisava o ribeirão tranquillo, sobre o seu leito de seixos avermelhados; de um lado a cidade dos vivos, do outro a habitação dos mortos, e a nossa alegre vivenda, e o nosso amor.

A minha face pallida era como a face de Tchoun-Hyang no romance coreano: surgia, como a lua, de dentro das nuvens negras do meu cabello em desalinho; os meus olhos trigueiros, onde sempre pairavam dois anjos em oração, traziam sonhos de ventura e desalentos aos moços que me miravam demoradamente, indagando comsigo de onde viera tão estranha flor dos mortos.

Era Celio coveiro e zelador do pequeno cemiterio. A muni-

cipalidade recompensava o seu funereo serviço de maneira a vivermos folgadamente; tinha elle, além do seu ordenado fixo, a porcentagem que tirava de cada sepultura. Viviamos, assim, como tantos outros, da morte. Habituei-me a passear, como uma sombra, pelos tumulos em flôr; passava horas esquecidas a scismar, recostada ás lapides mortuarias, como uma estatua de marmore. A tarde, suave como um beijo, surprehendia-me de olhos fitos nas rendas purpureas do occaso; aprazia-me o silencio do campo-santo, evocador das virgens que se foram como rosas pallidas. Quantas vezes, ao ciciar monotono das auras vesperaes, tive prantos nos olhos por aquelles que alli jaziam no abandono do mundo, no isolamento irreparavel da cova... Notaram-me, em breve, naturalmente, pela minha extraordinaria formosura. Comecei a ser a fonte castalia onde vinham inspirar-se os poetas doentios. Eu era o anjo da morte, a fada que esparzia petalas enluaradas por sobre os tumulos esquecidos; felizes os mortos que viviam sob a guarda tutelar das minhas azas!

As pobres mães, que tinham perdido os seus filhos ao sahirem dos berços, adoravam-me e abençoavam-me; pois se eu continuava a ser-lhes mãe na morte, sempre plantando uma flor nova nos pequeninos tumulos, engrinaldando-os sempre com trepadeiras viçosas, azues como o céo para onde as suas almas de anjinhos haviam erigido o vôo celere...

E os mezes, e as semanas, e os dias succediam-se uns aos outros.

Seguia a minha vida, como um caminho plano, sem o menor outeiro a transpor, que ladeado fosse pela mesma paizagem sempre. Doce e triste caminho, perfumado pelos lyrios das campas, que iria dar por certo ao céu...

Mas, um dia (era uma sexta-feira quaresmal) alarmou-se, commovida, toda a cidade: fallecera, imprevistamente, a moça mais formosa do logar, menina e noiva, aos quinze annos apenas. Foi então que a monotonia sagrada da minha vida devia de transformar-se tão romanescamente.

Elza (tal era o nome della) fôra levada ao cemiterio entre duas alas de virgens, vestidas de gaze nevoenta, em um caixão aberto. O seu corpinho fino atufava-se em meio de braçadas de flores; morrera sorrindo, e ainda conservava, depois de morta, o mesmo sorriso angelico, ultimo raio de vida que lhe permanecera no rosto.

Desde esse dia triste, Carlos, que era o noivo, guiava os passos de somnambulo até lá, onde estacionava a sonhar, alheio ao murmurio das auras e ás vozes dos que se perdiam por alli, a mitigar saudades, e alheio (e era istó que mais me maravilhava) ao crepusculo veronense dos meus olhos mortiços.

Passaram-se muitas luas, e infindas agonias de occaso haviam palpitado no céu, até que, inesperadamente, os olhos de Carlos se encontraram com os meus, em um rapido lampejo fugidio. Foi como a revelação da sêde de ideal que nos martyrisava. Desde então, antes delle seguir para o leito de Elza, sorria para mim: o seu sorriso cahia-me na bocca como um raio de sol na corolla de uma rosa.

Attrahida por elle, subjugada pelo amor que Carlos tinha á morta, e que bem podia resuscitar em mim, comecei então a cultivar violetas ao derredor do tumulo de Elza, pacientemente, á espera dos seus passos, á espera do seu sorriso, á espera das raras palavras que me elle dirigia, a principio indifferentes, mas, depois, com o correr das tardes, bem significativas para mim, que começava a âmal-o.

Elle, que me parecera intangivel como um cavalleiro das lendas medievas, humanisava-se aos poucos; o diadema da sua cabelleira loura já me não parecia feito de raios de sol. Os seus olhos já não procuravam, dentro do seu sonho, a morta que jazia sob a terra: vinham a mim demoradamente. Havia dentro delles um silencio de lua.

O romantismo enfermiço do bello moço transformou-se de um dia para o outro em violenta paixão de amor. Teve, como os mysticos de outr'ora, instantes felizes de luxuria dolorosa.

Foi uma insania sacrilega o nosso amor: junto a lapide de Elza trocámos os primeiros beijos, e enlaçámo-nos, bem junto della, como duas arvores plantadas no mesmo chão, nos impereciveis abraços daquelles que se dão para todo o sempre. A eternidade ouvia os nossos votos, a morte abençoava as nossas caricias...

Uma noite deixei-me ficar embevecida nos braços de Carlos mais tempo que costumava. Nada, de resto, poderia temer: Celio, perdido pelas tavernas da cidade, voltava ás horas mortas, muito depois do cahir da meia-noite. Encontrava-me sempre em casa. Em aquella noite, entretanto, presentindo talvez a minha traição, viera mais cedo, por desgraça minha.

Era uma noite de luar.

Entrou rapidamente pelo cemiterio, e ao encontrar-me com o rosto apoiado sobre o hombro de Carlos, atravessou com uma bala o craneo do meu pobre amante. A morte foi instantanea. De braços cruzados esperei, esperançosamente, a minha vez. Celio pegou em Carlos, estendeu-o junto ao tumulo de Elza, e poz-lhe na mão direita o revólver detonado.

Depois, passando por mim friamente, disse-me apenas:

—Vamos para casa.

Comprehendi então tudo.

O jornal da cidade, no dia seguinte, contava aos seus leitores

o suicidio sentimental de Carlos, o bello moço que não pudera viver longe da sua Elza adorada, e que junto do tumulo della se matara...

—E abandonaste, logo após, o teu marido? perguntei-lhe.

—Sim, respondeu-me Lætícia Ophelia. Dahi a um mez era eu atriz tragica de uma companhia que pela cidade passara. Fiz, á minha custa, os meus primeiros ensaios dramaticos.

Alphonsus de Guimaraens.

IN-TERMINIS

Nem odio, nem amor! Lentamente, o passado,
A envolver-me no seu torvo manto agoureiro,
Levou-me para sempre o sonho derradeiro:
Ha muito que entre nós está tudo acabado...

Sim, que a minha alma, agora, é um campo desolado
Sem os beijos de sol desse affecto primeiro,
Que foi, por tanto tempo, o meu sonho altaneiro,
Que foi, durante a vida, o meu culto abençoado...

De ti, nada me resta, aurea sombra erradia:
Nada existe, entre nós, que de novo te prenda
Ao grande affecto bom que tanto nos unia...

Pouco me importa a mim que sejas linda e nova!
O meu amor, agora, é o Lazaro da lenda
Sem um Christo capaz de o levantar da cova...

Zito Baptista.

NO LAGO DE AGRIPPA

A galera imperial tem chispas de oiro e prata,
á morna transparencia azul do céu sem bruma;
fulguram-lhe na quilha as perolas da espuma
no chuvisco de luz sem fim, que o Sol desata.

Sob o velum de purpura as aves cantam numa
harmonia brilhante e meiga de volata;
palpitam corpos núa e a pelle aristocrata
das damas, no ambiente, em nardo se perfuma.

A palmeira africana e o egypcio nelumbo,
o cactus côr de sangue e o lotus côr de chumbo,
o marmor da Numidia e o marfim do Ceylão,

se misturam a bordo, em todos os matizes,
ás estatuas de Baal, de Jupiter e de Isis,
as imagens de Zeus, de Astréa e de Pigmalião.

Abdias Neves.

AOS SINOS!

Plangei, sinos! A terra ao nosso amor não basta...
Cansados de ancias vis e de ambições ferozes,
Ardemos numa louca aspiração mais casta,
Para transmigrações, para metempsychoses!

Cantae, sinos! D'aqui, por onde o horror se arrasta,
Campas de rebelliões, bronzes de apotheoses,
Badalae, bimbalhae, tocae á esphera vasta!
Levae os nossos ais rolando em vossas vozes!

Em repiques de febre, em dobres a finados,
Em rebates de angustia, ó carrilhões, dos cimos
Tangei! Torres da fé, vibrae os nossos brados!

Dizei, sinos da terra, em clamores supremos,.
Toda a nossa tortura aos astros de onde vimos,
Toda a nossa esperança aos astros aonde iremos!

Olavo Bilac.

POBRE PAGINA

PARA A SAUDADE DE ALGUEM.

Não, minha prima, não foi por esquecimento que deixei de lhe escrever sobre a morte lyrica de F., esse desventurado moço amortecido e langue, de que V. tanto se apiedára quando aqui esteve num claro fim de dezembro. Uns dias maus de tedio iam-me impedindo de satisfazer a sua curiosidade de mulher bonita e intelligente, falta essa de que agora me penitencio, curvando a cabeça á graça do seu perdão.

Em verdade, minha prima, como me custa evocar aquella mocidade de oiro que eu vi acabar quasi nas minhas mãos tremulas e magras, ungindo-a com o meu carinho, abençoando-a com os osculos da minha piedade. Aquelles vinte annos frescos e radiosos, despetalados assim como uma pobre flôr indefesa entregue á garrulice estouvada dos ventos, occultavam nos seus refolhos um doce e profundo mysterio, que eu só comprehendi depois, quando o vi aclarar-se todo no desabrôcho franco de uma revelação..

Era o amor, o seu pobre amor martyrizado e satisfeito, um desses males sem cura de que elle nunca falára aos amigos, que escondia de todos, num requinte de avareza, como um suave bem que se receia perder, porque nunca mais se encontra na vida. E, comtudo, como elle era deliciosamente comprehendido por essa bôa e angelica menina que avelludava de sonhos as suas noites e punha maciezas de lyrios na luminosidade das suas manhãs! Ah, embalde Ella erguera a face candida á Virgem da Conceição, para que vertesse uma gotta de mel no amargor daquelle soffrimento, ou deixasse cahir um raio só da sua ternura pela desolação infinita daquella magoa. O destino, porem, fôra excessivamente cruel aos rógos desse anjo e elle morreu como um santo, numa postura languida de Christo, a cabeça pendida para um lado, os olhos perdidos no vacuo, como a seguir o rastilho das ultimas illusões, a bocca semi-aberta num sorriso de martyr, os ouvidos piedosamente unctados pela harmonia branda das orações...

Pobre amigo! Eu fui dos que lhe assistiram a agonia, que foi suave e breve como a de um passarinho. Quando penetrei a

casa de F., nessa gloriosa manhã d'abril, em que toda a natureza parecia cerrar as palpebras vencidas, embriagada de luz, um vago presentimento me fez logo perceber que algo de anormal alli se estava passando. Pessôas amigas, muito apprehensivas, de physionomias mudadas, falando quasi num sussurro, deslizavam como sombras pelos corredores sombrios e dir-se-iam tomadas do mesmo sentimento de horror. E sobre os moveis, contornando os quadros artisticos, envolvendo os objectos mais simples, em todos os angulos da casa, como que pairavam esse espanto e esse medo que precedem sempre ao pavor desses momentos supremos.

Effectivamente F. estava acabando e a sua expressão era tão doce, o seu gesto tão resignado e meigo, que fazia lembrar um desses formosos crepusculos veronenses deliciosamente afundando por entre as serranias azues. Pobre amigo! Estendido languidamente sobre uma cadeira preguiçosa, o busto erguido, a cabeça apoiada entre travesseiros altos, elle aguardava, pallido e anhelante, a consoladora bençam da Morte. E o seu olhar, um grande e profundo olhar em que parecia vazar toda a alma encantadora, esvoaçava agora de um modo incerto por sobre as nossas pessôas, á maneira de uma enorme borboleta cançada, e se ia pousar perturbadoramente na face d'Ella, no estonteamento de uma caricia...

Ah, minha prima, que olhar! Não era um desses trechos de noites tropicaes em que a sombra de Othelo passa sorrateiramente, através de arvores centenarias, agitando no punho nervoso o punhal homicida que ha de ferir o peito casto da bôa e virtuosa Desdemona. Tambem não era, precisamente, um desses lampejos d'alma, expressivo e forte, mixto de resignação e piedade, que o genio de Mellan poz naquella cabeça de Christo, que pende da sua alcova de virgem, derreada e doce, num grande gesto de beatitude, escorrendo sangue na lividez marmorea do rosto transfigurado. Não, o olhar de que lhe fallo, tinha uma alta expressão artistico-amorosa, que eu não posso definir na tortura da minha imaginação.

Symphonias de Wagner, recolhimento dos montes, versos candidos de Soares dos Passos, horas mortas, elegias nervosas de Anto Nobre, plangencias de orgam da Cathedral, orações de palmeiras no deserto, gemer de rôlas no verde coração das ramarias, extrema-uncção de rosas defuntas, trechos de oiro da Biblia, luas-cheias de Bondade, ladainha de aguas mansas, falhar de mysterios á meia noite, lagrima benta de Sol-Pôr, balbucios doces de Saudade, cahir das folhas, canção amarga de infelizes, violinamentos de Outomno, chagas vivas de Verão, syncope de luar, velas brancas pontilhando o azul dos mares, lenços tremulos á borda dos navios, mecher de ninhos, ruflos d'azas, rumor de beijos em camara nupcial, sêde de luz, chôro de rimas, ancia de gozo, amor, soluço, cantico, gemido, como

que tudo aflorava á tona desses olhos de moribundo, num desespero unico e supremo!...

Que magoa, minha prima! Quantos sonhos avelludados, quantas esperanças bonitas, quanta aspiração robusta e quanto desejo de viver não se agitavam na cellula pequena desses dois olhos prestes a se apagarem! Uma tortura! Em volta do seu leito, todos nós tremiamos na espectativa desse desfecho terrivel... Ella, timida e nervosa, arriscando uns passos indecisos, mal disfarçava a sua inquietude de pomba, apertando nas mãos mimosas o seu livrinho de missas. Por vezes, a um gesto delle, inclinava-se, obediente, para lhe ouvir uma palavra indistincta e logo quedava-se, humilde e meiga, esfolhando-lhe o bogary de uma prece. Ah, minha prima, que enlevo! De sobre o consólo proximo, pendente dos braços de uma cruz, espiritualizado na sua magreza idéal, a propria figura do Nazareno parecia sorrir abençoando aquelle idillio final, ultimo capituic de uma pagina linda que se fecha...

Creia, minha prima, aquelle mover d'olhos que se entendiam, aquelle arfar de peitos, aquelles extasis longos, aquellas phrases mudas, eram bem a apotheóse desse amor que se mostrava agora em toda a sua belleza immaterial, evocando um perfume leve de mysticismo como essas flôres que mancham a brancura do linho dos altares...

Não sei, ao certo, quanto tempo elles levaram assim deliciosamente envoltos na trama desse embevecimento. Quando dei por mim, um crescendo de soluços e exclamações invadia a casa toda e F. exhalava um doloroso suspiro fechando a alma ás amarguras da vida, como as petalas medrosas de uma sensitiva. Então, sublime, de joelhos, illuminada pela sua fé, alçando a voz tremula, Ella rezou com toda a força do seu coração. emquanto lagrimas impetuosas rolavam-lhe pelas faces vermelhas, desafogando-lhe o seio túrgido...

E ahi tem, minha prima, como acabou essa formosa mocidade que tão fortes e desconhecidas sensações me havia de arrancar á harpa estranha dos nervos. Agora, que penso ter cumprido a promessa que lhe fiz, escrevendo essa pagina triste para humedecer os seus lindos olhos scismadores, permitta que eu exija um pequeno sacrificio ao seu mimoso coração de flôr. Esfolhe, minha prima, os lyrios castos da sua piedade por sobre a campa do meu pobre amigo hoje inteiramente «só, aos cuidados das corujas e do Outomno», mas não esqueça tambem essa encantadora menina, santa e martyr, que teve o heroismo de afrontar a barreira das convenções sociaes, para ir ungil-o com as suas mãos de amor, á ultima hora, envolvendo-o todo num rosario de lagrimas e preces...

Celso Pinheiro.

A' MEMÓRIA DE NOGUEIRA TAPETY

Nem mais uma illusão resta-me á vida,
Depôis que as esperanças me largaram
No siléncio feral da tréva immensa.

Aves do meu sertão, chorae por êlle,
Na selva vêrde-escura-azul do «Môcha»,
No descampado azul da Pátria amada.

Que minha noiva nessa vida é a Morte,
Noiva Immortal dos lánguidos mortaes,
Sabem por tôda essa Avenida
Triste, da vida triste,
Benvenuto Cellini e Edgar Pöe.

Dêsae «Canella» á margem azul do «Môcha»,
O' pássaros d'ahí, chorae por mim,
Já que não perto estou dos vossos ninhos,
Para juntar meu canto aos vossos cantos,
No sensível calor dos vossos lares,
Da vossa vida lyrica, sertánica,
Para o chôro sentir nas vossas almas,
Tão cándidas, tão puras, tão divinas.

O segrêdo da Terra está no Sol!
O segrêdo da Vida está na Morte!
O segrêdo da Morte está na Tréva!
E as divinas virtudes páram longe,
Entre as luzes de Górki e Tolstoi.

O' sigillo terrivel da Natura!
O' dúvida que tanto me entristece!

Cuidei que escura noite não viesse,
Tão trágica, bater na minha porta,

Na minha pobre porta de bohémio,
Para fazer o pranto, o desconsôlo,
E esse rio de lagrimas.

Mal chega a vida, a morte nos alcança!
Ah! para tôdo o Sêr que vem á vida,
Uma Cruz o Destino põe na Estrada
Da Eterna Noite do Silencio Eterno.

Homem: no triste rumo d'essa sorte,
Ouví meu canto, reparae meu verso:
Nem mais uma illusão resta-me á vida,
Depôis que as esperanças me largaram
No siléncio feral da tréva immensa.

Ai! patativas de azuladas pennas,
Cantae sentidas nénias nesses bosques,
N'altas verdosas frondes da 'ingarana,
Em memória do joven literato,
Do famoso poéta,
Que creou «Jánua Cæli».

Benédicto A. de Freitas

CASIMIRO DE ABREU

O notavel poeta brazileiro, tão cêdo roubado á patria, em 18 de outubro de 1860, e cujo nome se lê no alto destas linhas, não tem encontrado modernamente quem lh'o celebre com o culto de admiração a que tem incontestavel direito. Apenas algumas gentis patricias, ainda não attingidas pelo gosto da actualidade, conservam sua predilecção pelo doce poeta das *Primaveras*, recitando, cantando ao som de melodiosos instrumentos as suas estrophes encantadoras, transbordantes de sentimentalismo e que tão intimamente falam ao coração dos poucos para quem só é bella a poesia quando brota espontaneamente do sentimento, como esses veios crystalinos que nascem da terra e fluem naturalmente pelos prados floridos, para servir-me da expressão de um dos nossos mais brilhantes intellectuaes.

Nas modernas rodas literarias ninguem se anima a falar no nome e muito menos nos versos de Casimiro, com receio de tornar-se ridiculo, visto como na poesia do inspirado vate carioca se não encontram os arroubos que dominam a poesia hodierna, mas somente a *choradeira* poetica, que *até envergonha memorar*, porque ninguem a cultiva e, portanto, se lhe não deve render homenagem! Ha pouco tempo porem, experimentei uma grata surpresa ao lêr, em um dos mais conceituados diarios cariocas um longo e brilhante artigo do conhecido literato José Oiticica, no qual fez este a Casimiro de Abreu as mais justas e merecidas referencias, atribuindo-lhe a autoria da emancipação literaria no Brazil, caracteristico que, por si só, dar-lhe-ia direito á consagração de todos os seus patricios.

O festejado literato a que acima me referi, contestando o eminente sr. José Verissimo, de saudosa memoria, quando affirmara este ter sido Gonçalves Dias o promotor da emancipação poetica do Brasil, assim se exprimiu:

«Effectivamente sel-o-ia, com bôa vontade e pouca analyse, si o Brasil não tivesse dois representantes dignos, dois grandes poetas, cuja unica desgraça foi morrerem moços. Suas obras, entretanto, são significativas, e a influencia delles real. O primeiro, Casimiro de Abreu, que é hoje moda ridicularisar, neste

paiz sem critica pessoal, tem para nós um extraordinario merito: rompeu definitivamente com o classicismo, é um filho da *brava gente brazileira*, não tem o ranço de Coimbra, é uma alma que se photographa em verso, um adivinhador de formas, um legitimo romantico. Essa criança inculta, ethica, desgraçada, hauriu seiva tropical, e, num arrojo herculeo arremessou dos hombros todo o Portugal arcadisado, acastilhado, herculanisado. Realizou um prodigio: definiu-se, e definiu-se definindo o meio brazileiro. Si o não fez cabalmente, é que morreu cedo, mas o seu livro indica positivamente que realizaria».

Adiante, o referido critico José Oiticica, comparando o auctor das *Primaveras* a Alvares de Azevedo e Junqueira Freire, ainda se expressou nos seguintes termos:

«Em Casimiro tudo se anima, tudo se personalisa. O que elle escreve é da sua terra e do seu coração. Compoz seus versos, não na forma arcadica vigente no Brazil, mas no estylo novo dos poetas portuguezes do *Trovador*, João de Lemos, Bulhão Pato, Mendes Leal, Soares de Passos, Amorim e os mais. Era a forma popular nativa. Era a alma e a fala do povo, escandalisando o entono classico dos arcades. Esse estylo alguma vez aprouve a Gonçalves Dias na *Canção do exilio*, em *Marabá*, no *Ainda uma vez, adeus*, e, por ellas, merece uma lembrança e um logar na nossa historia literaria. Mas o seu caracteristico dominante, quasi absoluto, é o arcadismo. Logo não foi elle o emancipador da poesia brazileira...

«Alvares de Azevedo e Junqueira Freire podiam ser; mas como o Brazil não existe nas suas obras, não lhes cabe a gloria desse movimento. Ella reverte toda a Casimiro, o unico poeta de real influencia nesse genero, mau grado nelle se exercitarem nessa epoca poetas como Bruno Seabra e Teixeira Mello».

Depois, referindo-se a Castro Alves, o mesmo notavel critico assim conclúe: «Castro Alves enche sosinho a sua epoca. Ao seu lado, os demais poetas desapparecem, com excepção de Casimiro e Varella».

Transcrevendo para estas columnas os justos conceitos emittidos sobre o saudoso Casimiro de Abreu, pretendo apenas associar-me á significativa homenagem posthuma que um moderno literato presta ahi ao grande e valoroso vulto da literatura patria, que só é lembrado pelos poetas das mais recentes gerações, quando pretendem cobril-o de apodos, si assim me posso exprimir.

Quanto a mim, porém, que não tenho a velleidade de considerar-me poeta, e sou o primeiro a confessar que não tenho a intelligencia precisa para comprehender a poesia de hoje, cheia de estravagancias, plena de exquesitices, recoleta de um vocabulario difficil, que nem a todo mortal é dado traduzir, mas cuja belleza

não ouso contestar: quanto a mim, repito, é natural que me sinta bem ao lêr elogios dos competentes áquelles a quem sei comprehender, áquelles que, como Casimiro de Abreu, Adelino Fontoura e Affonso Celso, sabem crystalisar no verso, numa linguagem singella e expressiva, os sentimentos do seu coração, as emoções mais puras que se abrigam em sua alma. Si é questão de moda, me considero fora della neste ponto como em tantos outros. Si é questão de progresso, nem em tudo o aprecio. Na poesia, por exemplo, prefiro a candidez da muza de outr'ora a essa musa *irrequieta e bregeira* que empolgou todos os espiritos.

Para mim é questão simplesmente de gosto. Sirvo-me aqui das palavras de Ramalho Ortigão quando, depois de folhear o adoravel livro de Casimiro, disse: «Antes a poesia sem o verso do que o verso sem a poesia, antes verdadeiro poeta pelo coração, do que eximio versejador pela cabeça. Casimiro de Abreu, autor deste bello livro das *Primaveras*, que eu acabo de fechar, é disso o melhor exemplo. Desconhece os segredos de linguagem com que se enfeita a pobreza do espirito, não estudou em alheios moldes á forma em que tem de vasar-se a inspiração, não aprendeu a mechanica da palavra nem o contraponto da versificação. Não é um genio desenvolvido, nem um grande literato; é uma grande alma e um grande infeliz. Não verseja, poeta; não canta, suspira-se, lamenta-se, chora. Diz-nos simplesmente o que sente, dá-nos em cada verso um sorriso ou uma lagrima; em cada estrophe um pedaço de sua alma, e, sem o querer, sem o pensar talvez, offerece-nos no seu livro das *Primaveras*, mera collecção de poesias fugitivas, o completo romance dum coração, um poema inteiro cujo heroe é o autor.»

Quem cantou nos versos tão naturaes e espontaneos dos «*Meus oito annos*» a *infancia querida que os annos não trazem mais* ha de ter eternamente erguida uma estatua no coração daquelles a quem a Natureza dotou dos mesmos bellos sentimentos, embora sem a chamma sagrada da inspiração.

Honra, pois, a Casimiro de Abreu, o grande e inolvidavel poeta que melhor soube esculpir no *marmore do verso* as bellezas incomparaveis da gloriosa terra do Brazil, desd' o *Amazonas ao Prata, do Rio Grande ao Para*, cuja expressão só poude, até agora, ser imitada pela penna brilhante de Affonso Celso, nas paginas insignes do *Porque me ufano do meu Paiz*, e no *Salve, Brasil!*, interessante capitulo, que, como pedaço dalma, elle encravou noutra preciosa joia literaria que soube burilar, e a que deu o singello titulo de *Lupe*.

Honra, pois, mais uma vez ao incomparavel Casimiro, o immortal autor das *Canções do exilio*, cujo nome ha de atravessar ainda muitas gerações.

Fenelon C. Branco.

TEU PEDIDO

Um soneto me pedes que te faça,
Um capricho que a penna não descreve,
Pequenino,, gentil, doirado e breve
Onde poisem cantando o Bello e a Graça.

Um poema subtil, ligeiro e leve...
Tão leve como a pluma que esvoaça,
Todo escumilhas, todo renda e casa,
Todo suspiros, todo aroma e neve.

Hei de fazer-t'o doce lyrio branco!
Hei de fazer-t'o... e num sublime arranco
Hei de levar-t'o (que alegria louca!)

Mas... olha, escuta: se quiseres tel-o
Fica sabendo que has-de recebel-o
De minha bocca para tua bocca.

Thaumaturgo Vaz.

VERÃO

O verão nesta terra é uma apotheose de ouro
No ar, nos montes, no céu, na terra diffundido,
Feericamente accêsa, arde a essencia do louro,
Numa fulguração de flamma enfurecida.

Do reino vegetal o prodigo thezouro
Brilha febril ao sol, numa messe florida:
Helianthos e páus-darco onde a abelha e o tezouro
Se vão nutrir de luz em pollem convertida...

A cigarra sibila o seu chiar penetrante,
E ao longe ouve-se a voz da araponga vibrante,
Que estridula e retine a estridente canção:

E' seja de manhã, meio dia ou de tarde,
O sol dominador, a cuja acção tudo arde,
Illumina, flammeja: é o Senhor do verão.

Nogueira Tapety.

Dois dedos de prosa

Meu caro Fenelon:

Estou de posse de tua *Carta paterna*, um mimo em verso com que presenteaste a tua filhinha. Ainda me sôam aos ouvidos a musica das vinte e sete quadrinhas que, num destes momentos felizes, arrancaste á lyra da saudade, áquella que mais alto vibra em noss'alma como acordes dulçurosos de melodias divinas.

Submetteste á minha nenhuma competencia a tua mimosa producção literaria, mas é preciso que saibas o quanto foste infeliz escolhendo para julgar os teus versos, quem ainda precisa de julgador aos seus. Não importa, porem, que aqui deixe o meu fraco parecer e as impressões que me ficaram de tua carta.

A poesia não é mais do que a manifestação daquillo que nos vae pela alma, traduzindo de um modo real o sentir intimo do nosso coração.

Ser poéta, não é somente saber burilar com mestria os alexandrinos e heroicos, a troco de muito estudo e paciencia. Ser poéta, é tambem saber dizer de um modo bonito e agradavel, as emoções da alma, cantar as bellezas da terra com aquella naturalidade dos camponios que, ao pé da viola, por noites enluaradas, soltam ao vento as toadas sentidas de um amor puro e sincero.

E' esta, ao meu ver, a principal feição da poesia, da poesia que encanta e arrebata porque expréssa ao vivo tudo o que ha de sublime em um dado assumpto. Os teus versos estão neste caso, por isto que traduzem ao natural o mais bello dos sentimentos —o amor de pae.

Têm sinceridade, naturalidade, embora lhes falte a tão decantada e procurada originalidade que vae dia a dia degenerando para este nephelibatismo empolgante, que é como uma febre nos *novos* que ensaiam seus primeiros cantos. Pensam elles que a poesia é só isto: palavras campanudas resoando, como trombetas o grito de guerra para o combate da Fórma. Alem

dos adjectivos bombasticos e dos neologismos em voga, nada mais vêm que lhes mereça a attenção. Os teus nada disto têm; só lhes encontro este sabor da fructa amadurecida na propria arvore, sem que seja preciso recorrer, para isso, ás estufas do abafamento, que lhe tira parte do sabor primitivo. E' o que se dá com os corypheus da nova escóla.

Vejamos esta quadrinha:

Para traçal-as a penna
Fui molhar (que raridade!)
Doirada, leve, pequena,
No calix duma saudade.

Parece que a gente gosa de uma doçura divina na simplicidade com que escreveste toda a tua carta, impregnando todos os versos com esta essencia do *savoir dire* tão precisa ás coisas do coração.

Gostei immensamente de toda ella, e sinto não ter a devida competencia para dizer-te aqui as impressões que me ficaram apóz a sua leitura.

Todos os versos são bons, e difficil seria escolher-se entre elles os melhores. Para julgar, porem, em conjuncto, basta ler-se a ultima quadrinha, com que féchas a carta, quiçá a melhor:

Fil-a entregue ao passarinho,
Que para ahi já se vae,
Levando mais no biquinho
O coração de teu Pae.

Isto tem belleza, emoção e sentimento. Para finalisar, penso como o critico das «Farpas,» quando disse: «Antes quero simples poeta pelo coração, do que eximio versejador pela cabeça.»

Termino, pois, os meus *dois dedos* de prosa, mandando-te os meus parabens pela tua *Carta paterna*.

Acceita-os, e desculpa alguma expressão erronea ou menos digna, que ao correr da penna tenha aqui deixado.

Sou como de sempre
Am.º e admor.

Ney da Silva.

Odorina e Zeneida

Analyse de um postal

Um balão. Na barquinha, cheia de flo-
res, viajam dois pombos brancos.

Teu postal, Zeneidinha, é portador
De um quadro bem mimoso; infelizmente
Não pude comprehendêl-o.
Porem, Papai me disse:
—Meu amor,
Este symbolo que vês fala eloquente.
Vem; procuraremos lêl-o.

Escuta, anjinho meu. O aerostato
E' a imagem da vida. Mansamente,
Ella ás vezes desliza,
Como as aguas tranquillas de um regato,
Em planicie infinita que matiza,
De lindas cores, a estação florente.
Mas outras vezes,
Duros revezes
Da sorte ingrata,
Como a borrasca que, dos céos escuros,
Rasgando os diques, escalando os muros,
Tudo destróe, arrasta e arrebata,
Dourados sonhos esmagam
Que nossas almas afagam.

—Uma ancora, porém, se vê pendente;
E parece beijal-a dôcemente
A viração que passa.
—Só a virtude, filha, ancora forte,
Resiste aos vendavaes crueis da sorte,
Ao sopro da desgraça.

— Mas vê, papae, o quadro: flores, flores,
A carga da barquinha, apenas fazem.
—Illusões côr de rosa... ah ! quantas dores
No fundo da *barquinha*, occultas jazem !
São como as flores, querida,
As illusões desta vida:
Ao menor sopro,
Tristes, fanadas,
Perdem as côres,
São desfolhadas.

—E os pombos brancos ? perguntei então;
Os pombos que viajam no balão ?
—De Innocencia e Pureza são imagens.
Cuidado, filha; vê, nessas plumagens,
Nem uma nodoa deve haver um dia.
.....
Depois, me deu um longo beijo ardente;
E pelas suas faces, lentamente,
O pranto, em gotas tremulas, descia.

Odorico Castello Branco.

Uma piauhyense notavel

I

Dentre os piauhyenses illustres pelo talento e cuja obra de ha muito se tornou conhecida no paiz, a Exm.ª Sr.ª D. Amelia de Freitas Bevilaqua occupa um logar de saliente destaque, pela operosidade de um espirito inteiramente devotado ás letras e pela constancia pouco commum no seu sexo. Companheira idolatrada de Clovis Bevilaqua, a mais completa e integral organisação juridica do Brazil actual, a distincta senhora, emquanto o marido illustre entrega annualmente em exhaustivos trabalhos os fructos de suas locubrações, ella, longe de se deixar ficar na elegante ociosidade de um viver inutil. ou de dedicar-se a futeis leituras de obras destinadas a «matar o tempo,» elabora com doce carinho e analyse subtil os mimosos contos que formam as apricoradas collecções a que a imprensa do paiz tem rendido o merecido valor e romances festivamente recebidos com elogiosas referencias do preclaro Silvio Romero, de Araripe Junior e João Ribeiro.

A athmosphera de bondade, de amor e socego que se respira no lar desse casal excepcionalmente feliz, convida ao trabalho e dá opportunidade ás duas almas irmãs de serem admiradas por quantos lhes têm a ventura de conhecer. Nesse recesso tranquillo as ideás brotam sem esforço, e a obra de Philemon e Baucis, como já lhes chamou o inesquecivel Araripe Junior, se avoluma annualmente educando publicos differentes, e cada qual por sua vez adquirindo proselytos entre leitores das mais distanciadas culturas. Em torno do Mestre, grupam-se quantos neste paiz desejam se familiarisar com o Direito, pois a sua capacidade tem abrangido todos os ramos da sciencia juridica com uma admiravel penetração investigadora. Ao lado do civilista, permanece o philosopho disputando as honras do criminalista e do serio pensador da sciencia economica.

O cathedratico de Legislação Comparada doutrina com a mesma facilidade sobre Direito Internacional Privado, e deixa

em quem lhe ouve, a impressão de ter ante os olhos uma enciclopedia viva. As suas obras didacticas são manuseados sempre com proveito por professôres e discipulos, advogados e juizes. Não é inutilmente que se folheia o *Direito de Familia* ou o de *Successão*; a *Criminologia e Direito* ou o *Direito Internacional Privado*; a *Economia Politica* ou as *Lições de Legislação Comparada*.

Em todos elles ha sempre alguma cousa a aprender. Isto para me circumscrever aos dominios do Direito, porque a sua visão abrange horisontes mais amplos. *A Philosophia Positiva no Brasil* e os *Esboços e Fragmentos* revelam um espirito familiarisado com todas as questões transcendentaes de philosophia e senhor das idéas mais avançadas do seu tempo.

A extremosa companheira, com a leveza subtil de filigranas, vai conquistando com as suas narrativas um outro publico talvez mais numeroso, por isso que ella fala a linguagem do sentimento, e o coração é sempre mais facilmente comprehendido. Os dois formam uma perfeita harmonia. Completam-se, Constituiram uma familia privilegiada: as duas unicas filhas, crianças ainda, cuidam com o mesmo carinho os seus formosos bichanos brancos e os seus livros dispostos em estantes proprias. Na epoca em que as de sua idade vivem apenas para as bonecas, ellas traduzem contos francezes e são collaboradoras do mensario que os paes dirigem. A formosa Doris tem além do mais a paixão da photographia. Photographa desde o seu querido Papai e os amigos mais intimos, aos nedios felinos que voluptuosamente se enroscam ás pernas das visitas.

E' um meio de estudiosos e onde se vive para as letras. Nessa athmosphera, têm surgido os livros da Snr.ª D. Amelia, portadora dos predicados mentaes desse acabado typo de magistrado e homem de letras que foi o Dr. José Manoel de Freitas, valoroso politico no regimen decahido, que nas provincias do Piauhy, sua terra natal, e Pernambuco, deixou seguros traços de administrador intelligente e honesto.

O convivio com o luminoso espirito de seu marido augmentou a sua predilecção pelos gosos espirituaes e desenvolveu a sua latente potencialidade psychica que no lar encontrou meio propicio para desabrochar em fecunda floração. Sendo verdade que o individuo não é mais que um producto da raça, do meio e do momento de sua apparição, conhecidos os antecedentes da applaudida escriptora piauhyense, facilmente se poderia prever o que seria sua carreira literaria.

Descendente de um homem de letras, entre cujos filhos o joven João Freitas cêdo se celebrisou pelos seus trabalhos de naturalista, casada com um sabio, convivendo desde a infancia em meios adiantados como o do Recife e o do Rio, a Snr.ª D.

Amelia estava naturalmente talhada para conquistar o logar de destaque que hoje occupa na publicistica nacional.

Não foi uma revelação precóce. Fez-se na sua bibliotheca e em vez das leituras predilectas á maioria de nossas damas, entregues a frivolidades, ateve-se a obras que lhe enriqueceram o espirito.

Antes de fundar, em 1904, em Pernambuco, o *Lirio*, primeira revista publicada em o norte, graças exclusivamente a esforços femininos, já se tinha familiarisado com diversas linguas, falando correntemente o francez e o inglez. Appareceu como chefe de um bando de espiritos de talento real que cêdo se impoz á admiração publica. Edwiges Sá Pereira, Francisca Izidoro, Maria Orlando, Adalgiza, Eulalia Monteiro e muitas outras attrahiam naturalmente enthusiasticos applausos. A mulher nortista revelou, então, aptidões desconhecidas. Attrahiu sobre sua obra os olhares desattentos dos indifferentes e modificou as prevenções dos anti-feministas. A revista não era apenas uma aspiração: traduzia uma forte realidade. Primorosos versos foram publicados. Interessantes contos ficaram conhecidos..

Este movimento de incontestavel valor literario teve em D. Amelia uma feliz propulsora. Ella era a alma da revista, que surgia quinzenalmente. Tornou-se o seu principal factor. Chefe da redacção, foi de uma tenacidade incommum. Dedicou-se por completo á empreza e acabou vencendo. Não obstante as hostilidades do meio, incapaz ainda para comprehender as vantagens de semelhante tentamen, a publicação se impôz. A notavel senhora havia descoberto o segredo de saber vencer e daqui por diante a sua carreira literaria estava feita.

Foi nessa epoca que tive a ventura de conhecel-a e jamais perdi de vista a sua constante ascenção em o meio literario do paiz. Quando surgiu com o *Alcyone*, vinha precedida de um lisongeiro prefacio de Araripe Junior, e d'ahi por diante não parou mais a sua incançavel operosidade e cada livro seu apparecido é um titulo a mais á juntar á sua fama de escriptora.

Das paginas de pouca duração do *Lirio*, passou para o livro e ao seu primeiro volume de contos—*Alcyone*—, seguiram-se—*Silhouettes* (contos), *Vesta*, *Através da Vida* e *Angustia* (romances), e *Literatura e Direito*, em collaboração com o seu eminente esposo.

II

Com o apparecimento do *Alcyone*, a reputação de *conteuse* firmou-se de modo a se não poder contestar a sua preeminencia. Teve a recepção que era de esperar se fizesse a uma serie de historietas simples e affectivas, que, se fossem anonymas, «ainda assim, como diz o erudito Silvio Romero, deixariam ver que foram escriptas por penna de mulher.»

Os seus contos, accrescenta Araripe Junior, confirmando o juizo de que «a espontaneidade de seu espirito feminil, commovido diante dos factos, que penetrando a fantasia, se transformam no relato da ficção, mostram até onde pode chegar o seu talento quando assiduo nesse genero de literatura.» Essas verdades penetram em quantos folheam o livro. Ahi a narração surge com a espontaneidade de uma fonte sempre a jorrar sem trabalho nem esforço.

A escriptora tem o dom de contar os factos mais simples e communs com uma tão refinada sensibilidade que nos faz tomar de sympathia pelos typos de bondade que escreve.

No *Diario de uma menina* retrata fielmente a angustia de uma bôa criança que para ver satisfeita a sua interessante companheira de brinquedos, entristecida com a venda de uma escravazita amiga commum, commette a falta de comprar doces a credito e soffre horrivelmente quando presente a approximação da credora, cuja presença, descobrindo-lhe a acção culposa, a faz verter lagrimas de arrependimento, que são estanques com os carinhosos beijos maternos que tudo esquecem.

Para o album de Florisa é a historia do famoso Eolo, «o pobre engeitado, o meigo pequenito de olhos glaucos, tão profundamente intelligentes, tão sonhadores, ás vezes», contado pelo Barão de Loreto e do qual a sua digna senhora, após annos de sua morte, narra os feitos reveladores de sua vivacidade e que dizem bem da intelligencia de um cão educado e fino, substituido hoje pelo Bebé soberbo malhado, carinhoso e meigo com os seus amigos, como desconfiado e aggressivo para os desconhecidos.

As *Silhouettes* são a mimosa continuação de narrativas identicas. Ha em suas paginas trechos cheios de doçura e encanto. No *Campo* vê-se descripto com tintas vivas todo o horror de uma criança na imminencia de ser presa por terrivel saurios. A scena empolga o leitor, communicado da angustia pelo desfecho do quadro terrivel, em que se julga cadaver a criança salva por acaso. A *Jandira Hazel, Meu noivo* são outras tantas historias meigas e tocantes em que vibra a sentimentalidade de uma alma amoravel e sincera.

Estas duas collecções de contos bastam para patentear a impressionabilidade artistica da romancista da *Vesta* e do *Atravez da vida*. *Um romance* e *Silhouettes* são novellas que, com pequeno esforço seriam outros tantos romances. E ta observação, aliás não escapou a Araripe Junior que do primeiro desses contos affirma só ter um defeito: «é que, por sua natureza, seria um verdadeiro romance, si a autora tivesse procurado amplial-o, juntando-lhe as machinas com que se costuma auxiliar o effeito dessa especie de producção».

De facto. Esses ensaios foram a experimentação de um talento que se revelou integral, logo mais, no *Através da vida* e em *Vesta*, livros feitos com amor e sentimento. Entre os dois, appareceu *Literatura e Direito* em collaboração com o seu sabio marido, que se encarregando da parte juridica, a deixou entregue da parte literaria. E de como se sahiu desta, attestam os contos *Artista* e *Contrastes*, que honrando a escriptora patricia, enaltecem as suas qualidades de consciente observadora.

No *Artista* ha traços de um espirito equilibrado e forte. A impressão sentida pela autora é vivamente transmittida com inapagavel segurança de côr.

Para ella, «a arte é uma espiação a que a gente se entrega voluntariamente e da qual não resulta nem gloria, nem fortuna, e sim uma dor cruciante, uma agonia latente, em que a vida se mergulha, revolvendo-se nos lamaceiros dos paúes immundos. Preferia detestal-a, mas adoro-a; sigo-a de rastos, porque ella é a deusa que ha de imperar sempre no extenso horisonte de minha fantasia. Meu apaixonamento idéal galgou o infinito; subiu tanto que se encandeou como o passaro, perdeu o equilibrio e despenhou-se desastradamente das alturas.

Depois dos louços transportes com que essa fervorosa paixão me formou a vida por muito tempo, sinto que posso dizer adeus a minha illusão; soou a hora suprema do seu tragico enterro, acabaram-se neste instante os meus soffrimentos. Se o senhor ainda me despertou a sensibilidade, foi para reconhecer que o considero sempre, porém que não o amo mais.

Sua critica é fria como o vento que vem certeira para matar. Fique sabendo que a arte não se ensina, estimula-se. De que serviu que me mostrasse a luz e o esplendor da bellesa somente para me desvirtuar a alma e arrancar o coração?...»

Alma vibratil de mulher dotada de raros dotes de espirito traça nos *Contrastes*, com mão amestrada, a psychologia dos seres de eleição, que passam pelo mundo pregando os exemplos mais dignificadores.

«Elles ensinam a amar, penetrar a arte e a natureza, desenvolvem talentos e gosam tambem todo o encanto de se verem retratados affectuosamente no formoso espelho que elles mesmos preparam: os discipulos queridos que lhes immortalisarão a alma, fazendo-os reviver no futuro, amando-os, ás vezes, até a adoração. Esses abnegados corajosos são muito pouco communs, e essa abnegação suprema, ultima palavra da meiguice humana, é tambem o verdadeiro suicidio da alma e do corpo, suicidio que vai minando a criatura aos bocadinhos empolgando-a, fazendo-a escorrer lentamente, sem inquietação, todo o sangue das veias até se acabar prematuramente a derradeira gotta!

Esses especimens da natureza são os unicos benevolentes

têm a alma aberta como um sacrario, que se dilata cada dia mais, para receber, soffregamente os grandes e os peqnenos espiritos e abençoal-os com a mesma generosidade, a mesma ternura.

Ah! si os que se julgam grandes homens e grandes mulheres pudessem comprehender que a metaphysica de toda a philosophia da vida e a penetração da arte não estão na vaidade, no egoismo... talvez que este almejado bem-estar, essa fugidia felicidade fosse menos difficil, porque são os egoistas que desarmam a sua e a felicidade dos outros, roubando-lhes os meritos e as energias, inadvertidamente (quem sabe?), porque a cegueira do egoismo esconde até o realce de toda a encantadora natureza.

A modestia e a magnanimidade adoçam os males e formam bases seguras para o fundamento das queridas e idealisadoras esperanças. A purificação dos sentimentos dá nome e sagração á vida, como a verdade que resplandeceu transformada em brilhante constellação para guiar os reis magos.»

Assim falando, esqueceu-se D. Amelia que se referia talvez ao proprio marido, cujos numerosos discipulos vivem pelo Brasil afóra a apregoar suas virtudes e a exaltar sua bondade.

Quem lê esses contos, verá que nelles alguma cousa sobre viverá á acção do tempo. Contém idéas que sobrenadam e não desapparecem com os annos. Lendo-s'os. comprehende-se bem a verdade de Taine affirmando que ha uma perfeita correspondencia entre a escala dos valores moraes e a dos valores literarios.

As grandes obras literarias sò assim são consideradas, como quer o autor da *Philosophia da Arte*, «quando exprimem sob uma forma sensivel os traços principaes de um periodo historico, os instinctos e as faculdades primordiaes de uma raça, algum fragmento do homem universal ou estas forças psychologicas que são as ultimas razões dos acontecimentos humanos.»

Para que a obra fique e perdure é preciso ter *alguma cousa do homem universal*, exprimir os caracteres importantes de uma época, revelar as camadas mais profundas da alma humana, habilitando-nos a conhecer as leis que a regulam e a penetrar o segredo das cousas.

Atravèz da singelesa louçã do seu estylo, a Exm.ª Snr.ª D. Amelia Bevilaqua offerece nos seus livros paginas de que nos não poderemos esquecer, porque são a exacta retratação de quadros que observamos diariamente e apresentam-nos typos que nos ficam na memoria pela fiel lembrança que nos evocam de velhos conhecidos nossos. Sugerem idéas de sympathia pela cultura feminina entre nós.

Fazem pensar, o que já é uma superior virtude, porque só faz pensar quem tem idéas. Mas se evidencia essa verdade com a leitura de *Vesta*, *Atravéz da Vida* e *Angustia*.

Mathias Olympio.

ESCOLA NORMAL DO PIAUHY

Diplomandas de 1918

I

ADELAIDE FONTENELLE

Desta Casa nenhuma até agora
Lhe excedera no brilho das licções;
Por isso a nivea fronte hoje lhe enflora
A grinalda de muitas distincções.

Em breve deixa a Escola e vai-se embora,
Das collegas levando os corações;
Dos Mestres poderá dizer lá fóra
As mais bellas e sabias prelecções.

E' da Terra da Luz! Foi na Viçosa
Que nasceu esta meiga senhorita
De espirito brilhante e alma radiosa...
De bondade, ella aqui foi um exemplo...
Na Escola deu a prova mais bonita
Do quanto se aproveita neste templo.

II

WANDA NEVES DE SOUZA

Esta se mostra a tudo indifferente,
Nada a enche de orgulho ou a envaidece
Sendo alumna applicada, intelligente,
Seu valor, só por isso, cresce... cresce...
Desta turma distincta sempre á frente
O seu vulto sympathico apparece...
Nos exames é calma, è consciente
De tudo quanto estuda e que a enriquece!

Em cada anno do curso mais um loiro
Vem juntar-se á corôa scintillante
Que lhe circumda a fronte em fios de oiro...

Vai deixar dentro em pouco a nossa Escola
E verá desde então quanto é brilhante
A luz com que essa fronte se aureóla.

III

ANNA FORTES CASTELLO BRANCO

Para a Escola ella veiu pequenina,
E tem vindo da turma na vanguarda...
Da censura escolar esta menina,
Desde então e até hoje, se resguarda.

Nota bôa no exame sempre aguarda...
Pois sempre se saé bem na sabbatina;
Quatro annos cursou, e já não tarda
Conferir-se-lhe o gráo nesta officina.

Retrahida em extremo; mas que importa,
Si é amiga de todas desde o dia
Que da Escola Normal transpoz a porta?!

Tendo ella uma tal sinceridade,
Quem lhe não vota estima e sympathia?
Quem, ao vel-a sair, não tem saudade?!

M. DE LOURDES PIRES DE CASTRO REBELLO

Sempre a vejo risonha e prasenteira
Ao lado das collegas do seu anno...!
Que os estudos tem feito sem canceira,
Bem se vê do seu porte soberano.

Boas notas em mais de uma cadeira,
Ou em muitas colheu, si não me engano,
Na Historia do Brazil é a primeira,
Tornando o professor assaz ufano...

Tem bellos sentimentos e alma nobre...
Quem com ella convive mais de perto
Innumeras virtudes lhe descobre...

Sendo assim, ao deixar este instituto,
Das collegas a estima tem por certo...
Dos Mestres o respeito absoluto...!

V

MARIA JOSÉ CARDOSO

A elegante e formosa normalista,
Que occupa nobremente este logar,
Tem inscripto o seu nome já na lista
De quantas fazem curso regular.

A sua applicação pouco vulgar
Garante-lhe o diploma que conquista;
E ella então a pensar no patrio lar,
Para o adusto Castello lança a vista...

Bem feliz seja a joven professora;
No seu bello sertão derrame a graça
Que brota de sua alma encantadora...
E entre nós o seu nome se eternize;
Mesmo o tempo veloz nunca o desfaça,
Pois ella aqui passou sem um deslize...

VI

A TURMA

Esta turma é pequena, mas selecta
Na conducta exemplar e no saber;
Seguiu durante o curso a linha recta
Do grato cumprimento do devér.

Na Escola teve a estréa mais correcta;
Promissor foi o seu alvorecer;
E agora desse curso toca á meta,
Transbordante de gloria e de prazer.

Chovam bençãos do Céo sobre essa turma,
Seja sempre florido o seu destino,
E o bom anjo, a guial-a, jámais durma!

Forme sempre uma estrella aurifulgente,
Astro, constellação no nosso ensino,
A espalhar toda a luz do sol nascente.

Fenelon C. Branco

Chamma Extincta

O livro de Zito Baptista cahiu-me nas mãos como uma dádiva do céo. A emoção com que recebi--o bem póde ser comparada a emoção de um mendigo que visse cahir na dextra espalmada uma principesca esmola. Na verdade, que foi para mim uma deliciosa ventura mergulhar a alma sedenta de Belleza na limpha crystallina daquellas estrophes purissimas. Ainda agora, ao emergir dessa leitura summamente agradavel, eu sinto que a minha rude «psyché» re-juvenesce e sorri como o busto diáphano de Venus assomando por sobre o cabeço azulado das ondas...

«Chamma Extincta» é, sem duvida, um punhado de flôres raras e perfumosas que os braços verdes e flexiveis de uma velha arvore de amor, offerecem ao fino gosto e ao delicado sabor das abelhas dulcissimas. Pois que assim deve ser a alma encantadora que semeia versos como estrellas pela avenida enluarada ao sonho...

Lendo-o, a alma da gente como que se refocila numa montanha de rosas e enlanguesce e sonha sob a suave sensação dos mais exquisitos perfumes. Até mesmo a melancolia que se evóla, por vezes, daquellas paginas, é sonora e meiga como a ternura mystica das tardes...

Astros mortos

Acho uma estranha e lugubre poesia,
Um mixto de grandeza e de miseria,
Na historia cheia de melancolia
Dos astros mortos na amplidão sideria:

— Um dia, a lei fatal que rege os mundos,
Desprendendo-os da orbita azulada,
Fel-os tombar nos antros mais profundos,
No pelago phantastico do Nada . . .

Sonhadores indomitos, feridos
Por um braço de magico poder,
Lá se foram, sem gritos nem gemidos,
Rolando para o abysmo do Não-Sêr.

Morreram. Mas, radiosa, pelo espaço,
Quer seja outomno, estio, ou primavera,
A sua luz, num longo e forte abraço,
Prende-se toda á constellada esphera . . .

E quando a noite é calma e socegada,
Quando o silencio a alma dos maus aterra,
Ainda vem, docemente enamorada,
Beijar a face pallida da Terra . . .

*

Debalde o tempo, célere, transcorre:
Preso nos céos de aureos fulgores tintos
Fica o clarão soberbo, que não morre,
De astros, talvez, ha seculos extinctos . . .

Ah! pobre luz que vagas na esplanada
Do azul, o immenso e legendario porto,
Quem te julgara uma visão do Nada,
Quem te julgara o espirito de um Morto?!

*

Lembro, chorando, o meu amor por essa
Mulher, em cujo olhar, triste e presago,
Havia a suggestão de uma promessa,
Mais que um desejo passageiro e vago,—

E penso, inda abrigado á vacillante
Sombra da minha ultima chimera,
Que esse amor foi em tudo semelhante
Aos astros mortos na azulada esphera . . .

Pois embora o pezar que ando sentindo
O esmagasse, num impeto perverso,
Ficou-me a sua luz, clara, fulgindo
Perpetuamente dentro do meu Verso . . .

Que delicadeza de sentimento! Tambem não é preciso dizer mais. Já Olavo Bilac, João Ribeiro, Justino Montalvão, Lucidio Freitas, Felix Pacheco, Bemiro Braga e outros bellos vultos da intellectualidade brasileira elogiaram o grande poeta do «Chamma Extincta», cingindo-lhe a fronte luminosa com o laurel de rútilos adjectivos. Quanto a mim, basta que o diga: préso a Zito Baptista e ao seu espirito e hei de ensinar aos meus filhos a querel-o ainda mais como uma alma millionaria cujas brilhantes virtudes resumissem essas duas forças divinas,—o carácter e a intelligencia!

Celso Pinheiro.

ECCE HOMO!...

Ao desembargador Helvidio Aguiar, com muito respeito e sincera admiração.

Quero um raio de luz, uma restea de sol
Que illumine o meu verso, em surtos de epopéa;
Que a minha rima seja, assim, como um pharol,
Aclarando, em fulgor, a mais fulgente idéa.

Que tenha a minha estrophe o clarão do arrebol
E a fórma esculptural de gentil Cytheréa;
Quero o oiro e o rubi, brilhantes de Mongol,
Tornando altiloquente a palavra plebéa.

Quero o verso completo, a rima retumbante,
Engastada, a capricho, impeccavel, grandiosa,
No rútilo esplendor da perfeição radiante.

E, entre gemmas de preço, a moldura pomposa
Fique prompta, de vez, a encerrar palpitante,
Esta phrase:—Homem-Sol, Homem-Deus,—Ruy Barbosa!...

Jonathas Baptista.

RECEPÇÃO DO SR. PEDRO BRITO

Pelo academico Sr. Hygino Cunha

(PRIMEIRA SESSÃO MAGNA DA ACADEMIA PIAUHYENSE, EM 24 DE MAIO DE 1918)

Exmas. Senhoras,

Meus Senhores:

E' motivo para nós de jubilo ineffavel o estarmos aqui reunidos na primeira sessão publica e solenne da Academia Piauhyense de Letras, realizando uma antiga e justa aspiração da nossa terra. A utopia fez-se realidade já consagrada *extra-muros* pela imprensa e pelas adhesões de muitas das maiores summidades literarias do Brasil, como Clovis Bevilaqua, Amelia de Freitas Bevilaqua, Rocha Pombo, Fabio Luz, Olavo Bilac, Felix Pacheco, Coelho Neto e tantos outros nomes laureados, que a nossa *Revista* vai consignando.

Devemos a creiação desta companhia principalmente á iniciativa e aos esforços de dois vultos brilhantes da mentalidade piauhyense—Clodoaldo Freitas e Lucidio Freitas. O tronco annoso reverdeceu ao despontar da alvorada primaveril. Rendamos-lhes, pois, as homenagens, de que se tornaram credores.

O quadro de nossos socios effectivos e correspondentes ainda não está completo: ha ainda lugares para outros eleitos. Demais, a morte irá naturalmente abrindo outros claros a preencher.

O nosso começo não podia deixar de ser muito modesto, sem plano preconcebido; pois não ha exclusivismo entre nós nem politico, nem literario, tanto que já contamos, em nosso attendendo-se ao meio social, que, como se exprimiu Joaquim Nabuco, «curva os mais rebeldes e funde os mais refractarios.» Uma das utilidades desta Academia será o encontro das tendencias divergentes, a approximação dos mesmos ou contrarios ideaes, a trégua ás prevenções reciprocas, em nome de uma aspiração commum e de um apreço mútuo.

Como caracteristica dominante dos seus dez fundadores, destaca-se o cultivo da poesia e da imprensa. Obra do puro acaso, sem plano preconcebido; pois não ha exclusivismo entre nós nem politico, nem literario, tanto que já contamos, em nosso

gremio, matizes de todos os partidos e talentos de modalidades diversas.

Dadas estas explicações preliminares, cumpre-me abordar o assumpto proposto para esta sessão, na parte que me diz respeito. E, como estamos num recinto familiar e os factos a que me vou referir me interessam directamente, hão de me perdoar o que houver de pessoal nas minhas saudosas evocações.

Corria o anno de 1880. Era eu estudante de preparatorios no Lyceu do Maranhão, cujo curso comprehendia a philosophia, de que era lente o padre Raimundo Alves da Fonseca. Era um homem alto, moreno pallido, magro, quasi esqueletico, orçando pelos seus cincoenta annos, muito sério, voluntarioso, denotando, na physionomia macillenta, o sulco de longas vigilias e provações asceticas, uma forte concentração de espirito, assiduo ás mais profundas cogitações. Gosava, entre os seus pares e no mundo secular, da fama de ser a maior illustração do clero maranhense, exhibindo-se, no pulpito, como o primeiro orador sacro, e, na imprensa local, como polemista invencivel, toda vez que a igreja catholica precisava de um defensor ou de um propagandista competente. Dizia-se que era possuidor da maior bibliotheca particular de S. Luiz, empregando em livros todas as suas economias. Vivia exclusivamente para o seu ministerio, na prédica, no jornalismo e no ensino, aureolado pela pratica de costumes austeros e irreprehensiveis, depois de uma mocidade um tanto accidentada antes do seminario. Ouvi-o muitas vezes, dissertando na cáthedra de professor de philosophia, em que fui seu alumno, e orando no pulpito, dominando a multidão dos crentes. Era sempre ouvido religiosamente, no meio do mais absoluto silencio. Tinha a magia da palavra oral, uma grande torrente de elocução empolgante.

A esse tempo, editava-se em S. Luiz um periódico semanario, que fez época estrepitosa com o nome de *O Pensador*, organ dos novos ideaes philosophicos, tendo por chefes o portuguez Manuel de Bethencourt e o maranhense Aluizio de Azevedo. Em torno destes dois coryphsus, agrupou-se uma pleiade valorosa de estudantes, da qual tive a honra de fazer parte como amigo, discipulo e admirador de ambos. Bethencourt podia ter uns vinte e cinco annos e já possuia conhecimentos encyclopedicos e era o nosso oráculo; Alnizio, mais moço e menos preparado, dava as primicias do seu talento no desenho, no romance e na chronica, orientado pelo criterio da philosophia positiva. Muitas obras desta doutrina de autores portuguezes e francezes eram lidas com soffreguidão pela mocidade estudiosa. Theophilo Braga, Ramalho Ortigão, Eça de Queiroz, Guerra Junqueiro, Oliveira Martins, Pierre Lafitte, E'mile Littré, etc, eram as nossas delicias. Até mesmo algumas obras allemãs materialistas, como a *Força e*

Materia e o *Homem segundo a Sciencia* de Luiz Büchner, traduzidas em francez, circulavam de mão em mão entre os novos intellectuaes, provavelmente por influencia da escola do Recife.

Além d'*O Pensador*, outros periódicos de vida mais ephemera iam apparecendo na corrente das idéas livres, e as sociedades literarias convertiam-se em centros de propaganda no mesmo sentido.

Ora, esse movimento libertador, e, por assim dizer, sedicioso e subversivo, não podia deixar de provocar as iras das classes conservadoras, especialmente da clerezia, cuja igreja se sentia abalada nos seus fundamentos. Ao padre Fonseca estava naturalmente reservado o papel de *leader* da reacção ecclesiastica, não tardou em levantar a luva na imprensa, sob o pseudonymo vulgar de Mathias de Albuquerque. Não obstante os seus variados conhecimentos em todas as philosophias, o padre atinha-se, no magistério, na prédica e na polemica, ás velhas doutrinas escolasticas de S. Thomaz de Aquino, consubstanciadas no compendio de José Soriano de Sousa. Sem se referir nominalmente a *O Pensador*, não deixava sem cabal refutação, nas aulas do Lyceu, cada edição daquella folha incendiaria. Pelo que me diz respeito particularmente, confesso que todos os seus esforços como catechista só tiveram um resultado: a derrocada completas das minhas crenças, a taboa raza do meu antigo credo religioso. Desde então até hoje, feliz ou infelizmente, nada mais me ligou ás orthodoxias reinantes no mundo. Fiquei inteiramente livre de qualquer compromisso com o reino do céo, caminhando para o Incognoscivel com as luzes da minha propria razão individual, sem dependencia de mais ninguem.

Para maior incremento da reacção ecclesiastica, o clero maranhense criou um jornal proprio—a *Civilisação*, orgam de combate ás heresias e aos livres-pensadores. A lucta foi tremenda e fez estrondo no mundo intellectual maranhense.

Em 1881, *O Pensador* respondeu a um processo judicial retumbante, sahindo absolvidos os seus directores com a morte do orgam tumultuario. Mas a paz que se firmou, não passou de uma tregua; pois a lucta recomeçou com maiores proporções pouco tempo depois, como veremos adiante.

Não assisti aos ultimos momentos d'*O Pensador* por já me achar ausente do Maranhão, tendo ido matricular-me em 1881 na Faculdade de Direito do Recife. Ali chegando, fui fazer parte da «republica» de Benedicto Leite, Urbano Santos e F. Viveiros de Castro, que cursavam annos superiores, todos tres partidarios exaltados de Tobias Barreto, o pontifice maximo das idéas modernas, imbuido da literatura e da phisolophia allemãs. Em 1882, Tobias Barreto foi nomeado lente da Academia, depois de um concurso brilhantissimo, em que revelou toda a pujança do

seu vasto saber encyclopedico, applaudido freneticamonte pela mocidade estudiosa. Em 1883, pronunciou a célebre oração sobro a *Idéa do direito* como paranympho no doutoramento do bacharel Hermenegildo de Almeida, desbravando a floresta dos preconceitos antigos e preconizando novo systema de estudos, novo systema de ensino. As idéas do glorioso Mestre apaixonaram intensamente os espiritos juvenis e vieram repercutir no Maranhão, ainda não de todo resfeitos da crise recente, e, ao contrario, mais predisposto para as innovações adventicias.

A *Civilisação*, com o intemerato e intrepido padre Fonseca á frente, poz-se de novo em campo, e foi desassombradamente ao encontro de Tobias Barreto. Transcriptos os artigos do jornal maranhense no *Diario de Pernambuco* desde agosto de 1883, travou-se a grande batalha entre o gigante da Academia, os padres do Maranhão e de Pernambuco e todos os jesuitas de sotaina e de casaca. Os artigos de Tobias, publicados na imprensa periódica, fôram, annos depois, colligidos por Sylvio Romero, e se encontram nas obras completas daquelle sabio, no volume *Polemicas* e nos *Estudos allemães*. Infelizmente a *Civilisação* desceu ás mais asquerosas descomposturas, como é costume entre vencidos contumazes em desespero de causa, inficionados da paixão sectaria.

Para dar uma idéa dos ataques, com que alvejavam o Mestre recifense, basta citar-lhe estas palavras: «O sentimento da força empregada para reagir contra a acção do mundo externo, é a primeira manifestação da consciencia. Só sente bem o vigor dos seus musculos quem já sopesou uma clava. Pela primeira vez tambem levanta-se em mim a consciencia da grandeza, desde que me vejo acommettido de *cães damnados*, e tenho força bastante para esmagal-o.» Diz Mario Gameiro: «A guerra, o odio, os baldões, os ataques ao vulto de Tobias denunciavam o encontro antagonico de duas éras, o conflicto entre as almas de duas instituições.»

Em torno do sabio professor formou todo o escol do mundo academico, notadamente Clovis Bevilaqua, Martins Junior, Arthur Orlando, Phaelante da Camara, Anizio de Abreu, Cesar Rego, Gumersindo Bessa, Souza Bandeira, Graça Aranha, Urbano Santos, Benedicto Leite, Francisco e Augusto Viveiros de Castro, Hygino Cunha e outros.

Escusado é accrescentar que a victoria coube aos pioneiros do futuro, pois que o genio do Mestre, illuminando os cérebros dos moços de talento, se diffundiu em irradiações luminosas por todos os angulos do paiz, imprimindo uma orientação moderna ao pensamento brasileiro.

No entanto, é de justiça reconhecer que, nos transes acima referidos, foi o padre Fonseca o legitimo representante do pas-

sado, o unico que se manteve na altura das memoraveis pelejas, elevando-se algumas vezes ao nivel superior dos seus poderosos adversarios.

A' segunda campanha acima esboçada parece que se póde ligar a criação, em Theresina, de um periodico anti-clerical, dirigido especialmente contra o bispo d. Antonio Alvarenga—*O Reactor*, cujo primeiro numero appareceu a 5 de setembro de 1884. Depois de tantas luctas no Maranhão e no Piauhy, o bispo foi, afinal, transferido para a diocese de S. Paulo, sua terra natal.

Havia por toda a parte uma grande agitação nos espiritos com tendencias republicanas e francamente libertadora dos escravos. A 7 de outubro de 1884, appareceu tambem, nesta capital, o primeiro numero d' *O Abolicionista*.

Não devo passar adeante sem fazer ainda uma referencia á transformação operada por Tobias Barreto e sua escola, na mentalidade brasileira.

Um chronista carioca, que se diz velho conselheiro e diplomata, e occupa diariamente o primeiro lugar nas *Notas Sociaes* d' *O Imparcial* do Rio, tratando, ha poucos dias, do «divorcio do pensamento brasileiro com o pensamento portuguez, pela evidente superioridade da nossa maginação e da nossa cultura,» contou o seguinte caso:

«Por occasião do embarque de Coelho Neto para a sua terra do Maranhão, no caes do Porto, em uma pequena roda de literatos, em que eu era o unico estranho, conversavamos eu, Bilac, Felix Pacheco e Alberto de Oliveira, e o assumpto era exactamente a opulencia das nossas letras contemporaneas. Todos achavam que o nosso pensamento nada devia a Portugal, cujas fontes literarias estavam quasi seccas. A força de nossa organização intellectual provinha de outro leite, que não era dos peitos mirrados da peninsula iberica. E foi nesse momento que Alberto de Oliveira, empinando o seu severo busto de Apollo exilado, teve esta exclamação de uma ironia profunda:

—Não é possivel que nós sejamos intellectualmente portuguezes. Si Portugal nos considera, em tudo, como filhos legitimos, então a raça commetteu adulterio.»

Infelizmente Sylvio Romero guarda, ha alguns annos, o silencio do tumulo. Do contrario, daria a chave do enigma, a que Alberto de Oliveira chamou humoristicamente adulterio. Si não dependemos mais intellectualmente de Portugal, si nos abebêramos noutras fontes mais puras, mais abundantes e mais sadias, devemol-o sobretudo a Tobias Barreto, que, por ser filho do Norte, donde nunca sahiu, continúa a ser menospresado pelos intellectuaes do Sul, usufructuarios do immenso thesoiro que lhes descobriu o immortal professor do Recife. E' a repetição, *mutatis mutandis*, da velha anedocta do ovo de Colombo.

A evocação que acabo de fazer, de um passado longinquo e glorioso, de que fui participe activo no Maranhão e no Recife, tem por fim principal dar um testemunho authentico do valor intellectual e moral do padre Raimundo Alves da Fonseca, em bôa hora escolhido para patrono da cadeira do recebido de hoje.

* * *

Pedro Brito, o novo academico que acaba de vos dirigir a palavra, nasceu na legendaria Oeiras, a 19 de outubro de 1882.

Descendente pelo lato paterno de um varão illustre, digno representante do sertanejo piauhyense pelo talento e pelo caracter, fez as suas primeiras letras na cidade natal, e seguiu para o Maranhão, onde estudou alguns preparatorios num dos seminarios daquell capital. Regressando, pouco tempo depois, á casa de seus pais, ahi demorou-se alguns annos, viado para Theresina em 1897, afim de cursar as aulas do Lyceu e proseguir nos seus estudos de humanidades. Aqui chegando, em plena juventude auspiciosa, encontrou, pouco depois, uma companhia dramatica luso-brasileira, a melhor e a maior, que já trabalhou no theatro «4 de Setembro». Do seu elencho faziam parte algumas actrizes se ductoras pelo trabalho artistico, pela formosura e por outros donaires capitosos. Formaram-se partidos em torno das divas encantadoras.

O joven estudante, impetuoso, impulsivo e tagarella, entrou, de corpo e alma, no certamen com os seus versos apaixonados e com as suas flores naturaes em profusão. Dessa attitude combativa no theatro lhe advieram dois contratempos funestos: uma aggressão physica por parte de um rival estupido e cretino e uma reprovação no exame de arithmetica. Duma assentada, incompatibilizou-se com o palco e com o Lyceu. Não condescendeu, nem soube transigir em tempo. João Ribeiro disse que a juventude em muitas coisas é inhabil e intempestiva.

Ficou então no meio do mundo, sentindo coartadas as suas legitimas aspirações. Passando privações innumeras nesta capital, nunca deixou, porém, de frequentar as rodas dos intellectuaes, observando, apprendendo e discutindo. Datam desse tempo as nossas relações, ou, antes, desde a sua chegada a Theresina.

Apezar dos pezares, a sua veia poetica nunca mais o abandonou; compunha versos, publicava-os e recitava-os nos salões e nas reuniões publicas. Lia todas as obras literarias que podia obter, fez-se orador, e, mais tarde, passou a collaborar em diversos jornaes theresinenses.

Pedro Brito recommenda-se, pois, ao nosso gremio principalmente como poeta, orador e jornalista. Dispõe de uma me-

moria felicissima, como poucos, e de uma «verve» inexgotavel até á indiscreção. Os seus versos pódem compor alguns volumes, sendo mais conhecida a collectanea ainda manuscripta, a que deu o titulo de *Volatas*.

Depois de fazer diversas tentativas improficuas para obter uma profissão estavel e regular, casou-se por amor, a 1ª de fevereiro de 1906, continuando a luctar com mil difficuldades para sustentar a familia. Cultivava relações intimas com o dr. Areolino de Abreu, a quem deu a primeira filha para padrinho. Em 1907, andou pela capital do Ceará, no intuito de concluir os seus preparatorios e matricular-se na Academia de Direito daquelle Estado. Faltando-lhe os recursos monetarios, recolheu-se ao seio da familia em Theresina.

Foi por esse tempo que se deu o caso decisivo da sua vida prática, em 1907.

Era eu patrono de uma causa crime importante, cujo réo, embora abastado, não gostava de liberalidade. Vi-me em serios apuros pelo accumulo de trabalhos e pela carencia de numerario nas vesperas do casamento de minha filha primogenita. Por iniciativa de Manuel Saraiva de Lemos, que, si fosse vivo, estaria aqui honrando a nossa companhia, alguns rapazes meus amigos offereceram-me um mimo na importancia de duzentos e tantos mil réis. Mas essa generosidade espontanea era de manifesto insufficiente para cobrir as minhas despezas extraordinarias. Pedro Brito prestou-se como intermediario da minha confiança para se entender com o meu constituinte, preso na cadeia desta capital. Dessa incumbencia o joven poeta se sahiu galhardamente, percebendo uma certa remuneração, que lhe despertou a vocação de advogado, a melhor herança que lhe deixou seu honrado progenitor, que foi um provecto causidico. Estava assim descoberto o veio aurifero que lhe havia de dar proveitos e honras.

Fez-se tambem causidico e começou a comprar livros, quando não podia obte-los por emprestimo, e a privar com os jurisconsultos da nossa terra. Em pouco tempo, habilitou-se, tirou provisão de advogado, estudando sempre os juristas patrios, e exhibindo-se nas luctas do fôro como figura competente.

Nesse interim, foi-se encorajando e intrometteu-se nas tricas da politicagem local, sempre na opposição a todos os governos, o que lhe tem acarretado não pequenos dissabores- Nunca occupou emprego publico e vive actualmente na abastança, ganhando o sufficiente para garantir a sua independencia e o bem-estar de sua familia, de quem é chefe extremoso.

Eis ahi, em ligeiros traços, a biographia do nosso confrade Pedro Brito, que, si tem feito, como é natural, alguns inimigos

rancorosos, conta, em compensação, com muitos amigos e admiradores sinceros.

Não ha mister reproduzir aqui algumas das suas muitas producções. poeticas, que se encontram em todos os jornaes de Theresina e no *Volatas*, que já se acha no prelo.

E' um homem que se impoz entre nós pelo seu valor proprio, sem pai alcaide, sem parazitismo e sem modestia, dizendo o que quer, o que pensa e o que póde. E', sem duvida nenhuma, um expoente da mentalidade piauhyense, provado á luz meridiana por pensamentos, palavras e factos inconcussos.

Pedro, sê bemvindo; recebe os nossos abraços fraternaes.
Super hanc petram edificamus ecclesiam nostram.

Argonautas

Rudes vagas do mar! Ondas de verdes nuanças!
Castellos em ruidosa e eterna derrocada!
Deixae e seguir ufana á Colchide ignorada
A Aurea Trireme Real das Nossas Esperanças!

Nunca de Boreaes e Eolo afflijam-na vinganças!
Conduza ignota mão por sobre a equorea estrada,
A's paragens do Vélo, essa Trireme ousada!
Allas ondas do mar! Sêde doceis e mansas!

Triumphante, singre o Ponto Euxino essa Trireme
Cue, aos cuidados do Céo, sem bussola e sem leme,
Dois argonautas leva á região que mais dista,

Em busca do Tosão d'Oiro! Oh ondas! Sêde mansas!
Conduzi com amor á Suprema Conquista
A Aurea Trireme Real das Nossas Esperanças!

Felix Pacheco.

ELOGIO DO DR. GABRIEL LUIZ FERREIRA

(Pelo academico Sr. Simplicio de Sousa Mendes, em sessão solemne de 4 de Agosto de 1918).

Srs. Academicos:

Não sei bem a que deva attribuir o meu ingresso neste augusto templo que aqui erguestes, como um asilo sagrado das bôas lettras, e, onde, por signal, só deve penetrar a fina flor da nossa intellectualidade. Por mais que investigue e me espreite, em rigoroso exame de consciencia, não descubro, em mim, o merito real, que é condição necessaria aos que são chamados a transpor os humbraes d'este respeitavel recinto, cuja elevada missão o reserva, tão somente, aos privilegiados da intelligencia. Não fôra a generosidade immensa com que me julgastes e, certamente, não estaria a occupar aqui um logar que, por direito, se destina á verdadeira competencia. Não fôra a intervenção decisiva da vossa benevolencia e, certo, não se teria dado esta anomalia, que sou o primeiro a reconhecer e proclamar.

Sem duvida servistes-vos da força e incontestavel prestigio que conquistastes nos dominios da intelligencia, para estender-me mão forte e protectora e não deixar que soffresse as naturaes consequencias da minha propria fraqueza. Repugnavos, de certo, a moral egoistica, que prega o esmagamento do fraco pelo forte e, embora pouco valiosa, preferistes, antes, a collaboração de quem outro merito não tem, sinão a aspiração ardente do vosso convivio sadio e o desejo irrefreavel de abrigar-se sob o esplendor das vossas luzes.

Expondo a doutrina da evolução organica, a que trouxe a contribuição luminosa do seu genio admiravel, —Carlos Darwin, para melhor explicar a mutação evolutiva dos seres organisados, suggeriu a hypothese da luta pela existencia. Segundo os ensinamentos do grande naturalista da «Origem das Especies», na terra, com todas as suas maravilhas e os seus encantos, não passa, em seu conjuncto, de uma vasta arena, em que os seres vivos se debatem, se degladiam numa luta feroz, encarniçada e infinda. A luta é lei suprema na natureza e essencia mesma

da vida e, a selecção, que se opera pela victoria do mais resistente, do melhor apparelhado, sobre o mais fraco e menos protegido, é a consequencia logica e inevitavel d'este eterno combate.

Amparada pelas fulgurações extraordinarias do genio e, tendo por fim uma explicação racional da transformação evolutiva das especies; apparecendo em uma epocha que se caracterisava, sobretudo, pelo desmoronar das velhas crenças ante o progresso da sciencia; surgindo em uma phase em que decahia do seu tradicional prestigio o principio ethico que o christianismo erigira e tornara a base do edificio social dos povos occidentaes, e, os espiritos, libertos dos dogmas e independentes da fé religiosa, anciavam, debatendo-se no vacuo, por um principio novo, que encarasse a vida sob um novo prisma,—a doutrina darwinica triumphou, facilmente, destendendo, depressa, a sua influencia aos dominios do espirito, da sociedade, da politica, da moral, do direito. Movimento logico e inevitavel—uma vez que a evolução do espirito humano não se opera isolada e differentemente, do desenvolvimento e transformação da natureza physica, mas, ao contrario, seguindo o mesmo processo e obedecendo as mesmas leis. E, portanto, o que passa como verdade applicavel em uma esphera, o deverá ser necessariamente em relação a outra. Se a evolução das formas physicas deve ser vista e explicada á luz dos ensinamentos darwinicos, o mesmo acontecerá quanto aos phenomenos psychicos e aos phenomenos sociaes que se fundam no desenvolvimento da *psyché* humana. E dahi, então, o extravasamento victorioso do darwinismo,—sob cujos aspectos egoisticos começaram a ser encaradas as sociedades humanas e os phenomenos sociaes, como a politica, o direito, a moral.

Mas essa doutrina, apesar do ruidoso successo que logrou, —sem levar em conta os que a repelliram por motivos de fé religiosa,—teve logo os seus oppositores, mesmo na elevada esphera das investigaçõcs scientificas. Affirmam estes que a luta sem tregua dos darwinistas é apenas um simples effeito de suggestão. Assim, o darwinista *á outrance,* que contempla o quadro deslumbrante de uma floresta tropical sob o ponto de vista preconcebido da luta dominando entre os seres vivos, colhe, certo, a impressão de que por toda parte, ahi, se fere uma guerra impiedosa e campeiam tão somente o egoismo, a rivalidade, o ardil. Mas, contemplando-se a mesma floresta, sem ideia alguma preconcebida, livre de qualquer suggestão, descobrir-se-á tendencia muito differente no seio da natureza. Em logar da luta sem freios e do sacrificio egoistico do fraco ao forte, ver-se-ão, antes, a collaboração, a solidariedade, a cooperação, a assistencia mutua entre os seres vivos. Assim, J. Constantin, em «A Natureza Tropical», fallando da floresta virgem, conclue que ahi, como nas sociedades humanas, se encontram todas as formas de carida-

de, de parasitismo e de solidariedade. M. C. Piepers, tratando do mesmo assumpto, observa que são tantos e se multiplicam com tanta frequencia os exemplos de solidariedade, protecção e assistencia mutua entre os seres vivos, animaes ou vegetaes, que, se a luta por vezes se verifica na conquista d'alguma vantagem, não pode ter o caracter de regra geral unica entre os seres; e não é mais do que uma das formas por que se manifestam a solidariedade, a collaboração, a assistencia mutua, a sociabilidade, que, regendo a evolução organica, são os verdadeiros ensinamentos da natureza. A luta pela existencia nada mais é do que o principio do esforço, que, na expressão de G. Geley, implica a necessidade do trabalho,—lei natural a que ninguem se pode furtar. «Fora do trabalho nenhum progresso é possivel, porque todo progresso resulta de esforços diarios, repetidos e constantes.»

Confirma esta ultima hypothese o acolhimento que me destes no seio desta Associação, fundamentalmente destinada ao exposente da intellectualidade piauhyense. Grandes que sois pelo talento e fortes pelos brilhantes triumphos que vos armaram cavalleiros nas liças do saber, em vez da condemnação darwinica, que me deveria reservar a minha natural fraqueza, encontrei, ao contrario, a grandeza protectora da vossa intelligencia. E, assim, á semelhança das grandes arvores, desses gigantes das florestas, que, sob o seu tecto exuberante de verdura abrigam as pequenas plantas, que precisam deste amparo como condição de vida, acolhestes-me á sombra desta Casa, permittindo-me partilhar da vossa elevada e augusta Companhia. Assegguro-vos solidariedade e collaboração na demanda do supremo ideal que vos inspira.

* * *

Erguendo-se este templo ao culto dum grande sonho de aperfeiçoamento social, aqui não se podem abrigar sinão os sentimentos nobres da natureza humana. Quero dizer, aqui não pode ter cabimento essa moral egoistica que sanccciona a superioridade do direito da força e o aniquillamento do fraco pelo forte. Aqui não deve influir essa corrente philosophica, que reduzindo todo sentimento ao egoismo utilitario e exclusivista, elevado á altura de factor unico dos phenomenos sociaes que se fundam no espirito humano,—envenenou a civilização moderna com o contacto pernicioso desse materialismo rude e impenitente.

Outra cousa não fez o darwinismo,—depois de cujo successo uma rajada immensa de feroz egoismo avassallou o mundo. A moral christã, não podendo mais satisfazer os espiritos emancipados, — normas de conducta foram procuradas em outras fontes. E proclamou-se, então, como verdades indiscutiveis, como ensinamentos da natureza, como a moral natural, que a guerra

entre os homens não era mais do que um caso particular da guerra entre os demais sêres vivos, do que um phenomeno biologico contra o qual nada conseguirão os esforços humanos, porquanto, se ha luta perpetua entre os sêres vivos, necessariamente deve haver tambem entre os homens; o direito é o do mais forte; a força supera o direito; o direito do vencedor é o melhor. O socialismo perdeu o cunho essencialmente romantico que teve com Bellamy, Saint Simon, Fourier e muitos outros e assumiu, com os allemães Karl Marx e Bebel, o aspecto revolucionario de reformas e reivindicações sociaes do marxismo, que, hoje, com Lenine e Trostky, se desmoralizam na Russia, arrastada ao mais baixo plano das dissoluções politicas. O idéal de paz, a illuminar alguns espiritos de elite, passou a ser apontado com desprezo, pot quantos consideram a guerra inherente á natureza humana: — terrivel e fatal desgraça a pesar, eterna, sobre os destinos da humanidade. Os pacifistas, os que tinham o arrojo de aspirar a paz e a concordia entre as nações por meio do direito regulando as relações de povo a povo, receberam a pecha mordaz de visionarios, sonhadores, utopistas, que se não queriam compenetrar da realidade immutavel dos factos.

Uma concepção toda material da vida procurou até suster os naturaes vôos da imaginação, decretando a morte da poesia e o desapparecimento do idéal, das chimeras, das illusões e dos sonhos. Da poesia,—eterna emanação da propria natureza e uma das mais puras e elevadas manifestações da Arte. Da Arte do bello, que, na phrase de Farias Brito,—«é tudo o que pode causar uma emoção esthetica, tudo que é capaz de emocionar suavemente a nossa sensibilidade, dando a volupia do souho e da harmonia, fazendo pensar em cousas vagas e transparentes, mas illuminadas e amplas como o firmamento, dando-nos a visão de uma realidade mais alta e mais perfeita, transportando-nos a um mundo novo e estranho, onde se aclara todo mysterio e se desfaz toda sombra e onde a propria dor se justifica como revelação ou presentimento duma volupia sagrada.» O homem, como muito bem affirma o sabio brasileiro, não tem sómente necessidades physicas, intellectuaes e moraes; ao lado destas colloca-se outra ordem de necessidades, as necessidades estheticas. O homem admira e precisa traduzir a sua admiração; sente e precisa manifestar o seu sentimento. E dahi, então, a poesia que não morre.

O idéal é o sonho constante da perfeição e todos os progressos quer materiaes, quer moraes, foram sempre fructos dum idéal; e a distancia entre uma chimera e uma realidade é apenas uma questão de tempo, uma vez que, como diz Richet, a chimera de hontem é a realidade de hoje e a chimera de hoje, será a realidade de amanhã. O idéal, o sonho, a chimera são os mais arrebatadores attractivos da vida humana e, o homem,

sempre insatisfeito com o presente, conforta-se de esperanças, embala-se em illusões e vive do idéal, que, no dizer de Rossel Despierre é o sentido e é tambem o segredo da vida. Os fins chimericos inscrevem-se entre os poderosos factores do desenvolvimento das civilizações. E, embora não os attinja, nunca, é em demanda d'elles que a humanidade progride.

Mas, pouco importa tudo isto. O que se quer é a glorificação do egoismo feroz e exclusivista, sem o salutar contrapeso do altruismo, que eleva, ennobrece e dignifica o homem. E' a victoria do materialismo grosseiro e utilitario, que, cultivando os instinctos inferiores, degrada a civilização moderna pela depravação dos costumes e pela eliminação de tudo que não tem uma utilidade immediata ou não satisfaz uma necessidade material da vida. E' o culto da força bruta. da força superando o direito, do direito sacrificado ao mais forte, o qual ultrapassou todas as previsões na Allemanha tetrica e fatidica de Guilherme II, que desencadeou sobre o mundo civilizado toda esta collossal guerra, visando, sobretudo, a destruição completa de alguma cousa mais rica, mais valiosa, mais inestimavel, que o patrimonio material,—a cultura moral dos outros povos.

Pela cultura moral o homem eleva-se e aperfeiçôa-se. Por meio d'ella ergue-se acima de sua natureza animalesca. Tão importante e tão precioso quanto o desenvolvimento intellectual, é, por isto, o aperfeiçoamento da cultura moral dos homens. E tanto assim que, para o homem vir a ser util á sociedade, se torna preciso, na phrase de Piepers, que o seu desenvolvimento intellectual vá de par com o progresso da sua cultura moral. O contrario, isto é, uma desharmonia entre estas manifestações do espirito humano, tem como natural consequencia phenomenos de retrocesso no curso da civilização, determinando damnos incalculaveis ao bem estar social. E' o caso, essencialmente typico, da Allemanha actual, onde um recuo moral immenso contrasta, visivelmente, com a irrecusavel actividade intellectual do povo. E de tal sorte que a admiração que nos desperta a Allemanha literaria e scientifica, industrial e artistica, desapparece toda ante o horror que nos causa a reviviscencia de tanto espirito barbaro na nacionalidade allemã. Se pelo lado intellectual nenhum pararello é possivel,—sob o ponto de vista do sentimento o allemão dos nossos dias em nada differe dos seus antepassados dos tempos de Attila ou de Geserico.

Ha, certo, muita rudeza no espirito prussiano que, a partir de Bismarck, domina toda Germania. Parece até, desde então, se estancaram as fontes do idealismo e se fechou o cyclo dos grandes philosophos e pensadores allemães. Estes são todos anteriores ao imperio, quando a Allemanha, fraccionada em pequenos Estados, ainda não sonhava com a submissão do mundo

pela força. Depois da unidade allemã e de atrelados os pequenos Estados ao carro triumphal da Prussia, ao despotismo imperial, á escravidão militar,— em logar do idealismo naturali ta de Kant, a que se filiaram Schopenhauer, em *O Mundo como Vontade e como Representação*, Lange, na *Historia do Materialismo*, Hartemann, na *Philosophia do Inconsciente*, Ludwig Noiré, na *Philosophia Monistica*,—o que vemos é uma philosophia bastarda, glorificação do egoismo, apologia da força, absorção do individuo pelo poder absoluto do Estado, quasi divinizado, desde Hegel.

Só o forte tem o direito de viver; só a força pode regula. a historia e traçar a extensão do direito; só o egoismo constitue o fundamento da moral. São os principios apregoadas como verdades indiscutiveis e ensinados pelas universidades e escolas, philosophos e publicistas, como normas de ethica universal. São os principios que inspiram e animam toda Germania nesta guerra monstruosa, o que demonstra, todo ruido da apregoada sciencia tudesca e todo brilho ruidoso da civilização allemã, não passam d'um artificioso verniz sobre uma cultura moral, que remonta a passadas éras da historia dos povos. Da Germania idealista de Kant e da Germania romantica de Gœthe nada resta. Nietzsche, proclamando a doçura, a sensibilidade, a humanidade, a benevoiencia como signaes de fraqueza e inferiosidade entre os homens, synthetiza todo pensamento e toda alma collectiva da Allemanha imperial dos nossos dias!

Mas, o egoismo não é a unica tendencia a caracterizar a actividade do sentimento humano. Se dos modernos estudos das sciencias naturaes resulta que, para as formas physicas, o evolucionismo é uma grande verdade,—a mesma cousa acontece em relação aos phenomenos psychicos. O espirito, intimamente ligado á natureza physica, da mesma maneira que esta, evolue e transforma-se, passando, segundo a lei biologica do desenvolvimento progressivo, de Spencer, do simples para o complexo, do homogeneo para o heterogeneo. A escala evolutiva dos phenomenos psychicos, registando apenas uma differença gradativa entre os seres, vai do estado infimo e rudimentar do protozoario ao homem, que brilha e domina como a mais perfeita e a mais complexa expressão do mundo organico.

Na evolução do espirito humano o egoismo é, sem duvida, a tendencia primordial. Não é, porem, a unica. Surgiu logo uma outra tendencia opposta,—o altruismo, que, ao contrario do egoismo, visa o beneficio alheio. Manifestou-se com o primeiro agrupamento humano. E accentuou-se e desenvolveu-se a par do elemento egoistico, edificando, pela collaboração, o aperfeiçoamento da vida espiritual, de que se origina o progresso das sociedades humanas.

E' erronea, portanto, qualquer das theorias, que procure fun-

damentar os phenomenos sociaes que dimanam da evolução da *psyché* humana, em qualquer desses sentimentos, com exclusão do outro. Cada um, isoladamente considerado, leva depressa a um condemnavel absurdo. Se é o egoismo, chega-se à moral darwinica, que sancciona o direito do mais forte e justifica as espoliações da força. E se o altruismo, tem-se a moral que conduz ao desprezo proprio, ao sacrificio do corpo á alma, ao ascetismo e torna-se, por isto, incompativel com a dignidade humana. A verdade, pois, não se encontra num caso nem noutro. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra. Nem o pessimismo de Schopenhauer, nem optimismo de Leibnitz. Nem os sombrios horrores do inferno dantesco, nem a luminosidade da Republica de Platão ou da Cidade do Sol, de Campanrella. A verdade está, sim, na collaboração, na cooperação e no equilibrio dos dois sentimentos oppostos. Ahi, nesta balança de sentimentos, deve ser procurado o laço de cohesão entre o mundo organico e o superorganico, entre as sciencias naturaes e as sciencias dos phenomenos sociaes, como o direito e a moral. Ahi está o verdadeiro fundamento do direito e dos nobres intuitos das virtudes moraes que devem regular e presidir a conducta do homem. Não desse direito força—no sentido physico e material, mas do direito eliminação da força bruta, tendo por divisa o *suum cuique tribuire* e por objectivo o justo. Do predominio de qualquer d'esses sentimentos sobre o outro só podem resultar injustiças e inconvenientes prejudiciaes ao homem, ao bem estar social e ao progresso humano.

* * *

E' penetrado d'estas ideias, ao meu espirito impostas como verdades, que me aproximo d'este respeitavel Cenaculo, onde a amplitude dos vossos sentimentos generosos quiz que viesse occupar a cadeira patrocinada pelo dr. Gabriel Luis Ferreira,—um dos vultos mais eminentes da historia politica e literaria do Piauhy. Talento superior, caracter inquebrantavel, espirito culto e finamente educado em rigorosa disciplina dos principios mais nobres e mais puros, sob qualquer aspecto que se o encare, destaca-se, sobresae, como um dos vultos mais representativos da elite piauhyense.

Nascera em 1848, no municipio de Valença, no sitio Pau-D'arco, da fazenda Boa Esperança, sendo seus pais o tenente João Luis Ferreira e a exma. Sra. D. Maria Magdalena Cavalcanti Ferreira. Revellando logo em criança pouco vulgar intelligencia, cêdo entrou a cursar o collegio do vigario da freguezia, padre Rufino Soares Vallamira, notavel latinista e educador austero. Ahi, aos cuidados do habil professor, que conhecendo as suas altas aptidões intellectuaes o distinguira sempre

com particular afeição, cursou humanidades e o seu bello e rutilante espirito abriu-se, com extraordinario successo, aos primeiros ensinamentos, que lhe deram bases solidas para as repetidas e brilhantes victorias, conquistadas, depois, na vida publica, nos grandes prelios da intelligencia.

Muito cêdo iniciou a sua carreira publica, na qual se distinguiu, sobretudo, como jornalista vibrante, polemista ardoroso, educador emerito, politico de principios rijos e de solida envergadura moral, jurista de alta notabilidade. Jornalista, o dr. Gabriel Ferreira o foi e dos mais destimidos, ardorosos e combatentes. Na nossa imprensa provinciana e dos primeiros tempos da Republica,—talvez melhor, que a imprensa insulsa, chula e corriqueira que hoje temos,—brilha a sua collaboração assidua, abordando sempre os mais variados assumptos, com a illustração e belleza de estylo, que aos seus escriptos sabia dar o seu talento superior e culto. Com a mesma elegancia e correcção tanto traçava o editorial de combate, como o artigo refletido, pensado e erudito sobre os acontecimentos da evolução social. Polemista, sustentou, com superior criterio, discussões politico-partidarias com os seus mais talentosos adversarios, sem perder a compostura, sem nunca declinar da decencia da linguagem e perder a nobreza do seu feitio de verdadeiro gentleman. Educador, relevantes serviços prestou á mocidade do seu tempo. Compenetrado da falta enorme de estabelecimento de instrucção secundaria, entre nós, fundou, alguns annos antes de ser eleito Governador do Estado, o collegio de Karnack, nesta capital, do qual ficaram as mais lisongeiras e honrosas tradições. Embora de duração relativamente curta, fez epocha o collegio de Karnack, por onde passaram muitos dos nossos actuaes homens publicos, que, hoje, se distinguem na politica, nas sciencias, nas lettras. Politico, o seu nome fulgura com especial relevo em nossa historia, onde não são raros os exemplos de altivez, dignidade, patriotismo, que, nella, indelevelmente deixou. Muito jovem ainda, aos 21 annos, veiu para esta capital e, sob os melhores auspicios, iniciou a sua vida publica, como funccionario do Thesouro Provincial. Talentoso e impulsionado por justas e nobres ambições, estreiou-se logo na politica ao lado do capitão José Felix Alves Pacheco, tenente coronel Odorico Rosa e do notavel jurisconsulto piauhyense dr. Antonio Coelho Rodrigues, de quem se tornou logo amigo intimo. Impoz-se depressa á admiração geral pelos relevantes serviços na imprensa partidaria, pelo ardor, desassombro e vantagem com que combatia e pelas multiplas aptidões do seu espirito illuminado. Não tardou o inicio dos mais assignalados triumphos. O seu nome foi logo incluido no Directorio Politico do Partido Conservador, então chefiado pelo inolvidavel piauhyense dr. Simplicio de Sousa Mendes. E promovido

ao cargo de Contador do Thesouro Provincial, d'elle desistiu em favor do seu amigo capitão João Mendes da Silva. Preferiu continuar como Official Maior do mesmo Thesouro.

Casado desde 1874 com a exma. Sra. D. Maria Benedicta Pachéco Ferreira, filha do notavel e valoroso chefe capitão José Felix Alves Pachêco, a vida burocratica a que se dedicou não lhe fez perder o amor pelas lettras. O decreto Leoncio Carvalho, de 1878, permittindo os exames vagos nas escolas de Direito, trouxe-lhe novas esperanças e descortinou-lhe outros e mais amplos horisontes. Decidiu-se, então, a cursar a Faculdade do Recife. E para isto conseguir, requereu e obteve da Assembléa Legislativa da Provincia, que lhe era politicamente adversa, autorização no sentido de ser-lhe dada licença, sempre que carecesse, para ir ao Recife prestar os exames do curso juridico.

Mas a sua attitude decidida e franca na imprensa opposicionista, combatendo a situação dominante, fez que o Presidente da Provincia, a pretextos frivolos, lhe negasse a licença autorizada pela Assembléa. No entanto, esprito forte e pertinaz, como era, não se abateu á injustiça, com que lhe feria o despeito politico e, num gesto de resolução firme que lhe valeu demissão, partiu neste, como nos annos seguintes, para a capital pernambucana, onde, após um curso brilhantismo, se bacharellou em sciencias juridicas e sociaes, no anno de 1882.

D'esta data em diante a figura politica do Dr. Gabriel Ferreira dia a dia assume maior relêvo e avulta nos fastos da nossa historia. Como um dos chefes salientes do seu partido, sempre acatado e querido, recebeu do governo imperial, a nomeação, que aliás não acceitou, para um dos postos de vice-Presidente da Provincia. Nomeado Inspector do Thesouro em 1885 permaneceu neste cargo até junho de 1889, quando solicitou e conseguiu aposentadoria.

O advento da Republica encontrou-o em pleno ostracismo politico. Dominava, então, a situação liberal. Acatando as novas instituições, que tornavam uma realidade o regimen federativo, pelo qual sempre fôra as suas preferencias como se pode inferir de uma serie de brilhantes e eruditos artigos, em que, no dominio monarchico, se bateu pela adopção deste systhema,— nellas a sua influencia politica delineou-se ainda com mais relêvo e saliencia. Alem do seu merito pessoal, reconhecido e proclamado por todos os politicos contemporaneos, passou a contar com o prestigio do seu cunhado e amigo intimo, dr. Theodoro Alves Pachêco, que se tornara, com o novo regimen, o chefe supremo, incontestado, do Partido Republicano Federal, a maior e mais forte organização partidaria, que ate então se vira no Piauhy. A morte prematura do grande piauhyense, dr. Jaime Rosa, occorrida quando se achava indicado para occupar

o cargo de Governador do Estado, deu logar a que o Partido Republicano Federal, escolhesse para este posto o dr. Gabriel Ferreira. Acceitando a honrosa indicação com que o partido distinguia o seu merito real e os seus valiosos serviços, foi eleito unanimemente, primeiro Governador constitucional do Estado do Piauhy, em 1891, para o quatriennio que só se findaria em 1895 Investido do governo estadual, entrou a trabalhar activamente pela consolidação do regimen republicano, administrando com lealdade e tolerancia, moderação e justiça. Escolhendo com independencia e criterio os seus auxiliares, mereceu-lhe toda attenção o restabelecimento das finanças. E, em uma epocha de reformas, naturalmente requeridas pela passagem da velha Provincia a Estado republicano federativo, cogitou das reorganizações, que se impunham, inadiaveis, para a bôa marcha dos negocios publicos. O dr. Polidoro Burlamaqui foi encarregado de elaborar um projecto sobre a reforma judiciaria do Estado e o dr. Francisco Martins, de preparar um projecto de codigo do processo penal e o do processo civil e commercial, tudo de collaboração com outros juristas, entre os quaes se salientava o proprio Governador. Tomou acertadas providencias e energicas medidas administrativas de indiscutivel relevancia; e muitos melhoramentos projectara realizar. Mas breve, muito breve, infelizmente, foi a sua permanencia á frente da administração publica do Estado. Um facto extraordinario abalou fortemente todo paiz e por pouco não deu cabo da Republica. O golpe de estado imprudentemente desfechado pelo ministerio Lucena, no governo do marechal Deodoro da Fonseca, determinando a dissolução do Congresso Nacional pela força, iniciou uma phase de agitação e de dissolvente anarchia. Accendera-se o facho revolucionario e o marechal Deodoro da Fonseca, deixando o poder, collocara-se á frente dos destinos republicanos o marechal Floriano Peixoto, que se havia insurgido contra o acto dictatorial da dissolução do Congresso. Mas o consolidador da Republica entendeu, que devia reparar o crime praticado contra as instituições politicas, com um outro crime da mesma natureza. Achando que lhe não mereciam confiança, ou cousa que valha, os Governadores dos Estados que tinham apoiado o acto de força do governo Deodoro.—por um acto identico condemnou á deposição todos estes Governadores! Neste numero estava o dr. Gabriel Luis Ferreira, que foi deposto pela força federal,—facto que coincidiu, mais ou menos com o fallecimento do Senador Theodoro Alves Pachêco,—notavel politico e chefe supremo do partido. Pouco importava ao marechal Floriano que não estivessemos mais no regimen unitario e, sim, numa federação republicana, em que, ao contrario d'aquelle, são autonomas as unidades politicas que a compõem e os seus dirigentes, em vez de nomeados, eleitos por vontade popular, sem depen-

dencia do governo central. Pouco importava, entendeu a prepotencia dictatorial de Floriano. E o governo federado do Piauhy, eleito constitucionalmente, teve que soffrer, como os dos outros Estados da Republica, o golpe de força, que importou em mais um attentado contra as nascentes instituições politicas republicanas. Deposto pela força publica federal,—entrou em acção, substituindo-o, um governicho, formado por uma junta provisoria.

O dr Gabriel Luis Ferreira não teve outro recurso, sinão submetter-se ao imperio da força bruta, que mais uma vez esmagava o direito. Mas não deixou o governo sem primeiramente lavrar um protesto vibrante, que fez publicar e passar á historia, acompanhado d'um manifesto politico, documento do mais subido valor, que honra, sobremodo, a memoria imperecivel do notavel estadista, como attestado eloquente de civismo, lisura, correcção, lealdade politica, probidade administrativa, firmeza de caracter e fina illustração. E' um documento precioso dos acontecimentos do tempo, escripto com mão firme, em estylo elevado e elegante, em que, a par da pureza da linguagem, a verdade palpita e scintilla, com toda coragem e desassombro.

Tocado por este desastre, a que se juntou a morte do seu eminente cunhado Senador Theodoro Pachêco, o dr. Gabriel Ferreira ficou afastado da evidencia partidaria. Mais tarde, sempre desgostoso com os acontecimentos e preoccupado com a educação de sete filhos, já orphãos de mãe por este tempo, resolveu sahir do Estado. Os seus amigos, porem, chamaram-no á actividade politica e elegeram-no deputado federal. Diplomado e, já tendo contrahido novas nupcias com a exm.ª sr.ª D. Ligdia Monteiro Ferreira, de importante familia de Alagoas, partiu para o Rio, onde foi reconhecido e empossado. Mas curta foi a sua carreira no Congresso Nacional. No entanto, a rapida passagem que teve pela Camara dos Deputados, ficou assignalada com um magnifico discurso sobre instrucção publica, que valeu por um dos mais bellos triumphos parlamentares. Impoz-se logo ao respeito e á admiração dos seus pares.

O insigne piauhyense, porém, pensara abandonar definitivamente a politica, para entregar o seu operoso e malleavel talento a uma nova ordem de actividade. E tanto assim que, por occasião da reorganização da justiça do Districto Federal, deixou a cadeira de deputado pelo cargo de Sub-Procurador da Republica, posto para o qual foi nomeado a 3 de novembro de 1894 e em cujo desempenho se revellou grande e acatado jurista.

No Rio, conquistou honroso destaque entre os mais notaveis cultores do direito. Tornaram-se celebres os seus pareceres e muitos outros trabalhos juridicos, expendidos com invejavel erudição e calcados nos mais adeantados ensinamentos da sciencia do direito, em seus diversos departamentos. Honram, illus-

tram as revistas de jurisprudencia e os jornaes da epocha e são constantemente citados por juizes, advogados e mestres da sciencia juridica. Dos pareceres, ao que sabemos, gozam de especial relevancia entre outros os seguintes: sobre recursos interpostos para extincto Trib. Civil e Criminal do Districto Federal, no processo celebre contra o dr. Manoel Victorino, então vice-presidente da Republica e outros accusados responsaveis pelo attentado de 5 de novembro de 1897 contra a vida do Presidente Prudente de Moraes, do qual resultou o assassinato do Ministro da Guerra, marechal Bittencourt; sobre a controversia, amplamente debatida, de saber se o soldado está ou não sujeito ao processo de responsabilidade pelas violencias e excessos que commetter no caracter de executor de ordens ou em razão dos misteres que lhe são pertinentes, parecer este que, com a sustentação oral respectiva, está integralmente publicado na parte editorial do «Jornal do Commercio»; sobre a liberdade profissional segundo o nosso direito constituido, inserto no «Jornal do Brazil» e editado pela «Revista de Jurisprudencia»; sobre a mulher advogado, publicado pelo «Jornal do Commercio»; sobre ministerio publico, inserto na «Revista de Jurisprudencia; sobre patrio poder da mãe natural; alienação de vencimentos, ambos tambem publicados pelo «Jornal do Commercio».

Em sessão de 9 de março de 1899 do Instituto dos Advogados, do Rio, foi eleito, entre outros juristas, para represental-o no Congresso Juridico, convocado por uma commissão composta de 19 jurisconsultos, advogados e magistrádos. Ao digno representante do Instituto foi distribuida, com previa escolha e assentimento da sua parte, a these de direito publico concebiba da seguinte forma:

«O *empeachment* do Presidente da Republica é uma simples medida politica?

«Neste caso pode a pena consistir, alem da perda do cargo, na incapacidade para o exercicio de quaesquer outros cargos politicos?

«Deve responder a *empeachment* o Presidente que renunciou o cargo?

O desenvolvimento d'esta these consta de monographia que corre impressa desde 30 de abril de 1900, quando foi offerecida á douta apreciação do Congresso Juridico. As tres conclusões ahi deduzidas pelo illustre dissertante foram, sem discrepancia, homologadas pelo notavel certamen. E não podia acontecer de outra forma, porque, sendo o primeiro estudo que entre nós se fez sobre a materia, foi por tal maneira elaborado sem a menor eiva de partidarismo, á luz da doutrina americana e do nosso direito constitucional vigente, que ainda hoje é geralmenie invocado e apontado como valioso subsidio a quem deseje perlustrar

o interessante assumpto. Quer nas controversias suscitadas nos tribunacs, senão tambem em ulteriores perquirições a respeito do importante thema de direito publico, não se contam as referencias elogiosas feitas ao modo erudito e vigoroso com que o versou o seu prolator inicial.

Avulta ainda da lavra do dr. Gabriel um esplendido e completo estudo feito em torno do suggestivo thema—«*estabilidade e garantias dos funccionarios publicos em geral*, não só em face do direito expresso, como á luz da legislação e dos principios vigorantes nos paizes de que haurimos os elementos liberaes remodeladores do nosso apparelho administrativo e judiciario.» A respeito d'elle assim falla um talentoso e acatado magistrado:—

«E' um percuciente e notavel trabalho esse que vem estampado ás paginas 360 e seguintes do volume 95 da revista—*O Direito*. No periodo republicano foi talvez o primeiro passo no sentido de uma salutar reacção a prol da estabilidade dos funccionarios e um rebate eloquente contra as tendencias avassaladoras e cerceadoras dos governos discrecionarios. Ao tempo da sua elaboração, nada se havia feito nesse terreno. O seu desbravador inicial deveria, pois, encontrar embaraços e difficuldades de evidente intuição. Nada obstante, conseguiu adduzir em torno do caso concreto que lhe fôra dado esmerilhar e debater perante a justiça, um repositorio repleto de elevados conceitos e ensinamentos, havido ainda hoje pelos estudiosos que se consagram á investigações attinentes á especie, como manancial de subido merito, maximé para apreciação historica do assumpto.» E recentemente, alludindo a esse mesmo trabalho, assim externou-se o dr. Moitinho Doria:

«O estudo d'esse illustre jurista em 1903, quando Sub-Procurador do Districto e antes de ser o eminente membro da justiça local que foi, representa o melhor concurso para a completa victoria da doutrina naquelle tempo ainda periclitante, mas hoje definitivamente acceita pelo Supremo Tribunal.»

São ainda da maior relevancia outros trabalhos juridicos do dr. Gabriel. Occupando-se de materia eleitoral, determinou, em dois magistraes artigos publicados pelo «Jornal do Commercio,» os verdadeiros conceitos juridicos entre *residencia* e *domicilio*, assim como as distincções especificas entre os dois vocabulos, em face da doutrina dos povos cultos, como da jurisprudencia e do direito positivo. Sobre direito processual conta numerosas producções, que, como as demais da sua autoria, gozam do melhor conceito no mundo das lettras juridicas. Alem d'uma serie de artigos, que se encontra na parte editorial do «Jornal do Commercio,» publicados sob o pseudonymo de—*Prevost Paradol*—e nos quaes amplamente discutiu a palpitante questão de reforma ju-

diciaria, então agitada, outros escriptos existem em grande numero, esparsos pelos jornaes, revistas e folhêtos.

Em 1904, por iniciativa do governo da União, cogitou-se da convocação d'um congresso de representantes dos Governadores e Presidentes dos Estados, para tratar do magno problema da *Unificação do Direito Processual*, entre as unidades da Federação. Convidado para este desiderandum, o Governador do Piauhy, dr. Alvaro de Assis Osorio Mendes, esposando a ideia, solicitou os serviços do dr. Gabriel para representar o nosso Estado no importante cenaculo. Acceita a honrosa e merecida delegação, muito embora não lograsse vingar o salutar tentamen, nem por isso prescindiu o delegado do governo piauhyense de dedicar-se ao exame da materia, que detidamente apreciou em dois excellentes e extensos artigos publicados pelo «Pianhy», de 4 de fevereiro e 11 de março de 1905.

E neste mesmo anno, havendo o Congresso Nacional autorizado o governo, que, em complemento á reforma judiciaria do Districto Federal, então decretada, procedesse á codificação das leis do processo civil, commercial e criminal, *abolindo as formulas, termos e praxes inuteis*, de modo a simplificar o processo sem prejuizo das partes,—o Ministro do Interior e Justiça, dr. J. J. Seabra, convidou o dr. Gabriel para tomar parte na commissão de juristas incumbida de organizar aquelle serviço. A essa justa e necessaria medida não recusou a sua valiosa cooperação. E sendo-lhe designada a tarefa de examinar e dizer sobre o que concerne aos *recursos*, deu cabal desempenho a esse delicado onus por meio d'uma extensa e minuciosa *exposição de motivos*, publicada em folhêto e tambem pelo *Piauhy* de 15 de abril de 1905.

E' este um estudo do mais elevado apreço, como o são, de facto, todos os elaborados pelo provecto jurista, que, cumpre relembrar, deu tambem uma bôa contribuição do seu talento e saber á grandiosa empresa da nossa codificação civil. Assim é que, ao lado de Anisio de Abreu e Coelho Rodrigues, tomou parte saliente na chamada Commissão dos 21. E perante ella, como se poderá ver dos debates que foram reduzidos a volume, fez-se, ouvir por diversas vezes, sobretudo na sustentação vigorosa de principios juridicos que pugnavam por uma verdadeira comprehensão juridico-social dos prodigos e a necessidade e acêrto de sua não equiparação aos interdictos. E mais uma vez demonstrou a extraordinaria clarividencia da sua intuição juridica.

Numerosos trabalhos de inestimavel valor deixou o dr. Gabriel Luis Ferreira. Andam, porem, disseminados pelos jornaes e revistas e, muitos d'elles, sem duvida, nunca lograram sahir do silencio dos autos e da poeira dos cartorios. Edital-os em livros seria um precioso concurso ás lettras juridicas da nossa Patria e, ao mesmo tempo, uma justa homenagem á respeitavel

memoria do egregio jurista piauhyense. Todos são traçados com a mais segura orientação juridica e pleno conhecimento da nossa legislação e da evolução do direito entre os povos cultos. Nelles não falta o espirito adeantado do jurista moderno, combatendo a rotina, criticando as velharias das nossas leis e pugnando pelos principios que marcham na vanguarda do desenvolvimento juridico. E descobre-se logo o argumentador vigoroso, o escriptor correcto, o estylista fino, que sempre foi,—de posse da elevada intuição philosophica. que caracteriza os mestres do direito nos hodiernos tempos. Neste particular era um evolucionista. Percebe-se bem isto dos seus pareceres sobre o patrio poder da mãe natural e a mulher advogado. Encarava a sociedade como um grande phenomeno observavel ao lado de tantos outros,—transformando-se, evoluindo, aperfeiçoando-se, segundo a lei do progresso, isto é, do simples para o complexo, do homogeneo para o heterogeneo. E o direito como uma creação social ou melhor um producto das necessidades organicas e culturaes da sociedade, com a qual transforma-se, evolue e aperfeiçoa-se, segundo as mesmas leis.

A seu ver, portanto, não tinham razão aquelles que, invocando antiquados textos das nossas leis civis, pretendiam negar o patrio poder á mãe natural e ao sexo fraco o exercicio das chamadas profissões liberaes. A isto oppoem-se, alem do mais, o espirito do tempo, o moderno conceito social da mulher, as ideias novas que operaram a evolução juridica. A mulher passou a ser vista sob outro prisma. E' dia a dia chamada a desempenhar um papel mais complexo na sociedade. E as conquistas que cada vez mais se alargam e se destendem neste sentido, desmoralizam por completo o velho preconceito da sua inferioridade social em relação ao homem. E concomitantemente com estas conquistas, alarga-se e destende-se tambem o direito,—deixando em ruinas o feudal edificio que, na cordilheira immensa dos seculos, o egoismo erguera ao orgulho do sexo forte.

O dr. Gabriel Luiz Ferreira que tão brilhante desempenho dera ao cargo de Sub-Procurador, neste permanecera ate o fim de 1904 ou começo de 1905, quando foi nomeado juiz da 2ª vara civel do Districto Federal. Mas o seu tirocinio na magistratura pouco durou, porque serviu apenas durante o lapso approximado de 5 mezes. Recebendo um acervo collossal de feitos paralysados, teve que desenvolver um extraordinario esforço para normalizar o serviço. E para saber-se o que valia a sua actividade e a que chegava a recta noção que possuia dos seus deveres de funccionario, basta-nos salientar que, no exiguo espaço de tres mezes, de março a junho de 1905, assoberbado por uma avalanche de 365 autos, proferiu, apesar de enfermo, nada menos de 170 julgamentos e tudo isso sem prejuizo do copioso expediente quoti-

diano. Esse seu extremo amor ao trabalho e rigorosa observancia das obrigações do seu cargo, valeram-lhe o exgotamento, que lhe determinou a morte a 14 de dezembro d'aquelle mesmo anno.

Foi assim o nosso egregio conterraneo, de cuja individualidade eminente neste pallido escorço, a que a enfermiça debilidade da minha phrase não poderia dar maior realce, se destacam apenas alguns largos traços. A sua personalidade complexa é das mais illustres e d'ella o Piauhy, com justos motivos, se orgulha.

Jornalista, educador, polemista, politico da mais rija enfibratura moral e jurista de largo descortino é um dos vultos mais representativos da nossa intellectualidade e grandeza de caracter. O seu nome fulge no pantheon das nossas mais excelsas glorias.

N. da R.—As bôas vindas ao Sr. Simplicio Mendes foram dadas pelo academico Lucidio Freitas, em brilhante discurso, já publicado no 2º. n.º desta Revista.

VARIAS NOTICIAS

OBITOS

Cumprimos o doloroso dever de registrar nesta pagina da nossa revista o fallecimento de dois dos nossos distinctos confrades; Lauro Pinheiro, socio correspondente da nossa Academia de Letras, occorrido inesperadamente no dia 7 do corrente mez, na cidade Porto Murtinho, do Estado de Matto Grosso, onde residia, e Joaquim Ribeiro Gonçalves, membro effectivo da mesma aggremiação, occorrido no dia 24 deste mesmo mez, na capital da Republica, onde representava dignamente o nosso Estado no Senado Federal, Profundamente contristada, a Academia Piauhyense de Letras, apresenta sinceras condolencias ás letras patrias, e, particularmente aos illustres consocios João Pinheiro e Celso Pinheiro, irmãos do primeiro, e Luiz Mendes Ribeiro Gonçalves, sobrinho do segundo.

DIRECTORIA

A Directoria da Academia Piauhyense de Letras é assim representada no corrente anno de 1919.

PRESIDENTE—Hygino Cunha, eleito em sessão de 4 de Abril, em substituição a Clodoaldo Freitas, que renunciara o cargo.
SECRETARIO GERAL—João Pinheiro.
1.º SECRETARIO—Fenelon Castello Branco.
2.º « Jonathas Baptista.
THESOUREIRO—Antonio Chaves.
BIBLIOTHECARIO—Edison Cunha.

MEMBROS EFFECTIVOS DA ACADEMIA

CADEIRAS	TITULARES
1 José Manoel de Freitas	Clodoaldo Freitas
2 Anisio de Abreu	Hygino Cunha
3 Joaquim Sampaio C. Branco	Fenelon Castello Branco
4 Areolino de Abreu	Edison Cunha
5 José Coriolano de Sousa Lima	Antonio Chaves
6 Alcides Freitas	Lucidio Freitas
7 David Moreira Caldas	Jonathas Baptista
8 Lycurgo de Paiva	Celso Pinheiro
9 Herminio Castello Branco	João Pinheiro
10 Theodoro de Carvalho C. Branco	Benedicto A. de Freitas
11 João Alfredo de Freitas	Abdias Neves
12 Antonio Coelho Rodrigues	João Cabral
13 Raimundo Alves da Fonseca	Pedro Britto
14 Antonio Borges Leal C. Branco	Nogueira Tapety † 1918
15 Marquez de Paranaguá	Christino Castello Branco
16 Antonio José de Sampaio	Felix Pacheco
17 Leopoldo Damasceno Ferreira	Luiz M. Ribeiro Gonçalves Da Cosfa e Silva
18 Miguel de Souza Borges L. C. Branco	Luiz de Moraes Correia
19 Gabriel Luiz Ferreira	Simplicio de Souza Mendes
20 Simplicio Coelho de Rezende	Benjamin de Moura Baptista
21	Amelia de Freitas Bevilaqua
22	Jonas da Silva
23	Mathias Olympio
24	Joaquim Ribeiro Gonçalves † 1919
25	Zito Baptista.
26	
27	
28	
29	
30	

SOCIOS CORRESPONDENTES

AMAZONAS:—Thaumaturgo Vaz;

PARÁ:—Paulo Maranhão e Remigio Fernandez.

MARANHÃO:—Fran Paxeco; Luiz Carvalho e Henrique Couto.

CEARÁ:—Raul Ney da Silva, F. Alves Lima, Alfredo de Castro e Odorico Castello Branco.

PERNAMBUCO:—Octavio de Freitas e Emaragdo de Freitas.

BAHIA:—Xavier Marques.

RIO DE JANEIRO:—Ruy Barbosa, Clovis Bevilaqua, Rocha Pombo, Laudelino Baptista, Hermes Fontes, Coelho Netto e José Luiz Baptista.

S. PAULO:—Vicente de Carvalho.

MINAS GERAES:—Alphonsus Guimaraens.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos no 1.º semestre deste anno :

Questões processuaes—brilhante these apresentada em concurso á Faculdade Livre de Direito do Pará pelo nosso talentoso confrade Dr. Lucidio Freitas.

Chamma Extincta,—bellissimo livro de inspirados versos da lavra do nosso insigne confrade Zito Baptista.

A Producção Nacional,—folheto contendo o extracto do Relatorio apresentado ao Exm.º Sr. Presidente da Republica em 1918, pelo Exm.º Sr. Dr. J, G. Pereira Lima, Minisiro da Agricultura, Industria e Commercio.

A Escola e a Pedra Fundamental das Democracias, breve noticia de uma instituição educacional no Brazil Central, escripta na ortographia brasileira mais simples e racional, pelo nosso operoso patricio Dr. Joaquim Nogueira Paranaguá.

Revista Feminina,--brilhante pubicação meusal de S. Paulo, o exemplar n. 58, relativo ao mez de Março do corrente anno.

Estatutos da «Associação Oswaldo Cruz» fundada em Fortaleza, a 14 de junho de 1918. Um exemplar pelo Exm.º Sr. Barão de Studart.

Um officio do instituto da ordem dos advogados de Pernambuco, solicitando a remessa de obras publicadas por esta Academia.

Gratos.

CORRESPONDENCIA

O nosso consocio Fenelon C. Branco, 1.º secretario da Academia Piauhyense de Letras, recebeu o seguinte :

Fortaleza, 8 de fevereiro de 1919.

Presado consocio Dr. Fenelon Castello Branco.

Saudações cordeaes.

Acabo de ler, com particular satisfação, o fassiculo II da «Revista» da nossa futurosa Academia de Letras.

E' um eloquente attestado do bom cultivo das letras em nosso caro Estado.

Muito lhe agradeço as bondosas expressões de que a meu respeito usou na sua bem feita Memoria Historica do anno passado.

Permitta tambem que, por seu intermedio, faça chegar ao nosso illustrado consocio Dr. Hygino Cunha o meu agradecimento pelo parecer elaborado a proposito da proposta do meu nome para socio da Academia.

Incluso envio-lhe a minha collaboração para o proximo fasciculo da «Revista.» E' uma conferencia que aqui realizei por occasião da grande festa da Paz.

Communico-lhe que escolho para meu patrono na Academia o emerito educador piauhyense Miguel de Souza Borges Leal Castello Branco. Opportunamente, escrever-lhe-ei o elogio, que lhe enviarei para ser publicado.

Recebi o seu livro «Nossos Immortaes.» Felicito-o pelo bello trabalho e agradeço-lhe os bondosos traços do meu perfil intellectual.

Subscrevo-me com particular apreço

Consocio, collega e amigo

Luiz Correia.

Caro confrade,

Vivo saudar.

Tenho entre mãos, desvanecidamente, o numero segundo da excellente Revista da Academia Piauïense de Letras.

E' força confessar que a esplendida publicação, iniciada o anno passado, já nesse seu segundo numero alcançou um triunfo notavel, avantajando-se tanto ao primeiro como se nunca viu. Noto com o maximo prazer, que a intelectualidade piauïense trabalha verdadeiramente pelo engrandecimento das letras na sua carissima e bela terra, dando o melhor das suas forças ás coisas espirituaes. A revista veio, desta vez, tão valiosa que intelectuaes amigos, vindo-me a casa, em visita, surpreenderam-se de dar a literatura piauïense uma revista assim volumosa e substanciosa. Em verdade, só a abundante parte poetica, recheada de versos de bom quilate, é motivo real para fazer pulsar o coração em estos de regosij .

Vi o meu modesto trabalho entre as producções que abrilhantam as paginas da estimada revista. Agradeço aos amaveis confrades a sua publicação. E, atendendo á solicitação feita no sentido de enviar eu outra producção, para o numero terceiro, remeto-lhe, aqui, o trabalho «Em revolta,» que ficará inteiramente á sua disposição, ficando-lhe livre, ao mesmo tempo, exercer sobre elle o seu julgamento para o fim da publicação.

Em Janeiro, commemorámos, aqui, o fallecimento do saudoso Olavo Bilac, com uma sessão literaria, em que foram recitadas unicamente producções do notavel poeta que se foi para a noite infinda. No dia immediato, fizemo-nos fotografar, em grupo, e remetemos a chapa para ser estampada a fotografia nas paginas de *Fon-fon*.

Bem, adeus, com demonstrações fortes aos caros confrades dessa illustre e carinhosa terra.

Am.º e confe

Alf. Castro.

Fortaleza, Março—1919.

Itajubá (Minas) 13 de março de 1919.

Meu caro Dr. Fenelon.

Um abraço affectuoso.

Aqui chegando, hontem á noite, tive o prazer de encontrar o seu bello livro sobre os «Nossos immortaes.»

Li-o de um folego; ficando-me dessa leitura rapida a mais grata impressão Agradeço-lhe a excessiva generosidade com que traçou o meu perfil. Quasi não me reconheço: transfigurou-me o halo da sua sympathia.

Mando-lhe alguns versos para a nossa *Revista*. Não sei si chegarão a tempo.

Recebi, por intermedio do nosso Zito Baptista, o 2.º n.º dessa publicação. Está excellente, digna de grande divulgação para se avaliar o que é o Piauhy literario.

Ainda não participei á Academia a escolha do patrono para a minha cadeira. Ser-me-ia grato que se incumbisse d'isso, indicando o nome do Padre Dr. Leopoldo Damasceno Ferreira, a meu ver uma das glorias mais legitimas da nossa terra. Ficarei com uma grande responsabilidade, mas que fazer, si a minha admiração exige que eu fique á sombra desse nome?

Aqui estou, por emquanto. Passei alguns mezes em Bello Horisonte, rasão porque não recebi, ha mais tempo, o seu livro. Logo que tome outro destino, communicar-lhe-ei, afim de evitar extravio de correspondencia.

Abraços aos nossos confrades.

Mande sempre suas ordens ao

Patr.°, collega e amigo

Da Costa e Silva.

Am.° Dr. Fenelon C. Branco

Saudações.

Recebi «Nossos Immortaes,» admiraveis perfis dos Academicos Piauhyenses, traçados pelo punho de um mestre na arte de Bilac. Fui um tanto favorecido no meu retrato. Mil graças ao meu bondoso patricio. Soberba a revista da Academia. Vosso admirador

Jonas da Silva.

Manáus, 25, Março 1919.

Villa Seabra, 22 de Abril de 1919

Fenelon.

Recebi a 2.ª edição de «Nossos Immortaes» e aqui fica o meu duplo abraço de agradecimento pelo volume remettido e pelos attributos que me emprestou um dos seus sonetos. A' parte a bondade transbordante, que é uma de suas caracteristicas pessoaes, ninguem, de bôa fé, lhe negará a qualidade de poeta, e o collega que o perfilou foi de uma exactidão admiravel.

Mas eu me não posso forrar ao desejo de uma censura: o seu livro só deve ser lido num circulo estreito de affeições, porque é um depoimento vivo contra o seu senso artistico. Publicar tão bons versos em ordinario papel de embrulho não é o mesmo que tomar chá em chicara de ágata ou champagne em caneco de flandre? Haverá cousa mais detestavel? E' certo que um dos quadros mais artisticos de Rembrandt corre mundo numa tela sem valor, mas será possivel que sua modestia chegue ao proposito de espalhar sua obra em material inferior para que tenha mais curta existencia?

Diga-me como devo fazer para me empossar da minha cadeira na Academia.

Adeus. Abraços do

Mathias Olympio.

Ao presado confrade Fenelon C. Branco, ornamento da Academia Piauhyense, agradeço com alvoraçado coração, a remessa de seu bello folheto «Nossos immortaes», onde, em versos felizes, traça com segura mão, os perfis dos 28 intellectuaes que constituem a pleiade brilhante da mesma Academia literaria.

Fortaleza, 22-1-919. *Alf. Castro.*

R